

TRACEY
GARVIS GRAVES

Na ilha





TRACEY GARVIS GRAVES

Na ilha

TRADUÇÃO DE
Maria Carmelita Dias



TÍTULO ORIGINAL

On the Island

TRADUÇÃO

Maria Carmelita Dias

PREPARAÇÃO

Rafael Rodrigues

FOTOS DE CAPA

PhotoAlto/Frederic Cirou/Getty Images, Monica & Michael Sweet/Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

E-ISBN

978-85-8057-403-6

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

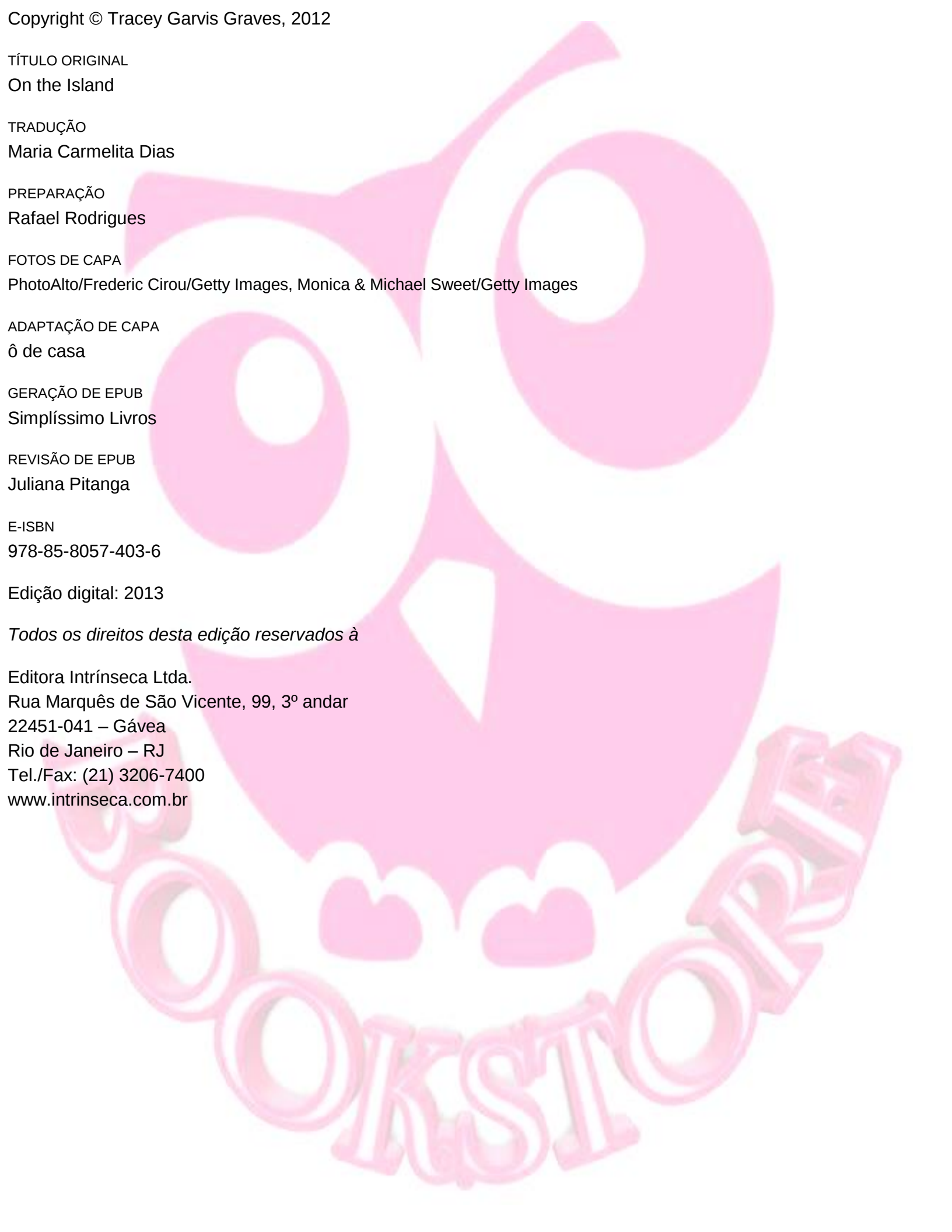
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





CAPÍTULO 1

Anna

Junho de 2001

Eu tinha trinta anos quando o hidroavião no qual T.J. Callahan e eu estávamos viajando caiu no oceano Índico. T.J. tinha dezesseis e estava havia três meses em remissão de um linfoma de Hodgkin. O nome do piloto era Mick, mas ele morreu antes de atingirmos a água.

Meu namorado, John, me levou até o aeroporto, embora ele fosse o terceiro na lista das pessoas que eu gostaria que me levassem, atrás da minha mãe e da minha irmã, Sarah. Atravessamos a multidão, puxando malas pesadas com rodinhas, e fiquei pensando se todos em Chicago tinham decidido voar para algum lugar naquele dia. Quando finalmente chegamos ao guichê da US Airways, o atendente do check-in sorriu, etiquetou minha bagagem e me entregou o cartão de embarque.

— Obrigado, Srta. Emerson. Já fiz seu check-in para Malé. Tenha uma boa viagem.

Enfiei meu cartão de embarque na bolsa e virei para me despedir de John.

— Obrigada por me trazer.

— Eu acompanho você, Anna.

— Não precisa — falei, balançando a cabeça.

Ele hesitou.

— Mas eu quero.

Arrastamos os pés em silêncio, seguindo a turba dos passageiros que avançava lentamente. No portão, John perguntou:

— Como ele é?

— Magro e careca.

Esquadrinhei a multidão e sorri quando avistei T.J., porque agora sua cabeça estava coberta por cabelos castanhos curtos. Acenei, e ele me respondeu com um movimento de cabeça enquanto o garoto sentado ao lado dele o cutucava nas costelas com o cotovelo.

— Quem é o outro? — perguntou John.

— Acho que é um amigo dele, Ben.

Esparramados nas cadeiras, os dois vestiam-se como a maioria dos garotos de dezesseis anos: camisetas, bermudas esportivas largas e compridas e tênis com cadarços desamarrados. Uma mochila azul-marinho estava no chão aos pés de T.J.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou John.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás e fitou o carpete surrado do aeroporto.

Bem, um de nós tem que fazer alguma coisa.

— Tenho.

— Por favor, não tome nenhuma decisão antes de voltar.

Vindo da parte dele, era um pedido no mínimo irônico, mas achei melhor não tocar no assunto.

— Eu disse que não iria tomar.

Mas, na verdade, só havia mesmo uma opção. Eu só decidira adiá-la até o fim do verão.

John colocou os braços em volta da minha cintura e me beijou, por muitos segundos a mais do que deveria fazê-lo em público. Constrangida, me afastei. Pelo canto do olho, percebi que T.J. e Ben observavam tudo.

— Amo você — disse ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei.

Resignado, ele pegou minha mala de mão e pendurou a alça no meu ombro.

— Boa viagem, meu amor. Ligue quando chegar.

— Tudo bem.

John foi embora, e fiquei observando até que a multidão o engolissem; então, alisei a frente da minha saia e andei até os garotos. Eles foram baixando o olhar enquanto eu me aproximava.

— Oi, T.J. Você está ótimo. Pronto para ir?

Seus olhos castanhos encontraram os meus brevemente.

Ele tinha ganhado peso, e seu rosto não estava tão pálido. Usava aparelho odontológico, fato que eu não notara antes, e tinha uma pequena cicatriz no queixo.

— Oi, sou Anna — apresentei-me para o garoto sentado ao lado de T.J. — Você deve ser Ben. Como foi sua festa?

Ele deu uma olhadela para T.J., confuso.

— Hum, foi legal.

— Já volto, T.J. Vou checar nosso voo.

Enquanto eu me afastava, ouvi Ben dizer:

— Cara, sua babá é uma gata.

— Ela é minha tutora, idiota.

Não dei importância àquelas palavras. Eu era professora de ensino médio e considerava os ocasionais comentários de garotos com hormônios em ebulição um risco profissional razoavelmente benigno.

Depois de confirmar que ainda estávamos na hora, voltei e me sentei na cadeira vazia ao lado de T.J.

— Ben foi embora?

— Foi. A mãe dele se cansou de ficar dando voltas no aeroporto. Ele não queria que ela entrasse com a gente.

— Quer comer alguma coisa?

Ele negou com um aceno de cabeça.

— Não estou com fome.

Ficamos sentados em um silêncio constrangedor até a hora do embarque. T.J. me seguiu pelo corredor estreito até nossos assentos na primeira classe.

— Quer ficar na janela? —

perguntei. T.J. deu de ombros.

— Claro. Obrigado.

Eu me afastei e esperei até que ele estivesse sentado, e então afivelei meu cinto de segurança ao lado dele. Ele tirou um CD player portátil da mochila e colocou os fones de ouvido. Era sua maneira sutil de me dizer que não estava interessado em conversar. Tirei um livro da minha mala de mão, o piloto decolou, e deixamos Chicago para trás.

* * *

As coisas começaram a dar errado na Alemanha. Deveria ter levado pouco mais de dezoito horas para voarmos de Chicago até Malé — capital das Maldivas —, porém, depois de problemas mecânicos e atrasos por conta do clima, acabamos passando o restante do dia e metade da noite no Aeroporto Internacional de Frankfurt, esperando que a companhia aérea nos realocasse. Finalmente, depois de termos sido confirmados no voo seguinte, T.J e eu nos vimos sentados em cadeiras duras de plástico às três horas da madrugada. Ele esfregou os olhos.

Apontei para uma fileira de cadeiras vazias.

— Pode deitar se quiser.

— Estou bem — disse ele, controlando um bocejo.

— Só vamos partir daqui a muitas horas. Você devia tentar dormir.

— E você? Não está cansada?

Eu estava exausta, mas T.J. provavelmente precisava descansar mais do que eu.

— Estou bem. Vá em frente.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Tudo bem. — Ele sorriu timidamente. — Obrigado. — Esticou-se nas cadeiras e caiu no sono imediatamente.

Olhei pela janela e observei os aviões que pousavam e decolavam, as luzes vermelhas piscando no céu noturno. O ar-condicionado gelado me causava arrepios nos braços, e, como eu vestia saia e blusa sem mangas, tremia de frio. Em um banheiro próximo, troquei a roupa por jeans e uma

camiseta de mangas compridas que trouxera na mala de mão. Depois, comprei um café. Quando voltei a me sentar ao lado de T.J., abri meu livro e fiquei lendo até o momento de acordá-lo, três horas depois, quando chamaram nosso voo.

Houve mais atrasos depois de chegarmos ao Sri Lanka — dessa vez devido à escassez de tripulação —, e, quando aterrissamos no Aeroporto Internacional de Malé, a casa alugada pelos Callahan para o verão ainda ficava a duas horas via hidroavião, e eu estava acordada havia trinta horas. Minhas têmporas latejavam e meus olhos, secos e ardendo, queimavam. Quando disseram que não havia reservas para nós, pisquei para afastar as lágrimas.

— Mas tenho o código de confirmação — expliquei para o atendente do check-in, deslizando o pedaço de papel pelo balcão. — Atualizei nossa reserva antes de sairmos do Sri Lanka. Dois assentos. T.J. Callahan e Anna Emerson. Pode olhar novamente, por favor?

O atendente verificou no computador.

— Desculpe-me — disse ele. — Seus nomes não estão na lista. O hidroavião está cheio.

— E o próximo voo?

— Vai escurecer logo. Hidroaviões não voam depois do pôr do sol. —

Percebendo minha expressão desolada, ele me lançou um olhar solidário, digitou algo no computador e pegou o telefone. — Vou ver o que posso fazer.

— Obrigada.

T.J. e eu entramos em uma pequena loja de presentes, e comprei duas garrafas de água.

— Você quer uma?

— Não, obrigado.

— Por que não coloca na sua mochila? — sugeri, entregando uma garrafa para ele. — Você pode querer mais tarde.

Tirei um frasco de analgésico da bolsa, joguei dois comprimidos na mão e engoli com a água. Nós nos sentamos em um banco, e liguei para a mãe de T.J., Jane, para avisar que não nos esperasse antes da manhã seguinte.

— Pode ser que eles consigam outro voo, mas acho que não vamos viajar hoje à noite. Os hidroaviões não voam depois de escurecer, então talvez tenhamos que passar a noite no aeroporto.

— Sinto muito, Anna. Você deve estar exausta — disse ela.

— Está tudo bem. Vamos chegar aí amanhã, com certeza. — Cobri o telefone com a mão. — Quer falar com sua mãe? — T.J. fez careta e negou com a cabeça.

Reparei no atendente do check-in acenando para mim. Ele sorria.

— Jane, ouça, acho que talvez... — E então a ligação caiu.

Coloquei o telefone de volta na bolsa e me aproximei do balcão, apreensiva.

— Um piloto de um voo fretado pode levar vocês até a ilha — disse o atendente. — Os passageiros que ele deveria levar tiveram um atraso no Sri Lanka e só vão chegar amanhã.

Sorri, aliviada.

— Que maravilha! Obrigada por encontrar um voo para nós. Agradeço de verdade.

— Tentei ligar para os pais de T.J. de novo, mas meu celular estava sem sinal. Minha esperança era conseguir ligar quando chegássemos à ilha. — Está pronto, T.J.?

— Estou — respondeu ele, pegando a mochila.

Um micro-ônibus nos levou para o terminal de táxi aéreo. O atendente fez nosso check-in no balcão e saímos.

O clima das Maldivas me lembrava o da sauna a vapor da academia de ginástica que eu frequentava. Imediatamente, gotas de suor brotaram na minha testa e na minha nuca. O jeans e a camiseta de mangas compridas mantinham o ar quente e úmido na minha pele, e desejei ter trocado a roupa novamente por outra mais fresca.

O calor é tão sufocante assim o tempo todo?

Um funcionário do aeroporto estava no cais perto de um hidroavião que oscilava suavemente na superfície da água. Ele fez um sinal para nós. Quando T.J. e eu o alcançamos, ele abriu a porta, e então baixamos a cabeça e subimos a bordo do avião. O piloto estava sentado e sorriu com a boca cheia de cheeseburger.

— Oi, eu sou o Mick. — Ele acabou de mastigar e engoliu. — Espero que não se importem se eu terminar meu jantar.

Ele parecia ter cinquenta e tantos anos e estava tão acima do peso que mal cabia no assento do piloto. Usava bermuda cargo e a camiseta *tie-dye* mais larga que eu já vira. Estava descalço. Gotas de suor salpicavam seu lábio superior e sua testa. Comeu o último pedaço do cheeseburger e enxugou o rosto com o guardanapo.

— Sou Anna, e esse é T.J. — apresentei-nos, sorrindo e estendendo a mão para cumprimentá-lo. — É claro que não nos importamos.

O DHC-6 Twin Otter tinha lugar para dez pessoas e cheirava a mofo e combustível de avião. T.J. afivelou o cinto de segurança e ficou olhando pela janela. Eu me sentei do outro lado do corredor na mesma fileira que ele, coloquei a bolsa e a mala de mão embaixo do banco e esfreguei os olhos. Mick ligou os motores. O barulho sufocava a voz dele, mas, quando ele virou a cabeça, percebi que seus lábios se moviam enquanto ele se comunicava com alguém pelo rádio. Ele nos levou para longe do píer, ganhou velocidade e levantamos voo.

Amaldiçoei minha incapacidade de dormir em aviões. Sempre invejei aqueles que desmaiavam no minuto em que o avião decolava e não acordavam até que o trem de pouso tocasse a pista. Tentei cochilar, mas a luz do sol entrando pela janela e meu relógio biológico confuso não permitiram que eu relaxasse. Quando desisti e abri os olhos, deparei com T.J. me encarando. Se a expressão em seu rosto e o calor no meu significavam alguma coisa, nós dois ficamos constrangidos. Ele se virou, ajeitou a mochila sob a cabeça e adormeceu alguns minutos depois.

Sem conseguir descansar, desafivelei meu cinto de segurança e fui perguntar a Mick quanto tempo demoraria até que pousássemos.

— Mais ou menos uma hora. — Ele fez um gesto na direção da cadeira do copiloto.
— Pode se sentar aí se quiser.

Eu me sentei e afivelei o cinto de segurança. Protegendo os olhos do sol, admirei a vista de tirar o fôlego. Em cima, o céu, sem nuvens e cor de cobalto. Embaixo, o oceano Índico, um redemoinho de verde-menta e azul-turquesa.

Mick esfregou o meio do peito com o punho. Depois pegou um pote de antiácidos e colocou um comprimido na boca.

— Azia. É isso que ganho por comer cheeseburger. Mas é tão mais gostoso do que uma maldita salada, não é?

Ele riu, e concordei com a cabeça.

— Então, de onde vocês são?

— De Chicago.

— O que você faz em Chicago? — Ele jogou outro antiácido na boca.

— Ensino inglês no ensino médio.

— Ah, férias de verão.

— Bem, não para mim. Normalmente, trabalho como tutora de alunos no verão. — Fiz um gesto em direção a T.J. — Os pais dele me contrataram para ajudá-lo a alcançar a turma. Ele tem linfoma de Hodgkin e perdeu muitas aulas.

— Achei mesmo você muito nova para ser mãe dele.

— Os pais e as irmãs dele já estão lá há alguns dias.

Não pude partir tão cedo quanto os Callahan porque as férias de verão da escola pública onde eu lecionava começavam depois das da escola privada que T.J. frequentava. Quando T.J. descobriu, convenceu os pais a deixá-lo ficar em Chicago no fim de semana e voar comigo. Jane Callahan me ligara para ver se estava tudo bem.

— O amigo dele, Ben, vai dar uma festa. Ele realmente quer ir. Tem certeza de que não se importa? — perguntou ela.

— Nem um pouco — respondi. — Vai ser uma oportunidade de nos conhecermos.

Eu só havia encontrado T.J. uma vez, na entrevista com os pais dele. Levaria um tempo para ele se sentir à vontade comigo; era sempre assim quando eu começava com um aluno novo, principalmente um adolescente.

A voz de Mick interrompeu meus pensamentos.

— Quanto tempo você vai ficar?

— Durante o verão. Eles alugaram uma casa na ilha.

— Então ele está bem agora?

— Está. Os pais disseram que ele ficou bastante mal por um tempo, mas está em remissão há alguns meses.

— Belo lugar para um trabalho de verão. Sorri.
— Ganha da biblioteca.

— São realmente mil e duzentas ilhas aqui? — perguntei. Eu só tinha contado três ou quatro, espalhadas pela água como peças gigantes de um quebra-cabeça. Esperei pela resposta. — Mick?

— O quê? Ah, sim, mais ou menos. Somente cerca de duzentas são habitadas, mas acho que isso vai mudar com todas as construções. Tem um hotel ou resort novo abrindo todo mês. — Ele deu uma risada. — Todos querem um pedaço do paraíso.

Mick esfregou o peito novamente e tirou o braço esquerdo do manche, esticando-o na frente dele. Percebi sua expressão de dor e o brilho luminoso de suor na sua testa.

— Você está bem?

— Estou. Só que nunca tive uma azia tão forte assim. — Ele colocou mais dois antiácidos na boca e amassou o envelope vazio.

Uma sensação inquietante tomou conta de mim.

— Você quer que eu ligue para alguém? Se me mostrar como usar o rádio, posso ligar para você.

— Não precisa, vou ficar bem assim que esses antiácidos começarem a fazer efeito.
— Ele respirou profundamente e olhou para mim. — Obrigado de qualquer forma.

Ele pareceu bem por um tempo, mas dez minutos depois tirou a mão direita do manche e esfregou o ombro esquerdo. O suor gotejava pela lateral do seu rosto. Sua respiração parecia leve, e ele se mexeu na cadeira como se não conseguisse achar uma posição confortável. Minha sensação de inquietação se transformou em pânico absoluto.

T.J. acordou.

— Anna — chamou ele, alto o suficiente para que eu ouvisse mesmo com os motores. Eu me virei. — Já estamos chegando?

Desafivelei o cinto de segurança e voltei a me sentar do lado de T.J. Sem querer gritar, puxei-o para mais perto e disse:

— Ouça, tenho quase certeza de que Mick está tendo um ataque cardíaco. Ele está com dor no peito e parece muito mal, mas está colocando a culpa em uma azia.

— O quê?! Você está falando sério?

— Meu pai sobreviveu a um ataque cardíaco grave no ano passado, então sei como é. Acho que ele está assustado demais para admitir que tem algo errado.

— E nós? Ele ainda consegue pilotar o avião?

— Eu não sei.

T.J. e eu nos aproximamos da cabine. Mick tinha os dois punhos pressionados contra o peito e os

olhos fechados. Seus fones de ouvido estavam tortos, e o rosto estava cinzento.

Eu me agachei perto do assento dele, o medo me rasgando por dentro.

— Mick. — Meu tom era urgente. — Precisamos pedir ajuda. Ele concordou com a cabeça.

— Vou pousar o avião na água primeiro, e então um de vocês vai ter que pegar o rádio. — Ele arfou, tentando cuspir as palavras. — Coloquem os coletes salva-vidas. Estão no compartimento de bagagem perto da porta. Depois sentem-se nos seus lugares e afivalem os cintos. — Ele fez uma careta de dor. — Agora!

Meu coração estava aos pulos, e a adrenalina inundava meu corpo. Corremos para o compartimento de bagagem e fizemos uma busca.

— Por que temos que colocar coletes salva-vidas, Anna? O avião tem flutuadores, certo? *Porque ele está com medo de não conseguir baixar a tempo.*

— Não sei, talvez seja um procedimento operacional padrão. Estamos pousando no meio do oceano. — Encontrei os coletes salva-vidas apertados entre um recipiente em forma de cilindro que dizia BOTE SALVA-VIDAS e diversos cobertores. — Aqui — falei, entregando um a T.J. e colocando o meu.

Nós nos sentamos e apertamos os cintos de segurança; minhas mãos tremiam tanto que tentei duas vezes antes de conseguir.

— Se ele perder a consciência, vou precisar começar os primeiros socorros imediatamente. Você vai ter que descobrir como funciona o rádio, T.J., tudo bem?

Ele concordou com um aceno de cabeça, com os olhos arregalados.

— Posso fazer isso.

Agarrei os braços do meu assento e olhei pela janela, percebendo a superfície ondulada do oceano se aproximando. Mas então, em vez de diminuir a velocidade, aceleramos, descendo em um ângulo íngreme.

Olhei a parte da frente do avião. Mick estava caído sobre o manche, sem se mexer. Desafivelei meu cinto de segurança e me lancei no corredor.

— Anna! — gritou T.J. A barra de minha camiseta escapou de suas mãos.

Antes que eu conseguisse chegar ao cockpit, Mick deu um solavanco para trás no assento, as mãos ainda no manche, quando sofreu um enorme espasmo no peito.

O nariz do avião deu uma guinada para cima, e atingimos a água com a cauda primeiro, quicando nas ondas. A ponta de uma asa atingiu a superfície e o avião rodopiou fora de controle.

O impacto me tirou do chão, como se alguém tivesse amarrado uma corda em volta dos meus tornozelos e puxado com força. O som de vidro estilhaçado encheu meus ouvidos, e tive a sensação de voar. Em seguida, senti uma dor ardente no momento em que a aeronave se partiu.

Afundi no oceano, a água do mar entrando pela minha garganta. Eu estava completamente desorientada, mas o poder de flutuação do meu colete salva-vidas me fez aos poucos voltar à tona.

Minha cabeça emergiu na superfície, e tossei incontrolavelmente, tentando pegar ar e expulsar água. *T.J.! Ah, meu Deus, onde está T.J.?*

Eu o imaginei amarrado em seu assento, incapaz de desfivelar o cinto de segurança, e o procurei pela água freneticamente, piscando por causa do sol e gritando o nome dele.

Quando pensei que ele certamente tinha se afogado, ele apareceu à tona, cuspiendo água e lutando para respirar.

Nadei na direção dele, sentindo gosto de sangue, a cabeça latejando tanto que achei que fosse explodir.

Quando alcancei T.J., agarrei sua mão e tentei dizer a ele como eu estava feliz de que ele estivesse bem, mas minhas palavras não saíram direito e flutuei para dentro e para fora de um nevoeiro confuso.

T.J. gritou para que eu acordasse. Eu me lembro das ondas altas e de engolir mais água, e então não me lembro de mais nada.

CAPÍTULO 2

T.J.

A água do mar batia violentamente à minha volta, subindo pelo meu nariz, descendo pela minha garganta, dentro dos meus olhos. Eu não conseguia respirar sem engasgar. Anna nadou na minha direção, chorando, sangrando e gritando. Ela agarrou minha mão e tentou falar, mas as palavras saíram todas atrapalhadas, e não entendi porra nenhuma do que ela falou. A cabeça dela bamboleou, e ela caiu de cara na água. Eu a puxei pelo cabelo.

— Acorde, Anna, acorde! — As ondas estavam tão altas que fiquei com medo de nos separarmos; então enfiei meu braço embaixo da tira do colete salva-vidas dela e segurei. Levantei seu rosto. — Anna! Anna! — *Ai, meu Deus.* Seus olhos continuavam fechados, e ela não reagia; então enfiei o braço esquerdo embaixo da outra tira do colete e me inclinei para trás, deixando seu corpo deitado no meu peito.

A correnteza nos levou para longe dos destroços. Os pedaços do avião desapareceram da superfície, e não demorou para que não restasse nada. Tentei não pensar em Mick amarrado no assento.

Boiei, atordoado, o coração aos pulos. Rodeado apenas pelas ondas, tentei manter nossas cabeças acima da água e me controlei para não entrar em pânico.

Será que eles vão saber que caímos? Será que estavam nos monitorando pelo radar? Talvez não, porque ninguém apareceu.

O céu escureceu, e o sol se pôs. Anna murmurou. Pensei que ela estivesse acordando, mas o corpo dela se agitou, e ela vomitou em mim. As ondas me lavaram, mas ela tremia, e eu a puxei para mais perto, tentando mantê-la aquecida. Eu também estava com frio, mesmo que a água tivesse parecido morna logo depois da queda. Não havia luz da lua, e eu mal conseguia ver a superfície da água, negra agora, não mais azul.

Eu estava preocupado com os tubarões. Liberei um dos braços e coloquei minha mão embaixo do queixo de Anna, levantando a cabeça dela do meu peito. Senti alguma coisa quente logo abaixo do meu pescoço, onde a cabeça dela repousava. Será que Anna ainda estava sangrando? Tentei acordá-la, mas ela só reagia quando eu balançava sua cabeça. Ela não falava, mas gemia. Eu não queria machucá-la, mas queria saber se estava viva. Ela não se mexeu por muito tempo, o que me apavorou, mas então vomitou de novo e estremeceu nos meus braços.

Tentei ficar calmo, respirando devagar. Lidar com as ondas era mais fácil boiando de costas, e Anna e eu vagávamos enquanto a correnteza nos levava. Os hidroaviões não faziam voos noturnos,

mas eu tinha certeza de que eles mandariam socorro quando o sol nascesse. Alguém teria que saber que caímos até amanhecer.

Meus pais nem sabem que estávamos naquele avião.

As horas se passaram, e eu não conseguia ver nenhum tubarão no escuro. Talvez estivessem lá, eu é que não sabia. Exausto, cochilei um pouco, deixando minhas pernas penderem, em vez de lutar para mantê-las perto da superfície. Tentei não pensar nos tubarões que pudessem estar rodeando abaixo de nós.

Quando sacudi Anna de novo, ela não reagiu. Achei que pudesse sentir o peito dela subindo e descendo, mas não tinha certeza. Houve um som alto de água espirrando e me sobressaltei. A cabeça de Anna pendia para o lado, e eu a puxei de volta para meu peito. Os espirros continuaram, quase ritmados. Imaginando não apenas um tubarão, mas cinco, dez, talvez mais, girei várias vezes. Algo emergiu e levei um segundo para perceber o que era. Os espirros eram as ondas batendo em recifes que circundavam uma ilha.

Nunca senti tanto alívio na vida, nem mesmo quando o médico nos disse que o tratamento finalmente havia funcionado e que meu câncer tinha ido embora.

A correnteza nos levava para mais perto da ilha, mas não estávamos indo em direção a ela. Se eu não fizesse alguma coisa, não conseguiríamos alcançá-la.

Eu não podia usar os braços porque eles ainda estavam embaixo das tiras do colete salva-vidas de Anna; por isso, continuei de costas e bati os pés. Perdi meus sapatos, mas não me importei; eu já devia tê-los tirado horas antes.

A terra ainda estava a pelo menos uns quarenta metros. Mais longe do que antes, não tive outra opção senão usar um dos braços e nadei com braçadas laterais, arrastando o rosto de Anna pela água.

Levantei a cabeça. Estávamos perto. Batendo as pernas freneticamente, meus pulmões queimando, nadei o mais rápido que pude.

Alcançamos as águas calmas na laguna na parte interior dos recifes, mas não parei de nadar até meus pés tocarem o fundo de areia. Só tive energia para arrastar Anna para fora da água. Logo depois, desabei perto dela e desmaiei.

* * *

O sol escaldante me acordou. Tenso e dolorido, eu só conseguia enxergar com um dos olhos. Eu me sentei, tirei o colete salva-vidas e depois olhei para Anna. Seu rosto estava inchado e ferido, e havia cortes em suas bochechas e na testa. Ela estava deitada imóvel.

Meu coração martelava no peito, mas me obriguei a me inclinar para a frente e tocar o pescoço dela. A pele estava quente, e o alívio me inundou uma segunda vez quando senti seu pulso sob meus dedos. Ela estava viva, mas a única coisa que eu sabia sobre traumatismos cranianos é que ela provavelmente tinha um. E se ela nunca mais despertasse?

Tentei acordá-la, com cuidado.

— Anna, está me ouvindo?

Ela não respondeu, e eu a sacudi novamente.

Esperei que ela abrisse os olhos. Eles eram impressionantes, grandes e de um tom escuro de azul-acinzentado. Foram a primeira coisa que notei quando a conheci. Ela fora ao nosso apartamento para a entrevista com meus pais, e fiquei constrangido porque ela era linda, e eu era magro e careca, e minha aparência estava uma merda.

Vamos, Anna, me deixe ver seus olhos.

Eu a sacudi com mais força e, quando ela enfim abriu os olhos, lentamente soltei o ar que estava prendendo.

CAPÍTULO 3

Anna

Duas imagens borradas de T.J. pairavam sobre mim, e pisquei até que elas se fundissem. Ele tinha cortes no rosto, e o olho esquerdo estava fechado de tão inchado.

— Onde estamos? — perguntei.

Minha voz soava rascante e minha boca tinha gosto de sal.

— Não sei. Em alguma ilha.

— E Mick? — perguntei.

— O que restou do avião afundou rápido.

— Não consigo me lembrar de nada.

— Você desmaiou na água e, como não consegui acordar você, pensei que estivesse morta. Minha cabeça latejava. Toquei na testa e gemi quando meus dedos roçaram um grande calombo.

Alguma coisa pegajosa cobria a lateral do meu rosto.

— Estou sangrando?

T.J. debruçou-se sobre mim e afastou meu cabelo com os dedos, procurando a origem do sangramento. Gritei quando ele encontrou.

— Desculpe-me — disse ele. — É um corte profundo. Não está mais sangrando tanto. Sangrou muito mais quando estávamos na água.

O medo me dominou, viajando pelo meu corpo como uma onda.

— Havia tubarões?

— Não sei. Não vi nenhum, mas fiquei preocupado.

Respirei profundamente e me sentei. A praia girou. Apoiando minhas mãos abertas na areia, me segurei até que o pior da tontura passasse.

— Como chegamos aqui? — perguntei.

— Enrolei meus braços entre as tiras do seu colete salva-vidas e boiamos com a correnteza até chegarmos à praia. Aí arrastei você para a areia.

E então percebi o que ele tinha feito. Olhei para a água e não falei nada por um minuto. Pensei no que poderia ter acontecido se ele me soltasse ou se os tubarões tivessem aparecido — ou se não houvesse uma ilha.

— Obrigada, T.J.

— De nada — disse ele, encontrando meus olhos por apenas alguns segundos antes de olhar para

o outro lado.

— Você está ferido? — perguntei.

— Estou bem. Acho que bati o rosto na cadeira da frente.

Tentei levantar e não consegui, dominada pela tontura. T.J. me ajudou, e desta vez fiquei de pé.

Desafivelei meu colete salva-vidas e deixei que caísse na areia.

Eu me virei de costas para o mar e olhei em direção à terra. A ilha parecia com as das fotos que eu vira na internet, exceto por não ter um hotel de luxo nem casas de veraneio. A areia branca imaculada parecia açúcar sob meus pés descalços; eu não tinha ideia do que havia acontecido com meus sapatos. A praia dava lugar a arbustos floridos e uma vegetação tropical, e depois a uma área de mata onde as árvores cresciam próximas umas às outras, as folhas formando uma cobertura. Do sol, alto no céu, emanava um calor intenso. A brisa do oceano não conseguia abrandar a minha temperatura corporal, que só aumentava, e o suor gotejava pelo meu rosto. Minhas roupas estavam grudadas na pele.

— Preciso me sentar de novo.

Meu estômago revirava, e pensei que talvez estivesse prestes a vomitar. T.J. se sentou ao meu lado e, quando o enjoo finalmente passou, eu disse:

— Não se preocupe. Eles devem saber que caímos e vão mandar um avião de resgate.

— Você tem alguma ideia de onde estamos? — perguntou ele.

— Na verdade, não.

— As ilhas são agrupadas em uma corrente de vinte e seis atóis correndo do norte para o sul. É para lá que estávamos indo. — Apontei para uma das marcas que fiz. Enfiei meu dedo na areia e apontei para outra. — Aqui é Malé, de onde partimos. Estamos em algum lugar no meio, eu acho, a não ser que a correnteza tenha nos levado para leste ou para oeste. Não sei se Mick se manteve no curso e não sei se hidroaviões seguem um plano de voo ou se são rastreados pelo radar.

— Minha mãe e meu pai devem estar enlouquecendo.

— Devem mesmo. — Os pais de T.J. com certeza tinham tentado ligar para meu celular, que provavelmente a essa altura estava no fundo do oceano.

Devíamos fazer uma fogueira? Não é isso que se deve fazer quando se está perdido? Fazer uma fogueira para que saibam onde você está?

Eu não tinha ideia de como fazer uma fogueira. Minhas habilidades de sobrevivência eram limitadas ao que eu tinha visto na TV ou lido. Nenhum de nós usava óculos; senão, podíamos colocar as lentes em um ângulo contra o sol. Tampouco tínhamos pederneira ou aço. Restava-nos a fricção, mas será que esfregar gravetos realmente funcionava? Talvez não precisássemos nos preocupar com fogo, ao menos por enquanto. Eles nos veriam se estivessem voando e ficássemos perto da praia.

Tentamos desenhar um SOS. Primeiro usamos nossos pés, mas achamos que não ficaria visível.

Depois, tentamos usar folhas, mas o vento as espalhava antes que pudéssemos formar as letras. Não havia pedra grande para segurá-las, somente pedregulhos e fragmentos do que eu acreditava ser um coral. O fato de nos movermos nos deixava com mais calor, e a dor na minha cabeça piorava. Desistimos e nos sentamos.

Meu rosto queimava no sol, e os braços e as pernas de T.J. ficaram vermelhos. Logo não tivemos outra opção a não ser nos afastarmos da beira da água e nos abrigarmos embaixo de um coqueiro. Os cocos cobriam o chão, e eu sabia que eles continham água. Nós os jogamos contra o tronco de uma árvore, mas não conseguimos abri-los.

O suor descia pelo meu rosto. Juntei meu cabelo em um rabo de cavalo e segurei no alto da cabeça. Minha língua inchada e minha boca seca dificultavam a deglutição.

— Vou dar uma olhada por aí — disse T.J. — Talvez haja água em algum lugar. Ele não tinha saído há muito tempo quando voltou para o coqueiro segurando algo.

— Não consegui encontrar água, mas achei isto.

Era verde, do tamanho de um pomelo, caroços espinhentos cobrindo sua superfície.

— O que é? — perguntei.

— Não sei, mas talvez tenha água aqui dentro, como nos cocos.

T.J. descascou usando as unhas. O que quer que fosse, os insetos tinham chegado primeiro. Ele largou no chão, chutando para longe com o pé.

— Achei embaixo de uma árvore — disse ele. — Havia vários deles pendurados, mas estavam muito altos para eu alcançar. Se você subir nos meus ombros, talvez consiga derrubar um. Acha que consegue andar?

Fiz que sim com a cabeça.

— Se formos devagar.

Quando chegamos à árvore, T.J. pegou minha mão e me ajudou a subir nos seus ombros. Eu media um metro e sessenta e oito e pesava cinquenta e quatro quilos. T.J. tinha ao menos dez centímetros e provavelmente quinze quilos a mais do que eu, mas cambaleou um pouco tentando me manter estável. Eu me alonguei o máximo que pude, meus dedos se esticando em direção à fruta. Como não conseguia agarrá-la, bati nela com meu punho. Nas primeiras duas vezes, a fruta não se mexeu, mas bati com um pouco mais de força, e ela voou. T.J. me colocou de volta no chão, e eu a peguei.

— Ainda não sei o que é — disse ele, depois de eu entregar a fruta.

— Deve ser fruta-pão.

— O que é isso?

— É uma fruta que supostamente tem gosto de pão.

T.J. a descascou e a fragrância me lembrou goiaba. Nós dividimos a fruta ao meio e a chupamos, o sumo inundando nossas bocas secas. Mastigamos e engolimos os pedaços. A textura que lembrava borracha provavelmente indicava que a fruta-pão deveria amadurecer mais, mas nós comemos assim

mesmo.

— Não acho que isso tenha gosto de pão — disse T.J.

— Talvez tivesse se fosse cozido.

Depois que terminamos, subi novamente nos ombros de T.J. e derrubei mais duas, que comemos imediatamente. Em seguida, retornamos para perto do coqueiro, nos sentamos e esperamos mais uma vez.

De tardinha, sem nenhum aviso, o céu fechou, e uma chuva forte caiu sobre nós. Saímos de debaixo da árvore, viramos nossos rostos para o céu e abrimos nossas bocas, mas a chuva terminou dez minutos depois.

— É a estação das chuvas — falei. — Deve chover todos os dias, provavelmente mais de uma vez.

Não tínhamos nada para coletar a água, e as gotas que consegui pegar com a língua só me deixaram com mais sede.

— Onde eles estão? — perguntou T.J. quando o sol se pôs. O desespero na voz dele combinava com o meu estado emocional.

— Não sei. — Por motivos que eu não podia entender, não apareceu nenhum avião. — Eles vão nos encontrar amanhã.

Voltamos para a praia e nos esticamos na areia, descansando a cabeça nos coletes salva-vidas. O ar esfriou, e o vento que vinha do mar me fez estremecer. Abracei-me e me encolhi, ouvindo o ritmado bater das ondas atingindo os recifes.

Ouvimos o barulho antes de descobrir do que se tratava. Um som de bater de asas encheu o ar, seguido pela silhueta de centenas, talvez milhares de morcegos. Eles bloquearam parte da luz da lua, e fiquei pensando se eles estavam pendurados em algum lugar acima de nós enquanto andávamos para a árvore de fruta-pão.

T.J. se sentou.

— Nunca vi tantos morcegos.

Nós os observamos por um tempo, até que finalmente eles se dispersaram e foram caçar em outro lugar. Alguns minutos depois, T.J. adormeceu. Mirei o céu, sabendo que ninguém estava nos procurando no escuro. Qualquer missão de resgate em andamento não recomeçaria até a manhã seguinte. Imaginei os pais de T.J. consternados, esperando o sol nascer. A possibilidade de a minha família receber uma ligação encheu meus olhos de lágrimas.

Pensei na minha irmã, Sarah, e em uma conversa que tivemos alguns meses atrás. Havíamos nos encontrado para jantar em um restaurante mexicano e, quando o garçom trouxe nossas bebidas, tomei um gole da margarita e disse:

— Aceitei aquele trabalho de tutora de que eu tinha falado. Com o garoto que teve câncer. — Coloquei meu drinque na mesa, mergulhei um nacho no molho e o enfiei na boca.

— Aquele em que você tem que viajar com eles nas férias? — perguntou ela.

— É.

— Você vai ficar fora por um bom tempo. O que John acha disso?

— Eu e John tivemos a conversa sobre casamento novamente. Mas dessa vez eu disse a ele que também queria um bebê. — Encolhi os ombros. — Pensei: por que não arriscar tudo?

— Ah, Anna. — Foi o comentário de Sarah.

Até recentemente, eu não pensava muito em ter um filho. Estava perfeitamente satisfeita sendo tia dos filhos da Sarah: Chloe, de dois anos, e Joe, de cinco. Mas então todo mundo que conheço começou a jogar bebês embrulhados em mantinhas para eu segurar, e percebi que eu queria um para mim. A intensidade do meu desejo por um bebê e o subsequente tique-taque do meu relógio biológico me surpreenderam. Sempre pensei que o desejo por um filho fosse uma coisa que acontecesse de forma lenta, mas um dia simplesmente apareceu.

— Não consigo mais continuar assim, Sarah — prossegui. — Como ele poderia suportar um bebê se nem consegue se comprometer com o casamento? — Balancei a cabeça. — Outras mulheres fazem parecer tão fácil. Elas conhecem alguém, se apaixonam e se casam. Talvez em um ano ou dois comecem uma família. Simples, não é? Quando John e eu discutimos nosso futuro, é tão romântico quanto uma transação imobiliária, com quase a mesma quantidade de cálculos. — Agarrei meu guardanapo e enxuguei os olhos.

— Sinto muito, Anna. Sinceramente, não sei como você aguentou tanto tempo. Sete anos me parecem tempo suficiente para que John descubra o que quer.

— Oito, Sarah. Já são oito anos. — Levantei meu drinque e o terminei em dois grandes goles.

— Ah. Perdi um ano por aí.

— Acho que você pode continuar trazendo — disse Sarah a ele. — Então, como a conversa terminou?

— contei a ele que ia viajar no verão, que precisava me afastar por um tempo para pensar no que queria.

— O que ele disse?

— A mesma coisa de sempre. Que me ama, mas que ainda não está pronto. Ele sempre foi honesto, mas acho que pela primeira vez percebeu que a decisão não é só dele.

— Você conversou com a mamãe sobre isso? — perguntou Sarah.

— Conversei. Ela disse para eu me perguntar se a minha vida seria melhor com ou sem ele. Sarah e eu tínhamos sorte. Nossa mãe aperfeiçoara a arte de dar conselhos simples, mas práticos.

Ela se mantinha neutra e nunca julgava. Uma anomalia parental, de acordo com muitas das nossas amigas.

— Bem, qual é sua resposta?

— Não tenho certeza, Sarah. Amo o John, mas não acho que isso vá ser suficiente para mim.

Eu precisava de tempo para pensar, para ter certeza, e Tom e Jane Callahan haviam me

oferecido a oportunidade perfeita para conseguir me distanciar. Espaço, literalmente falando, para tomar uma decisão.

— Ele vai ver isso como um ultimato — disse Sarah.

— Claro que vai. — Tomei um gole da minha margarita recém-preparada.

— Você está lidando muito bem com a situação.

— Isso é porque ainda não terminei de verdade com ele.

— Talvez seja uma boa ideia você ficar sozinha um tempo, Anna. Pensar nas coisas e decidir o que quer para o resto da vida.

— Não tenho que ficar sentada esperando por ele, Sarah. Tenho muito tempo para encontrar alguém que queira as mesmas coisas que eu.

— Tem mesmo. — Ela terminou sua margarita e sorriu para mim. — E olhe para você: vai pegar um jato e ir a lugares exóticos, só porque pode. — Ela suspirou. — Eu queria poder ir com você. O mais perto que tive de férias no ano passado foi quando David e eu levamos as crianças para ver os peixes tropicais no Shedd Aquarium.

Sarah fazia malabarismo para equilibrar casamento, filhos e um emprego em tempo integral. Voar sozinha para um paraíso tropical provavelmente soava como o nirvana para ela.

Pagamos nossa conta e, enquanto andamos até o trem, pensei que talvez, apenas dessa vez, minha grama estava um pouco mais verde. Se a minha situação tinha um lado bom, era a liberdade de passar o verão em uma linda ilha se eu quisesse.

Mas, até o momento, o plano não havia funcionado muito bem.

Minha cabeça doía, meu estômago revirava, e eu nunca sentira tanta sede na vida. Tremendo, com a cabeça repousando no colete salva-vidas, tentei não pensar sobre quanto tempo levaria para que nos achassem.

CAPÍTULO 4

T.J.

Dia 2

Despertei assim que o céu clareou. Anna já estava acordada, sentada na areia, olhando para o céu. Meu estômago roncava e minha boca não tinha saliva nenhuma.

Eu me sentei ao lado dela.

— Ei, como está a sua cabeça?

— Ainda dói bastante — respondeu Anna.

O rosto dela também não tinha uma aparência muito boa. Hematomas roxos cobriam suas bochechas inchadas, e havia sangue seco e com casca perto do couro cabeludo.

Andamos até a árvore de fruta-pão, e Anna subiu nos meus ombros e derrubou duas. Eu me sentia fraco, desequilibrado, e foi difícil segurá-la. Ela desceu e, enquanto ainda estávamos ali embaixo da árvore, uma fruta-pão caiu de um galho e aterrissou nos nossos pés. Olhamos um para o outro.

— Isso vai facilitar as coisas — disse ela.

Tiramos as frutas podres do chão embaixo da árvore; assim, se voltássemos e encontrássemos alguma fruta no chão, saberíamos que ela era boa para comer. Peguei a que havia caído e descasquei. O sumo pareceu mais doce, e a fruta não estava tão dura para mastigar.

Precisávamos desesperadamente conseguir uma maneira de estocar água, então andamos ao longo da beira da água procurando latas vazias, garrafas, recipientes, enfim, qualquer coisa impermeável que pudesse guardar a água da chuva. Avistamos escombros, que imaginei serem pedaços do avião, mas nada mais. A falta de qualquer lixo humano me fez pensar onde diabo estávamos.

Adentramos a ilha. As árvores bloqueavam a luz do sol, e os mosquitos aglomeravam-se em volta de nós. Eu batia neles e limpava o suor da testa com o braço. Vimos o lago quando chegamos a uma pequena clareira. Estava cheio de água turva e mais parecia uma poça grande, mas a minha sede aumentou.

— Será que podemos beber isso? — perguntei.

Anna se ajoelhou e enfiou a mão lá dentro. Ela fez círculos na água e torceu o nariz com o cheiro.

— Não, está estagnada. Provavelmente não é seguro beber.

Continuamos andando, mas não conseguimos encontrar nada que pudesse guardar água, então voltamos para perto do coqueiro. Peguei um dos cocos do chão e esmaguei-o novamente contra o

tronco da árvore; depois joguei-o para longe quando não consegui abri-lo. Dei um chute na árvore, o que machucou meu pé.

— Merda!

Se eu pudesse abrir um coco, poderíamos beber a água, comer a polpa e usar a casca para guardar água.

Anna não pareceu notar meu acesso de raiva. Ficou balançando a cabeça para a frente e para trás disse:

— Só não entendo por que ainda não avistamos um avião. Onde eles estão? Eu me sentei do lado dela, respirando forte e suando.

— Não sei.

Ficamos sem falar por um tempo, perdidos em nossos próprios pensamentos.

Finalmente, eu disse:

— Você acha que deveríamos fazer uma fogueira?

— Você sabe como? — perguntou Anna.

— Não. — Morei em cidade grande a vida inteira e podia contar nos dedos a quantidade de vezes em que tinha ido acampar, e ainda sobriam dedos. Além disso, acendíamos a fogueira com um isqueiro. — E você? Sabe?

— Também não.

— Podíamos tentar — sugeri. — Acho que temos tempo de sobra.

Ela sorriu com minha tentativa de fazer uma piada.

— Tudo bem.

Durante a hora seguinte, esfregamos dois gravetos um no outro. Anna conseguiu aquecer o dela o suficiente para queimar o dedo antes de desistir. Eu me saí um pouco melhor — achei que tivesse visto alguma fumaça —, mas nada de fogo. Meus braços ficaram doendo.

— Desisto — falei, largando meus gravetos e usando a parte de baixo da camiseta para enxugar o suor antes que pingasse nos meus olhos.

Começou a chover. Eu me concentrei em tentar capturar os pingos com a língua, agradecido pela pequena quantidade de água que engoli. A chuva cessou depois de alguns minutos.

Ainda suando, andei até a beira do lago, tirei a camiseta e entrei na água apenas de short. A temperatura da laguna me lembrava a água do banho, mas eu mergulhei a cabeça e senti um pouco mais de frescor. Anna me seguiu, parando antes de chegar à água. Sentou-se na areia e usou uma das mãos para afastar os longos cabelos da nuca. Devia estar torrando dentro de sua camiseta de manga comprida e jeans. Alguns minutos depois, ela se levantou, hesitou e depois tirou a camiseta pela cabeça. Em seguida, desabotoou e abriu o zíper da calça, saiu de dentro dela e andou na minha direção, usando apenas sutiã e calcinha pretos.

— Apenas finja que eu estou de biquíni, está bem? — disse ela ao se juntar a mim na água.

O rosto dela estava vermelho, e ela mal olhava para mim.

— Claro.

Eu estava tão atordoado que mal consegui responder.

Anna tinha um corpo incrível. Pernas compridas, sem barriga. Vê-la assim era uma tortura. Reparar no corpo dela devia ser a última coisa em minha mente, mas não era. Podem até pensar que eu não seria capaz de ficar duro, considerando a sede e a fome que eu sentia e quão fodida a situação era, mas estão completamente enganados. Nadei para longe dela até conseguir me controlar.

Ficamos na água por um bom tempo e, quando saímos, ela virou as costas para mim e colocou as roupas de novo. Fomos checar a árvore de fruta-pão, mas não havia nenhuma caída. Anna subiu nos meus ombros e, quando a equilibrei pressionando suas coxas, a imagem das suas pernas nuas surgiu na minha mente.

Ela derrubou duas frutas. Eu não estava com muita fome, o que era estranho, já que eu deveria estar. Anna também parecia não sentir muita fome, porque não comeu a fruta depois de sugar todo o sumo.

Quando o sol se pôs, nós nos esticamos perto da beira da água e observamos os morcegos encherem o céu.

— Meu coração está batendo muito rápido — falei.

— É um sinal de desidratação — disse Anna.

— Quais são os outros sinais?

— Perda de apetite. Falta de vontade de fazer xixi. Boca seca.

— Estou com tudo isso.

— Eu também.

— Quanto tempo podemos ficar sem água?

— Três dias. Talvez menos.

Tentei me lembrar da última vez em que bebi algo. Talvez no aeroporto de Sri Lanka? Nós conseguíamos pegar um pouco de água quando chovia, mas não seria suficiente para nos manter vivos. A percepção de que nosso tempo se esgotava me deixou completamente assustado.

— E o lago?

— É uma má ideia — respondeu ela.

Nenhum de nós disse o que estava pensando. Se o que nos restasse fosse a água do lago ou nenhuma água, talvez tivéssemos que tomar aquilo mesmo.

— Eles vão aparecer amanhã — disse Anna, mas ela não parecia acreditar nisso.

— Espero que sim.

— Estou com medo — sussurrou ela.

— Eu também.

Rolei para deitar de lado, mas levou muito tempo até que eu conseguisse dormir.

CAPÍTULO 5

Anna

Dia 3

Quando T.J. e eu acordamos, nós dois estávamos enjoados e com dor de cabeça. Comemos um pouco de fruta-pão, e achei que talvez vomitasse a minha, mas não vomitei. Embora tivéssemos muito pouca energia, retornamos à praia e decidimos tentar fazer uma fogueira. Eu estava convencida de que um avião voaria acima de nós naquele dia e sabia que uma fogueira era nossa melhor chance de ter certeza de que nos veriam.

— Fizemos tudo errado ontem — disse T.J. — Fiquei pensando nisso a noite passada, antes de adormecer, e me lembrei de ter assistido a um programa de TV em que o cara tinha que fazer fogo. Ele girava o graveto em vez de esfregar um no outro. Tenho uma ideia. Vou ver se consigo achar o que eu preciso.

Enquanto ele não voltava, juntei qualquer coisa que pudesse ser inflamável para o caso de realmente conseguirmos produzir alguma chama. O ar estava tão úmido que a única coisa na ilha que estava seca era o interior da minha boca. Tudo o que eu pegava estava úmido, mas enfim encontrei algumas folhas secas na parte de baixo de uma planta florida. Também puxei os bolsos da minha calça para fora e achei alguns fiapos, que adicionei à pilha na minha mão.

T.J. voltou com uma vareta e um pequeno pedaço de madeira.

— Você tem fiapos no bolso? — perguntei. Ele virou os bolsos para fora, encontrou alguns e me entregou.

— Obrigada.

Fiz um ninho com os fiapos e as folhas. Também juntei pequenos gravetos e fiz um montinho de folhas verdes e úmidas que poderíamos adicionar para fazer fumaça.

T.J. sentou-se e segurou a vareta na vertical, perpendicular ao pedaço de madeira sobre o qual a apoiava.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Estou tentando descobrir uma maneira de girar a vareta. — Ele meditou por um minuto. — Acho que o cara usava uma corda. Queria não ter jogado meus sapatos fora; eu poderia usar os cadarços.

Ele girou o graveto com a mão, mas não conseguiu fazer isso rápido o suficiente para fazer a fricção. O suor escorria por seu rosto.

— Isso é impossível, porra — xingou, descansando por alguns minutos.

Com determinação renovada, usou as mãos e esfregou uma na outra com a vareta entre elas. O giro foi muito mais rápido, e logo ele encontrou um ritmo estável. Depois de vinte minutos, a vareta girando produziu uma pequena porção de poeira preta no entalhe que ele havia feito no pedaço de madeira.

— Olhe para isso — disse T.J., quando uma pequena nuvem de fumaça surgiu.

Pouco depois, muito mais fumaça apareceu. O suor corria para dentro dos seus olhos, mas T.J. não parava de girar a vareta.

— Preciso do ninho.

Eu o coloquei do lado dele e prendi a respiração, observando enquanto ele soprava suavemente no entalhe da madeira. Ele usou a vareta para retirar a brasa vermelho-brilhante com cuidado e transferi-la para a pilha de fiapos e folhas secas. Em seguida, levantou o ninho e o segurou na frente da boca, soprando delicadamente, e o ninho incandesceu nas suas mãos. Ele largou no chão.

— Meu Deus! — exclamei. — Você conseguiu.

Empilhamos pequenos materiais inflamáveis no topo. O fogo cresceu rapidamente e logo usamos os gravetos que eu havia juntado. Corremos para achar mais e estávamos correndo em direção ao fogo com os braços cheios quando o céu fechou e a tempestade caiu. Em segundos, o fogo se transformou em uma pilha encharcada de madeira chamuscada.

Fitamos o que havia sobrado. Eu queria chorar. T.J. afundou de joelhos na areia. Eu me sentei ao lado dele, e então levantamos as cabeças para apanhar os pingos com a boca. Choveu por um bom tempo, e pelo menos alguma água desceu pela minha garganta, mas eu só conseguia pensar na água encharcando a areia.

Eu não sabia o que dizer a ele. Quando parou de chover, nos deitamos embaixo do coqueiro, sem falar nada. Como não podíamos fazer outra fogueira logo, porque tudo estava excessivamente molhado, tiramos uma soneca, letárgicos e desesperançados.

Quando acordamos à tardinha, nenhum de nós queria fruta-pão. T.J. não tinha energia suficiente para fazer outra fogueira e, mesmo que tivesse, não conseguiríamos mantê-la acesa se não fizéssemos algum tipo de abrigo. Meu coração esmurrava meu peito, e meus braços e pernas formigavam. Eu havia parado de suar.

Quando T.J. se levantou e saiu dali, eu o segui. Eu sabia para onde ele estava indo, mas não conseguia me obrigar a dizer para ele parar. Eu também queria ir para lá.

Quando chegamos ao lago, me ajoelhei na beira da água, coloquei um pouco nas minhas mãos em concha e levei até a boca. O gosto era horrível, quente e ligeiramente salobro, mas eu imediatamente quis mais. T.J. se ajoelhou ao meu lado e bebeu direto do lago. Depois que começamos, nenhum de nós conseguiu parar. Depois de beber tudo o que podíamos, desmoronamos no chão e eu pensei que fosse vomitar tudo aquilo, mas consegui segurar. Os mosquitos nos rodeavam, e eu os afastava do meu rosto.

Voltamos para a praia. Já estava quase escuro. Nós nos esticamos um ao lado do outro na areia,

apoiando a cabeça nos coletes salva-vidas. Pensei que tudo ia ficar bem.

Conseguimos ganhar um pouco de tempo. Eles viriam amanhã, com certeza.

— Sinto muito pelo fogo, T.J. Você se esforçou tanto e fez um trabalho excelente. Eu nunca conseguiria descobrir como fazer aquilo.

— Obrigado, Anna.

Adormecemos, mas acordei pouco tempo depois. O céu estava negro, e achei que provavelmente estava no meio da noite. Foi quando comecei a sentir cólicas. Ignorei e rolei para o lado. Outra cólica me atingiu, dessa vez com mais intensidade. Eu me sentei e gemi. O suor escorria da minha testa.

T.J. acordou.

— O que foi?

— Minha barriga está doendo. — Rezei para as cólicas pararem, mas elas só pioraram, e eu sabia o que iria acontecer. — Não me siga.

Cambaleei para entre as árvores e mal consegui tirar o jeans e a calcinha antes de o meu corpo purgar tudo. Quando não havia restado mais nada, eu me contorci no chão, as cólicas continuaram em ondas, uma após a outra. Eu estava encharcada de suor. A dor irradiava da minha barriga para as pernas. Fiquei deitada, imóvel, por um bom tempo, com medo de que o menor dos movimentos pudesse causar mais desgraça. Os mosquitos zumbiam ao redor do meu rosto.

E então apareceram os ratos.

Para todo lugar que eu olhava, pares de olhos brilhantes espreitavam na escuridão. Um correu por cima do meu pé, e eu gritei. Vacilante, fiquei de pé e subi o jeans e a calcinha novamente, mas o movimento me fez sentir uma dor intensa e desmoronei mais uma vez. Pensei que estava morrendo e que o que quer que tivesse contaminado o lago fosse algo a que eu não conseguiria sobreviver. Fiquei imóvel depois disso. Exausta e fraca, sem ideia de onde T.J. estava, desmaiei.

Um barulho de zumbido me acordou. *Mosquitos*. Mas o sol estava alto, e a maioria dos insetos e dos ratos já tinha sumido. Lutei para levantar a cabeça enquanto estava deitada de lado com meus joelhos junto ao peito.

Era o som de um avião.

Eu me coloquei de quatro e engatinhei até a praia, gritando por T.J. Levantando-me, cambaleei até a linha da água, tentando, com o que restava das minhas forças, levantar os braços sobre a cabeça e acenar para a frente e para trás. Eu não conseguia ver o avião, mas eu conseguia ouvi-lo, o som se afastando.

Eles estão nos procurando. Vão chegar a qualquer minuto.

O som do avião ficou cada vez mais distante, até eu não conseguir mais ouvir. Minhas pernas se dobraram, e eu caí na areia e chorei até ficar ofegante. Deitei de lado, os soluços diminuindo, mirando a água, sentindo-me entorpecida.

Eu não fazia ideia de quanto tempo havia se passado, mas, quando desviei o olhar, T.J. estava

deitado ao meu lado.

— Foi um avião — falei.

— Eu ouvi. Não consegui me mexer.

— Eles vão voltar.

Mas não voltaram.

Chorei muito naquele dia. T.J. ficou em silêncio. Ele mantinha os olhos fechados, e eu não tinha certeza se estava dormindo ou fraco demais para falar. Não fizemos outra fogueira nem comemos mais fruta-pão. Nenhum de nós saiu de debaixo do coqueiro, só quando choveu.

Eu não queria estar perto das árvores quando escurecesse, e por isso voltamos para a praia. Enquanto eu estava deitada na areia perto de T.J., só havia uma coisa da qual eu tinha certeza. Se outro avião não viesse ou não descobríssemos uma maneira de coletar água, T.J. e eu morreríamos.

Eu tive um sono leve e cheio de espasmos durante toda a noite e, quando finalmente caí em um sono mais profundo, acordei gritando porque sonhei que um rato estava mordendo meu pé.

CAPÍTULO 6

T.J.

Dia 4

Quando o sol saiu, eu mal conseguia levantar a cabeça da areia. Dois assentos de poltronas do avião tinham chegado à costa durante a noite, e alguma coisa azul perto delas chamou minha atenção. Rolei até Anna e a sacudi para acordá-la. Ela olhou para mim com olhos fundos, os lábios rachados e sangrando.

— O que é aquilo?

Apontei para a coisa azul, mas o esforço necessário para manter minha mão erguida era demais e deixei meu braço cair novamente na areia.

— Onde?

— Lá, perto dos assentos.

— Não sei — respondeu ela.

Levantei a cabeça e protegi os olhos do sol. Parecia familiar, e de repente percebi o que era.

— É a minha mochila. *Anna, é a minha mochila!*

Fiquei de pé com as pernas trêmulas, andei até a linha da água e a agarrei.

Quando voltei, me ajoelhei ao lado da Anna, abri a mochila e tirei a garrafa de água que ela tinha me entregado no aeroporto de Malé.

Ela se sentou.

— Ah, meu Deus.

Tirei a tampinha e passamos a garrafa um para o outro, com cuidado para não bebermos rápido demais. Tinha um litro e nós bebemos tudo, mas mal deu para começar a matar minha sede.

Anna segurou a garrafa vazia.

— Se usarmos uma folha como funil, podemos coletar a água da chuva aqui.

Trêmulos e fracos, andamos até a árvore de fruta-pão e arrancamos uma folha grande de um dos galhos mais baixos. Anna a rasgou até que estivesse do tamanho certo e enfiou no gargalo da garrafa de água vazia, deixando a abertura o mais larga possível. Havia quatro frutas-pão no chão. Nós as levamos para a praia e as comemos.

Joguei na areia tudo o que tinha na mochila. Meu boné dos Chicago Cubs estava ensopado, mas eu o coloquei assim mesmo. Havia também um casaco cinza com capuz, duas camisetas, dois shorts, uma calça jeans, cuecas e meias, uma escova e uma pasta de dentes, e o meu CD player. Peguei a escova e a pasta. Minha boca tinha gosto de algo que eu nem conseguia começar a descrever. Tirei a

tampa da pasta de dentes, apertei um pouco na escova e estendi a Anna.

— Você pode dividir comigo minha escova de dentes se não se importar. Ela sorriu.

— Eu não me importo, T.J. Mas escove você primeiro. É sua.

Escovei os dentes, enxaguei a escova no mar e entreguei a ela. Ela apertou mais pasta na escova e escovou os dentes. Quando acabou, enxaguou e me entregou de volta.

Esperamos pela chuva e, quando ela veio, no começo da tarde, vimos a garrafa se encher de água. Eu a entreguei a Anna; ela bebeu metade e me devolveu. Depois de eu terminar, colocamos a folha de volta, e a chuva a encheu de novo. Anna e eu bebemos mais. Precisávamos de mais, muito mais, provavelmente, mas comecei a pensar que talvez não fôssemos morrer, afinal.

Tínhamos um modo de coletar água, tínhamos fruta-pão e sabíamos como fazer fogo. Agora precisávamos de abrigo, porque, sem isso, não conseguiríamos manter o fogo aceso.

Anna queria construir o abrigo na praia, porque os ratos a apavoravam. Quebramos dois galhos com formato de Y e os enfiamos na areia, colocando o galho mais longo que conseguimos encontrar entre eles. Fizemos uma cabana com uma única inclinação muito tosca colocando mais galhos de cada lado. Folhas de fruta-pão forravam o chão, com exceção do pequeno círculo onde construimos nossa fogueira. Anna pegou algumas pedras para fazer um círculo em volta dela. Ficaria enfumaçado do lado de dentro, mas isso ajudaria a afastar os mosquitos.

Decidimos esperar até a manhã seguinte para fazer outra fogueira. Agora que tínhamos abrigo, podíamos juntar madeira e guardá-la na cabana para que secasse.

Choveu de novo, e enchemos nossa garrafa de água três vezes; eu nunca tinha provado alguma coisa tão boa na minha vida.

Quando o sol se pôs, levamos os assentos, os coletes salva-vidas e a minha mochila para dentro da cabana.

— Boa noite, T.J. — disse Anna, repousando a cabeça em um dos assentos, com o espaço para a fogueira entre nós.

— Boa noite, Anna.

CAPÍTULO 7

Anna

Dia 5

Abri os olhos. A luz do sol entrava por entre as fendas da cabana. A pressão da minha bexiga — algo que eu não sentia havia algum tempo — me confundiu por um segundo, e então eu sorri.

Preciso ir ao banheiro.

Saí da cabana sem acordar T.J. e entrei na floresta. Agachei-me atrás de uma árvore, franzindo o nariz com o forte odor de amônia da minha urina. Quando levantei minhas calças de volta, me encolhi com a umidade entre minhas pernas.

T.J. estava acordado e parado perto da cabana quando voltei.

— Onde você estava? — perguntou

ele. Sorri e disse:

— Fazendo xixi.

Ele bateu a palma da mão na minha, em sinal de vitória.

— Também preciso fazer.

Quando ele voltou, fomos até a árvore de fruta-pão e apanhamos três delas caídas no solo. Nós nos sentamos e comemos nosso café da manhã.

— Deixe-me ver sua cabeça — disse T.J.

Eu me inclinei para a frente, e ele passou os dedos por entre o meu cabelo até encontrar o corte.

— Está melhor. Mas você provavelmente teria que ter tomado pontos. Não consigo ver nenhum sangue seco, mas seu cabelo é tão escuro que é difícil dizer. — Ele apontou para minhas bochechas. — Os machucados estão sumindo. Aquele ali está ficando amarelo.

A aparência de T.J. havia melhorado também. Seu olho não estava mais fechado pelo inchaço, e seus cortes estavam sarando. Ele ficou melhor do que eu por causa do cinto de segurança. Seu rosto — muito bonito, embora ainda bem juvenil — não ficaria com nenhuma cicatriz do acidente de avião.

Eu não sabia se podia dizer o mesmo do meu, mas não estava preocupada com aquilo no momento.

Depois do café da manhã, T.J. fez outra fogueira.

— Bem impressionante, garoto da cidade — falei, apertando o ombro dele.

Ele sorriu, adicionando pequenos pedaços de lenha e fazendo as chamas ficarem mais altas, claramente orgulhoso de si mesmo. Enxugou o suor dos olhos e agradeceu:

— Obrigado.

— Deixe-me ver suas mãos.

Ele as estendeu para mim, com as palmas para cima. Bolhas cobriam a pele crua e cheia de calos, e ele se retraiu quando as toquei.

— Isso deve doer.

— Dói mesmo — admitiu.

O fogo encheu nosso abrigo de fumaça, mas não apagaria quando chovesse. Se ouvíssemos um avião, poderíamos derrubar a cabana e jogar folhas verdes no fogo para criar fumaça.

Eu nunca tinha ficado tanto tempo sem um banho, e meu cheiro estava horrível.

— Vou tentar me limpar — informei. — Você tem que ficar aqui, está bem?

Ele balançou a cabeça em um aceno afirmativo e me entregou uma camiseta de manga curta da sua mochila.

— Você quer usar isso em vez da sua camiseta de manga comprida?

— Sim. Obrigada.

A camiseta era muito grande e comprida e ficaria como um vestido em mim, mas eu não me importava.

— Eu daria uns shorts também, mas sei que vão ficar muito grandes.

— Tudo bem. A camiseta vai ajudar muito.

Caminhei pela beira da água, parando para tirar todas as minhas roupas somente quando não pudesse mais ver T.J. ou a cabana. Olhei para o céu azul e sem nuvens.

Agora seria uma hora excelente para um avião sobrevoar. Claro, alguém iria notar uma mulher nua na praia.

Entrei na laguna, e os peixes dispersaram. Por causa do sol, minhas mãos e meus pés haviam assumido um tom mais escuro, que contrastava com o branco de meus braços e pernas. Meu cabelo caía pela minha escápula em um emaranhado ninho de ratos.

Lavei meu corpo com as mãos e depois peguei minhas roupas na areia, enxaguando-as no mar. Penteei o cabelo com os dedos e desejei ter um elástico para fazer um rabo de cavalo.

Ligeiramente mais limpa ao sair da água, coloquei minha calcinha e meu sutiã molhados e vesti a camiseta de T.J. Ficou até a altura do meio das coxas, então não me preocupei em vestir o jeans.

— Sei que não estou usando calças — expliquei quando voltei para a cabana —, mas estou com calor e queria que elas secassem.

— Sem problemas, Anna.

— Queria que tivéssemos algo para pescar. Havia uma tonelada de peixes na laguna. — Salivei e meu estômago roncou.

— Podíamos tentar caçá-los. Depois que eu me limpar, podemos procurar galhos compridos. Nosso suprimento de lenha está baixo também.

T.J. voltou à cabana cinco minutos depois, com o cabelo molhado, usando roupas limpas. Seus

braços envolviam algo grande e volumoso.

— Olhe o que eu encontrei na água.

— O quê?

Ele colocou o objeto no chão e o girou para que eu pudesse ler o que estava escrito do lado.

— É o bote salva-vidas do avião. — Ajoelhei-me perto dele. — Eu me lembro de ter visto isso quando estava procurando os coletes salva-vidas.

Abrimos o compartimento que o guardava e puxamos o bote para fora. Rasguei a bolsa à prova d'água no qual estava envolvido e tirei um pedaço de papel que listava o conteúdo. Li alto:

— *Cobertura do bote salva-vidas, localizada no interior da caixa de acessórios, contendo duas portas enroláveis e um coletor de água da chuva no alto. Pacotes padronizados disponíveis, incluindo radiotransmissores de posição e localizadores de emergência.*

Minhas esperanças aumentaram.

— T.J., onde está a caixa de acessórios?

T.J. olhou dentro do compartimento e puxou outra bolsa à prova d'água. Minhas mãos tremiam enquanto eu rasgava o plástico e, assim que fiz um buraco grande o suficiente, virei a caixa de cabeça para baixo e joguei todo o conteúdo na areia. Procuramos, nossas mãos batendo umas nas outras enquanto examinávamos cada item.

Não encontramos nada que levasse a um resgate.

Nenhum localizador de emergência. Nenhum radiotransmissor, telefone de satélite ou outro transceptor.

Minhas esperanças despencaram vertiginosamente.

— Acho que eles pensaram que o pacote padronizado era uma melhoria desnecessária. T.J. balançou a cabeça devagar.

Pensei no que poderia acontecer se tivéssemos encontrado um localizador de emergência. *Você apenas o liga e espera que venham resgatá-lo?*

Meus olhos se encheram de lágrimas. Piscando para afastá-las, comecei a fazer um inventário do conteúdo da caixa de acessórios: faca, kit de primeiros socorros, lona, dois cobertores, corda e dois recipientes de plástico desmontáveis de dois litros.

Abri o kit de primeiros socorros: analgésico, antialérgico, pomada antibiótica, creme de cortisona, Band-Aid, lenços umedecidos com álcool e antidiarreico.

— Deixe-me examinar suas mãos — disse a T.J.

Ele as estendeu, e coloquei pomada antibiótica e Band-Aid nas bolhas.

Peguei um frasco de antialérgico.

— Isso pode salvar sua vida.

— Como?

— Parandouma reação alérgica.

— E aquele outro? — perguntou T.J., apontando para um frasco branco. Olhei para ele e depois para o outro lado.

— É um antidiarreico.

Ele bufou quando ouviu aquilo.

O bote inflava com um tubo de dióxido de carbono. Quando apertamos o botão, ele encheu de gás tão rápido que tivemos que pular para sair do caminho.

Prendemos a cobertura e o coletor de água da chuva. O bote salva-vidas lembrava uma daquelas casas infláveis nas quais meus sobrinhos adoravam pular, embora não tão alta.

— Aqui devem caber quase doze litros de água — falei, apontando para o coletor de água. Com sede novamente, eu esperava que a chuva da tarde viesse cedo.

Abas de náilon pendiam dos lados e eram presas no bote com velcro. Levantá-las durante o dia permitia a entrada de luz e ar no interior. As portas de enrolar forneciam uma pequena abertura.

Empurramos o bote para perto da cabana e colocamos mais lenha na fogueira antes de andarmos até o coqueiro. T.J. cortou a casca de um coco. Ele abriu a fruta ao meio enfiando a lâmina da faca no coco e batendo no cabo com o punho. Coletei a água que saiu em um dos recipientes de plástico.

— Achei que fosse mais doce — disse T.J., depois de tomar um gole.

— Eu também.

O gosto era levemente amargo, mas não era ruim.

T.J. tirou a polpa com a faca. Morrendo de fome, eu queria comer todos os cocos do chão. Dividimos cinco antes de a minha fome ardente dissipar. T.J. comeu mais um, e imaginei qual seria a quantidade de comida necessária para satisfazer um garoto de dezesseis anos.

A chuva chegou uma hora depois. T.J. e eu ficamos ensopados, sorrindo e comemorando, observando os recipientes se encherem até a borda. Agradecidos pela completa abundância, bebi até não caber mais nada dentro de mim, a água fazendo barulho no meu estômago quando eu me mexia.

No espaço de uma hora, conseguimos urinar novamente. Comemoramos comendo outro coco e duas frutas-pão.

— Gosto mais de coco do que de fruta-pão — comentei.

— Eu também. Mas, agora que temos fogo, talvez possamos assar a fruta-pão e ver se o gosto fica melhor.

Juntamos mais lenha e encontramos galhos compridos para caçar peixes. Jogamos a lona por cima do topo da cabana e amarramos com a corda para protegê-la melhor da chuva.

T.J. fez cinco marcas no tronco de uma árvore. Nenhum de nós dois voltou a mencionar outro avião.

Na hora de dormir, deixamos a fogueira o mais alto que pudemos sem queimar a cabana. T.J. engatinhou para dentro do bote. Fui atrás dele, usando a camiseta que ele tinha me dado e que agora

servia como camisola. Fechei a porta de enrolar atrás de mim; pelo menos tínhamos uma proteção contra os mosquitos.

Abaixamos as abas de náilon e as prendemos com o velcro. Estiquei os cobertores e coloquei as almofadas dos assentos como travesseiros. Os cobertores pinicavam, mas nos manteriam aquecidos quando o sol se pusesse e a temperatura baixasse. As almofadas das poltronas eram finas e cheiravam a mofo, mas eram luxuosamente confortáveis em comparação a dormir no chão.

— Isso está fantástico! — exclamou T.J.

— Eu sei.

O bote era um pouco menor do que uma cama de casal. Dividi-lo com T.J. nos deixaria a apenas alguns centímetros um do outro. Eu estava cansada demais para me importar.

— Boa noite, T.J.

— Boa noite, Anna.

Ele já parecia sonolento e rolou para o lado e desmaiou.

Segundos depois, também desabei.

Acordei no meio da noite para verificar o fogo. Só restavam brasas ardentes, então coloquei mais lenha e cutuquei com um galho, mandando fagulhas para o ar. Quando o fogo voltou a queimar forte, retornei para a cama.

T.J. acordou quando me deitei ao lado dele.

— O que houve? — perguntou.

— Nada. Coloquei mais lenha na fogueira. Volte a dormir. Fechei os olhos, e dormimos até o sol nascer.

CAPÍTULO 8

T.J.

Acordei com uma ereção.

Acontecia com frequência, e eu não tinha muito controle sobre isso. Agora que não estávamos mais quase mortos, meu corpo devia ter decidido que todo o meu organismo estava funcionando bem. Dormir tão perto de uma garota, principalmente uma como Anna, certamente ia garantir que eu acordasse duro.

Ela estava deitada de lado, virada para mim, ainda dormindo. Os cortes no rosto estavam sarando e, para a sorte dela, nenhum parecia profundo o suficiente para deixar uma cicatriz. Ela havia se livrado do cobertor em algum momento durante a noite, e eu acabei olhando para as pernas dela, o que era uma coisa errada considerando o que estava acontecendo dentro do meu short naquele momento. Se ela abrisse os olhos, me pegaria olhando para ela, então me arrastei para fora do bote e pensei em geometria até que minha ereção passasse.

Anna acordou dez minutos depois. Comemos coco e fruta-pão de café da manhã, e depois escovei os dentes, enxaguando com água da chuva.

— Aqui — falei, entregando a escova e a pasta de dentes para ela.

— Obrigada. — Anna colocou pasta na escova e escovou os dentes.

— Talvez haja outro avião hoje — refleti.

— Talvez — disse Anna.

— Quero dar mais uma olhada por aí. Ver o que mais tem nesta ilha.

— Temos que ter cuidado — alertou ela. — Não temos sapatos.

Dei a ela um par das minhas meias para que seus pés não ficassem completamente descalços. Eu me abaixei atrás da cabana, coloquei minha calça jeans para proteger as pernas dos mosquitos e entramos na floresta.

O ar úmido se instalou na minha pele. Passei por uma nuvem de mosquitos, mantendo a boca fechada e espantando-os com as mãos. Fomos mais para o interior da ilha, e o cheiro de plantas podres ficou mais forte. As folhagens acima de nós bloqueavam quase toda a luz do sol, e os únicos sons que ouvíamos eram os galhos se partindo e a nossa respiração enquanto inalávamos o ar pesado. O suor empapava minhas roupas. Continuamos em silêncio, e imaginei quanto tempo levaria para abirmos caminho entre as árvores e chegarmos até o outro lado.

Chegamos lá quinze minutos depois. Anna estava logo atrás de mim, então eu vi primeiro.

Parando bruscamente, me virei e fiz um sinal para ela se apressar.

Ela me alcançou e sussurrou:

— O que é aquilo?

— Não sei.

Uma choupana de madeira, mais ou menos do tamanho de um trailer, se erguia quinze metros à frente. Talvez outra pessoa morasse na ilha. Alguém que não se preocupara com apresentações. Andamos até a choupana com cuidado. A porta da frente pendia aberta, com as dobradiças enferrujadas, e demos uma espiada no interior.

— Olá? — disse Anna.

Como ninguém respondeu, atravessamos a soleira da porta e pisamos no chão de madeira. Havia outra porta do lado oposto do cômodo sem janelas, mas estava fechada. Não havia nenhum móvel. Cutuquei uma pilha de cobertores no canto, e pulamos para trás quando uns insetos voaram de lá.

Quando meus olhos se ajustaram à pouca luminosidade, percebi que havia uma grande caixa de ferramentas de metal no chão. Eu me abaixei e a abri. Havia um martelo, diversos pacotes de pregos e parafusos, uma fita métrica, alicates e um serrote. Anna encontrou algumas roupas. Pegou uma camisa, mas a manga se soltou.

— Pensei que talvez pudéssemos usar isso, mas deixa para lá — disse ela, fazendo uma careta.

Abri a porta do segundo cômodo, e entramos bem devagar. Sacos vazios de batatas fritas e embalagens de balas estavam espalhados no chão. Perto, havia um recipiente de plástico com uma abertura larga. Eu o peguei e olhei para dentro. Vazio. Quem quer que morasse aqui, provavelmente o usava para coletar água. Talvez, se tivéssemos explorado a ilha mais um pouco, andado além e encontrado a choupana mais cedo, não tivéssemos sido forçados a beber a água do lago. Talvez estivéssemos na praia quando o avião sobrevoou nossas cabeças.

Anna olhou para o recipiente na minha mão. Deve ter pensado o mesmo, porque disse:

— O que está feito está feito, T.J. Não há nada que possamos fazer a respeito.

Um saco de dormir mofado estava embolado no chão. No canto, encostado na parede, havia uma grande caixa preta. Abri as fivelas e levantei a tampa. Dentro, havia um violão em boas condições.

— Isso é estranho — disse Anna.

— Você acha que alguém morava aqui?

— Parece que sim.

— O que estariam fazendo?

— Além de encarnar o cantor country Jimmy Buffett? — Anna balançou a cabeça. — Não faço ideia. Mas, quem quer que seja, não vem para casa há muito tempo.

— Isso não é madeira de demolição — refleti. — Foi cortada em uma marcenaria. Não sei como ele trouxe para cá, de barco ou avião, mas esse cara sabia o que estava fazendo. Então, para onde ele foi?

— T.J. — disse Anna, os olhos se arregalando —, talvez ele volte.

— Tomara.

Coloquei o violão no estojo e entreguei a Anna. Peguei a caixa de ferramentas e refizemos o caminho até a praia.

Na hora do almoço, Anna assou fruta-pão em uma pedra chata perto do fogo, enquanto eu abria cocos. Comemos tudo o que ela havia assado — a fruta-pão ainda não tinha gosto de pão, na minha opinião — com a água do coco, que nos ajudou a engolir. O calor do fogo e a temperatura ambiente, que devia estar próxima a trinta graus, tornavam difícil ficar dentro da cabana por muito tempo. O suor escorria pelo rosto vermelho de Anna, e seus cabelos estavam grudados no pescoço.

— Quer entrar na água?

Eu me arrependi das palavras assim que elas saíram da minha boca. Ela provavelmente pensaria que eu só queria que ela tirasse a roupa na minha frente de novo.

Ela hesitou, mas respondeu:

— Quero. Estou torrando.

Andamos até a beira da água. Eu não colocara meu short de novo, então tirei as meias, a camiseta e o jeans. Estava usando uma cueca boxer cinza.

— Finja que estou de sunga — falei para Anna.

Ela deu uma olhadela para minha cueca e sorriu.

— Tudo bem.

Esperei por ela na água, tentando não encará-la enquanto ela tirava as roupas. Se Anna tinha coragem de se despir na minha frente, eu não ia ser um idiota.

Fiquei duro de novo, entretanto, e esperei que ela não percebesse.

Nadamos por um tempo e, quando saímos da água, nos vestimos e sentamos na areia. Anna olhou para o céu.

— Eu tinha certeza de que aquele avião passaria novamente — disse ela.

Quando voltamos para a cabana, joguei mais lenha no fogo. Anna pegou um dos cobertores do bote, esticou no chão e se sentou. Peguei o violão e me sentei ao lado dela.

— Você toca? — perguntou ela.

— Não. Quer dizer, um dos meus amigos me ensinou parte de uma música. — Dedilhei as cordas e então toquei as notas da introdução de “Wish You Were Here”.

Anna sorriu.

— Pink Floyd.

— Você gosta de Pink Floyd?

— Adoro essa música.

— Verdade? Isso é o máximo. Nunca passaria pela minha cabeça.

— Por quê? Que tipo de música você acha que eu escuto?

— Não sei, tipo, Mariah Carey?

— Não, gosto de coisa mais antiga. — Ela encolheu os ombros. — O que posso dizer? Nasci em setenta e um.

Calculei a idade dela.

— Você tem trinta anos?

— Tenho.

— Achei que você tivesse vinte e quatro ou vinte e cinco.

— Não.

— Você não age como se tivesse trinta.

— Não sei se isso é bom ou ruim.

— Só quis dizer que é fácil conversar com você.

Ela sorriu para mim. Dedilhei mais um pouco, tocando o mesmo riff do Pink Floyd, mas tive que parar porque minhas mãos doíam por ter feito o fogo.

— Se tivéssemos alguma coisa para usar como anzol, eu podia transformar isso em uma vara de pescar — falei. — As cordas do violão provavelmente dariam uma linha razoável.

Pensei em usar um prego da caixa de ferramentas, mas os peixes não eram muito grandes. Eu precisava de algo menor e mais leve.

Mais tarde, quando fomos para a cama, ela disse:

— Espero que aquela festa que fez você ficar para trás tenha valido a pena.

— Na verdade, não foi uma festa. Só disse para meus pais que era.

— E o que era, afinal?

— Os pais do Ben estavam viajando. O primo dele tinha acabado de chegar da universidade para passar o verão e ficou de ir à casa do Ben com a namorada. Ela ia levar duas amigas. Ben se convenceu de que ia se dar bem com uma delas. Apostei vinte dólares que isso não ia acontecer.

Não contei a Anna que eu também planejava tentar.

— E ele se deu bem?

— Eles não apareceram. Ficamos sentados a noite inteira bebendo cerveja e jogando video game. Dois dias depois, peguei o avião com você.

— Nossa, T.J., sinto muito — disse Anna.

— Tudo bem.

— Quem era aquele cara no aeroporto?

— Meu namorado, John.

Eu me lembrei do beijo que ele tinha dado nela. Parecia que ele estava tentando enfiar a língua na sua garganta.

— Você deve estar com saudades dele.

Ela não respondeu logo, mas depois finalmente disse:

— Não tanto quanto deveria.

— Como assim?

— Deixa para lá. É complicado.

Eu me virei para o lado e apertei a almofada do assento embaixo da cabeça.

— Por que você acha que o avião não voltou, Anna?

— Não sei.

— Eles acham que estamos mortos, não é?

— Espero que não — disse ela. — Porque senão vão parar de procurar.

CAPÍTULO 9

Anna

Na manhã seguinte, T.J. usou a faca para aparar as extremidades de dois grandes galhos, deixando-os com as pontas afiadas.

— Pronta para caçar alguns peixes com um arpão? — perguntou ele.

— Com certeza.

— Isso deve ser seu — disse ele, me entregando uma sapatilha azul-escura.

— É, sim. — Olhei para a água. — Talvez a outra apareça.

Entramos na água, com a profundidade até os quadris. O calor não estava tão insuportável de manhã, por isso, usei a camiseta do T.J. em vez de ficar só de calcinha e sutiã. A barra da camiseta empapou de água como uma esponja e grudou nas minhas coxas. Durante mais de uma hora tentamos sem sucesso caçar um peixe com o arpão improvisado. Pequenos e rápidos, eles se dispersavam assim que fazíamos qualquer tipo de movimento.

— Você acha que teríamos mais sorte se fôssemos mais para o fundo? — perguntei.

— Não sei. Os peixes provavelmente são maiores, mas deve ser mais difícil usar o arpão. Foi então que notei alguma coisa boiando.

— O que é aquilo, T.J.? — Protegi os olhos com as mãos.

— Onde?

— Bem à frente. Você está vendo algo que afunda e vem à tona? — Apontei.

— Ai, merda. Não olhe,
Anna. Tarde demais.

Logo depois de ele me dizer para não olhar, entendi. Larguei meu arpão e vomitei na água.

— Ele vai ser carregado pelo mar até aqui, então vamos voltar para a praia — disse T.J. Eu o segui para fora da água. Quando chegamos à areia, vomitei novamente.

— Ele já está aqui? — perguntei, enxugando a boca com as costas da mão.

— Quase.

— O que vamos fazer?

— Vamos ter que enterrar o corpo em algum lugar. Poderíamos usar um dos nossos cobertores, a não ser que você se oponha.

Por mais que eu odiasse abrir mão de uma das nossas posses, enrolá-lo em um cobertor parecia o mais respeitoso a fazer. E se eu fosse honesta comigo mesma, sabia que não conseguiria tocar o corpo dele sem alguma proteção.

— Vou pegar — falei, agradecida por ter uma desculpa para não estar lá quando o cadáver chegasse.

Quando retornei com o cobertor, entreguei-o a T.J. Empurrando com os pés, rolamos o corpo para cima do cobertor. O cheiro de decomposição, de carne saturada de água, invadiu meu nariz, e enterrei meu rosto na parte interna do braço.

— Não podemos enterrar na praia — falei.

T.J. negou com um gesto de cabeça.

Escolhemos um lugar embaixo de uma árvore, bem longe da cabana, e começamos a cavar na terra macia com nossas mãos.

— Está grande o suficiente? — perguntou T.J., olhando para o buraco.

— Acho que sim.

Não precisávamos de uma cova grande porque os tubarões haviam comido as pernas de Mick e parte do torso. E um braço. Algo mais havia trabalhado no seu rosto branco inchado. Tiras da camiseta *tie-dye* que ele usava estavam penduradas no seu pescoço.

T.J. esperou passar as ânsias de vômito que me acometeram, depois, agarrei uma ponta do cobertor e ajudei-o a arrastar Mick para a cova e colocá-lo no buraco. Nós o cobrimos com terra e ficamos de pé.

Lágrimas silenciosas rolavam pelo meu rosto.

— Ele já estava morto quando atingimos a água — falei, com firmeza, como uma declaração.

— Estava — concordou T.J.

E então começou a chover. Voltamos para o bote e nos arrastamos para dentro. A cobertura nos deixava secos, mas eu tremia. Puxei o cobertor — que agora dividiríamos — para nos cobrir e dormimos.

Quando acordamos, T.J. e eu pegamos fruta-pão e cocos. Nenhum de nós falou muito.

— Toma. — T.J. me entregou um pedaço de coco. Afastei sua mão.

— Não, não consigo. Coma você.

— Seu estômago ainda não está legal?

— Não.

— Tente tomar um pouco de água de coco — sugeri eu, passando para mim. Levantei o recipiente de plástico e tomei um gole.

— Desceu bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Talvez eu fique com isso por pouco tempo.

— Vou pegar lenha.

— Tudo bem.

Ele só havia se afastado por alguns minutos quando senti o gotejar.

Ah, meu Deus, não.

Esperando ser um alarme falso, andei na direção oposta de onde T.J. fora e baixei minha calça. Lá estava, no fundo da minha calcinha branca de algodão, a prova de que eu havia acabado de ficar menstruada.

Corri para a nossa cabana tosca e peguei minha camiseta de manga comprida. De volta à floresta, rasguei uma tira, enrolei e coloquei na minha calcinha.

Preciso que esse dia horroroso acabe.

Quando o sol se pôs, os mosquitos fizeram um banquete nos meus braços.

— Você deve ter decidido que ficar fresca era melhor do que levar algumas mordidas — disse T.J. quando notou que eu estava batendo nos mosquitos.

Ele havia colocado o casaco e o jeans assim que os insetos apareceram.

Pensei na minha camiseta de manga comprida, escondida embaixo de um arbusto que eu esperava conseguir encontrar novamente.

— É, tipo isso.

CAPÍTULO 10

T.J.

Não comemos nada além de coco e fruta-pão nos dezoito dias seguintes, e nossas roupas estavam largas. O estômago de Anna roncava enquanto ela dormia, e eu sentia uma dor constante na barriga. Eu duvidava de que ainda estivessem nos procurando, e um sentimento vazio, oco, que não tinha nada a ver com fome, se juntava à dor nas minhas vísceras sempre que eu pensava na minha família e nos meus amigos.

Pensei que fosse impressionar Anna se conseguisse caçar um peixe com o arpão. Em vez disso, consegui furar meu pé, e isso doeu para cacete, mas fingi não ter doído tanto.

— Quero colocar pomada antibiótica no machucado — disse Anna. Ela aplicou a pomada de leve no corte e cobriu com um Band-Aid. Ela disse que a umidade da ilha era perfeita para os germes e que pensar em um de nós dois pegando uma infecção a deixava em pânico. — Você vai ter que ficar fora da água até isso sarar, T.J. Quero que você mantenha a ferida seca.

Ótimo. Sem pescar e sem nadar.

Os dias passavam lentamente. Anna ficou quieta. Ela dormia mais, e eu a pegava enxugando os olhos quando eu voltava depois de catar lenha ou explorar a ilha. Um dia a encontrei sentada na praia, olhando o céu.

— É mais fácil se você parar de pensar que eles estão voltando — falei para ela.

— Então só devo esperar que um avião sobrevoe a ilha algum dia por acaso?

— Não sei, Anna.

— Podíamos ir embora no bote salva-vidas — falei. — Encher de comida e usar os recipientes de plástico para coletar água da chuva. Apenas começar a remar.

— E se a comida acabasse ou alguma coisa acontecesse com o bote? Seria suicídio, T.J. Obviamente não estamos na rota de voo para nenhuma dessas ilhas habitadas, e não há garantias de que um avião vá nos sobrevoar. Essas ilhas estão espalhadas por milhares de quilômetros de água. Não posso enfrentar isso. Não depois de ver o Mick. Eu me sinto mais segura aqui, na ilha. E sei que eles não vão voltar, mas dizer isso em voz alta parece uma desistência.

— Eu costumava me sentir assim, mas não me sinto mais.

Anna me examinou.

— Você se adapta fácil.

Concordei com um gesto de cabeça.

— Nós moramos aqui, agora.

CAPÍTULO 11

Anna

T.J. gritou meu nome. Eu estava sentada perto da cabana, olhando para o nada. Ele correu em minha direção, arrastando uma mala.

— Anna, é sua?

Eu me levantei e voei para encontrá-lo no meio do caminho.

— É!

Por favor, permita que seja a mala certa.

Eu me joguei na areia em frente à mala e puxei o zíper; abri-a completamente e sorri. Empurrei as roupas molhadas e procurei pelas joias. Encontrei a sacola Ziploc, abri-a e espalhei

tudo. Escolhendo com cuidado, meus dedos se fecharam em volta de um brinco pendente, que levantei radiante para T.J. ver.

Ele sorriu, estudando o arame em curva usado para pendurar o brinco na orelha.

— Vai dar um excelente anzol, Anna.

Tirei tudo da mala: escova de dentes e dois tubos de pasta de dentes normal, além de um tubo de pasta Crest branqueadora, quatro sabonetes, dois vidros de sabonete líquido, xampu e condicionador, hidratante, creme e aparelho de barbear, além de dois pacotes de lâminas. Três desodorantes — dois em barra e um em gel —, óleo de bebê e bolas de algodão para tirar a maquiagem, protetor labial sabor cereja e — *graças a Deus* — duas caixas de absorvente interno. Esmalte de unha e removedor de esmalte, pinça, cotonetes, lenços de papel, um frasco de sabão para lavar minha roupa de banho à mão e dois tubos de filtro solar fator de proteção 30. T.J. e eu já estávamos tão bronzeados que não achei que o protetor solar fosse fazer alguma diferença.

— Uau! — exclamou T.J. quando terminei de colocar todos os artigos de higiene pessoal em ordem.

— A ilha para onde supostamente íamos não tinha drogaria — expliquei. — Verifiquei isso.

Também embalei um pente e uma escova, elásticos e pregadores de cabelo, um baralho, minha agenda e uma caneta, dois pares de óculos escuros — um modelo Ray-Ban de aviador e outro com uma enorme armação preta — e um chapéu de vaqueiro de palha que eu sempre usava na piscina.

Apanhei cada peça de roupa, torci todas para retirar o excesso de água e as espalhei na areia para secar. Quatro biquínis, calças compridas largas de algodão, shorts, alguns tops, camisetas e um vestido de verão. Um par de tênis e diversos pares de meias. Uma camiseta de um show da banda REO Speedwagon e uma camiseta cinza da Nike com uma pincelada vermelha e os dizeres “*JUST DO*

IT” na frente. As duas eram de tamanho grande, e eu as usava para dormir.
Joguei minha roupa de baixo e o sutiã de volta na mala e a fechei. Eu ia tratar deles outra hora.
— Estamos com sorte de ser esta a mala que a maré trouxe.
— E a outra tinha o quê?
— Seus livros de estudos e os exercícios. — Eu havia preparado aulas, organizando toda a tarefa que T.J. teria que completar. Os romances que eu havia planejado ler durante o verão estavam naquela mala também, e pensei, saudosa, em como eles teriam ajudado a passar o tempo. Olhei para T.J., com uma expressão esperançosa. — Talvez consigamos encontrar a sua mala também.
— Sem chance. Meus pais levaram com eles. É por isso que eu carregava algumas roupas e minha escova de dentes na mochila. Minha mãe queria que eu carregasse alguma coisa no caso de o avião atrasar e eu ter que passar a noite em algum lugar.
— Verdade?
— Verdade.
— Hum. Imagine.

* * *

Juntei tudo de que eu precisava.
— Vou tomar um banho — falei. — Você não pode se aproximar da água enquanto eu estiver lá. Tudo bem?
T.J. confirmou com a cabeça.
— Não vou. Prometo. Vou ver se consigo fazer um caniço de pescar enquanto você estiver ocupada. Vou quando você voltar.
— Ok.
Quando cheguei à praia, tirei a roupa, caminhei até a água e mergulhei de cabeça. Lavei meu cabelo imundo, enxaguei e lavei de novo. O xampu tinha um cheiro incrível, mas talvez fosse porque eu cheirava tão mal. Depois de passar o condicionador, me ensaboei da cabeça aos pés e me sentei na praia, raspando as pernas e as axilas. Entrei na água para enxaguar e boiei durante algum tempo, satisfeita e limpa.
Vesti o biquíni amarelo e passei o desodorante; desembaracei os cabelos e os prendi com um prendedor. Escolhi os óculos escuros de armação preta, decidindo que T.J. devia usar o Ray-Ban.
Ele teve que me olhar duas vezes quando finalmente apareci. Eu me sentei perto dele, que se inclinou, me cheirou e disse:
— Os mosquitos vão comer você viva.
— Eu me sinto tão bem que nem me importo.
— O que você acha? — perguntou ele, me mostrando a vara de pescar.
Ele tinha feito um furo na extremidade de uma longa vara e prendido a corda do violão ali.

Enfiou a outra ponta da corda em uma abertura no gancho do meu brinco.

— Parece ótimo. Quando você voltar do banho, vamos tentar. Deixei tudo perto da água. Pode usar à vontade.

Ao voltar, T.J. tinha uma aparência limpa e um cheiro tão bom quanto o meu. Entreguei para ele os óculos Ray-Ban.

— Oba, obrigado — agradeceu ele, colocando-os no rosto. — São legais. — E pegou a vara de pescar.

— O que vamos usar como isca? — perguntei.

— Minhocas, eu acho.

Cavamos a terra por baixo das árvores até encontrarmos algumas minhocas. Pareciam larvas — eram brancas e se contorciam —, e estremeci. T.J. colocou um punhado nas mãos, e fomos até a beira da água.

— A corda não é muito comprida — disse T.J. — Não quis usar toda a corda do violão, com medo de que se partisse ou algo acontecesse com a vara.

Entramos na água até a altura da cintura, e ele jogou o anzol. Ficamos imóveis.

— Alguma coisa está beliscando — falou T.J.

Ele puxou rápido a vara e apanhou a corda. Gritei de animação quando vi um peixe pendurado nela.

— Ei, funcionou! — comemorou ele.

T.J. pescou mais sete peixes em menos de meia hora. Quando voltamos para a cabana, ele foi procurar madeira para usarmos como lenha, e comecei a limpar os peixes com a faca.

— Onde aprendeu a fazer isso? — perguntou T.J. quando voltou. Ele esvaziou a mochila cheia de galhos na pilha de lenha da cabana.

— Meu pai. Ele costumava nos levar, minha irmã Sarah e eu, para pescar o tempo todo, na casa que tínhamos quando eu era criança. Ele sempre usava um chapéu de pescador esquisito, com iscas presas em volta. Eu ajudava meu pai a limpar os peixes que pescávamos.

T.J. observava enquanto eu limpava o último peixe, raspando as escamas com a faca e cortando a cabeça. Passei a lâmina ao longo do peixe, separando o filé da pele. Despejei água de chuva nas mãos para lavar o sangue e as tripas, e depois cozinhei o peixe na pedra plana que usávamos para assar fruta-pão. Comemos todos os oito, um após o outro. O sabor era melhor do que o de qualquer outro peixe que eu já tinha comido.

— Que tipo de peixe você acha que é? — perguntei a T.J.

— Não sei. Mas é muito bom.

Sentamo-nos no cobertor depois do jantar, com os estômagos cheios pela primeira vez em semanas. Abri minha mala e puxei a agenda, alisando as páginas enrugadas.

— Há quantos dias estamos aqui? — perguntei a T.J.

Ele caminhou até a árvore e contou as marcas de contagem de tempo que fizera com a faca.

— Vinte e três.

Fiz um círculo ao redor da data no calendário. Já estávamos quase em julho.

— Vou controlar a partir de agora. — Foi então que lembrei. — Quando você tinha que retornar ao médico?

— Final de agosto. Tenho um exame marcado.

— Vão nos encontrar até lá.

Eu não contava com isso, na verdade. Pela expressão de T.J., ele também não.

* * *

Eu estava indo para o banheiro atrás de uma árvore quando ouvi o barulho. O som agitado e de asas batendo me pegou de surpresa e quase caí na minha poça de xixi. Fiquei de pé, puxei rápido a calcinha e o short e parei para ouvir, mas não escutei o barulho novamente.

— Acho que ouvi o barulho de um animal — falei para T.J. quando voltei.

— Que tipo de animal?

— Não sei. Era um barulho de agitação e de asas batendo. Você ouviu alguma coisa?

— Ouvi, sim. O mesmo que você.

Fomos juntos para o lugar onde eu tinha ouvido o barulho, mas não encontramos nada.

Juntamos toda a lenha que podíamos carregar no caminho de volta e colocamos na nossa pilha.

— Você quer nadar? — perguntou T.J.

— Claro.

Agora que eu tinha uma roupa de banho, nadar me parecia uma ótima ideia.

Aquelas águas transparentes teriam sido perfeitas para usar um *snorkel*. Nadamos durante meia hora e, pouco antes de sairmos da água, T.J. pisou em algo. Ele mergulhou e, quando emergiu, segurava um pé de tênis.

— É seu? — perguntei.

— É. Imaginei que ia acabar aparecendo.

— Por que seus pais escolheram essas ilhas? — perguntei. — São tão distantes.

— Mergulho autônomo. Supostamente são os melhores locais de mergulho do mundo. Meu pai e eu temos certificado — explicou T.J., enfiando os dedos dos pés na areia branca. — Quando eu estava bem doente, ele fazia a maior propaganda, dizendo para todo mundo que, assim que eu ficasse bom, íamos tirar essas grandes férias. Como se eu me importasse.

— Você não queria vir para cá?

— Por que não?

— Ninguém quer passar o verão inteiro com a família. Eu queria ficar em casa e sair com os

meus amigos. Aí eles me disseram que você vinha e que eu precisava compensar todo o estudo que eu tinha perdido ou repetiria o ano. Isso realmente me deixou puto. — Ele me olhou como se pedisse desculpas. — Sem ofensas.

— Não ofendeu.

— Mas eles não me escutaram. Meus pais se convenceram de que esta viagem seria a melhor coisa do mundo para a nossa família. Mas até minhas irmãs ficaram chateadas. Elas queriam ir para a Disney.

— Sinto muito, T.J.

— Tudo bem.

— Quantos anos têm as suas irmãs?

— Alexis tem nove, e Grace, onze. Às vezes elas me deixam maluco. Não param de falar. Mas são legais. Você tem irmãos?

— Tenho uma irmã, Sarah. Ela é três anos mais velha do que eu e é casada com um rapaz chamado David. Eles têm dois filhos: Joe tem cinco anos, e Chloe, dois. Sinto muito a falta deles todos. Não consigo parar de imaginar o que estão passando, principalmente meus pais.

— Também sinto falta da minha família — disse T.J.

Observei o céu azul-brilhante e voltei o olhar para a água turquesa, escutando o som tranquilizador das ondas batendo contra o rochedo.

— É realmente muito bonito aqui — falei.

— É — concordou T.J. — É mesmo.

CAPÍTULO 12

T.J.

Uma das coisas mais difíceis de enfrentar na ilha era o tédio. Levava tempo juntar comida e lenha, além de pescar duas ou três vezes por dia; ainda assim, tínhamos muitas horas ociosas. Explorávamos a ilha e nadávamos, mas também conversávamos. E não demorou muito para eu me sentir quase tão vontade com a Anna quanto ficava com os meus amigos. Ela realmente ouvia o que eu dizia. Anna perguntou como eu estava me sentindo emocionalmente. Supõe-se que homens devem ser fortes, e é óbvio que Ben e eu nunca ficávamos conversando sobre os nossos sentimentos, mas confessei para Anna que sentia uma sensação estranha no estômago toda vez que me indagava se algum dia seríamos encontrados. Contei que às vezes eu ficava com medo e que nem sempre dormia bem. Ela me disse que acontecia o mesmo com ela.

Eu gostava de dividir a cama com Anna. Às vezes ela se encolhia pertinho de mim, com a cabeça no meu ombro, e uma vez, quando eu estava dormindo de lado, ela pressionou o peito contra as minhas costas e encaixou os joelhos no espaço atrás dos meus. Fez isso dormindo, e não significou nada, mas foi uma sensação boa. Eu nunca tinha passado uma noite inteira com uma garota antes. Emma e eu só tínhamos dormido juntos por algumas horas, e o motivo principal era ela estar doente.

Eu gostava da Anna. Muito. Sem ela, realmente a ilha teria sido um saco.

* * *

Ninguém nos resgatou; por isso, perdi minha consulta de revisão com o oncologista no final de agosto. Anna mencionou isso no café da manhã, um dia.

— Estou preocupada por você não ter ido ao médico — disse ela, me passando um pedaço de peixe cozido. — Cuidado, está quente.

— Estou bem — falei, soprando o pedaço de peixe para esfriá-lo um pouco antes de colocar tudo na boca.

— Sim, mas você esteve bastante doente, não foi?

— Foi.

— Conte como foi — pediu Anna.

— Minha mãe achou que eu estivesse gripado. Eu estava com febre e comecei a suar de noite.

Perdi muito peso. Então, o médico descobriu um caroço no meu pescoço, e ficamos sabendo que era um nódulo linfático inchado. Fizemos alguns exames depois disso: radiografias, biópsia, ressonância magnética e uma tomografia por emissão de pósitrons, que eles chamam de PET. Aí me disseram que eu tinha um linfoma de Hodgkin de estágio três.

— Você começou a quimioterapia logo?

— Comecei. Mas não funcionou. Também encontraram uma massa no meu peito, e então também passei por sessões de radioterapia.

— Parece horrível.

— É, não foi divertido. Eu entrava e saía do hospital o tempo todo.

— Você ficou doente durante quanto tempo?

— Mais ou menos um ano e meio, acho. Durante um tempo, não fiquei bem. Os médicos não sabiam o que pensar.

— Deve ter sido bastante assustador, T.J.

— Na verdade, eles tentaram esconder o que estava realmente acontecendo, o que eu detestava. Eu só sabia que estava mal porque de repente ninguém me olhava direto nos olhos quando eu fazia as perguntas. Ou mudavam de assunto. Isso, sim, me dava medo.

— Aposto que sim.

— No começo, meus amigos me visitavam o tempo todo, mas, como não melhorei, alguns pararam de aparecer. — Bebi outro gole de água e devolvi a garrafa para a Anna. — Sabe o meu amigo Ben?

— Sei.

— Ele vinha todo santo dia. Passava horas vendo televisão comigo, ou apenas ficava lá, sentado em uma cadeira perto da minha cama no hospital, quando eu me sentia mal demais para me mexer ou falar. Meus pais e o médico costumavam ter umas conversas demoradas, no saguão ou em qualquer outro lugar, e eu pedia para Ben tentar escutar. Ele me contava tudo o que eles conversavam, por pior que fosse. Ele sabia que eu queria ouvir a história toda, sem rodeios, sabe?

— Claro — concordou ela. — Ele parece um ótimo amigo, T.J.

— E ele é, mesmo. Você tem uma melhor amiga?

— Tenho, Stefani. Nós nos conhecemos desde o jardim de infância.

— É muito tempo.

— Os amigos são importantes. Entendo por que você queria passar o verão com eles.

— É — falei, pensando sobre todo o pessoal em Chicago. Eles devem estar pensando que morri. Anna se levantou e se aproximou da pilha de lenha.

— Você vai me contar se notar algum sintoma?

Ela apanhou um tanto de lenha e jogou no fogo.

— Claro. Só não fique perguntando o tempo todo se eu me sinto bem. Minha mãe fazia isso e me deixava maluco.

— Tudo bem. Mas vou ficar um pouco preocupada.

— É... Eu também.

CAPÍTULO 13

Anna

O brilho da luz do sol me acordou, iluminando o interior do bote salva-vidas. T.J. já tinha se levantado e saído para apanhar lenha ou pescar. Dei um bocejo, espreguicei os braços e as pernas e engatinhei para fora da cama. Minha mala estava na cabana, e fui até lá. Peguei um biquíni e voltei para o bote para me trocar. Depois de me vestir, levantei as abas de náilon para arejar um pouco.

T.J. apareceu com os peixes que pescara para o café da manhã. Ele sorriu.

— Oi.

— Bom dia.

Fui verificar a árvore de fruta-pão e o coqueiro, carregando tudo o que estava caído no chão e trazendo para a cabana. T.J. quebrou os cocos enquanto eu limpava e cozinhava os peixes.

Depois do café da manhã, escovamos os dentes, enxaguando com a água da chuva, e anotei a data na minha agenda. Já era setembro. Difícil de acreditar.

— Quer nadar? — perguntou T.J.

— Claro.

Na semana passada, T.J. tinha avistado duas barbatanas logo fora dos recifes. Entramos em pânico e saímos da água, mas, enquanto observávamos, eles entraram na laguna. Golfinhos. Voltamos para a água e eles não se afastaram, esperando pacientemente que nos aproximássemos.

— Eles agem quase como se quisessem se apresentar — falei, maravilhada.

T.J. deu tapinhas em um deles e riu quando o golfinho soltou água pelo respiradouro. Eu nunca tinha visto criaturas tão sociáveis. Eles nadaram conosco por um tempo e depois se afastaram de repente, como se houvesse algum tipo de programação marinha.

— Talvez os golfinhos voltem hoje — falei e segui T.J. em direção à praia. Ele tirou a camisa e entrou na laguna.

— Isso seria o máximo. Eu queria montar em um.

Nós nos divertimos usando um dos recipientes plásticos desmontáveis como máscara de mergulho. Havia cardumes de peixes de cores brilhantes: roxo, azul, laranja e de listras amarelas e pretas. Avistamos uma tartaruga e uma enguia colocando a cabeça acima da superfície do oceano. Nadei rápido, para me afastar, quando vi aquilo.

— Nada de golfinhos — comentei após T.J. e eu termos nadado por pelo menos uma hora. — Nós nos desencontramos, provavelmente.

— Podemos tentar de novo depois de um cochilo. — De repente, ele apontou para a beira da

água. — Anna, olhe lá.

Era possível ver uma pata de caranguejo saindo da areia, a pinça abrindo e fechando. Saímos correndo da água.

— Vou pegar meu casaco — disse ele.

— Rápido! Ele está tentando se enterrar.

T.J. voltou em tempo recorde, enrolou o casaco ao redor do caranguejo e o puxou para fora da areia. Votamos para a cabana, e T.J. o jogou no fogo.

— Ah, meu Deus! — exclamei, pensando por um segundo sobre o fim violento do caranguejo. Superei rapidamente esse sentimento.

Quebramos as patas com o alicate da caixa de ferramentas, nos fartando. A carne de caranguejo — mesmo sem o molho de manteiga derretida — tinha um sabor melhor do que qualquer outra coisa que já tinha comido desde que havíamos chegado à ilha. Agora que sabíamos onde eles se escondiam, T.J. e eu teríamos que verificar a beira da água todo dia. Eu estava tão saturada de peixe, coco e fruta-pão que às vezes mal conseguia engolir esses alimentos. Acrescentar a carne de caranguejo forneceria um pouco de variedade, algo de que nossa dieta precisava desesperadamente.

Quando o caranguejo não era nada além de uma pilha de pedaços de cascas, peguei o cobertor no bote salva-vidas e o estendi embaixo do coqueiro. Nós nos deitamos um ao lado do outro. A sombra da árvore nos ajudava a nos manter frescos na parte mais quente do dia, e aquele tinha se tornado nosso local favorito para um cochilo depois do “almoço”.

Uma aranha enorme, peluda e assustadora, com o corpo quase do tamanho de uma bola de golfe, se arrastou preguiçosamente pelo ombro de T.J., e eu logo a expulsei com um peteleco.

— Até eu fiquei com calafrios com esta aqui — falei.

T.J. estremeceu. Ele odiava aranhas e sempre balançava o nosso cobertor, verificando se havia alguma escondida, antes de recolocá-lo no bote salva-vidas. Eu, pessoalmente, detestava cobras. Já tinha pisado em uma, e a única coisa que me impediu de ficar traumatizada por completo foi o fato de estar calçando tênis. Odiava pensar na hipótese de pisar descalça em uma cobra; se elas eram venenosas ou não, era estressante demais para pensar.

Achei que T.J. já tivesse adormecido, mas então ele disse:

— O que acha que vai acontecer com a gente, Anna? — A voz dele soou sonolenta.

— Não sei. Acho que temos que continuar fazendo o que estamos fazendo e tentar aguentar até que alguém nos encontre.

— Não estamos nos saindo tão mal assim — disse T.J., rolando para ficar de bruços. — Aposto como tem gente que ficaria surpresa com isso.

— Eu fico surpresa. — Meu estômago cheio também estava me deixando sonolenta. — Não é como se tivéssemos escolha, T.J. Ou encontrávamos uma maneira de nos virarmos ou morreríamos.

T.J. levantou a cabeça do cobertor e me olhou de uma forma contemplativa.

— Você acha que nossas famílias fizeram funerais para nós?

— Acho que sim.

A ideia de nossas famílias preparando cerimônias em nossa homenagem me magoou tanto que fechei os olhos com força e me obriguei a dormir, com a esperança de fugir das imagens de uma igreja lotada, um altar vazio e as expressões chorosas de meus pais.

Depois do cochilo, fomos pegar lenha, uma tarefa monótona e interminável. Mantínhamos o fogo aceso, em parte porque T.J. não teria que fazer outro, e em parte porque ambos ainda tínhamos esperança de que um avião pudesse voar acima dele. Quando isso acontecesse, estaríamos prontos, nossa pilha de folhas verdes enviando sinais de fumaça assim que as jogássemos nas chamas.

Aumentamos a pilha de lenha da cabana. Depois, enchi o recipiente que havia acomodado o bote salva-vidas com água do mar, juntei uma medida de sabão para lavar roupas e fiquei mexendo nossas roupas sujas lá dentro.

— Deve ser dia de lavar roupa — disse T.J.

— Isso.

Esticamos uma corda entre duas árvores e penduramos a roupa para secar. Não era muita coisa; T.J. não usava nada além de um short. Eu passava os dias de biquíni e dormia à noite com uma camiseta do T.J. e um short.

Mais tarde, nessa mesma noite, após o jantar, T.J. perguntou se eu queria jogar baralho.

— Pôquer?

Ele riu.

— O quê? Você já não apanhou o suficiente da última vez?

T.J. me ensinara a jogar, mas eu não era muito boa. Pelo menos, ele pensava isso. Eu começava a pegar o jeito e estava pronta para ganhar.

Seis mãos depois, das quais ganhei quatro, ele disse:

— Hum, acho que não estou no melhor dos meus dias. Quer jogar damas, então?

— Tudo bem.

Ele desenhou um tabuleiro de damas na areia. Usávamos pedrinhas como peças e jogamos três partidas.

— Mais uma? — perguntou T.J.

— Não, vou tomar banho.

Eu já estava preocupada com o nosso estoque de sabonete e xampu. Eu tinha levado um bocado dos dois, mas T.J. e eu tínhamos concordado em tomar banho dia sim, dia não, para economizar. Estávamos sempre limpos, porque nadávamos bastante, mas nem sempre exalávamos o melhor dos odores.

— Sua vez — falei, quando voltei da praia.

— Sinto falta de um chuveiro — falou T.J.

Depois que T.J. tomou banho, fomos para a cama. Ele fechou a portinhola móvel do bote salva-vidas e se deitou perto de mim.

— Daria qualquer coisa por uma Coca-Cola — falou T.J.

— Eu também. daquelas grandes, cheias de gelo.

— E eu queria pão também. Não fruta-pão. Pão de verdade. Um sanduíche enorme, com batatas fritas e pickles.

— Uma pizza à moda de Chicago — completei.

— Um cheeseburger enorme e cheio de molho.

— Bife — falei. — E uma batata assada com queijo e creme azedo.

— Torta de chocolate de sobremesa.

— Eu sei fazer torta de chocolate. Minha mãe me ensinou.

— Daquela com lascas de chocolate em cima?

— É. Quando sairmos desta ilha, vou fazer uma para você. — Suspirei. —

Estamos só nos torturando.

— Eu sei. Agora estou com fome. Bom, eu já estava meio com fome.

— Boa noite, T.J.

— Boa noite.

* * *

T.J. colocou os peixes que apanhara no chão ao meu lado e se sentou.

— As aulas recomeçaram há duas semanas — falei.

Marquei um X no calendário, coloquei a agenda de lado e comecei a limpar nosso café da manhã.

T.J. deve ter reparado minha expressão, porque disse:

— Você parece triste.

Confirmei com um aceno de cabeça.

— É difícil, para mim, saber que outra professora está exatamente agora na frente de todos os meus alunos, no meu lugar.

Eu lecionava inglês no ensino médio e adorava comprar os suprimentos da escola e selecionar os livros para as minhas estantes. Eu sempre deixava em cima da minha mesa uma grande caneca cheia de canetas, e não sobrava nenhuma no final do ano.

— Então, você gosta do seu trabalho?

— Adoro. Minha mãe era professora. Ela se aposentou no ano passado, e eu sempre soube que seguiria a mesma profissão. Quando eu era criança, queria brincar de professora o tempo todo, e ela costumava me dar estrelas douradas para que eu pudesse dar notas no dever de casa de meus bichos de pelúcia.

— Aposto que você é uma professora maravilhosa.

— Tonto ser. — Sorri. Coloquei os peixes limpos na minha pedra de cozinhar e a levei para perto das chamas. — Você acredita que estaria começando o terceiro ano?

— Não. Parece que estou fora da escola há muito tempo.

— Você gosta da escola? Sua mãe me disse que você era um bom aluno.

— Mais ou menos. Eu queria alcançar a minha turma. Também tinha esperanças de voltar à equipe de futebol americano. Tive que abandonar quando fiquei doente.

— Então você gosta de esportes? — perguntei.

— Principalmente futebol americano e basquete. E você gosta?

— Claro.

— Você pratica algum esporte?

— Bom, eu corro. Participei de duas meias maratonas no ano passado, pratiquei corrida e joguei basquete na escola. Às vezes, faço ioga. — Verifiquei os peixes e afastei a pedra do fogo para que esfriasse. — Sinto falta de me exercitar.

Não conseguia me imaginar correndo agora. Mesmo que tivéssemos alimento suficiente para justificar, correr em volta da ilha iria fazer eu me lembrar de um hamster em uma roda. Correr e não chegar a lugar algum.

* * *

T.J. caminhava com uma mochila cheia de madeira para usarmos como lenha.

— Feliz aniversário — falei.

— Hoje já é dia vinte de setembro? — Ele jogou uma tora no fogo e se sentou perto de mim. Confirmei com a cabeça.

— Desculpe, não comprei presente para você. O shopping da ilha é uma droga.

— Tudo bem, não preciso de um presente.

— Talvez você possa dar uma grande festa quando sairmos da ilha. T.J. deu de ombros.

— É. Pode ser.

T.J. parecia ter mais que seus dezessete anos. Reservado, até. Talvez o fato de enfrentar problemas graves de saúde tenha eliminado parte do comportamento imaturo que vinha à tona quando as únicas preocupações eram tirar a carteira de motorista, matar aula ou chegar mais tarde em casa.

— Não acredito que outubro já está chegando — falei. — Provavelmente as folhas estão começando a mudar de cor lá em casa.

Eu adorava o outono: assistir a jogos de futebol americano, levar Joe e Chloe para os eventos de

Halloween e sentir um friozinho no ar. Eram algumas das minhas coisas favoritas.

Fitei as palmeiras, as folhagens verdes se agitando com a brisa. O suor escorria lentamente pelo meu rosto, e o constante odor de coco em minhas mãos me lembrava do cheiro de loção bronzeadora.

Seria sempre verão na ilha.

CAPÍTULO 14

T.J.

A chuva caía lateralmente. Trovões estrondeavam, raios iluminavam o céu. O vento balançava o bote salva-vidas, e eu estava preocupado, achando que ele pudesse nos deslocar a caminho da praia. Fiz uma anotação mental: Encontrar algo para ancorar o bote salva-vidas amanhã.

— Você está acordada? — perguntei a Anna.

— Estou.

A tempestade mostrou sua ira durante horas. Nós nos aconchegamos um ao outro cobrindo nossas cabeças com o cobertor. O fino náilon que cobria o teto e descia pelas laterais do bote salva-vidas era toda a proteção que tínhamos contra os raios, ou seja: proteção nenhuma. Não falamos muito, apenas esperamos que a tempestade passasse e, quando isso finalmente aconteceu, voltamos a dormir, ambos exaustos.

Na manhã seguinte, Anna trouxe diversos coquinhos verdes que caíram da árvore com a tempestade. Nós os abrimos. A carne tinha um sabor adocicado, e a água não era tão amarga quanto os cocos castanhos.

— São tão bons — disse Anna.

A cabana tinha desabado, e nosso fogo se extinguiu. Por isso, tive que fazer outro, desta vez usando meu cadarço. Eu o amarrei às extremidades de uma vara curva. Dando um nó no cordão, enfiei outra vara de forma que ficasse perpendicular ao pedaço de madeira onde eu a apoiava.

— O que está fazendo? — perguntou Anna.

— Vou usar isso aqui para rodar a vara. Foi isso que o cara na TV fez.

Ajustei a tensão na corda e mantive a vara em ângulos diferentes. Levei um tempo para conseguir fazer a vara girar na velocidade certa. Mas, quando isso aconteceu, obtive fumaça em cerca de quinze minutos, e as chamas, logo depois.

— Uau! — exclamou Anna. — Ótima ideia.

— Obrigado.

Empilhei o material combustível e observei o fogo crescer. Anna e eu reolocamos a cabana no lugar. Enxuguei o suor dos olhos e disse:

— Espero que não haja tempestade pior que essa. — Inclinei a última vara contra a cabana. — Porque não sei o que vamos usar como abrigo se houver uma mais forte.

Anna se afastou para tomar um banho. Vasculhei a mala dela, tentando encontrar a camiseta do REO Speedwagon. Ela me disse que eu podia usar, assim como a da Nike: as duas cabiam em mim. Não encontrei a camiseta, mas encontrei duas caixas de absorventes internos enfiados por baixo de uns shorts.

O que será que ela vai fazer quando os absorventes acabarem?

Remexi um pouco mais nas coisas e reparei nos sutiãs, dobrados e empilhados com cuidado. O preto estava em cima. Peguei um frasco de loção de baunilha, abri a tampa e cheirei.

É por isso que às vezes ela cheira a cupcakes.

Abri um recipiente redondo de plástico. Continha pílulas bem pequenas, com um círculo marcando os dias da semana. Faltavam cinco pílulas. Levei um tempo para perceber que eram anticoncepcionais. Encontrei mais dois pacotes fechados.

Anna não se importava que eu mexesse na mala dela: eu guardava as minhas roupas lá também, porque usávamos minha mochila para carregar a lenha. Mas ela provavelmente não queria que eu mexesse em todas as coisas dela. Eu já ia fechar a mala quando descobri as calcinhas. Estavam no fundo, perto dos tênis. Olhei por cima do ombro, depois apanhei uma calcinha rosa e levantei.

Será que daria para ver através desta calcinha quando ela estiver usando?

Coloquei de volta no lugar e peguei uma preta, fio dental.

Muito sexy. Mas deve ser desconfortável à beça.

Toquei uma calcinha vermelha e olhei com mais cuidado um lacinho preto no meio do elástico da cintura.

Uau. Isso seria um tesão de presente.

Aí apanhei um amontoado de cinco ou seis calcinhas de uma vez só, levei até o meu rosto e cheirei.

— O que você está *fazendo*? — perguntou

Anna. Eu me virei rapidamente.

— Nossa, você me deu o maior susto!

— Estou procurando a sua camiseta do REO Speedwagon.

— Verdade? Porque está me parecendo que você está brincando com a minha roupa de baixo.

— Ela colocou o sabonete e o xampu na mala.

Ela não parecia zangada, então puxei o fio dental, levantei para ela ver e disse:

— Isso aqui me parece totalmente desconfortável.

— Devolva isso.

Ela tirou da minha mão e jogou de volta na mala enquanto apertava os lábios e tentava não rir.

Quando percebi que ela não tinha ficado brava comigo, sorri e disse:

— Sabe de uma coisa, Anna? Você é legal.

— Fico contente de você pensar assim.

— Eu realmente *estava* procurando a sua camiseta do REO Speedwagon, mas não consegui encontrar.

— Está pendurada na corda. Já deve ter secado.

— Obrigado.

— Por nada. Mas não fique cheirando minha roupa de baixo de novo, está bem?

— Você viu, não foi?

— Vi.

CAPÍTULO 15

Anna

Os golfinhos nadavam à minha volta na laguna. Eles mergulhavam por baixo do meu corpo e submergiam do outro lado. Faziam os barulhos de guinchos mais engraçados e, quando eu falava com eles, agiam como se me entendessem. T.J. e eu gostávamos de agarrar as barbatanas dos golfinhos e ríamos quando nos deixavam montar neles. Eu era capaz de brincar com eles durante horas.

T.J. correu para a laguna.

— Anna, adivinhe o que eu encontrei.

O outro pé do tênis de T.J. chegara à costa e, como ele não precisava mais se preocupar em machucar os pés, passava horas na mata, procurando algo interessante. Até então, não encontrara nada além de picadas de mosquitos, mas continuava procurando assim mesmo. Pelo menos tinha algo para se entreter.

— O que você encontrou? — perguntei, dando tapinhas em um dos golfinhos.

— Coloque seus tênis e venha ver.

Eu me despedi dos golfinhos, o segui até a cabana e coloquei os sapatos e as meias.

— Tudo bem, agora estou curiosa. O que foi?

— Uma caverna. Saí para pegar uma pilha de galhos e, quando a puxei, vi a abertura.

Quero ver o que tem dentro.

Só levamos alguns minutos até chegarmos à caverna. T.J. se ajoelhou na entrada e engatinhou para dentro.

— É mais estreito do que eu pensei — gritou T.J. — Deite no chão de barriga para baixo e se arraste. É apertado, mas tem espaço.

— De jeito nenhum — gritei de volta. — Não vou entrar nessa caverna nunca.

Meu coração bateu mais rápido, e comecei a suar só de pensar na possibilidade.

— Estou tentando ver alguma coisa, mas não consigo enxergar nada.

— Por que você quer fazer isso? E se encontrar uns ratos ou uma aranha enorme assustadora?

— O quê? Você acha que pode ter alguma aranha aqui?

— Não, deixa para lá.

— Não acho que tenha nada aqui além de pedras e galhos. Mas não tenho certeza.

— Se os galhos estiverem secos, traga para fora. Podemos colocar na pilha de lenha.

— Tudo bem.

T.J. engatinhou para fora da caverna e se levantou com algo que parecia uma tíbia, em uma mão, e algo que era decididamente um crânio, na outra. Ele largou os ossos e exclamou:

— Puta merda!

— Ai, meu Deus — falei. — Não sei quem era, mas as coisas *não* acabaram bem para ele.

— Você acha que é a pessoa que construiu aquela choupana? — perguntou

T.J. enquanto fitávamos o crânio.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Seria o meu palpite.

Andamos até a nossa cabana e tiramos um pedaço de madeira incandescente do fogo para usar como tocha. Voltamos correndo para a caverna, e T.J. engatinhou para dentro, segurando a tocha na frente.

— Não se queime — gritei para ele.

— Pode deixar.

— Você entrou?

— Entrei.

— O que está vendo?

— Definitivamente, é um esqueleto. Mas não tem mais nada aqui. — T.J. saiu e me entregou a tocha. — Vou colocar os ossos de volta na caverna, com o resto.

— Boa ideia.

— Bom, aquilo foi assustador — falei.

— Quanto tempo um corpo demora para virar um esqueleto? — perguntou T.J.

— No calor e na umidade? Provavelmente não muito.

— Definitivamente acho que é do cara da choupana.

— Você deve ter razão. E, se for ele, lá se vai uma das nossas chances de resgate. —

Balancei a cabeça. — Ele não vai voltar porque nunca saiu daqui. Mas de que ele terá morrido?

— Não sei. — T.J. jogou uma lenha na fogueira e se sentou ao meu lado. — Por que você não quis entrar na caverna? Quer dizer, antes de saber do esqueleto.

— Não suporto lugares pequenos e fechados. Entro em pânico. Sabe a casa no lago de que falei? Aquela onde eu e meu pai pescávamos?

— Sei.

— Sarah e eu sempre brincávamos com outras crianças que passavam as férias lá com as famílias. Havia uma estrada que rodeava o lago e por baixo dela passava uma tubulação de drenagem. As crianças sempre desafiavam umas às outras para atravessarem engatinhando até o outro lado. Uma vez, Sarah e eu decidimos ir e convencemos todo mundo a ir junto. Na metade do caminho, entrei em pânico. Eu não conseguia respirar, e a pessoa na minha frente não se movia. Eu não podia ir para trás porque havia crianças atrás de mim também. Eu tinha uns sete anos e não era muito grande, mas

a tubulação era estreita. Finalmente, chegamos até o outro lado, e Sarah teve que chamar nossa mãe porque eu não parava de chorar. Eu me lembro disso como se fosse ontem.

— Não é de admirar que você não quisesse entrar lá.

— O que não consigo entender é por que Esqueleto se arrastaria lá para dentro para morrer.

— Esqueleto?

— Acho que ele merece um nome. Esqueleto soa melhor do que “o cara da choupana”.

— Está bom para mim — concordou T.J.

* * *

Eu me sentei perto da nossa cabana para jogar paciência. Quando T.J. chegou, percebi na hora que algo estava errado porque ele segurava o braço colado ao corpo e o apoiava com a outra mão. Seu ombro estava caído para baixo.

Eu me levantei.

— O que aconteceu?

— Caí de um coqueiro.

— Venha aqui.

Coloquei meu braço em volta da cintura dele e o guiei lentamente até o bote salva-vidas. Ele se retraía ao menor movimento e tentou, sem sucesso, reprimir um gemido quando eu o ajudei a se deitar. A forte e súbita urgência de tomar conta dele, de diminuir a dor que ele sentia, me surpreendeu.

— Já volto. Vou pegar um analgésico.

Despejei dois comprimidos na palma da mão e enchi uma garrafa com água do coletor. Coloquei os comprimidos na boca de T.J. e levantei a cabeça dele para que pudesse tomar um gole. Ele engoliu e respirou lentamente.

— Por que estava subindo na árvore?

— Eu estava tentando alcançar aqueles coquinhos verdes de que você gosta. Sorri.

— Isso foi muito gentil da sua parte, mas acho que a sua clavícula está quebrada. Vou esperar o analgésico fazer efeito e então vou tentar improvisar alguma espécie de tipoia.

— Tudo bem — disse ele, fechando os olhos.

Olhei na minha mala e encontrei uma camiseta regata comprida branca. Depois de vinte minutos, ajudei T.J. a se levantar.

— Sinto muito, eu sei que dói.

Dobrei seu braço e apoiei a tipoia por baixo, amarrando delicadamente no ombro. Ajudando-o a se sentar de novo, penteei seu cabelo para afastá-lo do rosto e beijei sua testa.

— Tente não se mexer muito.

— Tudo bem, Anna.

Talvez não estivesse doendo tanto, porque, quando dei outra olhada nele antes de sair do bote, ele tinha um sorriso no rosto.

Acordei aquela noite e coloquei lenha na fogueira.

— Anna?

A voz de T.J. me surpreendeu.

— Sim?

— Você pode me ajudar a sair daqui? Tenho que fazer xixi.

— Claro.

Eu o ajudei a sair pela porta do bote e então ajeitei o fogo. Quando ele voltou, eu lhe dei mais analgésico.

— Você conseguiu dormir alguma coisa? — perguntei.

— Na verdade, não.

Na manhã seguinte, um hematoma inchado e roxo apareceu onde o osso havia quebrado. Ele fez uma careta quando apertei a tipoia e lhe dei uma terceira dose de analgésico.

Ele não aceitou nenhum outro comprimido depois daquele.

— Não quero tomar muito, Anna. Podemos precisar outra vez.

Depois de três dias, ele se sentiu melhor e me seguia como um cachorrinho. Vinha para a praia enquanto eu pescava, me acompanhava de perto quando eu ia pegar fruta-pão e queria ajudar a esvaziar o coletor de água. Quando tentou ir comigo apanhar lenha, eu o mandei de volta para o cobertor embaixo do coqueiro.

— Você não vai ficar bom se não parar de se mexer, T.J.

— Estou entediado. E preciso realmente tomar um banho. Você pode me ajudar quando voltar?

— O quê? Não, não vou dar banho em você.

— Anna, você pode me ajudar ou você pode ficar sentindo o meu cheiro. Eu o cheirei.

— É, você já foi mais cheiroso. Tudo bem, vou ajudar, mas só vou lavar certas partes, e só porque você está fedendo.

Ele deu um sorriso malicioso.

— Obrigado.

Fomos até a laguna assim que voltei com a madeira para lenha. T.J. ficou de short e se sentou na água de modo que ela cobrisse a parte de baixo do corpo. Eu me ajoelhei ao lado dele e esfreguei a barra de sabonete nas minhas mãos.

— Segure isso para mim — falei, entregando a ele.

Comecei lavando seu rosto suavemente com as minhas mãos ensaboadas. Depois, apanhei um pouco de água na palma da mão em concha e enxaguei, meus dedos tocando as suas faces, a barba

por fazer, a mandíbula e a parte superior ao lábio.

— Sensação boa — disse ele.

Enchi o recipiente de plástico que eu trouxera e o virei na cabeça dele, para lavar o cabelo. Havia crescido à beça, e ele o tirava constantemente dos olhos. Ele gostava de usar meu chapéu de palha para tirar o cabelo do rosto, o que não era um problema para mim. Havia muito eu já decidira que o boné dele era meu.

— Eu queria ter uma tesoura — comentei. — Cortaria o seu cabelo.

Ele me entregou o sabonete, e fiz espuma nas minhas mãos mais uma vez. Lavei seu pescoço e desci para o seu peito, meus dedos deslizando pelos seus mamilos endurecidos. Ele me observava em silêncio.

Lavei embaixo do seu braço bom e as suas costas. Ele não conseguia levantar o outro braço, então fiz o melhor que pude, tocando-o delicadamente perto do machucado.

— Desculpe — falei quando ele se retraiu.

Cometi o erro de olhar para baixo quando eu estava pronta para lavar as pernas dele. A água da laguna era transparente o suficiente para ver que ele tinha uma ereção saltando do short.

— T.J.!

— Desculpe. — Ele me olhou encabulado. — Não consegui esconder esta aqui. *Espere aí, quantas foram?*

Eu não sabia para onde olhar. Mas não era culpa dele. Eu tinha me esquecido do que poderia acontecer quando se esfrega o corpo de um garoto de dezessete anos.

Ou de qualquer homem, na verdade.

— Não, tudo bem. Só me pegou de surpresa, só isso. Pensei que você estivesse com dor. Parecendo verdadeiramente confuso, ele disse:

— Bem, eu não quebrei *isto*.

Tudo bem, vamos em frente.

Lavei as pernas dele e, quando cheguei nos pés, descobri que ele sentia cócegas. Ele empurrou o pé para longe, mas então gemeu quando o movimento causou um solavanco na parte de cima do seu corpo.

— Desculpe. Tudo bem, você está meio limpo.

— Você vai me enxugar? — Ele me deu um sorriso cheio de esperanças.

— Rá. Isso é engraçado. Você deve estar nos confundindo com pessoas que têm toalhas.

— Obrigado, Anna.

— De nada.

Eu o ajudei a tomar banho pelas duas semanas seguintes, até ele estar curado o suficiente para fazer isso sozinho. A cada vez, ficava um pouco menos embaraçoso para mim. Mas não olhei para baixo outra vez, para verificar como o afetava.

— Isso não é tão ruim para você, não é? — perguntei um dia enquanto lavava o cabelo dele.

— De jeito nenhum — respondeu, com um grande sorriso nos lábios. — Mas não se preocupe — acrescentou com uma falsa seriedade. — Vou retribuir um dia desses. Se você se machucar, com certeza vou lhe dar um banho.

— Vou manter isso em mente.

Fiz uma nota mental de ser extremamente cuidadosa. Dar banho nele podia ter sido constrangedor, mas não era nada comparado a como eu me sentiria se fossem suas mãos ensaboadas se movendo pela minha pele.

CAPÍTULO 16

T.J.

Anna estava parada ao lado do bote salva-vidas. Eu lhe entreguei os peixes que havia apanhado e guardei o arpão na cabana.

— Tem alguma água no coletor?

— Não.

— Talvez chova mais tarde.

Ela olhou com expectativa para o céu e começou a limpar o peixe.

— Espero que sim.

Era novembro, e estávamos na ilha havia cinco meses. Anna disse que a estação das chuvas não retornaria até maio. Ainda chovia dia sim, dia não, mas não por muito tempo. Nós tínhamos água de coco, mas ainda assim estávamos com muita sede.

— Pelo menos sabemos que nunca devemos beber a água do lago — disse Anna, encolhendo os ombros. — Aquilo foi horrível.

— Meu Deus, nem me lembre. Achei que fosse colocar meu baço para fora.

Não podíamos controlar a chuva, mas as Maldivas tinham uma vasta vida marinha. O coco e a fruta-pão mal davam para matar a nossa fome, mas os peixes coloridos e brilhantes que eu tirava da laguna não nos deixavam morrer de fome.

Eu ficava de pé na água que batia na altura da cintura e pegava um por um. Nenhum media mais do que quinze centímetros — um brinco e uma corda de violão não aguentariam mais peso —, e eu estava preocupado em pegar algo maior e acabar rompendo a linha. Era uma boa coisa Anna ter tantos brincos na mala, porque eu já havia perdido um.

Embora tivéssemos o suficiente para comer, Anna disse que nossa dieta não tinha um monte de coisas importantes.

— Estou preocupada com você, T.J. Você ainda está em fase de crescimento.

— Estou crescendo bem.

Nossa dieta não devia ser tão ruim, porque meus shorts desciam até os joelhos quando o avião caiu e agora estavam pelo menos dois centímetros acima.

— A fruta-pão deve ter vitamina C, senão já estaríamos com escorbuto — murmurou Anna.

— Que diabo é escorbuto? — perguntei. — Parece nojento.

— É uma doença causada pela falta de vitamina C — explicou ela. — Os piratas e os navegadores pegavam essa doença em viagens muito longas. Não é nada agradável.

Anna devia se preocupar mais consigo mesma. O biquíni dela fazia um papo no bumbum, e os seios não enchiam o sutiã como antes. A clavícula saltava, e as costelas apareciam. Eu tentava fazer com que ela comesse mais, e ela fazia um esforço, mas metade das vezes eu acabava terminando o prato dela. Ao contrário de Anna, comer todos os dias a mesma coisa não me incomodava, e eu comia sempre que ficava com fome.

Uma manhã, algumas semanas depois, Anna disse:

— Hoje é dia de Ação de Graças.

— É?

Eu não prestava muita atenção às datas, mas Anna se mantinha atualizada todos os dias.

— É. — Ela fechou a agenda e a colocou no chão ao seu lado. — Acho que nunca comi peixe no dia de Ação de Graças antes.

— Ou coco e fruta-pão — acrescentei.

— Não importa o que comemos. O dia de Ação de Graças é para agradecer o que temos.

Ela tentou ficar animada quando disse aquilo, mas então enxugou os olhos com as costas da mão e colocou os óculos escuros.

Nenhum de nós mencionou o feriado pelo resto do dia. Eu não havia pensado a respeito do dia de Ação de Graças. Achei que alguém teria nos encontrado antes. Anna e eu quase não falávamos mais em resgate — esse assunto nos deprimia. Tudo o que podíamos fazer era aguardar e esperar que alguém sobrevoasse a ilha e nos enxergasse. Essa era a parte mais difícil: não ter nenhum controle sobre a nossa situação, a não ser que decidíssemos partir no nosso bote salva-vidas, mas Anna nunca concordaria com isso. Ela estava certa. Provavelmente, seria suicídio.

Naquela noite, na cama, ela sussurrou:

— Agradeço por termos um ao outro, T.J.

— Eu também.

Se Anna tivesse morrido depois do acidente de avião e eu estivesse sozinho esse tempo todo, fico imaginando se eu teria conseguido sobreviver.

* * *

Passamos o Natal perseguindo uma galinha.

De manhã bem cedo, quando me agachei para pegar madeira para a pilha de lenha, gritei como uma garota quando uma galinha saiu de um arbusto próximo e me deu um baita susto.

Fui atrás dela, mas ela desapareceu em outro arbusto. Enfiei a mão e apalpei ali dentro, mas não consegui alcançar.

— Anna, aquele som de bater de asas que sempre ouvimos é de uma galinha — falei quando voltei com a lenha.

— Tem galinhas aqui?

— Tem. Persegui uma nos arbustos, mas ela fugiu. Amarre seus tênis. Vamos ter galinha na ceia de Natal.

* * *

— Está aqui. Eu ouvi. Vou chutar o arbusto, então fique pronto para pegar a galinha quando ela correr para fora — disse Anna, assim que entrou em ação a Operação Capturar uma Galinha.

Nós a estávamos perseguindo havia mais de uma hora, de uma ponta a outra da ilha, e finalmente estávamos nos aproximando.

— Lá está ela! — gritou Anna quando a galinha veio batendo as asas para fora do arbusto perto de mim.

Tentei agarrá-la, mas a única coisa que consegui foi um punhado de penas.

— Merda, sua filha da puta!

Corri atrás dela. Anna me alcançou, e nós a encurralamos num aglomerado de arbustos. Ela começou a tentar escapar por um buraco entre as folhas, mas Anna deu um bote e a segurou. Agarrei as patas, puxei-a para fora do arbusto e a joguei contra o chão.

Anna não parou nem um instante.

— Bom trabalho, T.J. — Ela deu tapinhas nas minhas costas.

Cortei a garganta da galinha e a pendurei de cabeça para baixo até que a maior parte do sangue tivesse se esvaído. Depois, tirei as penas, tentando não olhar para a cabeça.

Anna a cortou com uma faca.

— Não é essa a aparência dela no supermercado — disse ela.

— Ficou bom — falei.

Ela a destroçou completamente, colocamos os pedaços em diversas pedras e levamos para perto do fogo.

Ela cheirou o ar.

— Cheire isso — disse ela enquanto a galinha cozinhava.

Quando parecia cozida, deixamos esfriar e então puxamos a pele com nossos dedos. Estava queimada em alguns pontos e um pouco mal cozida em outros, mas o gosto era delicioso.

— Essa galinha está demais — falei, lambendo os dedos.

Anna terminou a coxa que estava comendo e disse:

— Com certeza. — Ela jogou o osso da galinha na pilha de ossos que crescia ao lado do fogo, limpou a boca com as costas da mão e disse: — Estou imaginando quantas galinhas existem aqui.

— Não sei. Mas vamos encontrar cada uma delas.

— Essa foi a melhor galinha que eu já comi, T.J.

Arrotei e ri.

— Sem dúvida.

Comemos até os ossinhos ficarem limpos e esticamos o cobertor no chão, longe do fogo.

— Você abre seus presentes na véspera de Natal ou no dia de Natal? — perguntei a ela.

— Na véspera. E você?

— Também. Às vezes, Grace e Alexis imploram para abrir no dia vinte e três, mas minha mãe não deixa.

Nós nos deitamos um ao lado do outro, relaxando. Pensei em Grace e em Alexis, na minha mãe e no meu pai. Eles provavelmente estavam sofrendo, comemorando o primeiro Natal sem mim.

Se ao menos eles soubessem que eu e Anna estávamos vivos e segurando as pontas...

* * *

A chuva voltou em maio, e Anna e eu relaxamos um pouco. Mas havia mais tempestades agora, e não podíamos fazer nada além de nos aconchegar no bote salva-vidas, escutando os trovões enquanto esperávamos os temporais acabarem.

Uma das tempestades foi tão forte que derrubou uma árvore, que transformei em lenha com o serrote. Levei dois dias, mas, quando terminei, a pilha de lenha enchia a cabana.

Depois, fui até a praia me refrescar. Anna mergulhava, brincando com seis golfinhos. Entrei na água e fiz um carinho em um deles, na cabeça, e posso jurar que ele sorriu.

— Seis, uau! Isso é um recorde — exclamei.

— Eu sei. Todos eles vieram de uma vez hoje.

Os golfinhos nadavam na laguna com a precisão de um relógio, no final da manhã e no final da tarde. Sempre havia pelo menos dois, mas essa foi a primeira vez que apareceram tantos ao mesmo tempo.

— Você está suando — disse ela. — Estava serrando de novo?

Mergulhei a cabeça na água e me sacudi como um cachorro quando voltei à tona.

— Sim, mas já acabei. Não vamos precisar juntar lenha por um tempo. — Eu me espreguicei, os braços doendo. — Você faria uma massagem em meus ombros, Anna? Por favor?

— Venha cá. — Ela me levou até a água. — Vou fazer uma massagem nas suas costas. Minha massagem é mundialmente famosa.

Eu me sentei na sua frente e quase gemi quando Anna tocou meus ombros. Ela não estava brincando sobre sua habilidade naquilo, e fiquei imaginando se ela fazia muitas massagens no namorado. As mãos dela eram mais fortes do que achei que fossem, e ela massageou meu pescoço e minhas costas por um bom tempo. Pensei nas mãos dela tocando outros lugares e, se ela pudesse ler minha mente, provavelmente ficaria assustada.

— Pronto — disse ela quando finalmente acabou. — Foi bom?

— Você não tem ideia — respondi. — Obrigado.

Voltamos para a cabana. Anna colocou uma tampinha cheia de sabão na água da chuva que ela

coletara no recipiente do bote e mexeu com as mãos.

— Hora da lavanderia, não é?

— É.

Eu tinha me oferecido para ajudar na lavagem das roupas, mas ela disse que faria isso sozinha.

Provavelmente não queria que eu mexesse na sua roupa de baixo de novo.

Ela colocou nossas roupas sujas no recipiente e as lavou. Quando tirou uma por uma e as colocou ao lado para secar, disse:

— Ei, T.J., onde estão suas cuecas?

Falando em roupa de baixo.

— Elas não cabem mais, e quase todas rasgaram.

— Então você não tem nenhuma?

— Não. Eu não tinha uma mala cheia como certas pessoas.

— Não é desconfortável?

— No começo, era, mas agora já me acostumei. — Sorri e apontei para o short. —

Está tudo em ordem aqui, Anna.

Ela riu.

— Tanto faz, T.J.

CAPÍTULO 17

Anna

Já estávamos na ilha havia pouco mais de um ano quando o avião sobrevoou.

Eu estava juntando cocos naquela tarde, e o ranger dos motores, tão alto e inesperado, me assustou. Larguei tudo e corri para a praia.

T.J. irrompeu das árvores. Ele correu na minha direção, e acenamos com os braços para a frente e para trás, observando enquanto o avião voava exatamente acima das nossas cabeças.

Gritamos, nos abraçamos e pulamos, mas o avião virou à direita e continuou voando. Ficamos ali, parados, ouvindo o som dos motores, cada vez mais fraco.

— Ele inclinou as asas? — perguntei a T.J.

— Não tenho certeza. Inclinou?

— Não consegui ver. Talvez sim.

— Ele tinha flutuadores, não tinha?

— Era um hidroavião — confirmei.

— Então poderia ter pousado lá? — perguntou ele, fazendo um sinal em direção à laguna.

— Acho que sim.

— Eles nos viram?

T.J. usava um short esportivo cinza com uma linha azul fina na horizontal de cada lado e estava sem camisa, mas eu estava usando meu biquíni preto, que devia ser visível contra a areia branca.

— Claro. Quer dizer, você não notaria duas pessoas abanando os braços?

— Talvez — disse ele.

— Mas eles não devem ter visto nosso fogo. — Ele apontou para a fogueira.

Não tínhamos derrubado a cabana nem jogado folhas verdes nas chamas para criar mais fumaça.

Eu nem tinha certeza se *tínhamos* folhas verdes na cabana.

Ficamos sentados na praia pelas duas horas seguintes, sem falar, nos esforçando para ouvir o som de motores de avião se aproximando.

Finalmente, T.J. se levantou.

— Vou pescar. — Sua voz parecia desanimada.

— Tudo bem.

Depois que ele saiu, andei até o coqueiro e juntei os cocos que eu havia deixado cair no chão. Parei na árvore de fruta-pão no caminho de volta, peguei duas e coloquei tudo na cabana. Aticei o fogo e esperei por T.J.

Quando ele voltou, limpei e cozinhei o peixe para o nosso jantar, mas nenhum dos dois comeu. Eu piscava para afastar as lágrimas e suspirei de alívio quando T.J. foi andar na mata.

Eu me deitei no bote salva-vidas, enrolada como uma bola, e chorei.

Toda a esperança a que eu me apegara desde que nosso avião caíra se estilhaçou em um milhão de pedacinhos naquele dia, como se alguém tivesse martelado um bloco de vidro com um malho. Pensei que, se conseguíssemos ficar na praia quando o próximo avião passasse, seríamos resgatados. Talvez eles não nos tivessem visto. Ou talvez tivessem, mas não sabiam que estávamos desaparecidos. Mas agora não importava mais, porque não iam voltar.

Minhas lágrimas acabaram, e fiquei pensando se finalmente tinham esgotado.

Engatinhei para fora do bote. O sol já havia se posto, e T.J. estava sentado perto do fogo, a mão direita apoiada, sem vida, na coxa.

Olhei mais de perto.

— Ah, T.J... Está quebrada?

— Provavelmente.

O que quer que tivesse atingido seu punho — meu palpite seria o tronco de uma árvore —, havia deixado suas articulações com sangue e sua mão terrivelmente inchada.

Fui pegar o kit de primeiros socorros e trouxe dois comprimidos de analgésico e água.

— Desculpe — disse ele, sem me olhar nos olhos. — A última coisa que você precisa é de outro osso quebrado para cuidar.

— Escute — falei, me ajoelhando na frente dele. — Nunca vou criticar você por nada que o ajude a extravasar, certo?

Ele finalmente olhou para mim, concordou e pegou o analgésico da minha mão esticada. Eu lhe entreguei a garrafa de água, e ele engoliu o remédio. Sentei-me de pernas cruzadas perto dele, os olhos fixos nas fagulhas que se movimentaram no ar quando joguei uma lenha no fogo.

— Como você extravasa, Anna?

— Eu choro.

— Funciona?

— Às vezes.

Olhei para a mão quebrada de T.J. e lutei contra o desejo de lavar o sangue e segurá-la nas minhas mãos.

— Desisto, T.J. Uma vez você disse que era mais fácil se não pensássemos que eles iam voltar, e você estava certo. Esse aí também não vai voltar. Um avião vai ter que pousar na laguna para eu acreditar que realmente podemos sair desta ilha. Até lá, somos só você e eu. Essa é minha única certeza.

— Eu também desisto — sussurrou ele.

Olhei para ele, tão quebrado, tanto física quanto mentalmente, e parecia que eu ainda tinha lágrimas, afinal.

Examinei a mão dele na manhã seguinte. O inchaço tinha dobrado de tamanho.

— Precisa ser imobilizada — falei. Peguei um galho curto da pilha de lenha e procurei na minha mala algo para amarrar. — Não vou apertar, mas talvez doa um pouco, T.J.

— Tudo bem.

Coloquei o galho por baixo da palma da mão dele e delicadamente puxei o tecido preto por cima das costas da mão, dando duas voltas e enfiando a ponta do tecido entre a mão e o galho.

— Com o que você enrolou minha mão? — perguntou T.J.

— Com minha calcinha fio dental. — Olhei para ele. — Você tinha razão; é totalmente desconfortável. Contudo, é excelente para primeiros socorros.

Os cantos da boca de T.J. se moveram ligeiramente para cima. Ele me fitou, os olhos castanhos mostrando uma centelha do brilho que faltara na noite anterior.

— Isso vai dar uma história engraçada, algum dia — falei.

— Quer saber, Anna? Já é meio engraçado agora.

* * *

T.J. fez dezoito anos em setembro de 2002. Ele não parecia o mesmo garoto com quem eu caíra do avião quinze meses antes.

Em primeiro lugar, ele realmente precisava fazer a barba. Seus pelos estavam muito mais compridos do que uma barba por fazer, mas mais curtos do que uma barba cheia e um bigode. Ficava bom nele, na verdade. Eu não tinha certeza se ele gostava dos pelos no rosto ou se apenas não se preocupava em raspar.

Faltava pouco para seu cabelo atingir um comprimento que permitisse prender com um dos meus elásticos, e o sol o havia clareado em um tom castanho-claro. Meu cabelo também havia crescido. Estava passando do meio das minhas costas, o que me enlouquecia. Tentei cortar com nossa faca, mas a lâmina — cega e sem serrinha — não cortava o cabelo.

Embora muito magro, T.J. havia crescido pelo menos cinco centímetros, passando de um metro e oitenta.

Ele parecia mais velho. Como eu tinha completado trinta e um anos em maio, provavelmente também parecia mais velha. Eu não tinha como saber; o único espelho que eu possuía estava no estojo de maquiagem na minha bolsa, boiando em algum ponto do oceano.

Eu me esforçava para não perguntar a ele como estava se sentindo ou se tinha algum sintoma do câncer, mas eu o observava com atenção. Ele parecia bem, crescendo e se desenvolvendo, mesmo sob nossas condições menos do que desejáveis.

* * *

O homem no meu sonho gemeu quando beijei seu pescoço. Deslizei minha perna por entre as dele e continuei beijando-o, desde a mandíbula até o peito. Ele colocou os braços ao meu redor e me rolou para me deitar de costas, levando sua boca até a minha. Alguma coisa no seu beijo me surpreendeu, e acordei.

T.J. estava em cima de mim. Estávamos no cobertor embaixo do coqueiro onde tínhamos nos deitado para tirar um cochilo. Percebi o que havia feito e me retorci para sair de debaixo dele, meu rosto queimando.

— Eu estava sonhando.

Ele se virou e deitou de costas, com a respiração acelerada.

Desajeitadamente me coloquei de pé e depois fui até a beira da água, me sentando de pernas cruzadas na areia. *Isso mesmo, Anna. Ataque-o enquanto ele estiver dormindo.*

T.J. se juntou a mim alguns minutos depois.

— Estou completamente mortificada —

falei. Ele se sentou.

— Não fique.

— Você deve ter se perguntado que diabo estava acontecendo.

— Bem, sim, mas depois eu só me deixei levar.

— Você está louco?

— O quê? Foi você que disse que eu me adapto bem. *Sim, e aparentemente é bem oportunista.*

— Além disso — acrescentou T.J. —, você gosta de dormir de conchinha. Como eu posso adivinhar o que isso significa? É confuso.

Meu nível de humilhação atingiu outro grau. Frequentemente, eu acordava no meio da noite muito perto de T.J., meu corpo enrolado muito próximo ao dele, e eu presumia que ele continuasse dormindo.

— Desculpe. Foi totalmente culpa minha. Eu não queria passar uma ideia errada para você.

— Tudo bem, Anna. Não é nada de mais.

— É verdade. O que você disse sobre dormir de conchinha. É que estou acostumada a dormir com outra pessoa. Dormi perto dele por muito tempo.

— Era com ele que você estava sonhando?

— Não. Era um daqueles sonhos esquisitos que não fazem sentido. Não sei quem era, na verdade. Mas realmente sinto muito.

— Você não tem que ficar se desculpando, Anna. Eu disse que eu ficava confuso. Eu nunca disse que não gostava.

No dia seguinte, quando voltei da laguna, descobri T.J. sentado perto da cabana arrancando o

aparelho odontológico com a faca.

— Você precisa de ajuda?

Ele cuspiu um pedaço de metal, que aterrissou perto de vários outros.

— Não.

— Quando você deveria tirar?

— Seis meses atrás. Eu meio que me esqueci deles até ontem à noite.

Foi quando percebi o que havia me acordado durante o sonho. Um garoto de aparelho não me beijava desde o ensino médio.

CAPÍTULO 18

T.J.

Eu estava parado na frente da choupana do Esqueleto quando Anna me encontrou. O suor descia pelo rosto dela.

— Persegui uma galinha pela ilha inteira, mas ela correu rápido demais. Vou pegar essa galinha nem que seja a última coisa que eu faça. — Ela se inclinou e colocou as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Depois olhou para mim. — O que está fazendo?

— Quero destruir essa choupana, levar a madeira para a praia e construir uma casa para nós.

— Você tem ideia de como se constrói uma casa?

— Não, mas tenho muito tempo para descobrir. Se eu for cuidadoso, posso reutilizar a madeira toda e também os pregos. Posso fazer a cobertura com a lona para não deixar o fogo apagar. — Examinei as dobradiças da porta, imaginando se elas seriam aproveitáveis. — Preciso fazer alguma coisa, Anna.

— Acho que é uma ótima ideia — concordou ela.

Levamos três dias para derrubar a choupana e carregar os pedaços para a praia. Tirei todos os pregos antigos e os coloquei na caixa de ferramentas com os outros.

— Não quero ficar perto da mata — falou Anna. — Por causa dos ratos.

— Tudo bem.

Eu não podia construir na praia, entretanto, porque a areia era muito instável. Escolhemos um ponto intermediário, onde a areia acabava e a terra começava. Cavamos uma fundação, que ficou horrível porque não tínhamos uma pá. Eu usava a parte curva do martelo, a unha, para tirar nacos de terra do chão, e Anna seguia atrás de mim, coletando em um dos nossos recipientes plásticos.

Usei o serrote enferrujado para cortar as madeiras do tamanho certo. Anna segurava as tábuas enquanto eu martelava os pregos.

— Estou feliz por você ter decidido fazer isso — disse ela.

— Vou demorar um pouco para terminar.

— Tudo bem.

Ela andou até a caixa de ferramentas para pegar mais pregos para mim. Depois que me entregou, falou:

— Diga se precisar de mais ajuda.

Ela esticou o cobertor por perto e fechou os olhos. Eu a observei por um minuto, meus olhos se movendo de suas pernas para a sua barriga, e dela para os peitos, imaginando se a pele dela era tão

macia quanto parecia. Pensei no outro dia, quando ela beijou meu pescoço embaixo do coqueiro. Eu me lembrei de como foi bom. De repente, ela abriu os olhos e virou a cabeça na minha direção. Desviei os olhos depressa. Eu já tinha perdido a conta de quantas vezes ela havia me flagrado olhando para ela. Anna nunca disse nada nem disse para eu parar, o que era mais um motivo para eu gostar tanto dela.

* * *

Teria sido o meu último ano na escola, e Anna detestava que eu estivesse perdendo as aulas.

— Você provavelmente vai ter que fazer uma prova para obter seu diploma de ensino médio. Eu não culparia você se quisesse fazer isso em vez de voltar e terminar os estudos

— Que prova?

— Às vezes, quando o aluno abandona a escola, ele decide fazer essa prova em vez de voltar a ter aulas. Mas não se preocupe, vou ajudar você.

— Tudo bem.

Eu não estava dando a mínima para meu diploma de ensino médio àquela altura, mas parecia importante para ela.

No outro dia, quando estávamos trabalhando na casa, Anna disse:

— Você nunca vai fazer a barba? — Ela sentiu minha barba com as costas da mão.
— Não faz calor?

Eu queria ter pelos suficientes para esconder meu rosto vermelho.

— Nunca fiz a barba antes. O pouco que eu tinha caiu quando comecei a quimioterapia. Quando saímos de Chicago, estava começando a crescer de novo.

— Bem, está tudo aí, agora.

— Eu sei. Mas não temos espelho, e não tenho como me guiar.

— Por que você não disse? Você sabia que eu ajudaria.

— Hum... Por que fiquei com vergonha?

— Vamos.

Ela agarrou minha mão e me puxou de volta para a cabana. Abriu a mala e tirou um barbeador e o creme de barbear que usava nas pernas, e fomos até a água.

Sentamos de pernas cruzadas um de frente para o outro. Ela esguichou creme de barbear na mão, aplicou de leve no meu rosto e depois espalhou. Ela colocou a mão atrás da minha cabeça, me puxando na direção dela até que eu estivesse no ângulo certo e então raspou o lado esquerdo do meu rosto com golpes lentos e cuidadosos.

— Só para você saber — disse ela —, nunca barbee um homem antes. Vou tentar não cortar você, mas não posso prometer.

— Você vai fazer melhor do que eu faria.

Apenas alguns centímetros separavam nossos rostos, e olhei dentro dos olhos dela. Às vezes eles eram cinzentos, às vezes, azuis. Hoje estavam em um dia azul. Eu nunca havia notado como os cílios dela eram compridos.

— As pessoas notam os seus olhos? — perguntei, de repente. Ela se inclinou e chacoalhou o barbeador na água.

— Às vezes.

— Eles são incríveis. Parecem ainda mais azuis agora, que você está tão bronzeada. Ela sorriu.

— Obrigada.

Com as mãos em concha, ela pegou água e jogou no meu rosto, enxaguando o creme de barbear.

— Por que esse olhar? — perguntou ela.

— Que olhar?

— Você está pensando em alguma coisa. — Ela apontou para a minha cabeça. — Eu praticamente posso ver as engrenagens girando aqui.

— Você disse que nunca tinha barbeado um homem antes. Você pensa em mim como um homem?

Ela fez uma pausa antes de responder.

— Não penso em você como um garoto.

Ótimo, porque eu não sou.

Ela esguichou mais creme na palma da mão e raspou o resto da minha barba. Quando terminou, segurou meu queixo e virou meu rosto de um lado para o outro, passando as costas da mão pela minha pele.

— Tudo certo. Está pronto.

— Obrigado. Já me sinto mais fresco.

— De nada. Avise quando quiser que eu faça de novo.

* * *

Anna e eu nos deitamos na cama em uma noite, conversando no escuro.

— Sinto saudades da minha família — admitiu ela. — Fico sempre imaginando uma cena na cabeça. Que um avião pousa na laguna, e você e eu estamos na praia bem na hora. Nadamos até ele, e o piloto não consegue acreditar. Vamos embora voando e, assim que encontramos um telefone, ligamos para as nossas famílias. Você pode imaginar como seria para eles? Receberem a notícia de que alguém estava morto, fazerem um funeral e então essa pessoa liga?

— Não, não consigo imaginar. — Eu me virei de bruços e ajeitei a almofada embaixo da cabeça. — Aposto que você queria nunca ter aceitado esse trabalho.

— Aceitei o trabalho porque era uma oportunidade excelente de ir a um lugar ao qual eu nunca tinha ido. Ninguém poderia prever que isso fosse acontecer.

Cocei uma picada de mosquito na perna.

— Você morava com aquele cara? Você disse que dormia do lado dele.

— Morava.

— Não acho que ele quisesse que você ficasse longe por tanto tempo.

— Ele não queria.

— Mas você queria?

— Eu me sinto estranha falando disso com você.

— Por quê? Você acha que sou muito novo para entender?

— Não, porque você é homem. Não sei se você conseguiria fazer as associações.

— Ah, desculpe.

Eu não devia ter dito aquilo. Anna era muito boa em não me tratar como criança.

— O nome dele é John. Eu queria me casar, mas ele não estava pronto, e eu estava cansada de esperar. Pensei que seria bom para mim ficar longe por um tempo. Tomar algumas decisões.

— Há quanto tempo vocês estavam juntos?

— Oito anos.

— Então ele nunca quis se casar?

— Bem, acho que ele não quer se casar comigo.

— Ah.

— Não quero mais falar sobre ele. E você? Tinha alguém em Chicago?

— Não mais. Eu costumava ficar com uma garota chamada Emma. Nós nos conhecemos no hospital.

— Ela também tinha Hodgkin?

— Não, leucemia. Ela estava sentada em uma cadeira perto da minha quando fiz o primeiro tratamento de quimioterapia. Passamos muito tempo juntos depois daquilo.

— Ela tinha a sua idade?

— Era um pouco mais nova. Tinha quatorze anos.

— Como ela era?

— Era meio quieta. Eu achava ela bonita. Mas Emma já tinha perdido o cabelo, e ela detestava isso. Sempre usava um chapéu. Quando o meu caiu, ela finalmente parou de ficar com vergonha. Então apenas ficávamos sentados juntos como dois carecas e não nos importávamos.

— Perder o cabelo deve ser difícil.

— Bem, deve ser pior para as garotas. Emma me mostrou algumas fotos antigas, tinha um cabelo comprido e louro.

— Vocês ficavam juntos quando não estavam fazendo quimioterapia?

— Ficávamos. Ela conhecia bem o hospital. As enfermeiras sempre olhavam para o outro lado quando nos flagravam dando uns amassos. Íamos para o jardim que havia no telhado do hospital e ficávamos sentados tomando sol. Eu queria sair com ela, mas o sistema imunológico de Emma não permitia que ela ficasse no meio de uma multidão. Certa noite, as enfermeiras nos deixaram assistir a um vídeo em um quarto vazio. Nós deitamos juntos na cama, e elas trouxeram pipoca.

— Ela estava muito doente?

— Ela estava bem quando nos conhecemos, mas depois de seis meses piorou muito. Uma noite, no telefone, ela me disse que preparara uma lista de coisas que queria fazer e que pensava que talvez estivesse ficando sem tempo.

— Ai, T.J.

— Ela já estava com quinze anos a essa altura, mas queria fazer dezesseis para poder tirar a carteira de motorista. Ela queria ir ao baile de formatura, mas disse que qualquer festa da escola serviria. — Hesitei, mas estar deitado no escuro perto da Anna facilitava falar sobre as coisas. — Ela me disse que queria fazer sexo, para saber como era. Estava internada no hospital de novo e tinha um quarto particular. Acho que as enfermeiras sabiam, talvez ela tenha falado, mas o fato é que nos deixaram sozinhos e conseguimos tirar uma coisa da lista. Ela morreu três semanas depois.

— Isso é tão triste, T.J. — Parecia que Anna estava segurando o choro. — Você estava apaixonado por ela?

— Não sei. Eu gostava muito dela, mas foi uma época estranha. Minha quimioterapia parou de funcionar, e tive que começar a radioterapia. Fiquei apavorado quando ela morreu. Eu saberia se a amasse?

— Saberia — sussurrou ela.

Eu não pensava em Emma havia um bom tempo. Mas eu nunca ia esquecê-la; foi minha primeira vez também.

— O que você decidiu sobre aquele cara, Anna?

Ela não respondeu. Talvez não quisesse me contar ou talvez já tivesse adormecido. Ouvi as ondas batendo nos recifes, o som fazendo com que eu relaxasse. Fechei os olhos e não os abri até que o sol me acordasse na manhã seguinte.

CAPÍTULO 19

Anna

— Quer jogar pôquer? — perguntou T.J.

— Claro, mas deixei as cartas perto da água.

— Vou buscar — disse ele.

— Pode deixar. Tenho que ir ao banheiro. Vou pegar quando estiver voltando. — Eu detestava ir a qualquer lugar perto da mata depois de escurecer e tinha cerca de dois minutos antes de o sol baixar.

Eu acabara de pegar as cartas quando algo aconteceu. Não o vi chegar, e ele deve ter descido do céu com alguma velocidade, porque, quando o morcego colidiu com a minha cabeça, quase me derrubou. Levei um segundo para descobrir o que me atingiu e então comecei a gritar. Entrei em pânico, remexi nos meus cabelos para expulsar o morcego.

T.J. veio correndo em minha direção.

— O que houve?

Antes que eu pudesse responder, o morcego enterrou os dentes na minha mão. Gritei mais alto.

— Tem um morcego no meu cabelo! — gritei enquanto uma ardência irradiava pela palma da minha mão. — Ele está me mordendo!

T.J. disparou a toda velocidade. Eu sacudia a cabeça para a frente e para trás, tentando arrancar o morcego. Pouco depois T.J. voltou e me colocou deitada na areia.

— Não se mexa — ordenou ele, colocando a mão em volta da minha cabeça. Então enfiou a lâmina da faca no corpo do morcego, que finalmente parou de se sacudir. — Apenas fique parada. Vou tirar o morcego do seu cabelo.

— Está morto? — perguntei.

— Está.

Fiquei deitada, imóvel. Meu coração estava disparado, e eu queria me desesperar, mas me esforcei para permanecer calma enquanto T.J. desembaraçava o morcego do meu cabelo.

— Saiu.

Não conseguíamos ver muito à luz prateada da lua, e por isso T.J. voltou para a fogueira e pegou uma lenha incandescente. Nós nos abaixamos e nos curvamos por cima do corpo do morcego.

Era nojento, marrom-claro com grandes asas negras, orelhas pontudas e dentes afiados. Seu corpo estava coberto de feridas abertas. Os pelos ao redor da boca pareciam molhados e pegajosos.

— Venha — disse T.J. — Vamos pegar o kit de primeiros socorros.

Voltamos para a nossa cabana e nos sentamos perto do fogo.

— Dê a sua mão.

Ele limpou a mordida com os lençinhos umedecidos em álcool, aplicou de leve a pomada antibiótica e cobriu com um Band-Aid. Minha mão latejava.

— Está doendo?

— Está.

Eu podia aguentar a dor, mas pensar no que pudesse estar incubado na minha corrente sanguínea me apavorava.

T.J. devia estar pensando nisso também, porque, antes de irmos para a cama, ele enfiou a lâmina da faca no fogo e deixou lá a noite inteira.

CAPÍTULO 20

T.J.

Anna estava acordada e sentada perto do fogo quando voltei da pescaria, na manhã seguinte.

— Como está a sua mão?

Ela estendeu a palma da mão, e eu levantei o Band-Aid.

— Não parece tão ruim — concluí. Dava para ver que ferida denteada tinha sangue pisado, e a mão dela inchara um pouco durante a noite. — Vou limpar de novo e colocar outro Band-Aid, está bem?

— Tudo bem.

— Você parece cansada.

— Não dormi muito bem.

— Quer voltar para a cama?

— Eu tiro uma soneca mais tarde.

Coloquei um Band-Aid novo na mão dela.

— Pronto. Você está nova em folha.

Ela não deve ter me escutado, porque estava olhando para algum ponto no vazio e não disse nada.

Mais tarde naquela manhã, terminei de fazer a estrutura da casa e comecei a colocar as paredes. As árvores de fruta-pão produziam uma seiva leitosa, e eu tapava as frestas com ela.

Anna trabalhava silenciosamente do meu lado, segurando tábuas ou me passando os pregos.

— Você está quieta — falei.

— Estou.

— Está preocupada com a mordida? Ela confirmou.

— Aquele morcego parecia doente, T.J. Larguei o martelo e enxuguei o suor dos olhos.

— Ele não parecia bem — admiti.

— Você acha que ele tinha raiva?

Posicionei mais uma tábua e peguei o martelo.

— Não. Tenho certeza que não.

Entretanto, eu sabia que morcegos às vezes carregavam doenças.

Anna inspirou profundamente.

— Vou ter que esperar, eu acho. Se eu não ficar doente em um mês, provavelmente estou bem.

— Quais são os sintomas?

— Não sei. Febre, talvez? Convulsões? A doença ataca o sistema nervoso central.

— O que faço se você ficar doente?

— Você não faz nada, T.J.

— Por que não?

— Porque, sem vacinas contra raiva, a doença é fatal.

Não consegui respirar por um segundo, como se o ar tivesse me faltado.

— Eu não sabia disso.

Ela confirmou, com lágrimas nos olhos. Deixei o martelo cair e coloquei minhas mãos nos ombros dela.

— Não se preocupe, Anna. Você vai ficar bem.

Eu não sabia se o que eu tinha dito era verdade, mas eu precisava que nós dois acreditássemos nisso.

Contei cinco semanas do dia da mordida e circulei a data na agenda de Anna. Ela queria esperar mais de um mês, para ter certeza.

— Então, se nada acontecer até lá, e você não tiver nenhum sintoma, está bem, certo?

— Acho que sim.

— Vamos retomar nossa rotina — sugeriu ela. — Não quero ficar falando sobre isso.

— Claro, como achar melhor.

Ela devia ter sido atriz em vez de professora. De dia, fazia um teatro, sorrindo como se nada a preocupasse. Mantinha-se ocupada, passando horas brincando com os golfinhos ou me ajudando na casa. Mas não comia e ficava tão agitada na cama que eu sabia que ela não estava conseguindo dormir.

Certa noite, duas semanas depois, acordei quando ela engatinhava para fora do bote. Ela acordava pelo menos uma vez para jogar lenha no fogo, mas em geral voltava logo. Dessa vez, não voltou, e fui verificar. Encontrei-a na cabana, mirando as chamas.

— Ei — chamei, sentando-me ao lado dela. — O que houve?

— Não consegui dormir. — Anna mexeu no fogo com uma vareta.

— Você está se sentindo bem? — Tentei não parecer ansioso. — Você não está com febre, está? Ela negou com um gesto de cabeça.

— Não. Estou bem, de verdade. Volte para a cama.

— Não consigo dormir de novo, a não ser que você esteja do meu lado.

— Não consegue?

— Não. Não gosto quando você está aqui fora, sozinha. Fico nervoso. Você não precisa colocar lenha no fogo toda noite. Eu já disse que não é nada de mais fazer uma fogueira de manhã.

— É só um hábito. — Ela se levantou. — Venha. Pelo menos um de nós devia conseguir dormir.

Eu a segui para dentro do bote e, depois de nos deitarmos, ela nos cobriu. Ela usava um short e minha camiseta e, quando achou uma posição confortável, sua perna nua roçou a minha. Ela não a afastou quando parou de se mover, e eu também não.

Ficamos deitados no escuro, as pernas se tocando, e nenhum de nós dormiu por um bom tempo.

Ela concordou em parar de levantar no meio da noite e, certa manhã, algumas semanas mais tarde, depois de fazer a fogueira, falei:

— Anna, eu queria que você cronometrasse. Aposto que faço isso em menos de cinco minutos.

— Bem, agora você está se exibindo.

Porém, ela riu ao dizer isso e, quanto mais perto chegávamos da data que eu havia circulado na agenda, mais ela parecia relaxar.

Quando as cinco semanas passaram, segurei a palma da sua mão aberta e tracei a cicatriz com meu polegar.

— Acho que você vai ficar bem — falei.

E, dessa vez, eu realmente achava.

Ela sorriu para mim.

— Também acho que sim.

— Ainda está com fome? Posso pegar mais.

— Não, obrigada. Estava morrendo de fome, mas estou cheia agora.

Nadamos por bastante tempo e trabalhamos na casa até a hora do jantar. Mais uma vez, ela comeu mais do que estava comendo nas semanas anteriores. Na hora de dormir, ela mal conseguia manter os olhos abertos e adormeceu segundos depois de eu me deitar ao seu lado. Adormeci também, mas acordei quando Anna juntou seu corpo ao meu e deitou a cabeça no meu ombro.

Coloquei meu braço em volta dela e a puxei para mais perto.

Se ela tivesse ficado doente, a única coisa que eu poderia ter feito era vê-la sofrer. Enterrá-la perto de Mick quando ela morresse. Eu não sabia se eu conseguiria seguir em frente sem ela. O som da sua voz, seu sorriso, *ela* — essas eram as coisas que tornavam a vida na ilha suportável. Eu a

abraçei um pouco mais apertado e pensei que, se ela acordasse, eu diria tudo isso. Mas ela não acordou. Anna suspirou no sono, e acabei me afastando.

Ela havia voltado para o lado dela na cama quando acordei na manhã seguinte. Eu estava fazendo uma fogueira quando ela saiu do bote salva-vidas.

Ela sorriu para mim, espreguiçando os braços acima da cabeça.

— Tive uma ótima noite de sono. A melhor em muito tempo.

— Também dormi muito bem, Anna.

Algumas noites depois, estávamos deitados na cama debatendo sobre os nossos dez álbuns favoritos de rock clássico de todos os tempos.

— *Sticky Fingers*, dos Rolling Stones, é o meu número um. Estou mandando o *Led Zeppelin IV* de volta para o quinto lugar — falou ela.

— Você está bêbada?

Enquanto listava as razões pelas quais eu discordava, afinal, todo mundo sabia que *The Wall*, do Pink Floyd, devia ser o número um, soltei um pum. A fruta-pão tinha aquele efeito em mim, às vezes.

Ela deu um grito esganiçado e imediatamente tentou escapar pela porta do bote salva-vidas, mas eu a agarrei pela cintura, a empurrei para trás e puxei o cobertor bem apertado por cima da cabeça dela.

Era uma brincadeira que eu gostava de fazer com ela.

— Ah, não, Anna! Ai, meu Deus, é melhor você sair daí de baixo — provoquei, rindo.

— Está fedendo muito.

Ela lutou para se soltar e apertei o cobertor ainda mais.

Quando finalmente a deixei sair, ela fez barulhos de ânsia de vômito e disse:

— Ainda vou pegar você, Callahan.

— É mesmo? Você e que exército?

Ela pesava provavelmente uns quarenta e cinco quilos. Nós dois sabíamos que ela não ia pegar ninguém.

— Não seja tão presunçoso. Vou descobrir uma maneira de derrubar você. Eu ri e disse:

— Ohhhh! Estou morrendo de medo, Anna.

O que não confessei, entretanto, é que ela me deixaria de joelhos com um simples toque de sua mão se a colocasse no lugar certo.

Fiquei me perguntando se ela sabia disso.

* * *

— Vou tomar um banho — disse Anna quando voltei da praia. Ela pegou o sabonete, o xampu e

suas roupas.

— Tudo bem.

Depois que ela saiu, percebi que estávamos com pouca lenha. Peguei minha mochila e coloquei todos os galhos que pude dentro dela. O sol estava baixo no céu e os mosquitos zumbiam ao meu redor. Afastei-me da espessa cobertura de folhas sem prestar atenção para onde estava indo.

Saí de dentro do agrupamento de árvores e, quando olhei ao redor para me localizar, vi Anna entrando no mar, nua.

Congelei.

Eu sabia que deveria sair dali o quanto antes, mas não consegui. Escondi-me atrás de uma árvore e fiquei observando.

Ela mergulhou na água para molhar o cabelo, depois se virou e saiu de novo. Ela era maravilhosa, e as marcas de biquíni emolduravam as partes do corpo dela de que eu mais gostava. Deslizei minha mão para dentro do short.

Ela ficou na praia e lavou o cabelo, depois entrou na água para enxaguar o xampu. Saiu de novo, esfregou o sabonete entre as mãos e lavou o corpo. Depois de se sentar na areia, raspou as pernas e entrou na água mais uma vez, para enxaguar.

O que ela fez em seguida fez minha cabeça girar.

Quando ela saiu, olhou em torno e se sentou de frente para o mar. Ela levava a loção de bebê. Despejou um pouco na palma da mão e depois colocou a mão entre as pernas.

Ai, meu Deus.

Ela se deitou de costas com uma perna esticada e a outra dobrada. Eu a observei se tocar, minha própria mão se mexendo um pouco mais rápido.

Embora eu fizesse isso quase todo dia, quando estava sozinho na mata, nunca havia me ocorrido que ela também pudesse fazer. Continuei observando e, depois de alguns minutos, ela esticou a perna dobrada e arqueou as costas. Eu sabia que ela estava gozando, e eu também estava.

Ela se levantou, espanou a areia e colocou a roupa de baixo. Pegou o resto das roupas e juntou as coisas. Quando se virou para ir embora, parou subitamente e olhou na minha direção. Escondido atrás da árvore, não me mexi, esperando que ela se afastasse. Então voei, correndo por entre as árvores, para longe da praia.

— Ah, oi — cumprimentei quando cheguei.

Ela estava em pé, perto da cabana, escovando os dentes.

Ela tirou a escova da boca e me olhou, inclinando a cabeça para o lado.

— Onde você estava?

— Pegando lenha. — Abri o zíper da mochila e joguei os galhos na pilha de lenha.

— Ah.

Ela acabou de escovar os dentes e bocejou.

— Vou para a cama.

— Também já vou.

Mais tarde, enquanto ela dormia ao meu lado, repassei mentalmente as imagens do seu corpo nu e de ela se tocando, como se fosse um filme que eu pudesse ver quantas vezes quisesse. Desejava poder beijá-la, tocá-la, fazer o que eu quisesse com ela, mas eu não podia. O filme ficou se repetindo em minha mente, e eu não dormi nada aquela noite.

CAPÍTULO 21

Anna

T.J. subiu no telhado da casa e espalhou uma camada de seiva de fruta-pão por cima das folhas de palmeiras.

— Não sei se isso vai nos manter secos. Acho que vamos descobrir quando chover.

A casa estava quase concluída. Eu estava sentada no chão, de pernas cruzadas, observando enquanto ele pulava do telhado, pegava o martelo e prendia os últimos poucos pregos.

Ele havia puxado os cabelos em um rabo de cavalo e estava usando meu chapéu de vaqueiro e óculos escuros de aviador. Seu rosto estava tão bronzeado que ele parecia ter nascido na ilha. Tinha um sorriso enorme, com dentes brancos alinhados, maçãs do rosto salientes e uma mandíbula quadrada e sólida. Eu precisava barbeá-lo novamente.

— Você está bem corado, T.J. Muito saudável.

Ele estava magro, mas tinha os músculos bem definidos, provavelmente pelo fato de construir nossa casa, e não mostrava nenhum sinal exterior de desnutrição, ao menos até o momento.

— Verdade?

— É. Não tenho certeza de quanto, mas você cresceu aqui.

— Pareço mais velho?

— Parece.

— E estou bonito, Anna? — Ele se ajoelhou na minha frente e sorriu. — Vamos, você pode me dizer.

Revirei os olhos.

— Está, T.J. — respondi, sorrindo para ele. — Você está muito bonito. Se um dia sairmos dessa ilha, você vai ser bem popular com as garotas.

Ele deu um soco no ar.

— Isso! — Colocou o martelo no chão e bebeu um gole de água. — Não consigo me lembrar de qual era a minha aparência antes do acidente, você consegue?

— Mais ou menos. Mas eu provavelmente não mudei muito.

— Nossa, estou dolorido. Você poderia, por favor, massagear minhas costas?

— Claro.

Massageei os ombros dele, que estavam consideravelmente mais largos do que dois anos antes.

Seu peitoral também estava mais largo, e os braços estavam rígidos. Levantei o rabo de cavalo e

massageei a sua nuca.

— Isso é bom.

Fiz uma massagem muito longa e, perto do fim, ele disse:

— Você continua linda, Anna. Caso esteja se perguntando. Meu rosto ficou vermelho, mas eu sorri.

— Eu não estava, T.J., mas obrigada.

* * *

Duas noites depois, dormimos na nossa casa nova pela primeira vez. Optamos por um quarto grande em vez de dois, o que nos dava muito espaço. Eu podia me vestir dentro da casa, em vez de me contorcer dentro do bote, para enfiar minhas roupas. Minha mala e a caixa de ferramentas ficavam no canto, e o estojo do violão perto delas servia para guardar nosso kit de primeiros socorros, a faca e a corda.

T.J. removera a cobertura do bote salva-vidas — agora nós tínhamos um telhado de verdade — e, com uma parte, fizera janelas que permitiam a entrada de luz e ar. Ele usou as laterais de náilon para fazer cortinas que fechávamos à noite. Pregou a lona na parte da frente da casa, esticou-a e a prendeu em varas altas que enterrou no chão; depois, cavou um lugar para a fogueira, embaixo.

— Estou orgulhosa de você, T.J. Esqueleto também estaria.

— Obrigado, Anna.

Foi um longo caminho desde os dias dormindo no chão. Apenas uma dupla de náufragos brincando de casinha.

* * *

Um hidroavião pousou na laguna enquanto T.J. e eu nadávamos. O piloto abriu a porta, colocou a cabeça para fora e disse:

— Finalmente encontramos vocês. Nunca paramos de procurar. Eu tinha cinquenta e dois anos.

Acordei, ensopada de suor e abafando um grito, segundos antes de ele sair da minha boca.

O lado da cama de T.J. estava vazio. Ele passava muito tempo na mata ultimamente, juntando lenha de manhã e de novo à tarde.

Eu me vesti, escovei os dentes e andei até o coqueiro. Enquanto pegava os cocos, um deles caiu de um galho e quase me atingiu na cabeça. Surpreendida, pulei e gritei:

— Filho da mãe!

Quando voltei para casa, verifiquei o coletor de água. Era fevereiro, o meio da estação de seca, e não demoraria para ficarmos sem água. Eu o deixei cair e comecei a chorar quando a água derramou

no chão.

T.J. chegou com a mochila cheia de lenha.

— Ei — disse ele, colocando a mochila no chão. — O que aconteceu? Enxuguei meus olhos com as costas da mão.

— Nada. Só estou cansada e aborrecida comigo mesma. Derramei a água. — Então comecei a chorar novamente.

— Está tudo bem. Deve chover de novo mais tarde.

— Talvez não. Mal choveu ontem.

— Hum, isso é TPM ou algo do tipo?

— Não. Estou apenas tendo uma manhã ruim.

— Volte para a cama — sugeriu ele. — Chamo você quando acabar de pescar, tudo bem?

— Tudo bem.

— O peixe está pronto — disse ele, se espreguiçando do meu lado.

— Por que você não me acordou para eu limpar o peixe?

— Pensei que ficaria melhor se dormisse um pouco mais.

— Obrigada. Estou melhor agora.

— Desculpe-me por ter perguntado se você estava com TPM. Não sei nada sobre isso.

— Não, é uma pergunta justa. — Hesitei. — Não fico mais menstruada. Há muito tempo. — Eu ainda tinha absorventes internos na mala.

T.J. pareceu confuso.

— Por quê?

— Não sei. Estou abaixo do peso. Estresse. Desnutrição. Escolha um motivo.

— Ah.

— Tive um sonho ruim essa manhã. Um hidroavião pousava na laguna enquanto estávamos nadando.

— Isso parece um sonho bom.

— Eu tinha cinquenta e dois anos quando nos encontraram.

— Então estávamos sumidos havia realmente muito tempo. É por isso que você estava tão chateada?

— Quero ter um filho.

— Você quer?

— Quero. Dois ou três, na verdade. Essa era outra coisa que John não queria. Se nos

encontrarem quando eu tiver cinquenta e dois anos, vai ser tarde demais. Quarenta e dois pode ser o limite. Posso adotar, mas realmente queria dar à luz pelo menos uma vez. — Mordisquei uma linha do cobertor. — É estupidez pensar em um bebê quando há tantas outras coisas com que se preocupar aqui. E sei que ter filhos não está na sua lista ainda, mas eu realmente quero ter um.

— Já pensei sobre ter filhos. Sou estéril.

Suas palavras foram tão inesperadas que por um momento eu não soube o que dizer.

— Por causa do câncer?

— É. Passei por uma carga pesada de quimioterapia.

— Ai, meu Deus, T.J. Desculpe-me. Eu não sabia...

Nada como discorrer sobre filhos na frente de alguém cuja fertilidade havia sido trocada pela sobrevivência.

— Tudo bem. O médico conversou comigo antes de começar a quimioterapia. Ele me explicou que, se eu quisesse ter filhos um dia, precisava guardar o esperma em um banco imediatamente porque, quando começasse o tratamento, seria tarde demais. Optei por ter filhos.

— Uau. Essa não é uma decisão que a maioria dos garotos precisa tomar aos quinze anos.

— Pois é. Pensamos mais em como *não* engravidar ninguém. A próxima parte da história deve fazer você rir. Minha mãe disse que ia me levar para o banco de esperma e me entregou uma das *Playboys* do meu pai, mal sabendo ela que eu tinha coisas mais pesadas escondidas no armário, e me perguntou, toda séria, se eu sabia o que fazer.

— Você está brincando.

— Não, não estou. — Ele começou a rir. — Eu tinha quinze anos, Anna. Eu era um especialista e não queria falar sobre punheta com *minha mãe*.

— Ai, meu Deus, assim eu vou morrer de rir — falei, rindo tanto que as lágrimas rolavam pelo meu rosto.

— Pois é. Da outra vez que tive que ir ao banco de esperma, meu pai me levou.

— Você quer saber qual é sua maior qualidade?

— Eu ser tão bonito? — gracejou T.J.

— Estou vendo que o elogio que fiz subiu à sua cabeça. Não, não é isso. Quero que você saiba que é quase impossível não ficar feliz quando você está por perto.

— Verdade? Obrigado. — Ele bateu no meu braço. — Não se preocupe, Anna. Eles vão nos encontrar um dia, e você vai ter seu bebê.

— Espero que sim.

Tique-taque, entende?

CAPÍTULO 22

T.J.

Eu estava na mata no momento em que Anna gritou. O grito veio de onde ficava a casa e, quando saí do meio das árvores, corri na direção do som.

Ela cambaleou e desmoronou no chão. Ofegante, disse:

— Água-viva.

Os contornos dos tentáculos haviam deixado marcas vermelhas nas pernas, barriga e peito de Anna. Eu não sabia o que fazer.

— Tire isso de mim! — gritou ela.

Quando olhei para baixo, vi alguns tentáculos translúcidos ainda grudados na barriga e no peito. Puxei um, que me feriu.

Corri para o coletor de água e peguei o recipiente de plástico no chão perto dele. Enchi-o, corri de volta para onde Anna estava e joguei a água fresca em cima dela. Os tentáculos não soltaram, e ela gritou de dor, como se a água fresca piorasse.

— T.J., tente água do mar — disse ela. — Rápido!

Ainda segurando o recipiente, disparei até a beira do mar e enchi o vasilhame. Voltei correndo e, dessa vez, quando joguei a água do mar em cima dela, Anna não gritou.

Ela choramingava no chão enquanto eu tentava descobrir o que fazer em seguida. Eu sabia que ela ainda sentia dor, pela maneira como se movia para a frente e para trás, lutando para achar uma posição confortável.

Eu me lembrei da pinça e corri para a mala de Anna para pegá-la. Quando voltei, tirei os tentáculos o mais rápido que consegui. Ela fechou os olhos e gemeu.

Eu havia tirado quase todos quando a pele de Anna começou a ficar vermelha, não só onde ela havia sido ferida, mas por toda parte. Suas pálpebras e lábios incharam. Entrei em pânico e joguei mais água do mar nela, mas não ajudou. Seus olhos se fecharam de tão inchados.

Corri para a cabana, peguei o kit de primeiros socorros, voei de volta para a areia perto dela e abri a tampa, jogando tudo para fora. Quando peguei o frasco com o líquido vermelho dentro, ouvi sua voz na minha cabeça.

Isso pode salvar sua vida. Faz parar uma reação alérgica.

A essa altura o rosto de Anna lembrava um balão, e seus lábios estavam tão inchados que a pele havia rachado. Tive que brigar com a tampa à prova de crianças, mas, assim que a tirei, coloquei meu braço embaixo de Anna, levantei sua cabeça e joguei antialérgico dentro da sua garganta. Ela

tossiu e cuspiu. Eu não fazia ideia de quanto tinha lhe dado.

A parte de cima do seu biquíni saiu do lugar quando eu a levantei. Estava muito grande, já que ela tinha perdido peso, e, quando olhei, vi alguns tentáculos do lado de dentro, ainda ferindo sua pele.

Arranquei a parte de cima, assustando-me com as marcas nos seus seios. Eu a deitei novamente, joguei o resto da água do mar nela e tirei os tentáculos com a pinça.

Tirei minha camiseta e cobri Anna.

— Você vai ficar bem, Anna. — Então segurei a mão dela e esperei.

Quando sua pele não estava mais tão vermelha e o inchaço havia melhorado um pouco, olhei o conteúdo do kit de primeiros socorros jogado no chão. Depois de ler todos os rótulos, escolhi um tubo de pomada de cortisona.

Comecei nas pernas dela e fui subindo, passando a pomada nos ferimentos.

— Isso melhora?

— Melhora — sussurrou ela. Seus olhos não estavam mais tão inchados, mas ela não os abriu. — Estou tão cansada.

Eu não sabia se podia deixá-la dormir, com medo de talvez ter-lhe dado uma overdose. Quando verifiquei o frasco do antialérgico, ainda havia bastante do remédio lá, e a bula dizia que ele poderia causar sonolência.

— Tudo bem, pode dormir.

Ela desmaiou antes que eu terminasse a frase.

Passei a pomada na barriga dela, mas, quando cheguei nos seios, hesitei. Acho que ela não tinha reparado que eu havia tirado a parte de cima do biquíni dela, ou talvez não tenha se importado.

Levantei a camiseta que a cobria e me encolhi.

Seus seios estavam horríveis. Feridas em alto-relevo se espalhavam sobre a sua pele, algumas já formando crostas com o sangue seco.

Eu me mantive focado, pensando apenas em ajudá-la, e apliquei a pomada cuidadosamente com a ponta dos dedos. Quando terminei, chequei para ver se deixara passar alguma ferida.

A cor da pele dela estava normal de novo, e o inchaço havia desaparecido. Esperei mais um pouco, depois a levantei e a carreguei para o bote salva-vidas.

CAPÍTULO 23

Anna

Abri os olhos e suspirei aliviada com a ausência da dor ardente e lancinante. T.J. dormia ao meu lado, a respiração pesada e estável. Eu estava nua da cintura para cima e algo macio cobria meu peito. Eu me sentei e coloquei a camiseta, sentindo o cheiro familiar de T.J. Rolei para deitar de lado e adormeci novamente.

De manhã, acordei sozinha. Subi a barra da camiseta. Os contornos vermelho-claros dos tentáculos permaneciam lá e provavelmente ficariam por um bom tempo. Subindo mais, estremeci com o estado dos meus seios. Listras vermelho-escuras cobriam-nos, com crostas e sangue. Baixei a camiseta, coloquei um short e saí da casa para ir ao banheiro.

T.J. estava fazendo fogo quando voltei.

Ele se levantou.

— Como você está?

— Quase de volta ao normal.

Levantei um pouco a camiseta e lhe mostrei minha barriga. Ele tracejou as marcas com o dedo.

— Dói?

— Não, na verdade, não.

— E os...? — Ele apontou para o meu peito.

— Não está tão bom.

— Sinto muito. Havia alguns tentáculos dentro do biquíni, ferindo você, mas não percebi de cara.

Eu não tinha lembrança de T.J. tirando a parte de cima do meu biquíni, tinha apenas a lembrança da queimação.

— Tudo bem, você não sabia.

— Você ficou vermelha e inchada.

— Fiquei? — Eu não me lembrava daquilo também.

— Fiz você tomar antialérgico. Aquilo derrubou você.

— Você fez exatamente o que devia.

— Passei isso na sua pele. Aparentemente ajudou. Pelo menos você me disse que melhorava, antes de adormecer.

Peguei o tubo das suas mãos estendidas. Ele havia passado a pomada nos meus seios também? Eu

me imaginei deitada na areia, usando apenas a parte de baixo do biquíni, enquanto T.J. passava a pomada na minha pele, e subitamente não consegui olhar para ele.

— Obrigada — falei.

— Você viu a água-viva antes de ela se agarrar em você?

— Não, só senti a dor.

— Eu nunca tinha visto uma na laguna.

— Nem eu. Aquela água-viva deve ter tomado o caminho errado nos recifes. — Entrei na casa para pegar minha escova de dentes, colocando uma quantidade minúscula de pasta nela. Quando saí, disse: — Pelo menos não foi uma daquelas mortais.

T.J. olhou para mim com uma expressão alarmada.

— Águas-vivas podem matar?

Tirei a escova de dentro da boca.

— Algumas, sim.

Ficamos fora da água o dia inteiro. Caminhei pela margem, apertando os olhos para ver a distância, procurando por águas-vivas, me lembrando de que, só porque não podemos ver os perigos do oceano, não significa que eles não existam. Também imaginei se um dia o kit de primeiros socorros deixaria de conter alguma coisa de que precisássemos para salvar nossas vidas.

* * *

Em junho de 2003, eu e T.J. estávamos na ilha havia dois anos. Eu completara trinta e dois anos em maio, e T.J. faria dezenove em alguns meses. Ele já media pelo menos um metro e noventa, e não havia nada de infantil nele. Às vezes, quando eu o observava pescando, consertando a casa ou emergindo da mata que ele conhecia como a palma da mão, imaginava se ele pensava na ilha como sendo dele. Um lugar onde ele podia fazer o que quisesse e qualquer coisa que fosse aceitável, desde que permanecêssemos vivos.

* * *

Sentamo-nos de pernas cruzadas, um de frente para o outro, perto da beira da água, para que eu pudesse barbeá-lo. Ele estava inclinado para a frente, repousando as mãos nas minhas coxas para se equilibrar.

— Como que eu me tornei sua cabeleireira? — graciei. — Já dei banho em você. Barbeio você. — Espalhei o creme de barbear, que estava quase no fim, no seu rosto.

Ele deu um sorriso largo.

— Sou sortudo, não sou?

— Você é mimado. Quando sairmos desta ilha, você vai ter que fazer a barba sozinho.

— Aí não vai ser nada divertido.

— Você vai conseguir.

Acabei de barbeá-lo e voltamos para casa, prontos para uma soneca sob a cobertura.

— Sabe, eu ficaria feliz de dar um banho em você ou raspar seus pelos, Anna.

É só pedir. Eu ri.

— Estou bem, de verdade.

— Tem certeza?

T.J. estava deitado ao meu lado, de frente para mim. Ele puxou meu braço para cima e passou a parte de trás da mão na minha axila.

— Uau, você é macia.

— Pare! Eu sinto cócegas. — Afastei sua mão.

— E suas pernas?

Antes que eu pudesse responder, ele se inclinou na minha direção e passou a mão devagar pela minha perna, partindo do tornozelo e subindo até a coxa.

O calor que percorreu meu corpo me pegou de surpresa. Fiz um barulho, um misto de suspiro e gemido, que saiu antes que eu pudesse impedir. Os olhos de T.J. se arregalaram, e ele me encarou com a boca aberta. Então ele sorriu com malícia, claramente satisfeito com o efeito que seu toque teve em mim.

Respirei profundamente, e disse:

— Eu mesma posso cuidar da minha aparência.

— Estou apenas tentando retribuir por você me ajudar o tempo todo.

— Isso é muito gentil da sua parte, T.J. Vá dormir.

Ele riu e se virou, olhando para o outro lado. Fiquei deitada de costas para ele, e fechei os olhos.

Ele só tem dezoito anos. É muito novo.

Uma voz dentro da minha cabeça disse: *Tecnicamente, é idade suficiente.*

Alguns dias depois, à tarde, T.J. e eu nadamos com os golfinhos. Havia quatro deles, e nós os observávamos enquanto eles brincavam à nossa volta. Eu queria dar nome a eles, mas não conseguia distingui-los.

Quando os golfinhos foram embora, T.J. e eu nos sentamos na margem. Enfiei os dedos dos pés na areia branca e macia.

— Você não disse que ia tomar banho? — perguntou ele.

— Disse. Mas eu não trouxe nada comigo.

Nossos suprimentos estavam diminuindo rapidamente. Nós só nos lavávamos com sabonete uma vez por semana agora. Eu nem notava mais nosso cheiro.

— Eu posso pegar tudo para você — ofereceu ele.

— Você pega?

— Claro.

— Tudo bem, mas preciso de roupas também.

— Sem problemas.

Ele trouxe tudo e deixou na areia. Esperei até que ele se afastasse e então tirei a roupa.

Quando terminei o banho, fiquei um minuto no sol para me secar. Andei até a pilha de roupas, esperando encontrar uma blusa e short ou um biquíni. O que ele escolheu me surpreendeu: um vestido, o único que eu havia levado. Era um dos meus preferidos, curto e azul-claro, com listras finas. Ele também havia escolhido uma calcinha curta de renda rosa, e eu senti meu rosto ficar quente. Ele havia esquecido o sutiã, ou talvez não, mas eu nunca usava aquele vestido de sutiã mesmo.

Coloquei a calcinha e o vestido. Quando cheguei à nossa casa, T.J. me fitou de modo direto.

— Por acaso temos reservas para jantar e eu não fui avisada? — perguntei.

— Quem dera — disse ele.

— Por que o vestido?

Ele deu de ombros.

— Achei que você ficaria bem de vestido. — Ele tirou os óculos escuros e me olhou de cima a baixo. — E você fica.

— Obrigada — agradei, sentindo o calor no rosto novamente.

Ele saiu para pescar, e eu me sentei no cobertor sob a marquise improvisada, esperando ele voltar.

Frequentemente eu flagrava T.J. me olhando, mas ele nunca fora tão claro. Ele estava ficando mais ousado, jogando verde. Se ele havia tentado esconder seus sentimentos antes, já não estava mais tão preocupado com isso. Eu não sabia quais eram suas intenções, ou mesmo se tinha alguma, mas viver com ele estava prestes a se tornar complicado.

Isso eu sabia.

* * *

— Eu queria ter uma tesoura. — Eu estava sentada no cobertor do lado de fora da casa, uma semana mais tarde, tentando tirar os nós do meu cabelo. Estava quase na altura do meu bumbum e isso estava me enlouquecendo. — Eu devia ter pedido para você cortar um pouco, antes de a faca ficar tão cega — falei.

Olhei para o fogo.

— Você está pensando em queimar uma parte, não está? — perguntou T.J.

— Não.

Talvez.

Continuei escovando.

T.J. andou até mim e estendeu a mão.

— Passe a escova. Eu faço isso. Está vendo? Vou poder retribuir as vezes que você fez minha barba.

Entreguei-lhe a escova.

— Divirta-se.

Ele se apoiou na parede de fora da casa e me sentei na frente dele. Ele começou a escovar.

— Você tem uma tonelada de cabelo.

— Eu sei. Está comprido demais.

— Gosto de cabelos compridos.

T.J. pacientemente tirou os nós, trabalhando em uma mecha de cada vez. O sol ficou a pino, mas a cobertura nos protegia. Um vento frio soprava do oceano. O som onipresente das ondas batendo nos recifes e a sensação da escova se movendo delicadamente pelo meu cabelo me embalsamaram para um estado de relaxamento.

Ele levantou meu cabelo do pescoço e me puxou para junto dele para que minhas costas ficassem encostadas no seu peito. Virei a cabeça, e ele afastou meu cabelo para o lado, colocando-o sobre meu ombro direito. Continuou escovando, e foi tão bom que, depois de um tempo, fechei os olhos e adormeci.

Quando acordei, sabia pelo som da respiração de T.J. que ele também havia adormecido. Seus braços envolviam minha cintura por trás, suas mãos fechadas repousavam na minha pele nua acima da parte de baixo do biquíni. Fechei os olhos de novo, pensando em como era bom ter os braços de T.J. me envolvendo.

Ele se agitou, sussurrando no meu ouvido:

— Você está acordada?

— Estou. Tirei uma boa soneca.

— Eu também.

Embora eu não quisesse de verdade, me sentei ereta, e suas mãos deslizaram da minha barriga. Meu cabelo caiu como um lençol macio pelas minhas costas. Olhei por cima do ombro e sorri.

— Obrigada por escovar meu cabelo.

Seus olhos estavam pesados de sono e algo mais. Algo que sem dúvida parecia desejo.

— Quando quiser.

As batidas do meu coração se aceleraram. Meu estômago se encheu de borboletas e uma sensação de calor se espalhou em mim.

Pensar que nossa relação estava para se tornar complicada era um eufemismo.

CAPÍTULO 24

T.J.

Observei Anna se afastar depois de escovar o cabelo dela. Pensei no outro dia, quando ela soltou aquele gemido na hora em que passei a mão pela perna dela. Imaginei que som ela faria se eu fizesse algo mais com a minha mão. O desejo de deslizar a mão para dentro da parte de baixo do biquíni dela foi quase incontrolável. Se estivéssemos em Chicago, eu nunca teria uma chance com ela. Mas eu começava a pensar se, ali na ilha, eu teria.

* * *

Anna e eu nadamos para a frente e para trás na laguna, esperando os golfinhos.

— Estou entediado — confessei.

— Eu também — disse Anna, boiando de costas. — Ei, vamos ver se conseguimos fazer aquele passo de dança, como o Johnny e a Baby.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Você nunca viu *Dirty Dancing*?

— Não.

— É um ótimo filme. Vi quando estava no ensino médio. Em 1987, eu acho.

— Eu tinha dois anos.

— Ah. Às vezes eu esqueço como você é novo.

— Eu não sou tão novo.

— Bom, enfim, o Patrick Swayze fazia o papel de um professor de dança chamado Johnny Castle em um resort nas montanhas Catskill. Jennifer Grey fazia o papel de Baby Houseman, e ela estava lá com a família. — Anna fez uma pausa por um segundo e continuou: — Ei, acabei de pensar em uma coisa. Baby e a família dela estavam passando as férias de verão inteiras *deles* longe de casa, como você.

— Ela também estava irritada por isso? — perguntei.

— Acho que não. Ela ficou com o Johnny, e eles passaram *muito* tempo na cama. *Por que eu nunca vi esse filme? Parece fantástico.*

— Mas então Penny, a parceira de dança do Johnny, engravidou, e Baby teve que substituí-la. Havia um passo difícil, em que Johnny levantava Baby, e no início ela não conseguia fazer; por isso, eles praticaram na água.

— E é isso que você quer fazer?

— Eu sempre quis tentar. Não deve ser tão difícil. Ela ficou na minha frente e disse:

— Tudo bem, vou correr na sua direção e, quando eu pular, coloque as mãos aqui. — Ela pegou minhas mãos e as colocou no seu quadril. — Então me levante reto acima da sua cabeça. Você acha que consegue me levantar?

Revirei os olhos.

— Claro que consigo levantar você.

— Por alguma razão, Baby usava calças na água quando ela fez isso, algo que nunca entendi. Você está pronto?

Eu disse que sim, e Anna correu na minha direção e pulou. No minuto que minhas mãos tocaram seu quadril, ela caiu em cima de mim, dizendo que estava fazendo cócegas. Meu rosto acabou na sua virilha.

Nós nos desembaraçamos, e ela disse:

— Não faça cócegas da próxima vez.

— Não fiz cócegas. Só coloquei as mãos onde você mandou.

— Tudo bem, vamos tentar de novo. — Ela voltou para o ponto de partida. — Lá vou eu. Dessa vez, quando a levantei, a água estava funda demais, e eu não consegui ficar de pé. Caí para trás, e ela aterrisou em cima de mim, o que não foi nada ruim.

— Merda, foi culpa minha — admiti. — Precisamos ir para a parte mais rasa. Tente de novo.

Dessa vez, fizemos com perfeição. Eu a levantei, ela esticou os braços e as pernas e arqueou as costas.

— Consequimos! — gritou ela.

Eu a segurei o máximo de tempo que consegui e depois abaixei os braços. Eu tinha dado alguns passos para trás, além de um leve declive e, assim que os pés dela tocaram o chão, a cabeça dela ficou submersa. Eu a peguei e a levantei. Ela inspirou e colocou os braços em volta do meu pescoço. Alguns segundos depois, ela envolveu as pernas em volta da minha cintura e se segurou.

Ela pareceu surpresa, talvez porque não esperasse que a água fosse cobrir sua cabeça, ou talvez porque eu estava com as minhas mãos na bunda dela.

— Não estou mais nem um pouco entediado agora, Anna.

Na verdade, se eu a descesse um pouco, ela sentiria exatamente como eu não estava entediado.

— Ótimo.

Ela ainda estava com os braços e as pernas ao meu redor, e eu já estava pensando em beijá-la, quando ela disse:

— Temos companhia.

Olhei para trás e vi quatro golfinhos nadando na laguna, nos cutucando com os focinhos e implorando para que brincássemos com eles. Desapontado, fui para a parte mais rasa e a coloquei na água, certificando-me de que seus pés estavam tocando o fundo.

Eu gostava de brincar com golfinhos, mas gostava muito mais de brincar com Anna.

CAPÍTULO 25

Anna

Nós nos sentamos embaixo da cobertura, jogando pôquer, observando a tempestade se formar. Relâmpagos ziguezagueavam no céu, e o ar úmido me pressionava como um cobertor. O vento levantou e espalhou nossas cartas.

— É melhor entrarmos — disse T.J.

Do lado de dentro, eu me estiquei ao lado dele no bote salva-vidas e observei o interior da casa iluminar-se com cada relâmpago.

— Não vamos conseguir dormir muito hoje à noite — refleti.

— Provavelmente não.

Nós nos deitamos, um ao lado do outro, ouvindo a chuva bater na casa. Apenas alguns segundos separavam os estrondos dos trovões.

— Nunca tivemos tantos relâmpagos assim — falei.

O que era mais inquietante é que os pelos dos meus braços e da minha nuca estavam arrepiados por causa do ar carregado de eletricidade. Eu dizia para mim mesma que a tempestade cessaria logo, mas, com o passar das horas, ela só se intensificava.

Quando as paredes começaram a tremer, T.J. saiu do bote salva-vidas e mexeu dentro da minha mala. Ele se virou e jogou meu jeans para mim.

— Coloque isso.

Ele pegou o próprio jeans e vestiu. Em seguida, enfiou a vara de pescar no estojo do violão.

— Por quê?

— Porque acho que não conseguimos passar por esta tempestade ficando aqui. Saí da cama e coloquei o jeans por cima do short.

— E para onde mais iríamos? — Assim que perguntei, entendi. — Não! Não vou entrar lá de jeito nenhum. Nós já conseguimos passar por outras tempestades. Podemos ficar aqui.

T.J. agarrou a mochila e colocou a faca, a corda e o kit de primeiros socorros lá dentro. Ele jogou meus tênis para mim e enfiou os pés no Nike sem desatar os laços.

— Nunca uma tempestade foi tão ruim assim — explicou ele. — E você sabe disso.

— Vamos — ordenou ele, e quase não ouvi, por causa do vento uivante.

Ele deslizou o braço pela mochila e me entregou o estojo do violão.

— Você vai ter que carregar isso.

Ele pegou a caixa de ferramentas com uma das mãos e a minha mala com a outra, e corremos pela floresta em direção à caverna. Chovia muito forte, e o vento soprava com tanta violência que pensei que fosse me levar.

Hesitei na entrada da caverna.

— Entre, Anna! — gritou T.J.

Eu me abaixei, tentando reunir a coragem para engatinhar para dentro. O súbito quebrar de um galho de árvore soou como um tiro, e T.J. colocou a mão no meu bumbum e me empurrou. Ele empurrou o estojo do violão, a caixa de ferramentas e a mala para dentro depois de mim, e seguiu atrás pouco antes de uma árvore cair, bloqueando a entrada da caverna e nos mergulhando na escuridão.

Colidi com Esqueleto como uma bola de boliche atingindo os pinos. Os ossos se espalharam pelo chão da caverna e, alguns segundos mais tarde, T.J. aterrissou ao meu lado.

Nós dois — e todos os nossos pertences — mal cabíamos naquele espaço reduzido. Tivemos que ficar deitados de costas, ombro com ombro, e, se eu esticasse o braço, podia tocar a parede da caverna, que estava a alguns centímetros à minha direita; T.J. podia fazer o mesmo à esquerda. A caverna cheirava a sujeira, plantas podres e animais que eu esperava não serem morcegos. Agradecida por estar usando jeans, cruzei meus pés nos tornozelos para impedir que qualquer coisa se arrastasse para dentro das pernas das minhas calças. O teto estava a menos de sessenta centímetros acima de nossas cabeças. Era como estar em um caixão com a tampa fechada, e entrei em pânico, o coração aos pulos, ofegante, me sentindo como se não conseguisse respirar.

— Respire mais devagar, Anna — disse T.J. — Assim que a chuva parar, saímos daqui. Fechei os olhos e me concentrei em inspirar e expirar. *Apenas bloqueie qualquer pensamento. Sair da caverna agora não é uma opção.*

T.J. pegou minha mão e enlaçou seus dedos nos meus, apertando delicadamente. Apertei também, segurando a mão dele como se fosse uma corda salva-vidas.

— Não solte — sussurrei.

— Não vou soltar.

Ficamos na caverna durante horas, ouvindo quanto a tempestade estava enfurecida do lado de fora. Quando enfim parou, T.J. afastou os galhos de árvore da entrada. O sol estava alto; nos arrastamos para fora e ficamos chocados com a devastação.

A tempestade derrubou tantas árvores que, para voltar à praia, parecia que estávamos caminhando por um labirinto. Quando finalmente conseguimos sair da mata, paramos, com os olhos arregalados.

A casa não estava mais lá.

T.J. olhou para o chão onde antes ela estivera. Eu o abracei e disse:

— Sinto muito.

Ele não respondeu, mas colocou os braços ao meu redor, e permanecemos daquela maneira por um bom tempo.

Exploramos a área e encontramos o bote salva-vidas atirado contra uma árvore. Procuramos cuidadosamente por furos, e tentei ouvir o barulho de ar escapando, mas não escutei nada. O coletor de água flutuava no mar a vários metros da margem, e a lona e a cobertura do teto estavam emaranhadas em meio à pilha de pedaços de madeira que antes havia sido a nossa casa.

As almofadas dos assentos, os coletes salva-vidas e o cobertor estavam espalhados na areia. Nós os deixamos secar ao sol. Prendemos a cobertura do teto no bote, mas T.J. havia cortado as laterais de náilon e a porta de enrolar para usar na casa. A cobertura nos abrigaria da chuva, mas não tínhamos mais proteção contra os mosquitos.

Passamos o resto do dia construindo outra cabana e juntando lenha, empilhando-a do lado de dentro para secar. T.J. foi pescar, e fui catar coco e fruta-pão.

Mais tarde, nos sentamos perto do fogo comendo peixe, mal conseguindo manter os olhos abertos. Felizmente, o bote continuava inflado e, quando o sol se pôs, T.J. e eu fomos para a cama. Adormeci imediatamente, minha cabeça repousando na almofada ligeiramente úmida.

* * *

Eu estava nadando na laguna. T.J. trabalhava na reconstrução da casa, mas ele prometera se juntar a mim assim que acabasse de pregar mais algumas tábuas.

O desejo de colocar um teto sobre nossas cabeças consumia-o novamente e, nas seis semanas após a tempestade, ele havia feito um progresso considerável. Terminara a estrutura e se concentrava em levantar as paredes. Como já havia construído uma casa antes, seu ritmo era mais rápido desta vez, e ele trabalharia sem parar se eu não o convencesse a tirar uma folga.

Eu estava caminhado dentro da água quando ele apareceu na praia. De repente, correu para a margem, gritando e acenando para que eu saísse. Eu não conseguia descobrir o motivo por que ele estava tão perturbado, mas então me virei.

Avistei a barbatana segundos antes de ela desaparecer sob a superfície. Eu sabia, pelo tamanho e pela forma, que não era um golfinho.

T.J. correu para dentro da água gritando:

— Nade, Anna, nade!

Com medo de olhar por cima do ombro, nadei mais rápido do que pensei que fosse possível. Eu ainda não conseguia tocar o fundo do mar, mas T.J. me alcançou, me agarrou pelo braço e me puxou para as águas mais rasas. Coloquei os pés no chão e corremos.

Eu tremia muito. T.J. me segurou pelos ombros e disse:

— Você está bem.

— Há quanto tempo você acha que ele está nadando na nossa laguna? — perguntei.

T.J. examinou a água azul-turquesa.

— Não sei.

— De que tipo você acha que ele é?

— De recifes, talvez?

— Você não pode pescar ali, T.J.

Ele frequentemente ficava parado com a água na altura da cintura, já que nossa linha de pesca não era muito comprida.

— Eu saio se vir a barbatana.

— A menos que você não veja.

Passamos os dias seguintes perto na beira da praia, procurando o tubarão. A superfície da laguna permanecia mansa, e a água continuava calma e parada. Os golfinhos vieram, mas eu não entrei. Tomávamos banhos alternadamente, mas concordamos em ficar perto da margem, arriscando ir alguns centímetros mais ao fundo apenas para nos enxaguarmos.

Uma semana inteira se passou sem que nenhum de nós avistasse o tubarão. Pensamos que ele tivesse ido embora de vez, que sua presença na laguna tivesse sido uma coisa anormal, como a da água-viva.

T.J. voltou a pescar.

Alguns dias mais tarde, me sentei perto da margem para raspar as pernas. T.J. chegou com o peixe que pescara, observando enquanto eu passava a lâmina lentamente pela perna, fazendo um corte no joelho e tirando sangue. Ele estremeceu.

— A lâmina está cega — expliquei.

Ele sentou do meu lado.

— Você não pode ir para perto da água agora, Anna. E

foi assim que eu soube que o tubarão havia voltado.

Ele me disse que havia acabado de puxar o último peixe quando o avistou.

— Ele nadou para lá e para cá, paralelo à margem, com apenas a ponta da barbatana despontando na água. Parecia que estava caçando.

— Não pesque mais, T.J. Por favor.

Havia dias em que eu mal conseguia engolir um peixe, que era a parte principal da nossa dieta. Monitorávamos diariamente a beira da praia, em busca de caranguejos, procurando um pouco de variedade. Mas quase nunca encontrávamos, e nenhum de nós conseguia saber por quê. A fruta-pão e o coco conseguiam nos sustentar, mas percebi como ficaríamos famintos enquanto o tubarão espreitasse na laguna.

Outras duas semanas se passaram sem que nenhum de nós o visse. Eu ainda não chegava perto da água, a não ser para tomar banho e assim mesmo só até a altura dos joelhos. Nossos estômagos roncavam constantemente. T.J. queria pescar, mas eu implorava para que ele não fosse.

Eu imaginava o tubarão esperando pacientemente que um de nós dois se aventurasse para mais

longe. T.J. acreditava que o tubarão tinha ido embora, que ele finalmente decidira que não havia nada na laguna que ele quisesse. Nossas teorias conflituosas causaram mais de um desentendimento entre nós.

Havia muito eu já abandonara a noção de que eu tinha qualquer espécie de autoridade sobre T.J. Eu podia ser mais velha e ter mais experiência de vida, mas isso não importava na ilha. Vivíamos um dia de cada vez, direcionando e resolvendo os problemas juntos. Mas colocar-se no hábitat natural de um animal que pode comer você me soava como o epítome da estupidez, e falei isso para T.J., o que provavelmente foi o motivo para eu, dois dias depois, ao vê-lo pescando perto da hora do jantar, com água na altura da cintura, ficar ensandecida.

Sacudi os braços freneticamente e fiquei pulando na areia, a fim de chamar a atenção dele.

— Saia já daí!

Ele saiu da água devagar, andou até perto de mim e disse:

— Qual é o seu problema?

— O que você pensa que está fazendo?

— Estou pescando. Estou com fome, e você também.

— Estar com fome não é estar morto, T.J., e você não é invencível!

Eu o cutuquei com força no peito depois de cada palavra, e ele segurou minha mão para que eu parasse de cutucá-lo.

— Meu Deus, se acalme!

— Você me disse para não entrar na água no outro dia e agora é você que está lá em pé com água até a cintura, como se não fosse nada de mais.

— Você estava sangrando, Anna! E você não chegaria perto da água agora nem que eu implorasse, então não aja como se precisasse da minha permissão — gritou ele.

— Por que você está tão determinado a se colocar em perigo, mesmo depois de eu pedir para não fazer isso?

— Porque entrar ou não na água é uma decisão *minha*, Anna, e não sua.

— Suas decisões têm um efeito direto em mim, T.J., então acho que tenho todo o direito de questionar quando essas decisões são estúpidas!

As lágrimas brotaram nos meus olhos e meus lábios tremiam. Virei e me afastei pisando forte. Ele não me seguiu.

T.J. havia terminado de reconstruir a casa na semana anterior. Eu entrei e me deitei no bote salva-vidas. Quando parei de chorar, respirei profunda e lentamente para me acalmar, e devo ter cochilado, porque, quando abri os olhos, T.J. estava deitado de costas ao meu lado, acordado.

— Desculpe-me — dissemos ao mesmo tempo.

— Droga. Você me deve uma Coca-Cola — falei. — Quero uma bem grande, com gelo extra. Ele sorriu.

— É a primeira coisa que vou fazer quando sairmos desta ilha.

Eu me apoiei em um cotovelo, encarando-o.

— Eu me apavorei. Estou muito assustada.

— Realmente acho que o tubarão foi embora.

— Não é só o tubarão, T.J. — Respirei profundamente. — Eu me importo demais com você, não posso suportar pensar em você se machucando ou morrendo. Só aguento estar aqui porque você está comigo.

— Você sobreviveria, Anna. Você pode fazer tudo o que eu faço e ficaria bem.

— Eu não ficaria bem. Fico bem quando estou sozinha em casa, mas não aqui, T.J. Não nesta ilha. — As lágrimas encheram meus olhos quando imaginei o isolamento e a dor que eu sentiria se T.J. partisse. — Não sei se é possível morrer de solidão, mas, depois de um tempo, eu iria desejar que isso acontecesse — sussurrei.

Ele levantou um pouco o corpo e colocou a mão na minha testa.

— Nunca diga isso.

— É verdade. Não diga que você nunca pensou nisso.

Ele não disse nada a princípio, mas não me olhou diretamente nos olhos. Finalmente, concordou disse:

— Depois que aquele morcego mordeu você.

As lágrimas brotaram dos meus olhos e escorreram pelo meu rosto. T.J. me puxou para o seu peito e me abraçou enquanto eu chorava, esfregando minhas costas, esperando que eu terminasse. Nenhum de nós usava muita roupa — ele usava short, e eu, biquíni —, e o contato pele com pele me tranquilizou de uma maneira que eu não esperava. Ele cheirava a mar, e esse era um aroma que eu sempre associaria a ele.

Suspirei, contente em liberar aquilo com um bom choro. Havia tanto tempo que ninguém me segurava assim que eu não queria me mexer. Finalmente, levantei a cabeça. Ele pegou meu rosto com as mãos e enxugou as lágrimas com os polegares.

— Melhor?

— Melhor.

— Nunca vou deixar você sozinha, Anna. Não, se depender de mim.

— Então, por favor, não entre na água.

— Tudo bem. — Ele enxugou mais algumas lágrimas. — Não se preocupe. Vamos dar um jeito. Sempre damos.

— Estou tão cansada, T.J.

— Então feche os olhos.

Ele não me entendeu bem. Eu queria dizer cansada em geral, de sempre ter um novo problema para resolver e de me preocupar constantemente com que um de nós ficasse doente ou ferido. Mas iria escurecer logo, e era tão bom estar nos braços dele. Deitei minha cabeça novamente e fechei os

olhos.

Ele me abraçou mais forte. Uma das suas mãos desceu do meu ombro para as minhas costas, e a outra repousava no meu braço.

— Você faz com que eu me sinta segura — sussurrei.

— Você está segura.

Eu me rendi ao sono e à fuga que dormir significava, mas, segundos antes de relaxar completamente, eu poderia jurar que os lábios de T.J. roçaram os meus com o mais doce e suave dos beijos.

Acordei nos braços dele logo antes de o nascer do sol, com fome, com sede e precisando ir ao banheiro. Saí da cama e da casa e andei até a mata, parando para juntar coco e fruta-pão no caminho de volta. O céu foi preenchido com a luz da manhã enquanto eu escovava os dentes e penteava o cabelo, e depois fui preparar o desjejum.

Enquanto eu esperava que ele acordasse, repassei os eventos da noite anterior na cabeça. Seu desejo havia sido palpável, irradiando dele como fogo. Sua respiração havia mudado, ficado mais alta, e seu coração saltava no peito sob meu rosto. Ele havia demonstrado um controle notável, e imaginei por quanto tempo ele se satisfaria em apenas me envolver nos seus braços.

Imaginei por quanto tempo *eu* me satisfaria.

Ele saiu da casa alguns minutos depois, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo.

— Oi. — Ele se sentou do meu lado e apertou meus ombros. — Como você está se sentindo hoje? — Seu joelho encostou no meu.

— Muito melhor.

— Dormiu bem?

— Dormi. E você?

— Dormi muito bem, Anna.

— Então, eu estava pensando — disse ele, coçando uma das picadas de mosquito. — E se eu levasse o bote salva-vidas até a laguna para pescar?

A sugestão dele me apavorou.

— De jeito nenhum — falei, balançando a cabeça para os lados. — E se o tubarão morder o bote? Ou virá-lo?

— Isso aqui não é o filme *Tubarão*, Anna. Além disso, você disse que não queria que eu ficasse de pé dentro da água.

— Acho que deixei isso bem claro — admiti.

— Se eu pescar do bote, não vamos ficar com fome.

Meu estômago roncou como se eu fosse um dos cães de Pavlov quando ele mencionou o peixe.

— Não sei, T.J. Parece uma má ideia.

- Não vou me afastar muito. Apenas fundo o suficiente para pegar alguns peixes.
- Tudo bem. Mas eu vou com você.
- Não precisa.
- Claro que precisa.

Tivemos que esvaziar o bote para passá-lo pela porta da casa. Nós o reinflamos com o tubo de dióxido de carbono e o carregamos para a praia.

— Mudei de ideia — falei. — Isso é uma loucura. Devíamos ficar na praia, onde é seguro. T.J. sorriu.

— E qual seria a graça?

Remamos até que o bote estivesse no meio da laguna. T.J. colocou a isca no anzol e puxou os peixes um por um, jogando-os em um recipiente plástico cheio de água do mar. Eu não conseguia ficar sentada quieta nem parar de olhar ao redor. T.J. me puxou para baixo, ao lado dele.

— Você está me deixando nervoso — disse ele, colocando os braços ao meu redor. — Vou pegar só mais alguns peixes, e voltamos.

O bote não tinha mais a cobertura presa, e o sol nos castigava. Eu estava apenas com um biquíni, mas ainda assim estava derretendo de calor. T.J. usava meu chapéu de vaqueiro, que ele tirou e colocou na minha cabeça.

— Seu nariz está ficando vermelho — disse ele.

— Está queimando. Está muito quente aqui.

T.J. pegou um pouco de água do mar e jogou no meu peito, olhando enquanto ela gotejava lentamente, escorrendo até o meu umbigo. Meu corpo formigou, e minha temperatura interna aumentou alguns graus. Ele começou a mergulhar a mão de novo, e então parou bruscamente.

— Ali está ele. — Ele tirou a vara de pescar da água.

Olhei por cima do meu ombro, e cada músculo do meu corpo se retesou. A barbatana deslizava pela água a vinte metros, movendo-se na nossa direção. Quando chegou perto o suficiente para que pudéssemos olhar bem, instintivamente peguei os remos e entreguei um a T.J. Observamos o tubarão circular o bote; nenhum de nós falava nada.

— Quero voltar para a praia — falei.

T.J. concordou, e remamos para longe; o tubarão nos seguiu até a parte rasa. Quando a água estava na altura do joelho, T.J. pulou para fora e puxou o bote para a areia comigo ainda sentada nele. Pulei para fora.

— O que vamos fazer agora, porra? — perguntou ele.

— Não sei.

Porque, realmente, eu não tinha ideia do que T.J. e eu íamos fazer com um tubarão de quase três metros morando na nossa laguna.

Caminhamos de volta para casa. T.J. fez uma fogueira, eu limpei e cozinhei o almoço. Comemos todos os peixes, nos empanturrando depois de ficar sem eles por tanto tempo. T.J.

começou a andar de um lado para o outro assim que terminou a última mordida.

— Não acredito que você estava dentro da água com aquela coisa. — Ele parou, se virando para me olhar. — Você não precisa mais se preocupar comigo entrando na água. Vou pescar do bote. Só espero que ele não resolva dar uma mordida no bote.

— Eis o problema, T.J. Não podemos ficar reinflando o bote a cada vez que trouxermos para dentro ou para fora da casa. Não sei quanto gás carbônico ainda temos. Se usarmos o bote para pescar, precisaremos mantê-lo aqui fora. Vamos continuar com a cobertura sobre nossa cabeça, mas só isso. E sem ele já era nossa proteção contra os mosquitos.

T.J. já tinha muitas mordidas por estar o tempo todo na mata.

— Então o tubarão decide se vamos comer ou onde vamos dormir?

— Isso mesmo.

— Isso é uma bobagem. O tubarão pode dar as regras dentro da água, mas não na terra. Temos que matar aquele animal.

Ele só pode estar brincando. Ir para cima de um conhecido comedor de gente não parece uma atitude muito realista, e pensei que poderia nos matar. T.J. entrou na casa e voltou com a caixa de ferramentas. Ele tirou a corda, desenrolou-a e a separou em fios individuais.

— Em que você está pensando? — perguntei, com medo de qual seria a resposta.

— Se eu conseguir dobrar alguns pregos e prender na corda, talvez possamos pescar o tubarão e puxá-lo para fora da água.

— Você quer tentar pescar o tubarão?

— É.

— Do bote?

— Não, da praia. Se estivermos em terra, talvez tenhamos alguma chance. Temos que trazer o tubarão para o raso — explicou ele.

— Bem, sabemos que isso é possível. Fiquei surpresa como ele chegou perto da beira do mar.

T.J. concordou. Nenhum de nós mencionou que o tubarão havia sido perfeitamente capaz de nadar em águas que batiam na cintura.

T.J. pregou três pregos até a metade no lado da casa e usou a parte de trás do martelo para dobrá-los antes de tirá-los. Ele amarrou os fios soltos da corda em volta da cabeça de cada prego, fazendo um anzol com três dentes.

— Não tenho certeza do que usar como isca — disse T.J.

— Você quer tentar pegar o tubarão *hoje*?

— Quero nossa laguna de volta, Anna.

Ele tinha um olhar determinado, e percebi que não havia como convencê-lo do contrário.

— Eu sei do que você precisa.

Eu não acreditei que ia contribuir com esse plano maluco.

— O quê?

— Uma galinha. Se colocarmos uma viva no anzol, ela vai se debater e atrair o tubarão. Ele bateu nas minhas costas.

— Estou contente de ver que você está a bordo.

— Contra a minha vontade.

Mas eu concordava com T.J. que precisávamos tentar. Apesar do tubarão, da água-viva e dos outros perigos que provavelmente desconhecíamos, a laguna era nossa, e eu podia entender por que T.J. queria lutar por ela. Eu só esperava que não pagássemos por isso com nossas vidas.

Nós havíamos capturado e comido mais duas galinhas desde aquela que encontramos no nosso primeiro Natal. Achávamos que havia pelo menos uma ainda, ou duas, se fôssemos sortudos. Mas não víamos nem ouvíamos nenhuma havia algum tempo. Era como se elas soubessem que as estávamos pegando, uma a uma.

Procuramos por toda a ilha e, quando tínhamos quase desistido, ouvimos o bater das asas.

Levamos mais meia hora para apanhá-la. Olhei para o outro lado quando T.J. a colocou no anzol.

Ele entrou na água até que estivesse na altura do peito, jogou a galinha o mais longe que conseguiu e voltou correndo, deixando a corda solta para que pudesse sentir qualquer mudança na tensão.

A galinha bateu as asas na superfície, tentando escapar. Assistimos, horrorizados, quando o tubarão se lançou para fora da água e engoliu a galinha. T.J. puxou a corda o mais forte que conseguiu para ajustar o anzol.

— Acho que funcionou, Anna. Consigo sentir que ele está puxando.

Ele deu vários passos para trás e enterrou os pés, segurando a corda com as mãos.

Subitamente, a corda deu um solavanco, e T.J. voou para a frente, caindo de cara na areia enquanto o tubarão nadava na direção oposta à da praia. Eu me joguei nas costas dele e agarrei a areia, virando para trás a unha de dois dedos. O tubarão nos arrastou como se não pesássemos nada. Quando conseguimos colocar novamente os pés no chão e nos levantar, estávamos dentro da água até a altura dos joelhos.

— Fique atrás de mim — disse T.J.

Ele enrolou a corda duas vezes no antebraço. Agarrei a ponta. Demos alguns passos para trás e nos seguramos no chão. O tubarão se debateu para a frente e para trás, tentando ao mesmo tempo comer a galinha e se livrar do nosso anzol.

Ele nos puxou de novo. T.J. segurava a corda o mais forte que conseguia, os antebraços inchando. O suor escorria pelo meu rosto enquanto continuávamos nosso cabo de guerra, a água agora na altura das coxas.

Meus braços queimavam e, à medida que os minutos passavam, eu sabia com certeza absoluta que T.J. e eu nunca conseguiríamos pará-lo. Pensei que a única razão pela qual ainda mantínhamos os pés no chão era porque o tubarão *deixava*. Seriam precisos três homens grandes para obter qualquer chance de luta, e era hora de desistir.

— Largue a corda, T.J. Precisamos sair daqui agora.

Ele não argumentou, mas a corda estava enrolada tão apertada em volta do antebraço de T.J. que ele não conseguiu soltá-la. Ele lutava para se libertar enquanto o tubarão o puxava para a parte mais funda, e estava apenas com a cabeça de fora quando a corda afrouxou. Aliviada, pensei que havia se rompido, mas então percebi o tubarão nadando na nossa direção.

— Saia da água, Anna!

Congelei, observando T.J. desenrolar seu braço freneticamente da corda. A barbatana deslizou por baixo da superfície, e eu sabia que ele nunca chegaria à praia a tempo.

Gritei. Mas então, pelo canto dos olhos, notei outras barbatanas se movendo tão rápido que passaram como se fossem uma mancha. Os golfinhos haviam chegado, dois ou três nadando juntos, formando um grupo.

Saí atabalhoadamente da água e observei enquanto eles rodeavam T.J., protegendo-o à medida que ele nadava em direção à praia. Quando ele se juntou a mim na areia, joguei meus braços em volta dele, soluçando.

Pouco depois, apareceram mais quatro outros golfinhos, e agora havia pelo menos sete. Eles atacaram o tubarão, batendo nele com os focinhos, empurrando-o para a parte rasa.

T.J. avistou a ponta da corda flutuando perto do grupo de golfinhos. Ele entrou na água e rapidamente a agarrou. Nós a puxamos e, com alguma ajuda dos golfinhos, o tubarão acabou na praia sacudindo de um lado para outro, algumas penas de galinha saindo da boca.

T.J. me deu um abraço. Com as minhas pernas ao redor da cintura dele, gritamos e comemoramos.

Os golfinhos nadavam, empolgados. T.J. e eu corremos para dentro da água e, embora abraçar golfinhos não fosse uma tarefa fácil, conseguimos fazê-lo. Eles se dispersaram alguns minutos depois. T.J. e eu saímos da água e ficamos parados ao lado do tubarão, que estava imóvel na areia.

— Eu não sei o que teria acontecido se os golfinhos não tivessem aparecido — falei.

— O tubarão estava nos dando uma surra, isso é certo.

— Nunca fiquei com tanto medo na vida. Pensei que o tubarão ia comer você. T.J. me abraçou, descansando o queixo no topo da minha cabeça.

— Mas ele não me comeu.

— Vamos comer o tubarão agora, não vamos? — perguntei.

— É claro que sim — disse ele, com um sorriso escancarado no rosto.

T.J. cortou o tubarão com o serrote, e era a coisa mais nojenta que eu já tinha visto. Com a faca, transformei pedaços dele em bifes. O serrote e a faca não eram os instrumentos ideais para fazer filé de tubarão, e por isso ficamos cobertos de sangue, que encharcou o meu biquíni amarelo e o short de T.J. com um resíduo oleoso. O cheiro me dominava, um odor metálico e ardido me invadia toda vez que eu respirava. Teríamos que enterrar a carcaça em algum lugar, mas decidimos só nos preocuparmos com isso mais tarde.

Examinei nosso trabalho. Tínhamos mais bifes de tubarão do que conseguiríamos comer e teríamos que jogar a maior parte fora, mas o jantar seria um banquete.

O sangue riscava o peito de T.J.

— Você quer se limpar primeiro? — perguntou ele, depois de voltarmos para casa.

— Não, vá você na frente. Vou fazer purê de fruta-pão. Vou depois.

Já fazia dias que eu não me sentia realmente limpa. Estava ansiosa para usar sabonete e tomar um longo banho com mais de trinta centímetros de profundidade de água.

Ele entrou na casa e voltou carregando as roupas, o sabonete e o xampu.

— Deixe seu short aí. Vou tentar lavar mais tarde.

— Tudo bem — disse ele por cima do ombro.

Fiz purê de fruta-pão. Eu havia inventado a receita em um dia longo e tedioso, primeiro ralando o coco em uma pedra e depois espremendo-o através de uma camiseta para fazer leite de coco. Eu assava a fruta-pão e depois a ralava também, adicionando o leite de coco e aquecendo perto do fogo em uma casca vazia de coco. T.J. amava o meu purê.

Enfiei os pedaços de tubarão em varetas para poder cozinhá-los no fogo.

— Sua vez — disse T.J. ao retornar, cheirando muito melhor do que eu. — Vou começar a cozinhar enquanto você estiver lá. Podemos comer assim que voltar.

— Tudo bem. — Apontei para T.J. — E mantenha suas mãos longe dessa fruta-pão.

Entrei na casa e procurei minhas roupas na mala. Uma coisa azul capturou meu olhar. *Por que não?*

Eu tinha todas as razões para me arrumar. O jantar sempre é especial quando foi você que o matou, não o contrário.

CAPÍTULO 26

T.J.

Estiquei o cobertor perto da fogueira e verifiquei o tubarão, me certificando de que ele não estava queimando. Não que importasse, porque nós tínhamos muito, mas meu estômago roncava e eu mal podia esperar para que estivesse pronto e pudéssemos comer.

Anna chegou usando o vestido azul, o cabelo molhado penteado para trás. Ela cheirava a baunilha. Sorri e levantei as sobrancelhas quando ela se sentou do meu lado. Ela ficou vermelha.

— Você está muito bonita — elogiei.

— Obrigada. Achei que devia me arrumar. Já que estamos comemorando.

Comemos tanto tubarão quanto conseguimos. A textura dos filés me lembrava a de um bife, e o sabor era mais forte do que o dos peixes pequenos que costumávamos comer.

— Você quer mais fruta-pão? — perguntei. Em vez de responder, ela arrotou. — Anna, estou *chocado* — provoqueei. — Nunca ouvi você arrotar.

— É porque eu sou uma *dama*. E nunca tive comida suficiente no estômago para me fazer arrotar. — Ela sorriu. — Uau! Isso foi muito bom.

— Então, você quer mais? Está quase acabando.

— Claro — disse ela, rindo. — Agora eu tenho espaço.

Eu já tinha servido um pouco de fruta-pão nos meus dedos. Sem pensar, os estendi para ela. Anna parou de rir e olhou para mim como se não tivesse bem certeza do que eu queria dizer. Esperei, e ela se inclinou na minha direção e abriu a boca. Deslizei meus dedos para dentro, pensando se meus olhos estavam tão arregalados quanto os dela. Quando ela chupou a fruta-pão, minha respiração ficou descompassada.

— Mais?

Ela confirmou com um leve aceno de cabeça, e a respiração dela também não parecia normal. Servi um pouco de fruta-pão e, desta vez, quando coloquei meus dedos na sua boca, ela colocou a mão no meu pulso.

Esperei que ela engolisse e então perdi a cabeça completamente.

Segurei seu rosto com as duas mãos e a beijei, com força. Ela abriu a boca e deslizei a língua para dentro. Eu poderia beijá-la por dias e, se ela me pedisse para parar, não sei se conseguiria.

Mas ela não me pediu para parar. Colocou os braços em volta do meu pescoço, pressionou o corpo contra o meu e me beijou de volta com a mesma intensidade. Eu a puxei para o meu colo, de modo que ela ficasse montada em mim, e gemi dentro da sua boca quando ela se sentou na minha

ereção, o vestido enrolado até a cintura.

Ela beijou meu pescoço, lambendo e sugando até o meu ombro. A sensação era incrível. Puxei seu vestido por cima da cabeça e a levantei, deitando-a de costas. Enganchei meus dedos no cócs da sua calcinha, e ela levantou os quadris para que eu a tirasse. Eu a beijava freneticamente, minhas mãos vagueando pelo seu corpo, porque eu não conseguia decidir onde queria tocá-la.

— Mais devagar, T.J. — sussurrou ela.

— Não consigo.

Ela colocou a mão entre nós dois e tirou meu short. Assim que fiquei nu, ela me envolveu com a mão. Gozei vinte segundos depois, surpreso por ter levado tanto tempo.

Quando minha cabeça clareou, eu a beijei e passei as mãos em cada centímetro dela, devagar, dessa vez. Toquei-a em lugares que nunca imaginei que fosse tocar e, ouvindo os barulhos que ela fazia, imaginei que estava bastante bom.

Quando fiquei duro de novo, o que aconteceu logo, puxei Anna para cima de mim. Estar dentro dela era uma sensação diferente de tudo o que eu já sentira antes. Emma estava nervosa e tensa, e eu estava preocupado em não machucá-la, mas Anna parecia relaxada, como se soubesse o que estava fazendo. Ela se sentou ereta, as mãos espalmadas na minha barriga, se movendo no próprio ritmo. A visão era maravilhosa. Observei quando ela fechou os olhos e arqueou as costas; e, alguns minutos depois, quando sua expressão mudou e ela gritou, segurei seus quadris bem apertado e gozei mais forte do que nunca na vida.

Mais tarde, coloquei os braços em volta dela e sussurrei:

— Isso que aconteceu, você e eu, foi só hoje?

— Não.

CAPÍTULO 27

Anna

Entramos na casa quando a escuridão caiu, e os mosquitos apareceram. T.J. se deitou ao meu lado e nos cobriu. Ele enroscou seu corpo nu em volta do meu e adormeceu segundos depois.

Eu estava bem acordada.

Quando ele me beijou, não parei para pensar antes de retribuir. Éramos dois adultos agindo de comum acordo. No entanto, por mais que eu repetisse isso na minha cabeça, sabia que, se um dia saíssemos da ilha e as pessoas descobrissem o que havíamos feito, haveria consequências pelas minhas ações. Enquanto eu estava no escuro, deitada de conchinha com T.J., justifiquei meus atos, me convencendo de que havíamos feito algo bom; além disso, se alguém merecia aquilo, éramos nós. Nossas ações eram um problema nosso e de mais ninguém.

Pelo menos foi isso o que eu disse a mim mesma.

* * *

Usando o boné de T.J., meu cabelo preso atrás para não atrapalhar, eu me apoiei em um dos joelhos. Espalhados no chão, à minha frente, estavam a vareta curva que T.J. usava para fazer fogo, dois pequenos pedaços de madeira e um ninho seco de casca de coco e grama.

Cerca de uma semana depois de matarmos o tubarão, T.J. disse que havia uma coisa que eu não sabia como fazer. Ele sempre fazia as fogueiras e queria ter certeza de que eu podia fazer uma também. Ele estava me ensinando, e eu começava a pegar o jeito, embora ainda não conseguisse produzir nada além de um monte de fumaça e suor.

— Você está pronta? — perguntou T.J.

— Estou.

— Tudo bem, vamos lá.

Peguei uma vareta, enfiei-a através da laçada do cadarço e usei o laço para girá-lo. Dez minutos depois, eu tinha fumaça.

— Continue — disse ele. — Está perto. Você tem que girar o laço o mais rápido que puder.

Girei o laço mais rápido e, vinte minutos depois, os braços doendo e o suor escorrendo pelo rosto, notei uma brasa brilhando. Apanhei-a por baixo e a levei para o ninho inflamável perto de mim. Peguei o ninho, segurei-o em frente ao rosto e soprei delicadamente dentro dele.

Ele irrompeu em chamas, e eu o larguei.

— Ai, meu Deus!

T.J. bateu a palma da mão na minha, comemorando.

— Você conseguiu!

— Eu sei! Quanto tempo você acha que levou?

— Não muito. Mas eu não me importo com a *rapidez* com que você consiga fazer. Só quero ter certeza de que você consegue. — Ele tirou meu chapéu e me beijou. — Bom trabalho.

— Obrigada.

A façanha era acridoce, porque, embora tivesse aprendido a fazer fogo sozinha, a única razão pela qual eu precisaria disso seria se algo acontecesse com T.J.

CAPÍTULO 28

T.J.

Estávamos almoçando quando uma galinha saiu de entre as árvores.

— Anna, olhe atrás de
você. Ela se virou.

— Que diabo?

Observamos enquanto a galinha se aproximava. Ela ciscava, sem nenhum tipo de pressa.

— Havia mais uma afinal — concluí.

— Sim, a estúpida. — Anna apontou. — Se bem que ela é a última sobrevivente,
então alguma coisa ela fez de certo, pelo menos.

Ela foi em direção a Anna, que disse:

— Ah, oi. Você sabe o que fizemos com as suas companheiras?

A galinha inclinou a cabeça e olhou para Anna como se estivesse tentando
entender o que ela dissera. Então Anna falou:

— Vamos deixar esta viva, T.J. Vamos ver se ela bota ovo.

E então construí um pequeno galinheiro. Anna pegou a galinha e a colocou do lado
de dentro. Ela se sentou e olhou para nós dois como se estivesse feliz com a sua nova
casa. Anna colocou um pouco de água em uma casca de coco vazia.

— O que galinhas comem? — perguntou ela.

— Não sei. Você é a professora. Você me diz.

— Eu ensinava *inglês*. Em uma grande área
metropolitana. Dei uma risada.

— Bem, não sei o que ela come. — Eu me abaixei no galinheiro e disse: — É
melhor você botar um ovo, porque no momento você é só mais uma boca para
alimentar. E, se não gostar de coco, fruta-pão e peixe, talvez você não goste daqui.

Juro por Deus que a galinha concordou com a cabeça.

Ela botou um ovo no dia seguinte. Anna quebrou-o em uma casca de coco vazia e
mexeu com o dedo. Colocou a casca do coco perto das chamas e esperou que o ovo
cozinhasse. Quando pareceu pronto, dividimos.

— Está fantástico — disse Anna.

— Eu sei. — Terminei minha parte em duas mordidas. — Eu não como um ovo
mexido há tanto tempo... O gosto é exatamente como eu me lembrava.

A galinha botou outro ovo dois dias depois.

— Essa sua ideia foi ótima, Anna.

— Galinha provavelmente também acha — disse ela.

— Você deu o nome de Galinha para a galinha?

— Quando decidimos não matar, eu me apeguei.

— Tudo bem — falei. — Algo me diz que Galinha provavelmente gosta de você também.

* * *

Anna e eu fomos até a água para tomar um banho. Quando chegamos à margem, tirei meu short e entrei, virando-me para vê-la se despir.

Ela levou um tempo, primeiro tirando a blusa, e depois, devagar, o short e a calcinha.

Queria que ela pudesse fazer isso com música.

Ela se juntou a mim na água, e eu lavei o cabelo dela.

— Nosso estoque de xampu está perigosamente baixo — disse ela, dando um mergulho para enxaguar.

— Quanto temos?

— Não sei, talvez o suficiente para mais alguns meses. Nosso suprimento de sabonete também não está muito melhor.

Trocamos de lugar, e ela lavou o meu cabelo. Ensaboei as mãos e esfreguei-as por todo o seu corpo, e ela fez o mesmo comigo. Depois de nos enxaguarmos, nos sentamos na areia deixando o vento secar nossa pele. Anna se ajeitou na minha frente e se apoiou no meu peito, relaxando enquanto o sol afundava no horizonte.

— Observei você tomando banho um dia — admiti. — Saí para procurar lenha e não reparei para onde estava indo. Mas aí eu vi você entrar no mar nua, me escondi atrás de uma árvore e observei. Eu não devia ter feito isso. Você confiou em mim, mas eu fiz assim mesmo.

— Você me observou alguma outra vez?

— Não. Eu queria, várias vezes, mas não fiz. — Inspirei profundamente e deixei o ar sair. — Você ficou chateada?

— Não. Sempre pensava se você tentaria me observar. Você viu se eu, hum, por acaso...

— Sim.

Eu me levantei e peguei-a pela mão. Entramos de volta na casa e nos deitamos no bote salva-vidas. Mais tarde ela me disse que eu era muito melhor do que óleo de bebê e a mão dela.

CAPÍTULO 29

Anna

Eu me sentei perto da beira da água pintando as unhas dos pés de rosa. Era uma bobagem, considerando as circunstâncias, mas eu tinha o esmalte na mala e definitivamente tinha tempo, então eu acabava pintando.

T.J. se aproximou.

— Belos dedos.

— Obrigada — falei, começando outra camada. — Já contei sobre Lucy, minha manicure? Ele riu.

— Nem sei o que é isso.

— A garota que faz as minhas unhas.

— Ah. Não, você nunca me falou dela.

— Eu costumava fazer a unha com Lucy sábado sim, sábado não.

— É, eu talvez me cuidasse um pouco mais em Chicago do que aqui. De qualquer modo, o inglês não era a primeira língua de Lucy, e eu nunca soube qual era, sabia apenas que eu não sabia falar. Mesmo assim, isso não nos impediu de ter longas conversas, embora nenhuma de nós duas entendesse tudo o que a outra falava.

— Sobre o que vocês conversavam?

— Não sei, qualquer coisa. Ela sabia que eu ensinava em uma escola e tinha um namorado chamado John. Eu sabia que Lucy tinha uma filha de treze anos e amava reality shows. Ela era tão legal. Ela me chamava de querida e sempre me abraçava quando a gente dizia oi e tchau. Em toda visita me perguntava quando John e eu nos casaríamos. Uma vez, tivemos um grande desentendimento e, aparentemente, prometi que ela faria as unhas das minhas madrinhas de casamento.

Coloquei a tampa de volta no vidro de esmalte e dei uma olhada nas unhas dos pés. Eu não tinha feito o melhor dos trabalhos.

— Lucy enlouqueceria se visse meus pés agora. — Olhei para T.J. Ele tinha uma expressão estranha no rosto, que eu não conseguia decifrar. — O que houve?

— Nada.

— Tem certeza?

— Tenho. Vou pescar. É melhor você deixar essas unhas secarem.

— Tudo bem.

Ele parecia normal de novo quando voltou com o peixe. Superara rapidamente aquilo que o havia aborrecido, fosse o que fosse.

* * *

— Por que você não fica nua o tempo todo? — perguntou T.J. — Para que se vestir?

— Estou nua agora.

— Eu sei. Foi por isso que eu perguntei.

T.J. e eu estávamos parados perto da margem, tentando lavar nossas roupas sujas, inclusive as que estivéramos vestindo.

— Isso ainda está fedendo? — perguntou T.J., segurando uma camiseta para eu cheirar.

— É, talvez um pouco. — Era difícil limpar qualquer coisa, considerando que estávamos sem sabão para lavar roupas havia mais de um ano. Agora nós apenas esfregávamos as roupas dos dois lados na água, e já estava de bom tamanho.

— Se ficássemos nus o tempo todo, não teríamos que lavar roupa, Anna — disse ele com um grande sorriso no rosto. Saímos da água e jogamos as roupas sobre a corda que havíamos pendurado entre duas árvores.

— Se eu ficasse nua o tempo todo, você nem me notaria mais depois de um tempo.

— Ah, é claro que eu notaria.

— Você diz isso agora, mas com o tempo talvez não notasse mais.

Ele olhou para mim como se eu fosse louca. Quando voltamos para casa, ele se esticou no cobertor.

Também não me vesti, porque tudo o que eu tinha estava molhado. Eu me deitei de lado, de frente para ele, apoiada em um cotovelo.

— Ah, essa é uma boa pose — disse ele. — Eu gosto dessa.

— Seria como comer seu doce preferido o tempo todo — falei. — No início, seria ótimo, mas, depois de um tempo, você não ia mais querer. O gosto não seria tão bom.

— Anna, o seu gosto vai ser *sempre* bom. — Ele se inclinou e beijou meu pescoço.

— Mas uma hora você se cansaria — insisti.

— Nunca. — Então ele já estava se movendo um pouco mais para baixo com os beijos.

— Poderia acontecer — continuei, mas agora nem eu acreditava nisso.

— Não — disse ele, se movendo ainda mais para baixo, até que finalmente parou de responder. quase impossível falar quando se está fazendo o que ele estava fazendo...

* * *

Galinha veio na minha direção e pulou no meu colo.

T.J. riu e afagou suas penas.

— Acho muito engraçado quando ela faz isso — disse ele.

Não tínhamos mais que manter Galinha presa. Um dia a deixei do lado de fora e me esqueci de colocá-la de volta no galinheiro, e então ela ficou andando por ali, mas não tentou fugir.

— Eu sei, mas é tão estranho. Ela realmente gosta de mim por alguma razão. — Dei um tapinha de leve na cabeça de Galinha.

— É porque você se importa com ela.

— Eu amo animais. Sempre quis ter um cachorro, mas John era alérgico.

— Talvez você possa ter um quando voltarmos para casa — disse T.J.

— Um golden retriever.

— Esse é o cachorro que você quer?

— É. Um já adulto, que ninguém queira. De um abrigo. Vou comprar meu apartamento, vou adotar um cachorro e levar para casa.

— Você realmente pensou no assunto.

— Tive tempo para pensar em uma porção de coisas, T.J.

Algumas noites depois, quando estávamos na cama, T.J. gemeu e caiu em cima de mim, respirando forte.

— Uau — falei, sentindo seu corpo relaxar.

Ele beijou meu pescoço e sussurrou.

— Foi bom?

— Foi ótimo. Onde aprendeu isso?

T.J. riu, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Tenho uma excelente professora. Ela me deixa praticar o tempo todo, até que eu acerte.

Ele rolou para fora de mim, me puxando na direção dele para que eu pudesse descansar a cabeça no seu peito. Eu me aconcheguei mais perto, satisfeita e sonolenta. Ele massageou minhas costas.

Só descobri o que realmente queria na cama aos vinte seis ou vinte e sete anos. Quando eu tentava dizer a John, ele não parecia tão interessado em seguir a orientação. T.J., porém, não teve vergonha de perguntar do que eu gostava; então, decidi não ter vergonha de dizer a ele, o que funcionava de forma espetacular.

Suspirei.

— Você vai fazer uma mulher muito feliz um dia, T.J.

O corpo dele se retesou, e ele parou de massagear minhas costas.

— Eu só quero fazer você feliz, Anna.

A maneira como ele disse isso e a rejeição que ouvi na sua voz me fizeram ter vontade de retirar o que eu dissera.

— Ah, você faz, T.J. — acrescentei rapidamente. — Você me faz feliz.

Ele não falou muito no outro dia. Entrei na água enquanto ele pescava e fiquei parada perto dele.

— Desculpe-me. Magoei seus sentimentos, e isso é a última coisa que eu quero fazer. Ele manteve os olhos na linha de pesca.

— Sei que isso nunca teria acontecido entre nós em Chicago, mas, por favor, não fale em se despedir de mim enquanto estamos aqui.

Coloquei a mão no ombro dele.

— Quando eu disse aquilo, sobre você fazer outra mulher feliz, não era porque seria eu a dizer adeus, T.J. Seria você.

Ele se virou para mim, confuso.

— Por que eu faria isso?

— Porque sou treze anos mais velha do que você. Este pode ser o nosso mundo, mas não é o mundo real. Você ainda não viveu uma porção de coisas. Você não vai querer ficar amarrado a ninguém.

— Você não sabe o que eu quero, Anna. Além disso, não penso mais no futuro e não pensei mais desde que aquele avião não voltou. Tudo o que sei é que você me faz feliz, e eu quero estar com você. Você não pode apenas ficar comigo também?

— Posso — sussurrei. — Claro que posso.

Queria dizer a ele que eu nunca mais faria nada para magoá-lo. Mas eu tinha medo de ser uma promessa que eu talvez não pudesse cumprir.

* * *

T.J. fez dezenove anos em setembro.

— Feliz aniversário! — falei. — Fiz purê de fruta-pão de desjejum. — Entreguei a ele o pote e me inclinei para dar-lhe um beijo. Ele me puxou para o colo e insistiu em dividir.

— Por que você não comemora seu aniversário? — Ele me lançou um olhar constrangido. — Quando é mesmo?

— Vinte e dois de maio. Só não curto muito aniversários, eu acho.

Eu costumava adorar comemorar meu aniversário até John arruinar tudo. Quando fiz vinte e sete anos, estava convencida de que ele iria me pedir em casamento, porque havia feito reservas em um restaurante, dissera para eu me arrumar e tinha convidado nossos amigos para uns drinques antes do jantar. Eu o imaginei de joelhos, segurando um anel, e mal podia conter minha ansiedade quando o táxi nos deixou em frente ao restaurante. Entramos e todos já estavam lá, quase como uma festa surpresa. Quando o champanhe chegou, John tirou uma caixa da Tiffany do paletó e me presenteou com um par de brincos de brilhante. Mantive um sorriso no rosto pelo restante da noite, mas mais tarde Stefani me puxou para o banheiro e me abraçou. Deixei minhas expectativas o mais baixo

possível depois disso, o que se mostrou uma atitude inteligente porque, pelos três anos seguintes, ele não comprou sequer joias de presente de aniversário.

— Quero comemorar seu próximo aniversário, Anna.

— Tudo bem.

* * *

A estação de chuvas acabou em novembro. O Dia de Ação de Graças chegou e foi embora como qualquer outro dia, mas, no Natal, T.J. encontrou um caranguejo enorme perto da beira do mar. Minha boca salivou quando ele deu cutucões no animal em direção à fogueira, uma garra gigante beliscando a ponta do galho que T.J. segurava, a outra tentando pegá-lo o caminho inteiro. Ele deixou o caranguejo cair nas chamas e logo estávamos nos empanturrando, quebrando as patas com os alicates e puxando a carne de dentro com os dedos.

— Isso me lembra do nosso primeiro Natal, quando pegamos a galinha e comemoramos com alguma coisa diferente de peixe — disse T.J.

— Parece que foi há tanto tempo — falei, contendo as lágrimas.

— Você está bem?

— Estou. Apenas pensei que talvez estivéssemos em casa no Natal este ano.

T.J. colocou o braço em volta de mim.

— Talvez no ano que vem, Anna.

* * *

Em fevereiro, acordei de uma soneca. Um buquê de flores colhidas de várias moitas e arbustos espalhados pela ilha estava no cobertor ao meu lado, com um pequeno pedaço de corda amarrando-as em volta dos caules.

Encontrei T.J. na beira da água.

— Alguém andou checando o calendário. Ele sorriu.

— Eu não queria perder o Dia dos Namorados. Eu o beijei.

— Você é tão doce comigo.

Puxando-me mais para perto, ele disse:

— Não é difícil, Anna.

Olhei dentro dos olhos de T.J., e ele começou a se mover suavemente. Meus braços foram para trás do pescoço dele e nós dançamos, girando, a areia macia e quente sob nossos pés.

— Você não precisa de música, precisa?

— Não — respondeu T.J. — Mas eu realmente preciso de você.

Alguns dias mais tarde, T.J. e eu andávamos na beira da água ao pôr do sol.

— Sinto falta dos meus pais. Tenho pensado muito neles ultimamente. Na minha irmã e no meu cunhado também. E em Joe e em Chloe. Espero que você possa conhecê-los um dia, T.J. Eles vão gostar de você.

— Também espero.

A essa altura, eu sabia que, se um dia fôssemos resgatados, T.J. teria que fazer parte da minha vida em Chicago. De que maneira, eu não sabia. Ele havia perdido tanto e não seria justo desperdiçar seu tempo. Mas a minha parte egoísta não conseguia conceber não adormecer nos seus braços ou estar com ele todos os dias. Eu precisava de T.J., e o pensamento de ficar longe dele me incomodava mais do que eu gostava de admitir.

CAPÍTULO 30

T.J.

— Anna — sussurrei seu nome. — Você está acordada?

— Humm. — Fez ela.

— Você ainda ama aquele cara?

Eu sabia o nome dele, mas não queria falar. Eu estava enrolado nela, meu peito contra as suas costas. Anna virou para me encarar.

— John? Não. Não o amo mais. Não penso nele há bastante tempo. Por quê?

— Por nada, eu estava só pensando. Vá dormir.

Beijei a testa dela e a aconcheguei no meu peito.

Mas ela não foi dormir. Em vez disso, fez amor comigo.

* * *

Anna fez trinta e três anos em maio, e nós comemoramos seu aniversário pela primeira vez na ilha. Caía uma chuva bem fina, e nós nos deitamos um do lado do outro no bote, ouvindo o ritmo estável dos pingos que batiam no telhado da casa.

— Na verdade, não comprei nada para você. Uma vez você me disse que o shopping da ilha era horrível — falei.

Ela sorriu.

— Não tem muita coisa.

— É. Então vamos ter que fingir. Se estivéssemos em casa, eu levaria você para jantar e então daria os presentes. Mas já que não estamos em casa, vou apenas dizer todas as coisas incríveis que comprei para você, está bem?

— Ah, não precisava — gracejou ela.

— Você merece. Vamos lá: o primeiro presente são livros. Todos os best-sellers atuais.

— Sinto falta de ler.

— Eu sei.

— Você é bom nisso. O que mais comprou para mim?

— Ah, alguém está gostando do aniversário. Seu próximo presente é música.

— Você fez uma coletânea para mim? — perguntou

Anna. Sorri e comecei a fazer cócegas nela.

— Com todos os clássicos do rock.

Ela se contorceu e deu risadinhas, rolando para cima de mim, tentando prender minhas mãos embaixo dela para que eu parasse de fazer cócegas.

— Amei — disse ela. — Livros e música. Minhas duas coisas preferidas. Obrigada.

— Ela me beijou. — Este foi o melhor aniversário em muito tempo.

— Estou feliz que você tenha gostado.

Puxei meus braços de baixo do corpo dela e enfiei o seu cabelo atrás das orelhas.

— Amo você, Anna.

O olhar surpreso no seu rosto me mostrou que ela não imaginou que eu fosse dizer aquilo.

— Você não deveria se apaixonar — sussurrou ela.

— Bem, eu me apaixonei — falei, olhando dentro dos olhos dela. — Estou apaixonado por você há meses. Só estou dizendo agora porque acho que você me ama também, Anna. Você apenas acha que não deve. Você vai me dizer quando estiver pronta. Posso esperar. — Puxei a boca dela até a minha e a beijei; quando o beijo acabou, eu sorri e disse: — Feliz aniversário.

CAPÍTULO 31

Anna

Eu deveria saber que ele estava se apaixonando. Todos os sinais estavam lá havia algum tempo. Só depois que ele ficou doente que eu me arrependi de não dizer que ele estava totalmente certo.

Eu o amava também.

Uma semana depois do meu aniversário, deitei-me na cama ao lado dele apenas para descobrir que ele já estava dormindo. Eu tinha ido ao banheiro e enchido nossa garrafa no coletor de água, mas demorei alguns minutos, e T.J. só dormia depois de fazer amor.

Ele ainda estava dormindo na manhã seguinte quando acordei e continuava dormindo depois que eu já havia saído para pescar e juntar coco e fruta-pão.

Engatinhei para a cama. Seus olhos estavam abertos, mas ele parecia cansado. Beijeí seu peito.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou, só estou cansado.

Beijeí seu pescoço, da maneira como eu sabia que ele gostava, mas então parei de repente.

— Ei, não pare.

Coloquei a mão no pescoço dele.

— T.J., tem um caroço aqui.

Ele levou a mão até lá e tocou com as pontas dos dedos.

— Não deve ser nada.

— Você disse que me contaria se notasse alguma coisa.

— Eu não sabia que tinha isso aí.

— Você parece realmente cansado.

— Estou bem. — Ele me beijou e tentou tirar minha camiseta. Eu me sentei, fora do alcance dele.

— Então o que é esse caroço?

— Não sei. — Ele saiu da cama. — Não se preocupe com isso, Anna.

Depois do desjejum ele aceitou, a contragosto, que eu examinasse seu pescoço de novo. Pressionei meus dedos delicadamente sob a mandíbula, descobrindo gânglios linfáticos inchados em ambos os lados. Ele suou à noite? Eu não tinha certeza. Ele não parecia ter perdido peso, eu teria notado. Nenhum de nós falou nada sobre o que os gânglios podiam significar. Ele parecia exausto, então eu o mandei de volta para a cama. Caminhei até a laguna, entrei na água e boiei, fitando o céu azul sem nuvens.

O câncer voltou. Eu sei, e ele também.

Ele acordou para o almoço, mas, depois de comermos, dormiu novamente, e ainda dormia quando chegou a hora do jantar. Entrei na casa para ver como ele estava. Quando me abaixei para beijar seu rosto, sua pele queimou meus lábios.

— T.J.! — Ele gemeu quando coloquei as costas da mão na sua testa quente. — Já volto. Vou pegar o antitérmico.

Encontrei o kit de primeiros socorros e joguei dois comprimidos na palma da mão. Ajudei-o a engolir o remédio com água, mas ele vomitou tudo alguns minutos depois.

Limpei-o com uma camiseta e tentei mudá-lo um pouco de posição, para uma parte mais seca do cobertor. Ele gritou quando eu o toquei.

— Tudo bem, não vou mexer em você. Diga o que está doendo.

— Minha cabeça. Atrás dos olhos. Em todo lugar.

Ele ficou imóvel e não disse mais nada.

Esperei por um tempo e tentei mais antitérmico. Fiquei preocupada que ele vomitasse de novo, mas dessa vez o remédio ficou.

— Você vai se sentir bem depois de um tempo — falei, mas, quando chequei meia hora depois, a testa dele estava ainda mais quente.

Por toda a noite, ele ardeu de febre. T.J. vomitou novamente e não conseguia suportar que eu o tocasse, porque, segundo ele, parecia que seus ossos iam quebrar.

No dia seguinte, ele dormiu durante horas. Não comeu e mal bebeu. Sua testa estava tão quente que eu tinha medo de que a febre queimasse seu cérebro.

Isso não era câncer. Os sintomas tinham vindo muito abruptamente.

Mas, se não é câncer, o que é? E que diabo eu vou fazer?

A febre não baixou, e nunca desejei tanto um gelo quanto naquele momento. Ele estava quente demais, e a camiseta que eu tinha mergulhado em água e torcido provavelmente estava muito quente para resfriar sua testa, mas eu não sabia mais o que fazer.

Os lábios dele estavam secos e rachados. Consegui enfiar um pouco de água e antitérmico pela garganta dele. Queria segurá-lo nos meus braços, confortá-lo, tirar o cabelo dos seus olhos, mas, como meu toque lhe causava dor, eu não fazia nada.

No terceiro dia apareceram erupções na pele de T.J. Pontos vermelhos brilhantes cobriam seu rosto e seu corpo. Pensei que talvez a febre estivesse perto de cessar, que as erupções sinalizassem que seu corpo estava lutando contra a doença, mas na manhã seguinte as erupções estavam piores, e ele, ainda mais quente. Sem descanso e irritado, ele perdia e recobrava a consciência, me deixando em pânico quando eu não conseguia despertá-lo.

O sangue começou a gotejar do seu nariz e da sua boca no quinto dia. O medo me inundava em ondas enquanto eu limpava o sangue com minha blusa branca; à tardinha ela estava vermelha. Eu dizia para mim mesma que o sangramento tinha melhorado, mas não era verdade. Hematomas

cobriam seu corpo nos locais onde o sangue coagulava sob a pele. Eu me deitava ao lado dele por horas, chorando e segurando sua mão.

— Por favor, não morra, T.J.

Quando o sol nasceu na manhã seguinte, eu o peguei nos braços. Se ele sentiu dor com meu toque, não demonstrou. Galinha apareceu do lado do bote, e eu me abaixei para pegá-la. Ela pulou para perto de T.J. e não saiu do lado dele. Eu a deixei ficar.

— Você não está sozinho, T.J. Estou bem aqui.

Eu penteava o cabelo dele, afastando-o do rosto, e beijava seus lábios. Entrando e saindo de um estado de sono, sonhei que T.J. e eu estávamos no hospital, e o médico me dizia que eu devia ficar feliz porque pelo menos não era câncer.

Quando acordei, coloquei meu ouvido no seu peito, chorando de alívio quando ouvi as batidas do seu coração. Ao longo do dia, as erupções melhoraram, e o sangramento foi diminuindo até finalmente parar. Naquela noite, comecei a pensar que talvez ele sobrevivesse.

Na manhã seguinte, sua testa estava fresca. Ele fez um barulho quando tentei despertá-lo, o que me fez pensar que ele estava dormindo, e não inconsciente. Saí de casa para pegar coco e fruta-pão, enchendo diversos recipientes com água do coletor e parando frequentemente para verificar o estado dele.

Fiz uma fogueira. Eu não tinha como cronometrar, mas, se tivesse que arriscar um palpite, diria que levei menos de vinte minutos.

Nada mal para uma garota da cidade.

Escovei os dentes. Eu realmente precisava de um banho — eu não chegava perto da água havia dias —, mas não queria deixar T.J. sozinho tanto tempo. À tardinha, deitei-me ao lado dele, segurando sua mão. Suas pálpebras vibraram e depois se abriram completamente. Apertei seus dedos com delicadeza e disse:

— Olá.

Ele se virou na minha direção e piscou, tentando focar. Ele torceu o nariz.

— Você está fedendo, Anna.

Comecei a rir e chorar ao mesmo tempo.

— Você também não cheira tão bem, Callahan.

— Posso beber água?

Sua voz estava áspera. Eu o ajudei a se sentar para que pudesse beber da garrafa de água que eu tinha levado para ele.

— Não beba tão rápido. Quero que você consiga reter a água. — Deixei-o beber metade da garrafa e então deitei-o de volta na cama. — Você pode tomar o resto em alguns minutos.

— Não acho que o câncer tenha voltado.

— Não — concordei.

— O que você acha que foi?

— Alguma virose, senão eu e você não estaríamos tendo essa conversa. Você está com fome?

— Estou.

— Vou pegar coco. Desculpe, não tem peixe. Eu não tenho entrado na água.

— Quanto tempo eu fiquei mal?

— Alguns dias.

— Verdade?

— É. — As lágrimas encheram meus olhos. — Pensei que você fosse morrer —

sussurrei. — Você estava tão doente e não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser ficar do seu lado. Amo você, T.J. Eu devia ter dito antes. — As lágrimas rolaram pelo meu rosto.

Ele me puxou para perto e disse:

— Eu amo você também, Anna. Mas você já sabia disso.

CAPÍTULO 32

T.J.

Bebi água enquanto Anna foi pescar. Quando ela voltou, cozinhou o peixe e me deu comida na cama.

— Você fez uma fogueira — falei.

— Fiz. — Ela parecia orgulhosa.

— Foi difícil?

— Não.

Eu queria devorar a comida, mas Anna não deixou.

— Não coma tão rápido — sugeriu ela.

Eu diminuí o ritmo, deixando meu estômago se acostumar a ter algo dentro.

— Por que Galinha está na cama com a gente? — perguntei.

Eu não tinha percebido logo, mas ela estava sentada no canto do bote sem emitir nenhum som e parecendo bem à vontade.

— Ela estava preocupada com você também. Agora ela simplesmente gosta de ficar aqui.

Mais tarde, Anna e eu fomos até a praia tomar um banho, parando duas vezes para que eu pudesse descansar.

Ela me guiou até a água e ensaboou as mãos, passando-as pela minha pele. Quando fiquei limpo, ela se lavou. Seus ossos dos quadris saltavam, e eu contava cada costela.

— Você não comeu enquanto eu estava doente?

— Não muito. Eu ficava com medo de deixar você. — Ela se enxaguou e então me ajudou a ficar de pé. — Além disso, você também não estava comendo.

Ela segurou minha mão e voltamos para casa. Parei de andar.

— O que foi? — perguntei.

— Aquele namorado que você tinha deve ter sido um completo idiota.

Ela sorriu.

— Venha. Você precisa descansar.

Tomar um banho havia me cansado tanto que eu não argumentei. Quando chegamos em casa, ela me ajudou a ir para a cama e se esticou ao meu lado, segurando minha mão até que eu adormecesse.

Eu não tive muita energia na semana seguinte, e Anna ficou preocupada com uma recaída. Ela checava constantemente minha testa para ver se eu tinha febre e se certificava de que eu estava

bebendo muita água.

— Por que estou com tantos hematomas? — perguntei.

— Você estava sangrando pelo nariz, pela boca e aparentemente por baixo da pele. Isso foi o que mais me assustou, T.J. Eu sabia que você só podia perder certa quantidade de sangue, mas eu não sabia quanto.

Ouvir aquilo me apavorou. Parei de pensar no assunto e me concentrei em coisas mais agradáveis, como beijar Anna e tirar a camiseta dela.

— Você está realmente se sentindo melhor — disse ela.

— Estou. Mas talvez você tenha que ficar por cima. Não tenho forças para mais nada.

— Sorte sua que gosto de ficar por cima — disse ela, retribuindo o beijo.

— Sorte é o meu sobrenome.

— Amo você.

— Também amo você.

— O que você disse?

— Eu disse que também amo você. — Ela se aconchegou mais perto e riu. — Você ouviu da primeira vez.

* * *

Em junho de 2004, Anna e eu estávamos na ilha havia três anos. Não tínhamos visto mais nenhum avião desde aquele que havia sobrevoado a ilha dois anos antes. Eu ainda me preocupava, pensando se eles nunca nos encontrariam, mas eu não havia desistido completamente. Mas não tinha certeza se Anna podia dizer o mesmo.

* * *

— Este é o último sabonete.

Anna segurava uma embalagem de sabonete líquido. Restavam apenas alguns mililitros. O xampu e o creme de barbear já tinham acabado havia tempos. Ela ainda me barbeava, mas estávamos na última lâmina, e ela estava tão cega que machucou minha pele, o que fez jorrar sangue, por mais cuidadosa que Anna fosse. Esfregávamos areia no couro cabeludo — nossa versão de xampu seco —, e isso meio que ajudava. Anna havia me convencido a queimar um pouco do seu cabelo. Ateei fogo nas pontas e mergulhei seu cabelo na água, encurtando-o vinte centímetros. O cheiro de cabelo queimado permaneceu por dias.

Também não tínhamos mais pasta de dente. Usávamos sal do mar para escovar os dentes, tirando água da laguna e esperando que evaporasse. Os pedaços de sal que sobravam eram bons o suficiente

para limpar nossos dentes, mas nada se comparava à pasta de dente para fazer nossas bocas terem um gosto bom. Anna odiava isso mais do que tudo. Agora também ficaríamos sem sabonete.

— Talvez devêssemos dividir esse em três partes — sugeriu Anna, estudando o frasco de sabonete líquido. — Lavar nossas roupas, lavar nossos cabelos e nos lavar. O que você acha?

— Parece um bom plano.

Levamos tudo para a laguna e enchemos o recipiente do bote salva-vidas com água. Anna esguichou um pouco de sabonete. Quando todas as roupas estavam submersas, nós as lavamos completamente. Só me restava um short, um casaco, que na verdade não me servia mais, e a camiseta da Anna da REO Speedwagon. Eu ficava bastante tempo nu. Anna tinha o suficiente para se vestir, mas às vezes eu a convencia a passar um dia sem roupa também.

* * *

Fiz vinte anos em setembro. Comecei a me sentir tonto quando me levantava rápido, nem sempre estava bem-disposto. Anna se preocupava muito, e eu não queria contar para ela, embora quisesse saber se ela sentia o mesmo. Ela disse que sim.

— É um sinal de desnutrição — disse ela. — Acontece quando o corpo finalmente usa seus nutrientes guardados. Não estamos repondo o suficiente. — Ela pegou minha mão e olhou para os meus dedos, passando o polegar pelas unhas quebradiças. — Esse é outro sinal. — Ela estendeu a mão e a examinou. — As minhas também estão assim.

Nós nos preparamos para a estação seca que se aproximava e para o fim do período de chuvas constantes. E, de alguma maneira, continuávamos sobrevivendo.

CAPÍTULO 33

Anna

Vomitei meu desjejum em uma manhã de novembro. Eu estava sentada no cobertor perto de T.J. comendo um ovo mexido, e o enjoo veio do nada. Eu mal andei três passos para fora da casa antes de vomitar.

— Ei, o que houve? — perguntou T.J.

Ele me trouxe água, e enxaguei a boca.

— Não sei, mas isso *não* ficou na minha barriga.

— Você está se sentindo bem?

— Muito melhor agora. — Apontei para Galinha, que estava andando em volta de nós. — Galinha, esse foi um ovo ruim.

— Você quer tentar comer uma fruta-pão?

— Talvez mais tarde.

— Tudo bem.

Eu me senti bem pelo resto do dia, mas, na manhã seguinte, logo depois de comer um pedaço de coco, vomitei de novo.

Como no dia anterior, T.J. me trouxe água, e enxaguei a boca. Ele me levou de volta para o cobertor.

— Anna, o que está acontecendo? — perguntou ele, com uma expressão preocupada no rosto.

— Não sei.

Eu me deitei e me encolhi, esperando que o enjoo melhorasse.

T.J. se sentou ao meu lado e afastou o cabelo do meu rosto.

— Isso vai parecer loucura, mas você não está grávida, está?

Olhei para minha barriga, quase côncava, já que eu não tinha recuperado o peso perdido da época em que T.J. estivera doente. Eu continuava sem menstruar.

— Mas você é estéril, não é?

— Eles disseram que eu era. Que eu provavelmente sempre seria.

— O que você quer dizer com provavelmente?

— Eu me lembro de algo sobre uma chance mínima de a fertilidade poder voltar, mas que eu não deveria contar com isso. Era por isso que todo mundo queria que eu guardasse meu esperma em um banco. Eles disseram que era o único jeito de ter certeza.

— Isso parece bem estéril para mim. — Eu me sentei, me sentindo um pouco enjoada.
— Não tem como eu estar grávida. Entre nós dois, provavelmente é impossível. Tenho certeza de que é só um verme. Só Deus sabe o que está vivendo no meu estômago.

Ele pegou minha mão.

— Tudo bem.

— E se você estiver grávida, Anna? Sei que você quer um bebê. Ele me abraçou mais forte.

— Ai, T.J. Não diga isso. Não aqui. Não na ilha. O bebê teria chances mínimas de sobreviver. Quando você estava doente e pensei que talvez fosse morrer, foi quase mais do que eu podia lidar. Se tivéssemos que assistir ao nosso bebê morrer, eu iria querer morrer também.

Ele suspirou.

— Eu sei. Você está certa.

Não vomitei na manhã seguinte ou em nenhuma manhã depois daquilo. Minha barriga continuou chapada, e não tive que me preocupar em ter um bebê na ilha.

* * *

T.J. andou até a casa carregando a vara de pescar.

— Alguma coisa grande acabou de partir a linha. — Ele entrou e voltou para fora. — Este é o seu último brinco. Não sei o que vamos fazer quando perdermos este.

Ele balançou a cabeça e se virou para sair, voltando à água para pegar peixe suficiente para nossa próxima refeição.

— T.J.?

— Oi, amor.

— Não consigo encontrar Galinha.

— Ela vai aparecer. Eu ajudo a procurar quando voltar, está bem?

Procuramos por toda parte. Ela já tinha se afastado antes, mas nunca por muito tempo. Eu não a via desde de manhã cedinho, e ela ainda não tinha voltado quando T.J. e eu fomos para cama.

— Vamos procurar de novo amanhã, Anna.

Eu estava sentada embaixo da cobertura no dia seguinte, descascando uma fruta-pão, quando T.J. chegou. Eu sabia pela expressão no seu rosto que ele tinha más notícias.

— Você deve ter encontrado Galinha. Ela está morta? Ele confirmou com a cabeça.

— Onde?

— Na floresta.

T.J. se sentou, e coloquei a cabeça no seu colo, as lágrimas escorrendo.

— Ela estava morta havia pelo menos um dia — contou T.J. — Eu a enterrei perto do Mick. T.J. e eu comíamos nossa comida assim que a abatíamos, porque nos preocupávamos com uma eventual intoxicação alimentar. Saber que Galinha estava morta havia muito tempo nos salvou de preparar uma refeição com nosso animal de estimação.

T.J. e eu éramos, afinal, extremamente pragmáticos.

Alguns dias depois, na manhã da véspera de Natal, não tive vontade de sair da cama. Encolhida, fingia estar dormindo sempre que T.J. vinha me ver. Chorei um bocado. Ele me deixou assim nesse dia, mas, na manhã seguinte, insistiu para que eu me levantasse.

— É Natal, Anna — disse ele, se abaixando ao lado do bote salva-vidas até que sua cabeça estivesse no mesmo nível da minha.

Olhei dentro dos olhos dele, alarmada em ver como eles pareceram sem vida. A cor rodeando suas pupilas pareceram ter um tom mais apagado do que eu me lembrava.

Sair da cama naquele dia foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Só não me entreguei por completo porque senti que não faltava muito para eu fazer T.J. atingir meu nível de desânimo, e isso era uma coisa com a qual eu simplesmente não conseguiria lidar.

Ele me convenceu a ir até a água.

— Vai fazer você se sentir melhor.

— Tudo bem.

Boiei, sentindo-me sem peso e sem substância, como se meu corpo estivesse se quebrando de dentro para fora, o que era verdade, de certa forma. Os golfinhos se juntaram a nós e trouxeram um sorriso genuíno ao meu rosto, mesmo que por apenas um minuto.

Sentamo-nos na areia depois, como havíamos feito tantas vezes. T.J. se sentou atrás de mim, e eu me apoiei em seu peito. Ele me abraçou. Pensei na minha família reunida na casa dos meus pais, em volta da grande mesa de carvalho da sala de jantar, comendo a ceia de Natal. Minha mãe teria passado o dia cozinhando, e meu pai teria ficado ao lado dela, atrapalhando.

— Será que Papai Noel foi generoso com Chloe e Joe? —

refleti. Eu sentia falta de ver meus sobrinhos crescerem.

— Quantos anos eles têm agora? — perguntou T.J.

— Joe está com oito. Chloe acabou de fazer seis. Espero que ainda acreditem em Papai Noel. A não ser que alguém tivesse estragado a fantasia, eles provavelmente ainda acreditavam.

— Prometo que eu e você vamos passar o Natal juntos em Chicago no próximo ano, Anna. — Ele me apertou com força e não soltou. — Mas você tem que *me* prometer que não vai desistir, está bem?

— Não vou desistir — falei.

E agora nós dois estávamos falando da boca para fora.

O calendário na minha agenda acabou no final do mês, então eu teria que encontrar outra

maneira de me manter atualizada com a passagem do tempo em 2005.

Talvez não me preocupasse em fazer isso.

CAPÍTULO 34

T.J.

Anna e eu caminhávamos de mãos dadas pela praia no dia seguinte ao Natal. Nenhum de nós tinha dormido bem na noite anterior. Ela estava meio calada, mas eu tinha esperanças de que o seu humor melhorasse agora que a data festiva já tinha passado.

Reparei uma coisa estranha na laguna. A água tinha retrocedido quase até os recifes, deixando à vista uma gigantesca faixa de areia.

— Olhe, Anna. O que está acontecendo?

— Não sei — respondeu ela. — Nunca vi isso antes.

Os peixes encalhados se debatiam na areia.

— Que esquisito.

— É mesmo. Não estou entendendo. — Ela protegeu os olhos do sol, com a mão, e tentou enxergar mais longe. — O que é aquilo lá?

— Onde?

Apertei um pouco os olhos para ver melhor, tentando entender o que ela estava apontando. Alguma coisa azul havia se formado a distância, mas fiquei confuso, porque o tamanho daquela “coisa” era assustador.

E, o que quer que ela fosse, vinha rugindo.

Anna gritou, e eu entendi. Peguei a mão dela, e saímos correndo.

Meus pulmões ardiam de tanto correr.

— Corra, Anna, mais rápido, mais rápido!

Olhei por cima do ombro e, quando vi a parede de água que vinha em nossa direção, percebi que, por mais que corrêssemos, não adiantaria nada.

Nós, e nossa ilha sem relevos, não tínhamos nenhuma chance.

Segundos depois, a onda chegou, arrancando Anna de mim. A onda engoliu Anna, a mim e a ilha.

A onda engoliu tudo.

CAPÍTULO 35

Anna

Quando a onda me atingiu, ela me empurrou para a frente e depois me puxou para baixo. Rodopiei e dei cambalhotas embaixo da água por tanto tempo que pensei que meus pulmões fossem explodir. Sabendo que eu não conseguiria prender o fôlego por muito mais tempo, comecei a bater os pés e os braços com toda a força, em direção à luz do sol que tremeluzia acima de mim. Minha cabeça emergiu, e tossi e engasguei, lutando para respirar.

— T.J.! — gritei o nome dele, mas, no instante em que abri a boca, a água desceu pela minha garganta.

Troncos de árvores, grandes pedaços de madeira, tijolos e porções de concreto boiavam na água, e eu não conseguia entender de onde vinha aquilo tudo.

Pensei nos tubarões e entrei em pânico. Fiquei me movimentando agitada, com a respiração descompassada, meu coração batendo tão violentamente que pensei que ele poderia rebentar para fora do meu peito. Minha traqueia se contraiu e tive a sensação de que o ar que entrava por ela passava por um canudo. Ouvi a voz de T.J. na minha cabeça.

Respire mais devagar, Anna.

Inspirei lentamente, me esquivando dos escombros. Lutando para conservar a cabeça acima da água, boiei para poupar minha energia. Berrei o nome de T.J. de novo, berrei até perder a voz, meus gritos aflitos reduzidos a nada mais do que um sussurro rouco. Esforcei-me para ouvir a voz dele me chamando, mas só havia o silêncio.

Surgiu outra onda, não tão grande quanto a primeira, mas me puxou para baixo, girando e virando meu corpo em círculos. De novo, nadei em direção à luz do sol. Quando cheguei à superfície, quase sem fôlego, avistei um grande balde de plástico flutuando na água. Estendi os dedos na direção da alça e a agarrei, mas sua capacidade de flutuação mal me mantinha à tona.

O mar se acalmou. Olhei ao redor, mas não havia nada a não ser a imensidão azul.

As horas se passaram e pouco a pouco a temperatura do meu corpo baixou. Eu tremia, com as lágrimas jorrando dos olhos, imaginando quando os tubarões chegariam, porque eu sabia que no final eles viriam. Talvez até já estivessem me rodeando.

O balde mantinha minha cabeça acima da água, mas, para deixá-lo no ângulo em que ele pudesse servir como boia, eu tinha que mudar de posição constantemente, e o esforço me deixava exausta.

Eu teria dado qualquer coisa — teria pagado qualquer preço — para voltar à ilha com T.J. Eu

teria morado lá para sempre, contanto que nós dois pudéssemos ficar juntos.

Cochilei e acordei assustada quando a água cobriu o meu rosto. O balde tinha se desgarrado e boiava a alguns metros. Tentei nadar até ele, mas meus membros já não funcionavam. Minha cabeça quase afundou, e lutei para mantê-la na superfície.

Pensei em T.J. e sorri em meio às lágrimas.

Você gosta de Pink Floyd?

Eu estava tentando alcançar aqueles coquinhos verdes de que você gosta.

Sabe de uma coisa, Anna? Você é legal.

Chorei muito. Minha cabeça quase afundou de novo, e dei um tranco para me erguer, usando o que restava de minhas forças.

Nunca vou deixar você sozinha, Anna. Não, se depender de mim.

Acho que você também me ama, Anna.

Afundi novamente e, quando voltei à tona, sabia que seria pela última vez. O pânico e o medo corriam lado a lado, e eu gritei, mas estava tão cansada que meu grito soou como um ganido. E quando pensei *Acabou, minha vida chegou ao fim*, ouvi o helicóptero.

CAPÍTULO 36

T.J.

Quando a onda me atingiu, ela arrancou Anna da minha mão e me empurrou para cima e para baixo e em círculos. Eu tossia e engasgava e não conseguia respirar, e as ondas me puxavam de volta sempre que eu dava um jeito de colocar a cabeça acima da água.

— Anna! — gritei o nome dela várias vezes, lutando para evitar que a água entrasse pela garganta. Olhei ao redor, mas não consegui vê-la.

Onde você está, Anna?

O tronco de uma árvore bateu nos meus quadris e senti uma dor pelo corpo todo. Uma quantidade interminável de escombros me cercava, mas não havia nada grande o suficiente para eu agarrar antes que passasse por mim, levado pelas ondas encrespadas.

Diminuí o ritmo da respiração, tentando não entrar em pânico. *Ela tem que lutar. Ela não pode desistir.*

Boiei para poupar minhas forças, berrando o nome dela e esperando atentamente por uma resposta. Nada além de silêncio.

Uma segunda onda me atingiu, dessa vez menor, e afundei de novo. Um enorme galho de árvore flutuava perto de mim quando consegui subir à superfície e me agarrei nele. Pensar em Anna tentando conservar a cabeça acima da água me matava. Ela tinha horror a ficar sozinha na ilha, mas ficar sozinha no oceano era um pesadelo que nenhum de nós tinha sequer imaginado. Ela dizia que se sentia segura comigo, mas agora eu não podia protegê-la.

Eu só deixei você, Anna, porque não dependia de mim.

Voltei a gritar o nome dela, fazendo uma pausa de um minuto antes de tentar de novo. Minha voz ficou cada vez mais fraca e minha garganta ardia de sede. O sol, alto no céu, me castigava, meu rosto já pinicava por causa da queimadura.

O galho de árvore, encharcado de água, afundou. Não havia nada mais para segurar; por isso, eu alternava entre bater os pés para manter a cabeça fora da água e boiar.

Eu lutava para manter a cabeça fora da água. O tempo passou, e o cansaço aumentou. Apertando um pouco os olhos para tentar enxergar a distância, avistei uma viga de madeira flutuando. Meus braços e minhas pernas quase não tinham mais forças para me impulsionar até ela. Eu a agarrei e agradei quando percebi que ela aguentava o meu peso sem afundar. Deitei o rosto na madeira e avaliei minhas opções.

Não levei muito tempo para perceber que eu não tinha nenhuma.

CAPÍTULO 37

Anna

O homem usando roupa de mergulho pulou na água perto de mim. Falou algo, mas não consegui escutar por causa do som da hélice do helicóptero. Ele mantinha minha cabeça fora da água e fez sinal com a mão livre para alguém baixar uma cesta.

Eu não tinha certeza se era verdade ou se era um sonho. O homem me colocou na cesta, que foi puxada por outro homem dentro do helicóptero. Eles a baixaram mais uma vez e pegaram o homem com roupa de mergulho.

Eu tremia descontroladamente em minha camiseta e meu short. Eles me enrolaram em cobertores, e lutei, no meio do maior cansaço que já senti na vida, para dizer as palavras que eu queria.

— T.J. — O som saiu pouco mais alto do que um sussurro, e ninguém no helicóptero me ouviu.
— T.J. — repeti, um pouco mais alto.

O homem levantou minha cabeça e colocou uma garrafa de água nos meus lábios. Bebi, saciando minha sede devastadora. A água fresca amaciou minha garganta, e reencontrei minha voz.

— T.J.! T.J. está lá embaixo. Vocês têm que encontrá-lo.

— Estamos com pouco combustível — disse o homem. — E precisamos levar você para o hospital.

Esforcei-me para entender o que ele dizia.

— Não! — Eu me sentei, agarrando os ombros dele. — Ele está lá embaixo. Não podemos ir embora sem ele.

A histeria tomou conta de mim, e comecei a gritar, o som enchendo o helicóptero. O homem tentou me acalmar.

— Vou dizer para o piloto avisar aos outros helicópteros. Eles vão procurar por ele. Vai dar tudo certo — disse ele, apertando meus ombros.

Eu não conseguia tirar da cabeça a imagem de T.J. afundando e não voltando à superfície. Apaguei e mergulhei fundo num lugar da minha mente, onde eu não tinha o que pensar ou sentir. A cena do reencontro com a minha família, que eu havia imaginado centenas de vezes nos últimos três anos e meio, deixou de produzir qualquer tipo de emoção.

O helicóptero se inclinou acentuadamente, e partimos para o hospital, deixando T.J. para trás.

CAPÍTULO 38

T.J.

Não consegui identificar o barulho no início. Mas de repente eu me dei conta: aquele som era de uma hélice de helicóptero ecoando a distância.

O som ficou cada vez mais fraco até que não consegui ouvir mais nada.

Volte. Por favor, dê meia-volta.

Ele não voltou. Minha esperança se transformou em desespero, e eu sabia que ia morrer. Minhas forças estavam se esvaindo, e ficava cada vez mais difícil me agarrar à viga. A temperatura do meu corpo caiu, e eu sentia dores em toda parte.

Imaginei o rosto de Anna.

Quantas pessoas podem dizer que foram amadas da maneira como ela me amou?

Meus dedos escorregaram da viga, e me esforcei para agarrá-la de novo. Segurei-me e fiquei boiando. Um sonho com tubarões fez com que eu acordasse sobressaltado. Um som abafado distante foi se tornando mais nítido.

Conheço esse som.

Minhas esperanças renasceram, mas eu já havia usado todas as forças que eu tinha e larguei a viga. Minha cabeça abaixou, e eu afundei. Instintivamente preendi a respiração o máximo que pude, até que não consegui mais.

Flutuei em um mar de nada, sem peso, até que outra sensação me dominou. Pensei que a morte traria alguma paz, mas ela doía, e seu peso opressivo esmurrava o meu peito.

De repente, a pressão desapareceu. Vomitei a água do mar e abri os olhos. Um homem com roupa de mergulho estava ajoelhado ao meu lado, as mãos pairando acima do meu peito. Minhas costas estavam apoiadas em algo sólido, e percebi que eu estava dentro de um helicóptero. Inspirei profundamente e, logo que enchi os pulmões de ar, eu disse:

— Voltem. Temos que encontrar a Anna.

— Quem? — perguntou ele.

— Anna! Temos que encontrar a Anna!

CAPÍTULO 39

Anna

Eu me deixei levar ainda mais pelo estado de torpor. O homem balançou meu ombro com delicadeza, e eu não queria falar, mas ele não parava de me perguntar se eu conseguia ouvi-lo. Eu me virei na direção da voz dele e pisquei, tentando achar o foco com meus olhos inchados e marejados de lágrimas.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele. — Um dos outros helicópteros acabou de tirar um homem da água.

Eu me esforcei para me sentar, querendo ouvir com clareza o que ele ia me contar.

— Disseram que ele está procurando por uma pessoa chamada Anna.

Levei um momento para registrar suas palavras, mas, quando compreendi, experimentei o júbilo, puro e genuíno, pela primeira vez em toda a minha vida.

— Eu sou Anna. — Enrolei os braços em volta de mim mesma e comecei a balançar para a frente e para trás, soluçando.

Aterrissamos no hospital, me colocaram em uma maca e me levaram para dentro. Dois homens me transferiram da maca para uma cama de hospital; e nenhum deles falava inglês. Enquanto me levavam, passei por um telefone público pendurado em uma parede.

Um telefone. Aqui tem um telefone.

Virei a cabeça em direção ao telefone enquanto nos distanciávamos e entrei em pânico por não conseguir lembrar imediatamente o número dos meus pais.

O hospital transbordava de pacientes. As pessoas se sentavam no chão do saguão, aguardando atendimento. Uma enfermeira se aproximou de mim e falou suavemente em uma língua que não entendi. Sorrindo e dando tapinhas em meu braço, ela punccionou a pele nas costas da minha mão com uma agulha e pendurou uma bolsa de soro em uma haste perto da cama.

— Preciso encontrar T.J. — falei, mas ela balançou a cabeça e, ao reparar meu tremor, puxou o lençol até meu pescoço.

O caos de tantas vozes, apenas algumas delas falando inglês, soava como um trovão nos meus ouvidos, mais alto do que qualquer outra coisa que eu tivesse escutado nos últimos três anos e meio. Inalei o odor de desinfetante e pisquei com as luzes fluorescentes que incomodavam meus olhos. Alguém empurrou minha cama para um corredor. Fiquei deitada de costas, lutando para permanecer acordada.

Onde está T.J.?

Eu queria telefonar para os meus pais, mas não tinha forças nem para me mexer. Adormeci por um minuto, despertando assustada quando ouvi passos se aproximarem. Uma voz disse:

— A Guarda Costeira acabou de trazer a moça. Acho que estão procurando por ela.

Alguns segundos depois, uma mão puxou o lençol que me cobria, e T.J. desceu da cama dele e subiu na minha, tentando não enrolar os fios de nossos soros. Ele enroscou os braços ao meu redor e desmoronou, encostando o rosto no meu pescoço. Minhas lágrimas começaram a rolar pelo alívio de senti-lo em meus braços.

— Você conseguiu — disse ele, tremendo sem parar. — Eu amo você, Anna — sussurrou.

— Também amo você.

Tentei contar para ele sobre o telefone público, mas fui vencida pelo cansaço, e minhas palavras enroladas não faziam nenhum sentido.

Adormeci.

* * *

— Você pode me ouvir?

Alguém balançou meu ombro com delicadeza. Abri os olhos e, por um instante, não tinha ideia de onde estava.

— Inglês — murmurei, ao perceber que o homem debruçado sobre mim era um americano louro, de olhos azuis, com mais ou menos trinta anos. Dei uma olhada em T.J., mas os olhos dele estavam fechados.

Telefone. Onde está aquele telefone?

— Eu sou o Dr. Reynolds. Você está no hospital, em Malé. Peço desculpas por fazer algum tempo que ninguém vem ver como você está. Não estamos equipados para lidar com situações extraordinárias. Uma enfermeira verificou seus sinais vitais há algumas horas, e estavam todos bons, por isso, decidi deixar você dormir. Você apagou por quase doze horas. Está sentindo alguma dor?

— Um pouco. Estou com sede e com fome. — O médico acenou para uma enfermeira que passava e fez um gesto de entornar um líquido. Ela anuiu e voltou com uma pequena jarra de água e dois copos de plástico. Ele encheu um dos copos e me ajudou a sentar. Bebi tudo e olhei ao redor, confusa. — Por que há tantas pessoas aqui?

— No momento, as Maldivas estão em estado de emergência.

— Por quê?

Ele me lançou um olhar estranho.

— Por causa do tsunami.

T.J. se mexeu ao meu lado e abriu os olhos. Eu o ajudei a se sentar e o abracei enquanto o médico derramava água no outro copo e oferecia a ele. Ele bebeu a água de um gole só.

— T.J., era um *tsunami*.

Ele pareceu atordoado por um minuto, mas depois esfregou os olhos e disse:

— Sério?

— Sério.

— Foi a Guarda Costeira que trouxe vocês? — perguntou o Dr. Reynolds, enchendo novamente nossos copos de água.

Fizemos que sim com a cabeça.

— De onde vocês vieram?

— Não sabemos — falei. — Estamos perdidos há três anos e meio.

— Como assim, perdidos?

— Estávamos vivendo em uma das ilhas desde que o nosso piloto teve um ataque cardíaco, e o avião caiu no oceano — esclareceu T.J.

O médico nos analisou, olhando ora para um, ora para outro. Talvez afinal tenha se convencido, por causa do cabelo de T.J.

— Ah, meu Deus, são vocês, não é? Que sofreram um acidente com um hidroavião. — Os olhos dele se arregalaram. Ele inspirou profundamente e soltou: — Todo mundo pensou que vocês estivessem mortos.

— É, foi o que imaginamos — falou T.J. — Onde podemos encontrar um telefone?

O Dr. Reynolds entregou um celular a T.J.

— Pode usar o meu.

Uma enfermeira retirou os soros, e T.J. e eu descemos com cuidado das camas. Minhas pernas vacilaram, e T.J. me segurou, envolvendo minha cintura com um braço.

— Existe um pequeno quarto de suprimentos no final do corredor — disse o Dr. Reynolds. — silencioso, e vocês podem ter um pouco de privacidade. — Ele nos encarou e balançou a cabeça.

— Nem posso acreditar que vocês estão vivos. Vocês apareceram em todos os noticiários durante semanas.

Nós o seguimos, mas, antes de chegarmos até o quarto de suprimentos, passamos pelo banheiro feminino.

— Podem esperar um pouco, por favor? — perguntei.

Eles pararam, e empurrei a porta, fechando-a atrás de mim e mergulhando na escuridão. Minha mão tateou até encontrar o interruptor e, quando as luzes se acenderam, meus olhos dispararam do vaso sanitário para a pia e finalmente para o espelho.

Eu me esquecera por completo de como era a minha aparência.

Fiquei de frente para o espelho e me observei. Minha pele estava da cor de grãos de café, e T.J. tinha razão: meus olhos realmente pareciam mais azuis por causa do contraste. Havia algumas rugas no meu rosto que não estavam lá antes. Meus cabelos eram uma confusão, todos emaranhados e dois tons mais claros do que eu me lembrava. Eu parecia uma garota nascida em uma ilha, rude,

desleixada e selvagem.

Desviei o olhar do espelho, abaixei o short e me sentei no vaso. Peguei o papel higiênico. Desenrolei um pouco e o passei no meu rosto, sentindo a maciez. Quando terminei, dei descarga e lavei as mãos, maravilhada com a água que corria pela torneira. T.J. e o Dr. Reynolds estavam me esperando no corredor quando abri a porta.

— Desculpem por ter demorado tanto.

— Sem problemas — disse T.J. — Eu também fui ao banheiro. Foi esquisito.

Ele deu um sorriso encabulado, pegou minha mão, e seguimos o Dr. Reynolds até o quarto de suprimentos.

— Volto daqui a pouco. Tenho que verificar o estado de alguns pacientes e depois vou chamar a polícia local. Eles vão querer falar com vocês. Também vou tentar encontrar algo para comerem.

Meu estômago roncou à menção de comida.

— Obrigado — disse T.J.

Quando ele saiu do quarto, nós nos sentamos no chão. Ao nosso redor, havia prateleiras cheias de suprimentos médicos. O quarto estava abarrotado, mas era silencioso.

— Você telefona primeiro, Anna.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele me passou o telefone. Demorei um minuto, mas finalmente me lembrei do número de telefone dos meus pais. Minha mão tremia, e preendi a respiração quando ouvi o toque. Houve um clique na linha. Comecei a dizer “alô”, mas entrou uma gravação:

— O número que você chamou está desligado ou não existe mais. Olhei para T.J.

— O número deles não funciona. Devem ter se mudado.

— Telefone para Sarah.

— Quer tentar seus pais antes?

— Não, vá em frente. — T.J. estava excitado e ansioso. — Só quero que alguém atenda o telefone.

Liguei para o número de Sarah, o coração martelando no meu peito. Tocou quatro vezes antes que alguém atendesse.

— Alô?

— Chloe, você pode pedir para a mamãe atender imediatamente, por favor?

— Posso perguntar quem quer falar com ela?

— Chloe, querida, chame sua mãe, tudo bem?

— Tenho que perguntar quem é e, se você não me disser, tenho que desligar.

— Não! Não desligue, Chloe. — *Será que ela ainda se lembrava de mim?* — É a tia Anna. Diga

para a mamãe que é a tia Anna.

— Oi, tia Anna. A mamãe me mostrou fotos suas. Ela me disse que você mora no céu. Você tem asas de anjo? Mamãe está pegando o telefone, então tenho que desligar.

— Escute — era Sarah na linha —, não sei quem é você, mas está fazendo uma brincadeira de muito mau gosto com uma criança.

— Sarah! É Anna, não desligue, sou eu, de verdade, sou eu. — Comecei a chorar.

— Quem é? O que você ganha com esses trotes? Não percebe que magoam?

— Sarah, T.J. e eu não morremos no acidente de avião. Ficamos em uma ilha e, se não fosse pelo tsunami, ainda estaríamos lá. Estamos em um hospital em Malé. — Agora que eu tinha colocado as palavras para fora, meu choro aumentou. — Por favor, não desligue!

— O quê? Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!

Ela gritou chamando David, mas estava chorando e falando tão rápido que não consegui entender as palavras que ela dizia.

— Anna? Você está viva? Você está realmente viva?

— Estou. — Eu berrava e T.J. comemorava dando saltos, de tão excitado que estava. — Sarah, telefonei para mamãe e papai primeiro, mas o número foi desligado. Eles venderam a casa?

— A casa foi vendida.

— Qual é o número deles? — Olhei ao redor para ver se eu achava uma caneta ou algo para escrever, mas não havia nada. — Ligue para eles, Sarah, ligue para eles no minuto que nós desligarmos. Diga para eles que tentei falar com eles primeiro. Vou voltar a ligar e pegar o número novo deles logo que eu conseguir encontrar algo para anotar. Diga para eles esperarem perto do telefone.

— Como você vai voltar para casa? — perguntou ela.

— Não sei. Escute, T.J. ainda nem ligou para os pais dele. Não sei de nada por enquanto, mas vou dar o seu número para os pais dele, assim eles podem organizar tudo com você. Espere o telefonema deles, está bem?

— Tudo bem. Ah, Anna, nem sei o que dizer. Nós fizemos um *funeral* para você.

— Bom, estou bem viva. E mal posso esperar para chegar em casa.

CAPÍTULO 40

T.J.

Anna me entregou o celular do médico. Digitei o número da minha casa e esperei alguém atender. Atenda, atenda, atenda.

— Alô?

Era a minha mãe. Uma onda de emoção percorreu o meu corpo quando ouvi a voz dela. Até aquele momento, eu não tinha percebido o quanto eu sentira a falta da minha mãe. Meus olhos se encheram de lágrimas, e pisquei para afastá-las. Anna passou o braço em torno de mim.

— Mãe, é o T.J. Não desligue. — No outro lado da linha, só havia o silêncio. — Anna e eu não morremos no acidente de avião. Ficamos em uma ilha. A Guarda Costeira nos resgatou depois do tsunami, e estamos num hospital em Malé.

— T.J.? — A voz dela soou estranha, como se estivesse em um transe. Ela desatou a chorar.

— Mãe, passe o telefone para o papai!

— Quem está falando? — gritou meu pai no telefone.

Senti uma segunda onda de emoção quando ouvi a voz do meu pai e quis me apegar a ela, mas meu desejo de fazer alguém entender o que tinha acontecido foi maior. Minha voz estava mais firme quando falei:

— Pai, é o T.J. Não desligue. Apenas ouça. Anna e eu conseguimos ir até uma ilha depois do desastre. A Guarda Costeira nos tirou do oceano depois do tsunami. Estamos no hospital, em Malé. E estamos bem. — Do outro lado da linha, também só o silêncio. — Pai?

— Ah, meu Deus! — exclamou ele. — É você mesmo? De verdade?

— Sim, pai, sou eu mesmo.

— Você estava vivo esse tempo todo? Como?

— Não foi fácil.

— Você está bem? Está machucado?

— Estou bem. Cansado, sentindo um pouco de dor e com fome.

— Anna está bem?

— Está, sim, está sentada do meu lado.

— Não sei o que dizer, T.J. Estou emocionado. Preciso de um minuto para pensar. Preciso ver um jeito de tirar você daí.

Pela primeira vez em um longo tempo, eu não sentia nenhum peso sobre os ombros. Meu pai tomaria as rédeas e nos levaria para casa.

— Pai, Anna quer que você ligue para a irmã dela. Ela quer ter certeza de que a irmã vai estar a par de tudo o que você estiver providenciando.

Anna me disse o número de telefone da irmã, e repeti para o meu pai.

— A última coisa que quero fazer é desligar, T.J., mas são oito da noite aqui, e preciso começar a dar uns telefonemas antes que fique tarde demais. Colocar vocês em um avião pode ser difícil por causa do Onze de Setembro. Se eu não conseguir arranjar lugar para você e Anna em um voo comercial, vou fretar um avião. Provavelmente só vou conseguir tirar você daí amanhã. Vocês dois estão liberados para deixar o hospital?

— Acho que sim.

— Alguém pode levar vocês para um hotel?

— Posso ver isso. Talvez alguém possa nos dar uma carona.

— Assim que você chegar ao hotel, telefone para mim. Vou passar para eles o número do meu cartão de crédito.

— Tudo bem, pai. A mamãe está bem?

— Está, sim. Está aqui do meu lado. Ela quer falar com você.

Quase não consegui entender a minha mãe. Assim que ela ouviu minha voz, começou a chorar de novo.

— Está tudo bem, mãe, vou estar em casa logo, logo. Não chore. Ponha o papai na linha de novo, está certo?

Quando meu pai pegou o telefone de novo, disse a ele que íamos falar com a polícia local, tentaríamos ir para um hotel e que depois eu ligava de novo.

— Está certo, T.J. Vou esperar.

— Ele vai começar a dar uns telefonemas — expliquei a Anna depois de fechar o celular. — Ele disse que vai arranjar um lugar para gente num voo comercial poderia ser difícil, por causa do Onze de Setembro.

— O que é Onze de Setembro?

— Não sei. Ele disse que talvez tivesse que fretar um jato. Se conseguirmos uma carona até um hotel, podemos telefonar para ele nos dar o número do cartão de crédito. Mas provavelmente só vamos conseguir sair daqui amanhã, Anna.

Ela sorriu.

— Já esperamos tanto. Podemos esperar mais um dia.

Eu a puxei para mim e a abracei.

— Vamos voltar para casa.

Saímos do quarto de suprimentos e procuramos o Dr. Reynolds. Ele estava no corredor esperando por nós, com dois oficiais de polícia. Havia outro homem aguardando com eles. Usava uma camisa cáqui com o nome da empresa de fretamento do hidroavião bordado no peito.

O Dr. Reynolds segurava uma sacola de papel pardo com uma grande mancha de gordura

embaixo. Sorrindo, ele me deu a sacola, e espiei lá dentro. Tacos. Peguei um para Anna e depois um para mim.

A tortilha frita tinha recheio de carne desfiada e cebolas. O molho picante escorria pela minha mão. Eu não estava acostumado com tantos sabores diferentes ao mesmo tempo. Como eu estava esfomeado, comi tudo em menos de um minuto.

Os policiais queriam falar com a gente. Assim, nós os seguimos para um canto vazio do saguão. Enfiei a mão no saco e peguei mais um taco para mim e outro para Anna.

Os policiais falavam inglês, mas o sotaque carregado tornava difícil entendê-los. Respondemos às perguntas, contando sobre Mick e o ataque cardíaco, o acidente e a nossa chegada à ilha.

— A equipe de busca e resgate encontrou partes do avião, mas nenhum corpo — disse um dos policiais. — Imaginamos que vocês tivessem se afogado.

— Mick percebeu que talvez não pousássemos em segurança e nos mandou colocar os coletes salva-vidas. Senão fosse isso, teríamos nos afogado mesmo — disse Anna.

— Procuraram os corpos — continuou o policial —, mas ninguém tinha esperança de encontrar nenhum. Por causa dos tubarões.

Anna e eu nos entreolhamos.

— Parte dos escombros do avião chegou à praia. Minha mochila, uma mala de Anna e o bote salva-vidas. O corpo de Mick também apareceu — completei. — Enterramos o corpo na ilha.

O homem da firma de fretamento de aviões também tinha algumas perguntas.

— Se o bote salva-vidas apareceu, por que vocês não acionaram o sinal de emergência?

— Não havia nenhum — respondi.

— Todos os botes salva-vidas têm um sinal de alerta. É um item exigido pela Guarda Costeira quando um avião sobrevoa a água.

— Bom, o nosso não tinha. E pode acreditar, procuramos muito.

— Por favor, peça que o advogado de vocês entre em contato comigo quando voltarem para os Estados Unidos.

Coloquei o cartão no bolso do short.

— Tem mais uma coisa — falei, me virando para os policiais. — Alguém estava morando na ilha antes de nós. — Anna e eu contamos sobre a choupana e o Esqueleto. — Se estiverem procurando alguém desaparecido, pode ser que tenhamos encontrado essa pessoa.

Quando terminamos de falar com eles, perguntamos ao Dr. Reynolds se alguém poderia nos dar uma carona até um hotel.

— Eu posso — ofereceu-se ele.

O Dr. Reynolds dirigia um Honda Civic velho. Não havia ar-condicionado e, por isso, baixamos os vidros. Quando saímos do estacionamento, as ruas, os automóveis, os edifícios — coisas que eu não via havia muito tempo — me deixaram extasiado. Inalei a fumaça do cano de descarga

dos carros, tão diferente do cheiro da ilha. Quando vi o cartaz com o nome do hotel, sorri, porque de repente me dei conta de que Anna e eu teríamos um quarto, um chuveiro e uma cama.

— Obrigado por toda a ajuda — agradecemos ao Dr. Reynolds quando ele nos deixou em frente ao hotel.

— Boa sorte para vocês dois — disse ele, apertando minha mão e dando um abraço em Anna. O hotel não tinha sofrido muitos danos. Alguém estava varrendo os escombros da calçada da frente quando Anna e eu entramos pela porta giratória. Os hóspedes estavam aglomerados no saguão, alguns deles próximos a pilhas de bagagem.

Todo mundo olhou para nós. Se houvesse uma regra proibindo entrar naquelas acomodações sem sapato nem camisa, eu a estava infringindo naquele momento. Vi nosso reflexo em um grande espelho pendurado na parede. Nossa aparência não era nada boa.

Segui Anna até o balcão da recepção, onde uma mulher digitava em um computador.

— Vocês vão se registrar? — perguntou ela.

— Sim. Um quarto, por favor — falei.

— Estamos quase lotados — disse ela. — Mas temos uma suíte disponível. Pode ser? Sorri e respondi:

— Está ótimo. Posso usar seu telefone?

— Já estamos no hotel.

— Ótimo. Peça dois quartos e me deixe falar com a recepcionista — disse meu pai.

— Só precisamos de um quarto, papai.

Ele fez uma curta pausa.

— Ah, tudo bem.

Passei o telefone para a mulher e esperei enquanto meu pai lhe dava as informações do cartão de crédito. Ela me devolveu o aparelho e continuou digitando.

— Tem alguma loja de suvenires no hotel? — perguntou meu pai.

— Tem, sim, posso ver daqui. — A loja de suvenires ficava logo depois do balcão da recepção. Pelo que pude reparar, parecia bem diversificada.

— Compre o que precisar. Estou trabalhando para tirar você e Anna daí. O aeroporto de Malé ficou um pouco danificado, mas me disseram que não cancelaram muitos voos. Não vou conseguir um voo comercial, mas estou providenciando um avião fretado. Sua mãe queria voar até aí para apanhar você, mas consegui convencê-la de que você voltaria mais rápido se não tivesse que esperar por ela. Vou ligar para o seu quarto logo que eu tiver os detalhes, mas fique pronto para partir de manhã.

— Tudo bem, papai. Estaremos prontos.

— Ainda não sei o que dizer, T.J. Sua mãe e eu ainda estamos em estado de choque. Suas irmãs não pararam de chorar, e o telefone está tocando sem parar. Só queremos trazer você e Anna para

casa. Já entrei em contato com Sarah e garanto que ela vai ter toda a informação logo que eu souber de alguma coisa.

Nós nos despedimos, e devolvi o telefone para a mulher do balcão.

Anna e eu fomos até a loja e demos uma olhada, em dúvida sobre por onde começar. A loja era dividida em duas. De um lado havia prateleiras de roupas — tudo, desde camisetas até trajes formais — e do outro só tinha comida. Balas, batatas fritas, biscoitos salgados e doces se enfileiravam nas prateleiras.

— Ai, meu Deus — exclamou Anna e começou a se mexer.

Apanhei dois cestos de compras de uma pilha perto da porta e a segui.

Entreguei para ela um cesto e ri quando ela colocou pastilhas doces e balas de canela dentro dele. Peguei um pacote de Doritos e o joguei no cesto, seguido de três embalagens de palitos de carne desidratada.

— De verdade? — perguntou ela, levantando uma sobrancelha.

— Com certeza — respondi, sorrindo para ela.

Depois que enchemos um cesto com esse tipo de besteira, fomos à estante de perfumaria.

— Provavelmente há sabonete e xampu no quarto, mas não quero arriscar — falou Anna, pegando mais alguma coisa e acrescentando escovas de dentes, pasta de dente, desodorante, lâminas de barbear, creme de barbear, uma escova e um pente.

Em seguida, pegamos uma camiseta e um short para mim. Anna apontou para um pacote de cuecas, e neguei com um gesto de cabeça, mas ela fez um sinal positivo, riu e o jogou no cesto. Vi um recipiente cheio de chinelos masculinos e apanhei um par preto.

Em outra arara havia vestidos de verão, e escolhi um vestido azul para Anna. Ela achou um par de sandálias que combinavam.

Anna pegou uma roupa de baixo, um short e uma camiseta, e carregamos os cestos para a caixa, colocando tudo na conta do nosso quarto.

Subimos de elevador até o terceiro andar. Enfiei o cartão que funcionava como chave e, quando entramos no quarto, a primeira coisa que notei foi a enorme cama king size com montes de travesseiros. Pendurado na parede de frente para a cama, havia um enorme aparelho de TV de tela plana, e uma mesa de jantar com quatro cadeiras ficava próxima de um frigobar e uma escrivaninha com tampa de esteira. A área da sala tinha uma mesa de café, sofá e duas cadeiras colocadas na frente de outra TV. O ar-condicionado jogava uma corrente de ar frio no quarto. Em uma mesa baixa perto da porta, havia uma bandeja com quatro copos enrolados em plástico. Desembrulhei dois, fui até o banheiro e os enchi com água da torneira. Anna me seguiu e dei um copo para ela. Ela o encarou por alguns segundos, antes de erguê-lo até os lábios e beber.

Examinamos o resto do banheiro. Um imenso chuveiro circundado por um boxe de vidro ocupava um canto do banheiro. Entre o chuveiro e uma banheira Jacuzzi, havia uma bancada de mármore com duas pias e uma cesta com sabonetes e xampu. Dois robes brancos estavam

pendurados em um cabide perto da porta.

— Vou ligar para Sarah e pegar o número do telefone de meus pais. Pedi para que ela avisasse a eles que esperassem perto do telefone. Qual é o fuso horário em relação a Chicago?

— Acho que onze horas. Quando falei com meu pai, ele disse que já eram quase oito horas da noite lá.

Anna se sentou na cama e apanhou o bloco de papel e uma caneta da mesa de cabeceira. Pegou o telefone e discou.

— Está ocupado. Vou tentar o celular dela. — Ligou de novo, esperou e depois desligou. — Ficou chamando, chamando. — Anna franziu a testa. — Por que ela não atende?

— Deve ser porque está ligando para todo mundo que você conhece e todos estão ligando de volta. O telefone dela provavelmente vai ficar tocando pelos próximos dias. Vamos tomar um banho. Você pode tentar de novo quando acabarmos.

Ficamos no chuveiro por quase uma hora, nos esfregando e rindo. Anna não parava de se lavar, mesmo quando eu disse que ela estava inteiramente limpa.

— Nunca mais vou tomar um banho de banheira enquanto viver. Oficialmente, a partir de agora só tomo banho de chuveiro — disse Anna.

— Eu também.

Quando terminamos, nos secamos e colocamos os robes. Anna apertou a pasta de dentes, colocou um pouco nas duas escovas de dentes e me passou uma. Ficamos em frente às torneiras duplas, escovando, enxaguando e cuspiendo. Ela abaixou a escova e disse:

— Beije-me agora, T.J.

Eu a levantei e a sentei sobre a bancada, depois tomei seu rosto em minhas mãos. Nós nos beijamos por um bom tempo.

— Que gosto maravilhoso você tem — falei. — Cheira muito bem também. Não que eu me importasse quando não era assim.

— Mas assim está bem melhor — disse ela, apoiando a testa na minha.

— É verdade.

Quando saímos do banheiro, me estirei na cama com o cardápio do serviço de quarto em uma das mãos e o controle remoto da televisão na outra.

— Anna, venha ver isso.

Ela estava rasgando um pacote de pastilhas, mas se jogou perto de mim e deu uma olhada no cardápio. Ela me passou um pacote de Doritos, que eu abri e coloquei um monte de biscoito na boca. Nachos no sabor queijo nunca tiveram um gosto tão delicioso.

Era difícil escolher o que pedir, porque queríamos tudo. Finalmente decidimos por bife com batatas fritas, espaguete com almôndegas, pão de alho e bolo de chocolate.

— Ah, e duas Coca-Colas tamanho família — acrescentou Anna.

Chamei o serviço de quarto e fiz o pedido. Anna pegou a chave do quarto e algo debaixo da

mesinha perto da porta e disse que logo estaria de volta.

— Você está nua por baixo do robe — lembrei a ela.

— Não vou demorar.

Fiquei trocando de canal. Todos estavam fazendo a cobertura do tsunami. Anna voltou para o quarto carregando um pequeno balde. Eu me sentei.

— É gelo? — perguntei.

Ela colocou um cubo dentro da boca e disse:

— Isso mesmo.

Deitou-se na cama perto de mim, e eu a observei chupar o gelo. Ela se sentou e desamarrou o meu robe. Ao abri-lo, ela deslizou a mão com delicadeza pela lateral do meu corpo. Apesar da dor, meu corpo reagiu imediatamente ao seu toque.

— Você está com alguns hematomas impressionantes aqui — disse ela. — O que aconteceu?

— Esbarrei em um tronco de árvore enorme na água.

— Você não se dá muito bem com eles.

— Ele me acertou direitinho.

Anna colocou outro cubo de gelo na boca e beijou meu pescoço e meu peito.

— Quanto tempo o serviço de quarto vai levar para chegar aqui? — perguntou.

— Eles não disseram.

Anna beijou minha barriga e desceu. Quando senti sua boca em mim, perdi o fôlego, porque nunca estivera frio antes. Fechei os olhos e coloquei as mãos na cabeça dela.

Quando o serviço de quarto bateu na porta pouco depois, amarrei o robe e abri a porta. O funcionário do hotel colocou a comida sobre a mesa, assinei a nota e dei-lhe uma gorjeta.

— Talheres de prata — disse Anna.

Ela levantou um garfo e o encarou por um segundo antes de espetar uma almôndega.

— E cadeiras — falei, puxando uma e me sentando perto de Anna.

Estendi-lhe pão de alho e cortei um pedaço do bife. Suspirei quando o coloquei na boca. Nós alimentamos um ao outro com nossos garfos e bebemos Coca-Cola. Nossos estômagos se encheram depressa, pois não estávamos acostumados com comida pesada ou grande quantidade de comida. Anna embrulhou com cuidado o que sobrou e colocou no frigobar.

Depois, nós nos esticamos na cama, para deixar a comida assentar. Anna brincava com uma mecha do meu cabelo e colocou a cabeça no meu ombro, envolvendo as pernas dela nas minhas.

— Nunca fiquei tão contente em toda a minha vida — disse ela.

Tirei o som da televisão. Estávamos assistindo à cobertura do tsunami enquanto comíamos e ficamos impressionados com a extensão da destruição. Aparentemente, a Indonésia parecia ter sofrido um impacto maior, e a lista de mortos já chegava às dezenas de milhares.

— Eu me sinto mal dizendo isso, com tanta gente morrendo... Mas, se não fosse pelo tsunami, ainda estaríamos na ilha. E não sei por mais quanto tempo nós duraríamos.

— Nem eu.

Estiquei os dedos até a mesa de cabeceira e liguei o rádio. Girei o dial até encontrar uma estação com música americana. Estava tocando “More Than a Feeling”, do Boston, e eu sorri.

Anna suspirou.

— Adoro essa música.

Ela se aconchegou mais, e eu a abracei bem apertado.

— Já caiu a ficha, T.J.? De que estamos salvos e vamos rever nossas famílias?

— Está caindo.

— Que horas são? — perguntou ela.

— Duas e pouco.

— Uma da manhã em Chicago, mas paciência, vou tentar ligar para Sarah de novo.

Ela e meus pais não devem estar dormindo mesmo.

Anna se sentou e pegou o telefone, passando o fio por cima do meu corpo.

— Primeiro vou tentar o número da casa dela. — Anna discou e esperou. — Está ocupado.

Vou tentar o celular. — Ela discou o número e aguardou. — Caiu direto na caixa de mensagens.

Vou deixar um recado. — Mas logo depois ela desligou. — A caixa de mensagens está cheia.

— Tente de novo daqui a pouco. Você vai acabar conseguindo. — Ela me passou o telefone, e eu o coloquei de volta na mesa de cabeceira. — Anna...

Ela voltou a se aconchegar nos meus braços.

— Diga.

— E John? Você acha que Sarah ligou para ele?

— Tenho certeza de que ligou.

— O que você acha que ele vai fazer quando descobrir que está viva?

— Ele vai ficar feliz pela minha família, claro. Fora isso, não sei. Provavelmente está morando no subúrbio com uma mulher e um filho. — Ela fez uma pausa e continuou: — Espero que ele tenha dado minhas coisas para os meus pais.

— Onde você vai morar?

— Com meus pais. Seja onde for. Eles vão querer que eu fique com eles por um tempo. Depois, vou procurar um lugar para mim. Ainda não consigo acreditar que eles venderam a casa, T.J. Eles sempre falavam de comprar algo menor algum dia, talvez em um condomínio, mas eu não achava que realmente fossem fazer isso. Cresci naquela casa. Fico triste em saber que não pertence mais a eles.

Eu a beijei, desamarrei o robe dela e o deslizei pelos seus ombros. Fizemos amor e dormimos em seguida. Quando acordei, eram cinco da manhã. Ao meu lado, Anna dormia um sono pesado. Olhando para o teto, pensei em nossa conversa. Eu tinha perguntado a ela sobre John, mas não tinha feito a única pergunta que realmente importava:

E quanto a nós dois?

CAPÍTULO 41

Anna

Abri os olhos e me espreguicei. T.J. estava recostado na cabeceira da cama com a TV em volume baixo, comendo um palito de carne desidratada.

— Que cochilo bom. — Eu o beijei e balancei minhas pernas para fora da cama. — Tenho que fazer xixi. Sabe o que mais gosto neste banheiro? — falei, olhando por cima do ombro enquanto caminhava para a porta.

— Papel higiênico?

— Exatamente.

— Admita. Não é ruim — disse ele.

— É razoável, mas estou muito menos exigente. Onde deixei as pastilhas?

Eu as encontrei no armário. Eu não estava acostumada com ar-condicionado. Por causa disso, apertei mais o robe no corpo e me aconcheguei debaixo das cobertas perto de T.J. Eu estava rígida e dolorida, mais do que estivera quando fui içada da água, e estava grata pela cama tão macia.

Às dez da noite, tentei falar com Sarah. Eram nove da manhã em Chicago, mas o celular dela dava sinal de ocupado.

— Não consegui de novo — falei. Tentei o número da casa dela, mas ficou chamando. — A secretária eletrônica também não está atendendo.

— Vou tentar o meu pai. Talvez ele tenha falado com ela. — T.J. discou o número de casa e esperou. Fez que não com um aceno de cabeça. — A linha também está ocupada. Imagino que estejam todos atendendo a um monte de telefonemas. Podemos tentar de novo de manhã.

T.J. colocou o telefone de volta no lugar e acariciou meu cabelo.

— Não sei como vou me acostumar a não compartilhar a cama com você toda noite.

— Então, não vamos nos acostumar — falei.

Apoiei-me em um cotovelo e olhei para ele. Eu não estava pronta para deixá-lo ir, por mais egoísta que me sentisse.

Ele se sentou.

— Você realmente quer isso?

— Quero. — Meu coração pulava, e minha mente dizia que não era uma boa ideia, mas eu não me importava. — Vamos passar um tempo separados. Precisamos ficar com nossas famílias. Mas, depois disso, se você quiser voltar, estarei esperando.

Ele suspirou, e uma expressão de alívio tomou conta de seu rosto. Ele me puxou para os seus braços e beijou minha testa.

— É claro que eu quero.

— Não vai ser fácil, T.J. As pessoas não vão entender. Vão fazer muitas perguntas.

— Formou-se um nó no meu estômago, só de pensar no assunto. — Talvez você queira mencionar que já tinha quase dezenove anos quando aconteceu algo entre nós.

— Você acha que alguém vai perguntar?

— Acho que *todo mundo* vai perguntar.

* * *

Acordei no meio da noite para ir ao banheiro. Adormecemos com a televisão ligada, e, quando eu estava subindo de novo na cama, peguei o controle remoto e passei por alguns canais, parando para assistir às notícias por um tempo.

Eu me sentei ereta quando a CNN anunciou uma notícia de primeira mão, com a legenda APÓS 3 ANOS E MEIO PERDIDOS NO MAR, DOIS CIDADÃOS DE CHICAGO SÃO RESGATADOS. A matéria mostrava duas fotos, uma minha e outra de T.J., parados no tempo, com as idades de dezesseis e trinta anos.

Delicadamente balancei o ombro de T.J.

— O que foi? — perguntou ele, meio dormindo.

— Olhe a TV.

— Vou dizer algo que todos vão concordar: temos uma grande história aqui.

— Puta merda! — exclamou T.J.

E aqui vamos nós.

CAPÍTULO 42

T.J.

Acordei antes de Anna e pedi ovos, panquecas, salsicha, bacon, torrada, bolinhos de batata, suco e café. Quando o café da manhã chegou, eu a beijei até ela acordar.

Ela abriu os olhos.

— Estou sentindo cheiro de café.

Eu lhe servi uma xícara. Ela tomou um gole e suspirou.

— Ah, como é bom.

Comemos na cama e, logo em seguida, Anna foi tomar um banho. Fiquei perto do telefone para o caso de meu pai ligar. Assim que ela terminou, entrei. Quando saí, minutos depois, me enxugando com uma toalha, ela me encarou.

— Você fez a barba.

Ela esfregou as costas da mão na minha pele.

Eu ri.

— Você me disse que, se algum dia fôssemos resgatados, eu teria que me barbear sozinho.

— Falei da boca para fora.

O telefone tocou às onze manhã. Meu pai tinha fretado um jato e disse que precisávamos estar no aeroporto em uma hora.

— A não ser pelas paradas para reabastecimento, vocês voam direto para casa. Vamos esperar por vocês no aeroporto de O'Hare.

— Pai, Anna tem tentado falar com a irmã. Você conseguiu entrar em contato com ela?

— Falei duas vezes. O telefone dela tem ficado ocupado, mas o nosso também, T.J. As notícias correm rápido. O aeroporto tomou medidas especiais, e vão nos deixar ficar no portão de desembarque quando vocês pousarem, mas a imprensa também vai estar lá. Vou fazer o que estiver ao meu alcance para manter a imprensa a uma distância razoável.

— Tudo bem. Acho melhor eu ir, para chegarmos ao aeroporto na hora.

— Eu amo você, T.J.

— Também amo você, papai.

Vesti a camiseta e o short que tínhamos comprado na loja do hotel. Anna colocou o vestido azul. Tirei o cartão do homem da firma de fretamento de aviões do bolso do short antigo e joguei nossas roupas velhas e sujas no lixo. Colocamos todo o resto das coisas em sacolas plásticas que encontramos no quarto.

Depois de acertarmos tudo na recepção, tomamos o transporte do hotel para o aeroporto. Anna não conseguia ficar quieta. Eu ria e a abraçava.

— Você está pilhada.

— Eu sei. Estou ansiosa e tomei muito café.

— Está preparada para ir embora daqui? — perguntei, pegando a mão dela. Ela sorriu e disse:

— Sem dúvida.

A tripulação do avião — piloto, copiloto e uma comissária — deram vivas e nos aplaudiram quando Anna e eu entramos na aeronave. Trocamos apertos de mãos, sorrimos e nos apresentamos.

Examinei o avião. Havia sete assentos; cinco poltronas separadas por um corredor estreito e duas poltronas contíguas. Ao longo da parede, havia um sofá estreito. Eu não conseguia imaginar quanto isso devia ter custado ao meu pai.

— Que tipo de avião é este? — perguntei.

— É um Lear 55 — respondeu o piloto. — É um jato de porte médio. Vamos ter que parar algumas vezes para abastecer, mas devemos aterrissar em Chicago daqui a mais ou menos dezoito horas.

Anna e eu colocamos nossas sacolas de plástico no compartimento superior e nos acomodamos nos assentos de couro, contíguos e reclináveis. Diante de nós, havia uma grande mesa presa ao chão.

A comissária de bordo se aproximou assim que afivelamos os cintos de segurança.

— Olá. Eu me chamo Susan. O que gostariam de beber? Tenho refrigerantes, cerveja, vinho, coquetéis, água mineral, suco e champanhe.

— Escolha primeiro, Anna.

— Vou querer água, champanhe e suco, por favor — disse ela.

— Gostaria que eu preparasse um *mimosa*? Temos suco natural de laranja.

— Eu *adoraria*. Obrigada.

— Eu vou querer água, cerveja e Coca — pedi.

— Claro. Volto num instante.

Tínhamos tolerância zero para álcool e logo ficamos meio bêbados. Anna bebeu dois coquetéis, e eu tomei quatro cervejas. Ela não parava de dar risadinhas, e eu não conseguia parar de beijá-la. Nós fazíamos muito barulho, também, e Susan se empenhava fantasticamente em fingir que não notava.

Ela trouxe um enorme prato de queijo, biscoitos e frutas, provavelmente na esperança de que isso nos deixasse mais sóbrios. Devoramos tudo, mas não antes de eu tentar jogar diversas uvas na boca aberta da Anna. Errei todas as vezes, o que nos divertiu muito.

Quando escureceu, Susan trouxe mantas e travesseiros.

— Ah, que bom — disse Anna, em meio a um soluço. — Estou um pouco sonolenta.

Estiquei as mantas sobre nós dois e enfiei minhas mãos debaixo do vestido da Anna.

— Pare com isso — ordenou ela, tentando afastar minhas mãos. — Susan está logo ali.

— Susan não vai se importar — falei, puxando a manta por cima das nossas cabeças para que pudéssemos ter um pouco de privacidade. Mas era só brincadeira, porque cinco minutos depois eu tinha desmaiado.

Acordei com dor de cabeça. Anna ainda dormia, a cabeça apoiada no meu ombro. Quando ela acordou, nos revezamos em escovar os dentes no banheiro. Susan colocou um prato de sanduíches de peru e rosbife na mesa com batatas fritas e Coca-Cola. Também me deu dois comprimidos de analgésico e duas garrafas de água.

— Obrigado.

— De nada — disse ela, me dando um tapinha no ombro.

— Que dia é hoje, Anna?

— 28 de dezembro?

— Quero passar o Ano-Novo com você — falei. — Até lá, já vou estar morrendo de saudades. Anna me deu um beijo rápido.

— Combinado.

Comemos os sanduíches e as batatas fritas e passamos o resto do tempo conversando.

— Pensei neste dia por tanto tempo, T.J. Posso imaginar minha mãe e meu pai, Sarah, David e as crianças, todos me esperando enquanto eu corro para eles de braços abertos.

— Também já pensei muito neste dia. Eu tinha medo de que nunca acontecesse.

— Mas aconteceu — disse Anna, sorrindo para mim.

O céu clareou, e avistei pela janela os campos congelados do Meio-Oeste. Quando descemos para pousar em Chicago, Anna apontou e falou:

— Olhe, T.J., neve.

Aterrissamos em O'Hare pouco antes das oito da manhã. Anna abriu o cinto de segurança e se levantou antes que o avião parasse completamente.

Pegamos nossas sacolas de plástico do compartimento superior e atravessamos o corredor do avião depressa, até chegarmos à frente do avião. O piloto e o copiloto apareceram.

— Foi um prazer trazê-los de volta para casa — disse o piloto. — Boa sorte para vocês dois. Nós nos voltamos para Susan.

— Obrigada por tudo — agradeceu Anna.

— De nada — respondeu Susan, nos dando um abraço.

Alguém abriu a porta do avião.

— É agora, T.J. — disse Anna. — Vamos.

CAPÍTULO 43

Anna

T.J. e eu saímos do avião e atravessamos o corredor que nos levaria ao portão de desembarque de mãos dadas. Quando aparecemos do outro lado, a multidão gritou. O flash de centenas de câmeras me cegou, e eu pisquei, tentando manter o foco. Os repórteres começaram a berrar perguntas para nós imediatamente. Sarah correu para a frente e me agarrou nos braços, chorando.

Jane Callahan estava quase histérica quando agarrou T.J. Tom Callahan e duas meninas — imaginei que seriam as irmãs de T.J. — se juntaram ao abraço da família. David estava ao lado de Sarah e veio me abraçar. Eu o abracei forte e depois me afastei, procurando por meus pais na multidão.

John estava lá.

Ele correu para a frente, e eu o abracei automaticamente. Dei um passo para trás, querendo que ele saísse do meu caminho. Confusa, senti meu coração bater acelerado. Meus olhos fizeram uma busca na multidão que estava na área cercada, mas não vi minha mãe.

Nem meu pai.

Procurei mais uma vez, freneticamente, e então compreendi por que o telefone deles fora desligado. Meus joelhos fraquejaram. Sarah e David me sustentaram.

— Os dois?

Sarah aquiesceu, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Não! — gritei. — Por que você não me contou?

— Perdoe-me, Anna — disse ela. — Seu telefonema me pegou desprevenida, e você parecia tão feliz. Não consegui contar.

Eles me levaram até uma cadeira. Antes que eu pudesse me sentar, T.J. apareceu do meu lado.

Ele se sentou e me puxou para os seus braços, me embalando com delicadeza enquanto eu soluçava.

— Meus pais morreram, T.J.

— Eu sei, minha mãe acabou de me contar.

Ele beijou minha testa e secou minhas lágrimas, cenas captadas pelas câmeras. Menos de vinte e quatro horas depois, as fotos de T.J. me abraçando e me beijando apareceriam nas primeiras páginas de jornais do país inteiro.

Apoiei a cabeça no seu peito e fechei os olhos. Sarah esfregou minhas costas. Por fim, inspirei profundamente e me sentei ereta.

— Sinto tanto por você — disse T.J., alisando meus cabelos a partir da minha testa.

— Eu sei. — Balancei a cabeça.

Tudo estava em silêncio, exceto pelos flashes e pelos cliques das câmeras. Eu me virei para Sarah falei:

— Quero ir para casa.

Sarah anotou o número do celular dela para que eu desse a T.J. Entreguei o papel para ele, que o enfiou no bolso do short.

— Ligo para você logo, logo. — Ele me envolveu nos braços e sussurrou no meu ouvido. — Amo você.

— Também amo você — sussurrei de volta.

Nós nos levantamos quando Tom e Jane Callahan caminharam em nossa direção, seguidos pelas irmãs de T.J.

— Sinto muito, Anna — disse Jane. — Sarah me contou sobre seus pais. Eu me senti muito mal sabendo que você vinha para casa receber uma notícia tão triste. — Ela me abraçou e, quando se afastou, segurou minhas mãos por um minuto. — Nós ligaremos para você dentro de alguns dias. Temos algumas coisas para discutir. — Ela sorriu e me deu um beijo no rosto.

Tom Callahan sorriu e apertou meu ombro.

— Obrigada por fretar o avião — falei para ele.

— De nada, Anna.

Sarah mandou David dizer para a imprensa que eu não daria nenhuma declaração. John se aproximou e ficou do meu lado. Ele ia segurar a minha mão, mas mudou de ideia.

— Sinto muito pelos seus pais, Anna.

— Obrigada.

Ficamos ali parados, de uma forma meio constrangedora, como se fôssemos estranhos, e ele finalmente disse:

— Fiquei tão feliz quando Sarah ligou. Nem pude acreditar no que ela estava me contando. Inspirei profundamente e comecei a dizer:

— John...

— Não diga nada. Dê um tempo e, quando você estiver pronta, conversamos. Sei que você deve estar querendo sair daqui. — Ele deu uma olhada para T.J., que estava próximo, junto da família. — Dei todas as suas coisas para Sarah há mais ou menos um ano. Antes disso, não fui capaz de me desfazer de nada. — Ele me olhou com ternura. — Estou realmente feliz que você tenha voltado para casa, Anna.

John me abraçou e se afastou, e então Sarah e David me levaram para longe do portão.

CAPÍTULO 44

T.J.

Minha família me cercou. Alexis e Grace pegaram minhas mãos. Minha mãe não decidia se queria rir ou chorar, e então ela fazia os dois ao mesmo tempo.

— É incrível como você cresceu — disse meu pai.

Todo mundo tirou sarro do meu rabo de cavalo.

— Não tinha tesoura — expliquei.

Com o canto do olho, reparei em um cara alto e louro. Ele se aproximou de Anna.

Não fale com ela. Ela não ama mais você.

Eu os observei até o momento em que minha mãe me puxou pelo braço.

— Vamos para casa, T.J.

Olhei para Anna mais uma vez. John a abraçou e depois se afastou. Respirei fundo e disse:

— Estou pronto, mãe.

Antes de sairmos, minha mãe me entregou um casaco, meias e um par de tênis. Joguei os chinelos na sacola de plástico com o resto das minhas coisas e segui minha família até o carro.

Quando chegamos em casa, tomei um banho, enrolei uma toalha em volta da cintura e entrei no meu antigo quarto. A aparência continuava exatamente a mesma. Minha cama de casal ainda tinha a mesma colcha azul-marinho, e tanto meu aparelho de som quanto minha coleção de CDs ainda estavam no canto perto da escrivaninha. Havia uma pilha de roupas dobradas na cômoda. Minha mãe acertara meu tamanho atual, adivinhando quanto eu tinha crescido.

Quando saí do quarto, ela estava na cozinha preparando o café da manhã e me ofereceu um prato de panquecas e bacon. Quando acabei de comer, sentei-me na sala para conversar com a minha família. Grace, que agora tinha quatorze anos, queria se sentar perto de mim. Alexis, que acabara de completar treze, se sentou aos meus pés.

Contei tudo para eles: Mick, o acidente, a água contaminada, a sede, a fome, o tubarão, a doença e o tsunami. Respondi a todas as perguntas que me fizeram. Minha mãe começou a chorar de novo quando ouviu que eu tinha ficado doente.

Mais tarde, à noite, minhas irmãs foram para a cama e ficamos só meus pais e eu.

— Você não pode imaginar como é, T.J. — disse minha mãe. — Pensar que seu filho morreu e depois receber um telefonema dele. Se não é um milagre, não sei o que é.

— Nem eu — concordei. — Anna sonhava com o dia em que daríamos aqueles telefonemas. Ela mal podia esperar para todo mundo saber que estávamos vivos.

O silêncio caiu sobre a sala pela primeira vez desde que começamos a conversar.

Minha mãe pigarreou.

— Que tipo de relacionamento você e a Anna tinham? — perguntou ela.

— Exatamente o tipo que você está pensando.

— Quantos anos você tinha?

— Quase dezenove — respondi. — E, mãe...

— Sim?

— Definitivamente, foi ideia minha.

CAPÍTULO 45

Anna

Paramos no banheiro porque eu precisava desesperadamente assoar o nariz e limpar os olhos. Sarah me passou lenços de papel.

— Eu devia ter percebido que alguma coisa estava errada quando descobri que o número de telefone deles havia sido desativado. Mas você disse que eles venderam a casa.

— Eu disse que a casa *tinha sido vendida*. David e eu a colocamos à venda assim que o inventário ficou pronto.

Eu me inclinei para a frente, me apoiando na bancada do banheiro.

— O que aconteceu com eles?

— Papai teve outro enfarte.

— Quando?

— Duas semanas depois que o avião caiu. Comecei a chorar novamente.

— E mamãe?

— Câncer no ovário. Morreu um ano atrás.

— Os repórteres estão vindo para cá. Vamos sair daqui, a não ser que você queira falar com eles.

Fiz um gesto negativo com a cabeça. Sarah tinha me trazido um casaco e botas forradas de lã. Eu me vesti e saímos para o estacionamento, com a imprensa nos seguindo de perto. Respirei o odor de neve e de gases dos carros.

— Onde estão as crianças? — perguntei quando chegamos ao apartamento de Sarah e David. Eu realmente queria dar abraços bem apertados em Joe e Chloe.

— Nós os levamos para a casa dos pais do David. Vou apanhá-los amanhã. Eles estão loucos para ver você.

— O que quer comer? — perguntou David.

Meu estômago roncava. Antes eu estava ansiosa para pedir um banquete, mas agora eu achava que não conseguiria comer nada.

David deve ter percebido, porque disse:

— Que tal se eu sair para comprar uns bagels e você come quando sentir vontade?

— Eu ficaria muito grata, David. Obrigada.

Tirei o casaco e as botas.

— Suas roupas estão todas aqui — disse Sarah. — Coloquei tudo no armário do quarto de hóspedes quando John trouxe para cá. As joias, os sapatos e algumas outras coisas também estão lá dentro. Jamais consegui me desfazer.

Segui Sarah até o quarto de hóspedes. Ela abriu o armário, e dei uma olhada em minhas roupas. A maior parte estava pendurada em cabides, e o restante tinha sido empilhado cuidadosamente na prateleira superior. Um suéter de caxemira azul-claro me chamou a atenção. Toquei a manga e fiquei impressionada com a sua maciez nos meus dedos.

— Você quer tomar um banho primeiro? — perguntou Sarah.

— Quero — respondi, pegando um par de calças de ioga cinza e uma camiseta branca de mangas compridas.

Puxei o suéter azul da prateleira também. Numa cômoda no canto estavam guardadas minhas meias, meus sutiãs e minhas calcinhas. Entrei no banheiro e fiquei debaixo do chuveiro durante um bom tempo.

Minhas roupas estavam grandes, mas eram familiares e me aqueciam.

— Stefani está vindo para cá — disse Sarah, me passando uma xícara de café logo que me acomodei no sofá da sala.

Sorri ao ouvir o nome da minha melhor amiga.

— Mal posso esperar para ver Stefani. — Tomei um gole do café. Sarah o tinha reforçado com uma bebida alcoólica. — Creme Irlandês?

— Achei que você poderia tomar um drinque.

— Tudo bem, mas só um. Estou um pouco sem resistência esses dias. — Segurei a xícara quente nas mãos. — Como a mamãe reagiu depois que o papai morreu? — perguntei.

— Até que reagiu bem. Ela se recusou a vender a casa. Por isso, David ficou encarregado do trabalho no jardim, e contratamos uma pessoa para limpar a calçada e a entrada quando chovia. Nós não a deixamos sozinha.

— O câncer foi muito agressivo?

— Não foi nada bom. Mas ela lutou bravamente, até o fim.

— Ela teve que ser internada?

— Não. Morreu em casa, exatamente como queria.

Terminamos o café. David chegou com os bagels, e Sarah insistiu para que eu comesse.

— Você está tão magra — disse ela, espalhando requeijão sobre um bagel e me oferecendo.

Voltamos para o sofá depois de terminarmos a refeição. Sarah ligou o rádio e encontrou uma estação de rock clássico. Passou-me outra xícara de café, dessa vez sem o licor. David se juntou a nós, e os dois me perguntaram sobre a ilha.

Contei tudo a eles. Sarah chorou quando contei como T.J. e eu quase morremos de desidratação. Saber que dois aviões haviam sobrevoado a ilha a deixou realmente arrasada. Ambos

ficaram chocados quando contei sobre o tubarão, Esqueleto e o tsunami.

— Que sofrimento horróroso — lamentou Sarah.

— Bem, nós nos adaptamos. No entanto, ficou ruim no final. Não saberia dizer quanto tempo mais teríamos durado.

Sarah me ofereceu uma manta de lã, e enfiei minhas pernas embaixo dela.

— Fiquei surpresa ao ver John no aeroporto — falei.

— Fui eu que chamei. Ele ficou arrasado quando o avião caiu e muito feliz quando eu disse que você estava viva.

— Pensei que ele tivesse seguido em frente com a vida. Talvez até que ele já estivesse casado.

— Não. Ele namorou alguém por algum tempo, mas, pelo que sei, ainda está solteiro.

— Ah.

— O que você decidiu a respeito dele?

— Ele não é a pessoa certa para mim, Sarah. Não sei o que teria acontecido se meu avião não tivesse caído, mas tive tempo de sobra para pensar sobre quem eu queria. — Balancei a cabeça. — E não era ele.

— Você e T.J. estão juntos, não estão? — perguntou Sarah.

— Estamos. Você ficou surpresa?

— Nas circunstâncias em que vocês estavam? De maneira alguma. Quantos anos ele tem?

— Vinte.

— Quantos anos ele tinha quando vocês começaram a se envolver?

— Quase dezenove.

— Você ama T.J.?

— Amo, sim.

— Eu vi o jeito como ele olhou para você. Como a consolou no aeroporto. Ele também ama você — disse Sarah.

Coloquei minha xícara vazia sobre a mesa de café e concordei com a cabeça.

— É verdade. Ele me ama.

A campainha tocou, e Sarah atravessou a sala. Eu a segui e preendi a respiração enquanto ela olhava pelo olho mágico. Então ela abriu a porta. E lá estava Stefani, chorando. Eu a puxei para um abraço, pois nenhuma palavra seria capaz de expressar como eu me sentia ao revê-la.

— Ah, Anna — disse ela, aos soluços, me apertando forte. — Você voltou para casa.

CAPÍTULO 46

T.J.

Depois de muita conversa, fui para o quarto, me estiquei na cama e liguei para Anna.

— Oi, como você está?

— Esgotada. Coisa demais para processar.

— Queria poder ajudar.

— É só uma questão de tempo — refletiu ela. — Tenho certeza de que em breve ficarei bem.

— Estou deitado na minha antiga cama. Olha que impressionante: minha mãe não se desfez de nada.

— Nem Sarah. Achei que as pessoas doavam os pertences do falecido.

— Minha mãe sabe sobre nós.

— Ah, meu Deus. O que ela disse?

— Ela perguntou a minha idade quando tudo começou. Só isso.

— Ela pode pensar melhor depois.

— Talvez. Então, aquele no aeroporto era o John?

— Era.

— O que você disse para ele?

— Nada. Ele me cortou. Fiquei de ligar para ele.

— E você vai ligar?

— Vou, só não sei quando. Não consigo lidar com isso agora. Alguns dias atrás estávamos passeando na praia. Agora estamos em casa. É surreal.

— Eu sei.

— Você está cansado? — perguntou Anna.

— Estou exausto.

— Durma um pouco.

— Amo você, Anna.

— Também amo você.

CAPÍTULO 47

Anna

Sarah abriu a porta do quarto, segurando uma xícara de café e o jornal.

— Está acordada?

Eu me sentei e pisquei. A luz do dia se infiltrava através das cortinas transparentes.

— Que horas são?

— Quase dez. — Sarah me passou o café e colocou o jornal em cima do criado-mudo.

— Os repórteres não aceitam um “não” como resposta. Tive que tirar o som do telefone.

Peguei o celular dela, que estava perto do jornal, para checar se havia alguma ligação. Sete chamadas perdidas.

— Estão ligando para o seu celular também. Vou arrumar um telefone para mim o mais rápido possível.

Sarah fez um gesto para indicar que não se importava.

— Sem pressa. Talvez possamos pedir para David providenciar um para você.

Coloquei o café no criado-mudo e peguei o jornal. Fotos minhas e de T.J. estampavam a primeira página. Havia as que eu já tinha visto na CNN e diversas outras do aeroporto. A maior delas mostrava T.J. beijando minha testa, circundada de fotos menores de nós dois correndo de mãos dadas, nos abraçando, além de outras mostrando T.J. secando minhas lágrimas e me envolvendo nos braços. Para aqueles que especulavam sobre a natureza do nosso relacionamento, uma olhada nas imagens provavelmente respondia às suas perguntas mais picantes.

Devolvi o jornal a Sarah.

— Se algum repórter aparecer, diga que ainda não estou pronta para falar, está bem?

Peguei minha xícara e a mantive entre as mãos. Pensamentos sobre meus pais encheram minha mente, e comecei a chorar. Sarah sentou-se na cama, colocou os braços ao meu redor e me ofereceu uma caixa de lenços.

— Tudo bem, Anna. Também fiz isso, depois que cada um deles morreu. Vai levar um tempo até que pare de doer.

Concordei com a cabeça.

— Eu sei.

— Está com fome? David saiu para comprar o café da manhã.

O tumulto emocional arruinava meu apetite, mas meu estômago estava vazio.

— Um pouquinho.

— O que você quer fazer hoje?

— Talvez eu marque alguns compromissos. Médico, dentista, cabeleireiro. Sarah saiu do quarto e voltou com a lista telefônica.

— Diga para quem devo ligar.

CAPÍTULO 48

T.J.

Ben entrou no meu quarto, segurando o jornal.

— Uma pergunta — começou ele, se aproximando da minha cama com o dedo indicador no ar.

— Quantos anos você tinha quando começou a comer a Anna? Porque, por essas fotografias aqui, tenho certeza de que é isso que está acontecendo.

Se ele não estivesse olhando para baixo, para a foto em que eu aparecia beijando Anna, talvez tivesse visto meu punho se aproximando antes de entrar em contato com o seu olho esquerdo.

— Jesus Cristo! Por que você fez isso? — perguntou ele, caído no chão, onde estava estatelado, com a mão no olho.

— *Essa é a primeira coisa que você me diz depois de três anos e meio?*

— Porra, Callahan. Doeu à beça.

— Nunca mais fale algo assim sobre ela, ok?

— T.J.? — Minha mãe estava de pé na porta. Ela notou que Ben estava com a mão no olho. — Está tudo bem?

— Tudo bem, mãe.

— É, tudo bem, Jane — confirmou Ben.

— O que você quer comer, T.J.?

— Qualquer coisa, mãe.

— Então você está, tipo, apaixonado ou coisa parecida?

— Estou.

— Ela *ama* você?

— Ela diz que ama.

— Sua mãe sabe?

— Sabe.

— Ela pirou?

— Ainda não.

— Bom, estou feliz por você ter voltado, cara. — Ben me deu um abraço esquisito. —

Realmente fiquei muito mal quando me disseram que você tinha morrido. — Ele olhou para o chão. — Fiz um discurso no seu funeral.

— Você fez isso?

Ele confirmou.

Ben quase não conseguia ficar de pé na frente de todo mundo, na aula de discurso. Eu não conseguia imaginá-lo se dirigindo às pessoas no meu funeral. Talvez eu não devesse ter dado um soco nele.

— Isso foi legal da sua parte, Ben.

— É, bem, fez sua mãe ficar feliz. De qualquer forma, você vai cortar o cabelo, não vai? Você está parecendo uma garota.

— Vou cortar.

Minha mãe me preparou um cheeseburger e batatas fritas, e Ben ficou sentado do meu lado enquanto eu comia. Meus pais vieram me abraçar umas duas vezes, e minha mãe me deu um beijo. Ben provavelmente queria fazer um comentário espirituoso, mas manteve o gelo no olho e a boca fechada. Grace e Alexis ficaram na mesa por um tempo, me contando sobre a escola e os amigos. Matei o resto da minha Coca-Cola.

— Só consegui hora com o Dr. Sanderson amanhã. Achei que eles poderiam encaixar você, mas parece que estão com a agenda cheia.

— Tudo bem, mãe. Já esperei tanto. Um dia a mais não vai fazer diferença.

— Quer comer mais alguma coisa?

— Não, obrigado. Já estou cheio.

— Vou marcar barbeiro e dentista para você.

— Então, você está trabalhando ou coisa parecida? — perguntei a Ben. — Nossa, já é quase meio-dia.

— Estou na universidade. Mas agora estou de férias.

— Você entrou para a universidade? Qual?

— Universidade de Iowa. Estou no segundo ano. Você tem que me visitar. E você? O que vai fazer?

— Prometi a Anna que faria uma prova. Depois disso, não tenho ideia.

— Você vai continuar a ver a Anna?

— Vou. Já estou com saudades. Acordei ao lado dela durante os últimos três anos e meio.

— Cara, se eu fizer outra pergunta, você pode não me bater, por favor?

— Depende da pergunta.

— Como é estar com a Anna? É verdade o que dizem sobre as coroas gatas?

— Ela não é tão mais velha assim.

- Hum, tudo bem. Mas, de qualquer modo, como é?
- É incrível.
- E o que ela faz?
- Ela faz de tudo, Ben.

CAPÍTULO 49

Anna

Minha cabeleireira, Joanne, apareceu na sala de estar de Sarah.

— Encontrei uns repórteres lá embaixo — informou ela. — Acho que tiraram uma foto minha. — Ela se desvencilhou do seu casaco e me abraçou. — Bem-vinda de volta, Anna. É por causa de histórias como a sua que eu acredito em milagres.

— Eu também, Joanne.

— Onde você quer cortar os cabelos dela? — perguntou Sarah.

Eu já tinha tomado um banho, e meus cabelos ainda estavam molhados, então, Joanne me fez sentar em um banquinho na cozinha de Sarah.

— O que aconteceu aqui? — perguntou ela, examinando as pontas dos meus cabelos.

— Pedi para o T.J. queimar um pouco quando eles ficaram longos demais.

— Você está brincando.

— Não. Ele ficou com medo de botar fogo na minha cabeça.

— Quanto você quer cortar?

— Alguns centímetros. E que tal uma franja longa?

— Claro.

Joanne me fez perguntas sobre a ilha enquanto cortava. Contei para ela e para Sarah sobre o morcego que tinha ficado preso nos meus cabelos.

— Ele mordeu você? — Sarah parecia horrorizada. — T.J. enfiou uma faca nele?

— Foi. Mas tudo acabou bem no final. O morcego não tinha raiva.

Joanne secou meus cabelos e os alisou com uma prancha. Ela me passou um espelho de mão. Meus cabelos pareciam saudáveis, com as pontas macias.

— Uau! Melhorou cem por cento.

Sarah tentou pagar, mas Joanne não quis aceitar o dinheiro. Agradei por ela ter vindo até o apartamento.

— É o mínimo que eu podia fazer, Anna.

Ela me deu um abraço e um beijo. Depois que Joanne saiu, eu disse para Sarah:

— Se conseguirmos sair de casa sem sermos importunadas, tem um lugar aonde eu realmente gostaria de ir.

— Claro. Vou chamar um táxi.

Os repórteres gritaram meu nome logo que Sarah e eu abrimos a porta. Eles estavam esperando na escada, mas nós abrimos caminho entre eles e nos enfiámos no táxi.

— Como eu gostaria que seu prédio tivesse uma saída nos fundos — refleti.

— Eles provavelmente ficariam lá também. Abutres de merda — murmurou Sarah.

Ela deu um endereço ao motorista e logo estávamos na entrada do Cemitério de Graceland.

— Pode nos esperar, por favor? — perguntou Sarah ao motorista do táxi.

Alguns flocos de neve rodopiavam no ar. Fiquei arrepiada, mas Sarah parecia não se importar com o frio, nem mesmo se deu o trabalho de abotoar o casaco. Ela me encaminhou até o túmulo onde nossos pais, Josephine e George Emerson, descansavam lado a lado.

Eu me ajoelhei em frente à lápide e desenhei os nomes deles com meu dedo.

— Consegui voltar para casa — sussurrei.

Sarah me entregou um lenço de papel, e enxuguei as lágrimas que rolavam dos meus olhos. Então me veio a imagem de meu pai usando seu gorro engraçado, coberto de iscas de pesca, me ensinando a limpar um peixe. Eu me lembrei de como ele adorava encher o alimentador dos beija-flores e observar as pequeninas criaturas voarem como flechas, para tomar um gole, pairando em pleno ar. Pensei em minha mãe e em como ela adorava o jardim, a casa e os netos. Nunca mais eu poderia partilhar com ela minhas aventuras na sala de aula, no brunch das manhãs de domingo, nunca mais eu ouviria as vozes de meu pai e minha mãe. Chorei bem alto, tentando liberar toda a minha dor. Sarah esperou, paciente, dando o tempo necessário para que a catarse de que eu desesperadamente precisava me arrebatasse. Minhas lágrimas afinal cessaram, e eu me levantei.

— Podemos ir agora.

Sarah colocou o braço ao meu redor e voltamos para o táxi. Ela deu ao motorista outro endereço, e fomos até a casa dos pais de David, para apanhar as crianças.

Joe e Chloe pararam de brincar quando entramos na sala. Provavelmente eu parecia um fantasma para eles. Sarah fizera com que eles sempre se lembrassem de mim, mas a tia que eles pensaram que tinha morrido agora aparecia na sala de estar dos avós. Eu me ajoelhei perto deles e disse suavemente:

— Puxa, como senti falta de vocês.

Joe se aproximou primeiro. Eu o abracei apertado.

— Deixe-me olhar para você — falei, afastando-o a uma distância de um braço.

— Estou perdendo todos os meus dentes — disse ele, abrindo a boca e me mostrando os vãos entre os dentes.

— Você deve estar dando muito trabalho para a fada dos dentes.

Chloe, acostumando-se aos poucos com a tia que se fora havia tanto tempo, se aproximou um pouco mais e sussurrou:

— Também já perdi uns.

Ela abriu a boca ao máximo para que eu pudesse ver os vãos dela.

— Nossa, a mamãe de vocês deve passar toda a comida no processador.

Vocês dois estão banguelas.

— Tia Anna, você vai morar na nossa casa agora? — perguntou Chloe.

— Por um tempo.

— Você vai me colocar para dormir de noite?

— Não, eu quero que ela me ponha para dormir de noite — falou Joe, entrando na conversa.

— Que tal se eu colocar vocês dois para dormir?

— Vocês já estão prontos para ir embora? — perguntou Sarah.

— Estamos!

— Então deem um beijo na vovó e vamos para casa.

Mais tarde, à noite, depois que levei as crianças para a cama, Sarah nos serviu uma taça de vinho tinto. O celular dela tocou, e ela passou para mim.

— Oi, como você está? — perguntou T.J.

— Estou bem. Sarah e eu fomos ao cemitério hoje.

— Foi difícil?

— Foi. Mas eu realmente queria ir. Estou um pouco melhor agora, depois de visitar os túmulos deles. Vou voltar lá. O que você fez hoje?

— Cortei o cabelo. Talvez você nem me reconheça.

— Vou sentir falta do seu rabo de cavalo.

— Eu não vou. — T.J. riu.

— Acabei de colocar as crianças para dormir. Levou duas horas, tive que ler todos os livros que eles têm. Sarah abriu um vinho, e Stefani vem aqui. E você? Tem algum plano?

— Vou sair com Ben se conseguirmos despistar os repórteres.

— Como vai Ben?

— Ainda falando mais do que deve.

— Você já foi ao médico?

— Tenho uma consulta amanhã.

— Espero que tudo corra bem.

— Vai dar tudo certo. E você? Já foi?

— Amanhã. Depois, à tarde, vou ao dentista.

— Eu também. Lembra quando tirei o aparelho?

— Eu me esqueci disso.

— Vou ver você no Ano-Novo, Anna. Amo você.

— Também amo você. Divirta-se hoje.

CAPÍTULO 50

T.J.

Abri a porta quando Ben bateu. O olho dele tinha inchado a ponto de fechar e estava ficando roxo.

- Merda. Desculpe — falei.
- Ah, não esquentar. Você tem sorte por eu ser tão tranquilo.
- Sinceramente, essa é a sua maior qualidade.
- Vários caras do colégio estão por aqui, por causa dos feriados de final de ano.

Você está a fim de uma festa?

- Claro. Onde?
 - Na casa do Coop. Os pais dele viajaram para as Bahamas hoje de manhã.
- Peguei meu casaco.
- Vamos lá.

Pelo menos vinte dos meus antigos colegas de colégio estavam na sala de estar de Nate Cooper quando chegamos. O rock enchia o ambiente. Todo mundo aplaudiu quando entramos, e vários deles apertaram minha mão e me deram tapas nas costas. Eu não via alguns desde que começara o tratamento para o linfoma, porque eu tinha faltado a muitas aulas naquele ano. Era esquisito me dar conta de que todo mundo já havia se formado, menos eu.

Alguém me deu uma cerveja. Eles queriam saber sobre a ilha, e respondi a todas as perguntas. Ben deve ter contado como ele ficou com aquele olho inchado, porque ninguém perguntou sobre Anna.

Eu estava na minha segunda cerveja quando uma garota se sentou no sofá perto de mim. Tinha cabelos louros e usava uma tonelada de maquiagem.

- Você se lembra de mim? — perguntou ela.
- Mais ou menos — respondi. — Desculpe, esqueci seu nome.
- Alex.
- Você era da minha sala, certo?
- Era. — Ela tomou um longo gole de cerveja. — Você está completamente diferente de quando estávamos no colégio.
- É, bom, já se passaram quatro anos.

- Você está bem. Não consigo acreditar que você realmente viveu naquela ilha.
- Não tive escolha. — Eu me levantei. — Está na hora de eu ir embora. A gente se vê por aí.

— Espero que sim.

Encontrei Ben na cozinha.

— Ei, vou indo.

— Você não pode ir agora, cara. Ainda é meia-noite.

— Estou cansado. Vou para a cama.

— É uma pena, cara, mas tudo bem. Eu entendo.

Ben levantou a palma da mão para bater na minha, e saí pela porta.

No caminho para o trem, pensei em Anna e sorri durante todo o trajeto para casa.

CAPÍTULO 51

Anna

Acordei Joe e Chloe, para que pudéssemos tomar café da manhã juntos. Estávamos terminando nossos waffles com suco quando Sarah entrou na cozinha.

— Bom dia — cumprimentou ela. — Obrigada por preparar o café da manhã para as crianças.

— A tia Anna faz os melhores waffles — elogiou Chloe.

— O namorado da tia Anna vem aqui amanhã à noite — anunciou Joe.

— Como você sabe? — perguntou Sarah.

— Eu ouvi vocês duas conversando.

— É verdade, o namorado da tia Anna vem passar o Ano-Novo com a gente. Espero que vocês sejam bem-educados e não se comportem como vândalos.

— A tia Anna precisa tomar um banho — falei para as crianças. — Ela tem um dia cheio pela frente.

— Médico? — perguntou Sarah.

— E dentista. Compromissos bem divertidos.

* * *

Fiquei lendo uma revista enquanto esperava que me chamassem no consultório do médico. Quando a enfermeira me pediu para subir na balança, fiquei chocada ao ver que estava pesando quarenta e seis quilos, principalmente porque eu já estava me alimentando normalmente havia alguns dias. Como eu media um metro e sessenta e oito, deveria pesar de seis a dez quilos a mais. Provavelmente, na ilha eu estava pesando menos de quarenta e cinco.

Sentei-me na cama de exames com uma roupa descartável. Quando a médica entrou, ela me abraçou e disse:

— Bem-vinda. Tenho certeza de que você tem ouvido muito isso, Anna, mas quase não acredito que está viva.

— Isso é algo que nunca vou me cansar de ouvir.

— Você está abaixo do peso, mas certamente já sabe disso. Como está seu estado geral? Há alguma coisa específica que a preocupe?

— Já me sinto melhor agora que estou comendo mais. Mas não menstruo há muito tempo.

Estou preocupada com isso.

— Bem, vamos dar uma olhada, mas não se preocupe — disse ela enquanto guiava meus pés para os suportes. — Dado o seu baixo peso, eu me surpreenderia se você estivesse menstruando. Algum outro problema?

— Não.

— Vou pedir os exames de sempre, mas o seu ciclo menstrual deve voltar logo que você ganhar peso. É óbvio que está desnutrida, mas isso é relativamente fácil de reverter. Mantenha uma dieta balanceada. Quero que comece a tomar um complexo vitamínico, um comprimido por dia.

— Será que ficar sem menstruar durante tanto tempo vai dificultar uma gravidez no futuro?

— Não. Uma vez que o ciclo seja restabelecido, você deve ficar apta a engravidar. — Ela retirou as luvas e as jogou na lixeira. — Pode se vestir agora.

Eu me sentei na cama. Ela fez uma pausa na porta e disse:

— Vou fazer uma nova receita para pílulas anticoncepcionais.

— Tudo bem.

Achei que era mais fácil aceitar a receita do que explicar que eu não precisava de pílulas anticoncepcionais, porque meu namorado de vinte anos era estéril.

Em seguida fui ao dentista. Fiquei confortavelmente sentada na cadeira por mais de uma hora enquanto a dentista tirava radiografias, raspava e polia meus dentes. Quando ela me informou de que eu não tinha cárie, considerei-me uma pessoa de sorte.

Sarah tinha me emprestado um pouco de dinheiro. Depois da consulta, peguei um táxi até o salão. Quando Lucy viu o meu rosto, pulou da cadeira e disparou em minha direção.

— Ai, querida! — exclamou ela, me dando um abraço. Quando se afastou, seus olhos estavam cobertos de lágrimas.

— Não chore, Lucy. Você vai me fazer chorar também.

— Anna em casa — disse ela, sorrindo.

— Isso mesmo, Anna em casa.

Ela fez minhas mãos e meus pés e conversou com tanto entusiasmo que, daquilo que ela contou, compreendi ainda menos do que de costume. Mencionou John umas duas vezes, mas fingi que não entendi. Quando terminou, me abraçou novamente.

— Obrigada, Lucy. Volto em breve — prometi.

Saí do salão e olhei para baixo, para as minhas mãos. Estavam congelando sem as luvas, mas eu não queria estragar o esmalte. Meus dentes estavam limpos e lisos quando eu passava a língua por eles. Senti o cheiro de cachorro-quente vindo de uma carrocinha enquanto eu passeava vendo vitrines, apreciando, através das vidraças, as últimas tendências da moda. Decidi voltar no dia seguinte para comprar roupas que coubessem em mim.

Eu esperava estar irreconhecível, com os óculos escuros e o gorro de lã que Sarah tinha me emprestado, e caminhei a passos largos pela calçada, com um sorriso no rosto, sentindo como se

tivesse molas nos meus sapatos. Chamei um táxi na esquina e dei o endereço de Sarah.

Mesmo os repórteres que se aglomeraram ao meu redor quando cheguei à casa de Sarah não conseguiram abafar minha alegria. Abri caminho entre eles, destranquei a porta e a fechei rapidamente atrás de mim.

T.J. me ligou à noite.

— Como foi no oncologista? — perguntei.

— Só vão ter os resultados do exame de sangue e de imagem dentro de alguns dias. Mas o médico disse que estava otimista, já que não tenho nenhum sintoma. Fui ao meu clínico geral também.

— E como foi?

— Preciso ganhar peso, mas, fora isso, estou bem. Conte para ele sobre a minha doença na ilha. Ele tem quase certeza de que sabe o que tive. Você estava certa. *Era* uma virose.

— Mas o quê, exatamente?

— Dengue hemorrágica. Ela é transmitida por mosquitos.

— Você estava sempre cheio de picadas de insetos. É como a malária?

— Acho que sim. Chamam também de *febre quebra-ossos*. Estão certos.

— É muito grave?

— Tem uma percentagem de morte de cerca de cinquenta por cento. O médico disse que tive sorte de não entrar em choque ou sangrar até morrer.

— Não consigo acreditar em como você sobreviveu a tanta coisa, T.J.

— Nem eu. E então, como foi a sua consulta no médico? Está tudo bem?

— Vou ficar bem assim que ganhar mais peso. Minha médica disse que a desnutrição não será difícil de reverter. Tenho que tomar uma vitamina diariamente.

— Quase não aguento esperar para ver você amanhã, Anna.

— Também estou louca para ver você.

* * *

Na véspera do Ano-Novo, tomei um banho, fiz um penteado e passei a maquiagem que comprei. Meu novo brilho labial não sairia quando eu beijasse T.J., o que eu planejava fazer uma porção de vezes. Cortei a etiqueta do meu jeans novo, assim como a de um suéter azul-marinho com gola em V, e os vesti sobre um sutiã preto meia-taça e uma calcinha de renda.

Quando T.J. bateu à porta, corri para abri-la.

— Seu cabelo! — exclamei.

Cabelos castanhos curtos emolduravam o rosto dele, e deslizei minha mão entre os fios. Recém-barbeado, ele usava jeans e um suéter cinza. Senti o aroma de sua colônia.

— Que cheiro bom.

— Você está linda — elogiou ele, inclinando-se para beijar meus lábios.

Ele tinha conhecido Sarah e David no aeroporto, mas eu os apresentei de novo.

As crianças lançavam olhares furtivos para T.J., espiando por trás de Sarah.

— Vocês devem ser Joe e Chloe. Ouvi muito sobre vocês — falou T.J.

— Oi — cumprimentou Joe.

— Oi — repetiu Chloe.

Ela voltou a se esconder atrás de Sarah, olhando T.J. sorrateiramente de novo alguns segundos depois.

— Temos que correr, David, se quisermos manter a reserva — disse Sarah.

— Vocês vão sair? — perguntei.

— Por umas duas horas. Pensamos em tirar as crianças de casa por um tempinho. Ela pegou o casaco e sorriu para mim. Retribuí o sorriso.

— Está bem. Até mais tarde, então.

Pulei nos braços de T.J. assim que a porta se fechou, enrolando as pernas ao redor da sua cintura.

Ele me carregou pelo corredor enquanto eu o beijava no pescoço.

— Onde? — perguntou ele.

Agarrei a porta quando passamos pelo quarto de hóspedes.

T.J. fechou a porta com um chute e me colocou sobre a cama.

— Meu Deus, como senti saudade. — Ele me beijou, deslizou as mãos por baixo do meu suéter e sussurrou: — Vamos ver o que você tem aqui embaixo.

Mal tínhamos nos instalado de volta no sofá quando, duas horas mais tarde, Sarah, David e as crianças voltaram.

— Está se divertindo com o seu namorado, tia Anna? — perguntou Chloe.

Sarah e eu nos entreolhamos, e ela levantou as sobrancelhas, me fitando, para depois desaparecer na cozinha.

— Sim, estou me divertindo muito com ele. E o jantar, foi bom?

— Humhum. Comi nuggets de frango e batata frita, e a mamãe me deixou tomar refrigerante de laranja!

Joe se aproximou e se sentou perto de T.J.

— E você, Joe? — perguntou T.J. — O que comeu?

— Comi bife — respondeu ele. — Eu não peço o cardápio infantil.

— Uau, um bife! — exclamou T.J. — Estou impressionado.

— É verdade.

Sarah voltou com uma taça de vinho para mim e uma cerveja para T.J.

— Trouxemos jantar para vocês. Está em cima do balcão.

Agradecemos a Sarah e fomos para a cozinha para aquecer nossa comida. Bife, batatas assadas e

brócolis com molho de queijo.

T.J. comeu um pedaço de bife.

— Sua irmã é incrível.

Sarah levou as crianças para dormir às oito e meia, e depois nós quatro nos sentamos para conversar, com uma música baixa ao fundo.

— Então quer dizer que vocês tinham uma galinha de estimação chamada Galinha? — perguntou David.

— Ela costumava sentar no colo de Anna — explicou T.J.

— Incrível — comentou David.

— T.J. vai passar a noite aqui?

— Não sei. Pode?

— Não me importo. Mas vá pensando nas respostas para as perguntas da Srta. Chloe de manhã, porque tenho certeza de que ela virá com algumas.

— Tudo bem. Obrigada, Sarah.

Voltamos para a sala, e T.J. me puxou para o colo dele. David ligou a TV. A bola estava prestes a cair em Times Square, em Nova York. Fizemos a contagem regressiva a partir de “dez” e gritamos:

— Feliz Ano-Novo!

T.J. me beijou, e pensei que eu jamais poderia me sentir tão feliz como me sentia naquele momento.

CAPÍTULO 52

T.J.

Quando entrei em casa, às nove da manhã do primeiro dia do ano, minha mãe estava sentada na sala de estar tomando café.

— Oi, mãe. Feliz Ano-Novo. — Eu a abracei e me sentei. — Passei a noite na casa da Anna.

— Achei que você faria isso.

— Eu devia ter avisado, né?

Com exceção da saída com Ben, ou dos compromissos que minha mãe havia agendado, eu tinha passado todos os minutos com a minha família, desde a volta para casa. Eu sabia que eles iam compreender que eu queria ver Anna, mas não me ocorreu avisar a alguém que eu passaria a noite fora.

— Seria bom. Assim eu não ficaria preocupada.

Merda. Fiquei pensando na quantidade de noites que ela havia ficado sem dormir nos últimos três anos e meio e me senti um babaca ainda pior por não ter ligado.

— Desculpe, mãe. Não pensei na hora. Da próxima vez, eu aviso.

— Quer um pouco de café? Posso preparar seu café da manhã.

— Não, obrigada. Comi na casa da Anna. — Nós nos sentamos em silêncio por um minuto. — Você não comentou nada sobre mim e Anna, mãe. O que acha disso?

Ela balançou a cabeça.

— Não é o que eu teria escolhido, T.J. Nem eu nem nenhuma outra mãe. Mas posso compreender como deve ter sido para vocês dois na ilha. Seria difícil *não* formar algum tipo de ligação com a outra pessoa naquela situação.

— Ela é uma pessoa maravilhosa.

— Eu sei que é. Não a teríamos contratado se não pensássemos assim. — Minha mãe colocou a xícara de café na mesa. — Quando o avião caiu, parte de mim morreu, T.J. Eu me senti culpada. Sabia como você estava zangado por ter que passar o verão longe de casa e não me importei com a sua vontade. Falei para o seu pai que precisávamos passar as férias em algum lugar distante, para que você se concentrasse nos estudos, sem distrações. Era uma meia verdade. Mas, principalmente, eu queria ir porque sabia que, quando voltássemos para casa, eu perderia você para os seus amigos. Afinal, você já estava saudável e não iria querer outra coisa a não ser recuperar o tempo perdido. Mas fui egoísta. Só queria passar o verão com o meu filho. — Os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas. — Você é um adulto agora, T.J. Já suportou, nos primeiros vinte anos de sua vida, mais

do que a maioria das pessoas suporta durante uma vida inteira. Não vou me opor ao seu relacionamento com a Anna. Agora que você voltou, só quero que seja feliz.

Pela primeira vez, reparei como minha mãe parecia envelhecida. Ela estava com quarenta e cinco anos, mas um estranho provavelmente diria que tinha dez anos a mais.

— Obrigada por ficar tranquila quanto a isso, mãe. Ela é importante para mim.

— Eu sei que é. Mas você e Anna estão em estágios muito diferentes de suas vidas. Não quero que se magoe.

— Não se preocupe.

Dei um beijo no rosto de minha mãe e fui para o meu quarto. Eu me estiquei na cama e fiquei pensando em Anna, expulsando da cabeça tudo o que minha mãe dissera sobre diferentes estágios da vida.

CAPÍTULO 53

Anna

T.J. e eu pegamos o elevador para o apartamento dos pais dele, que ficava no décimo segundo andar.

- Não toque em mim. Nem mesmo *olhe* para mim de maneira inapropriada — avisei.
- Posso ter pensamentos supersacanas?

— Isso não está ajudando. Ai, estou enjoada.

— Minha mãe é legal. Conte para você o que ela disse sobre nós. Só relaxe.

Tom Callahan ligara para o celular de Sarah no dia de Ano-Novo. Quando o nome apareceu no identificador de chamadas, pensei que fosse T.J., mas, quando falei alô, Tom me cumprimentou e perguntou se eu não queria jantar lá na noite seguinte.

— Eu e Jane queremos conversar algumas coisas com você. *Por favor, que não seja uma delas o fato de eu dormir com o seu filho.*

— Claro, Tom. A que horas?

— T.J. disse que pode pegar você às seis.

— Tudo bem. Vejo você amanhã à noite.

Passei as vinte e quatro horas seguintes à ligação de Tom achando que fosse vomitar. Eu não conseguia decidir se levava flores ou uma vela para Jane, então levei as duas coisas. Agora, no elevador, meu nervosismo ameaçava tomar conta de mim. Entreguei a sacola de presente e o buquê para T.J. e enxuguei na saia minhas mãos úmidas.

A porta do elevador se abriu. T.J. me beijou e disse:

— Vai ser bom.

Inspirei profundamente e o segui.

O apartamento dos Callahan na Lake Shore Drive era decorado com bom gosto em tons de bege e creme. Em um canto da ampla sala de estar, havia um piano de cauda de pequenas proporções, e pinturas impressionistas decoravam as paredes. Um sofá aveludado, um sofá de dois lugares, cadeiras combinando e pilhas de almofadas ornadas com borlas circundavam uma grande mesa de centro.

Tom serviu os aperitivos na biblioteca. Eu me sentei em uma poltrona de couro segurando uma taça de vinho tinto. T.J. se sentou na cadeira perto de mim. Tom e Jane estavam do lado oposto a nós no sofá de dois lugares, Jane saboreando uma taça de vinho branco e Tom bebendo alguma coisa

que parecia uísque.

— Obrigada por me convidarem — falei. — A casa de vocês é linda.

— Obrigada por vir, Anna — disse Jane.

Todos tomaram um gole. O silêncio encheu a sala.

T.J. — a única pessoa relaxada — tomou um gole grande da cerveja de que ele mesmo havia se servido e dispôs um braço sobre as costas da minha poltrona.

— A imprensa perguntou se você e T.J. dariam uma entrevista coletiva — comentou Tom. — Em troca, eles parariam de incomodar vocês.

— O que você acha, Anna? — perguntou T.J.

A ideia me apavorava, mas eu estava cansada de lutar para passar pelos repórteres. Talvez se respondêssemos às perguntas, eles nos deixassem em paz.

— Seria televisionada? — perguntei.

— Não, eu já disse a eles que teria que ser uma entrevista coletiva fechada.

Eles fariam na estação de TV, mas não televisionariam.

— Se os repórteres concordarem em nos deixar em paz, eu faço.

— Eu também — concordou T.J.

— Vou combinar tudo — disse Tom. — Há outra coisa, Anna. T.J. já sabe, mas estive falando com o advogado da empresa do hidroavião fretado. Como a morte do piloto causou o acidente, mas o fornecedor do bote salva-vidas não tinha o sinal de emergência exigido pela Guarda Costeira, há culpa compartilhada. Ambas as partes são consideradas negligentes. Questões judiciais aeronáuticas são muito complexas, e os tribunais terão que determinar a porcentagem de responsabilidade. Esses casos podem se arrastar por anos. Entretanto, a empresa do hidroavião gostaria de fazer um acordo com vocês e depois entrar na justiça contra a outra parte. Em troca, vocês concordariam em não abrir um processo.

Minha cabeça girava. Eu não havia pensado em negligência nem ações judiciais.

— Não sei o que dizer. Eu não iria processar mesmo.

— Então sugiro que você faça o acordo. Não vai haver nenhum julgamento. Talvez você tenha que dar um depoimento, mas pode fazer isso aqui em Chicago. Já que estava a trabalho para mim quando o acidente aconteceu, meu advogado pode fazer as negociações para você.

— Tudo bem. Seria ótimo.

— Isso pode levar poucos meses para ser resolvido. Mas existe a possibilidade de demorar um bom tempo.

— Sem problemas, Tom.

Alexis e Grace se juntaram a nós para jantar. Todos haviam relaxado consideravelmente quando nos sentamos à mesa da sala de jantar, ajudados em parte por uma segunda rodada de bebidas que todos dissemos que não queríamos, mas que bebemos mesmo assim.

Jane serviu filé-mignon, legumes grelhados e batatas gratinadas. Alexis e Grace lançavam olhares

para mim e sorriam. Ajudei Jane a tirar a mesa e servir uma torta quente de maçã e sorvete de sobremesa.

Quando estávamos prontos para partir, Tom me entregou um envelope.

— O que é isso?

— É um cheque. Ainda devemos a você o dinheiro das aulas particulares.

— Vocês não me devem nada. Eu não fiz o trabalho. — Tentei devolver-lhe o envelope. Delicadamente, ele afastou a minha mão.

— Jane e eu insistimos.

— Tom, por favor.

— Apenas aceite, Anna. Vai nos fazer felizes.

— Tudo bem.

Deslizei o envelope para dentro da minha bolsa.

— Obrigada por tudo — falei para Jane.

Olhei-a nos olhos, e ela encontrou meu olhar. Não seriam muitas as mães que receberiam a namorada muito mais velha do filho em suas casas de forma tão afável, e nós duas sabíamos disso.

— De nada, Anna. Volte mais vezes.

T.J. me pegou nos braços assim que as portas do elevador se fecharam. Suspirei e descansei a cabeça no peito dele.

— Seus pais são maravilhosos.

— Falei que eles eram legais.

E também eram generosos. Porque mais tarde, naquela noite, quando abri o envelope que eles tinham me dado, tirei um cheque de vinte e cinco mil dólares.

* * *

A entrevista coletiva estava agendada para duas da tarde. Tom e Jane Callahan estavam ao nosso lado, Tom segurando uma pequena câmera de vídeo, a única permitida a filmar alguma coisa.

— Eu sei o que vão perguntar — falei.

— Você não precisa responder a nada que não queira — disse T.J.

Nós nos sentamos em uma mesa comprida de frente para um mar de repórteres. Eu mexia com o pé para cima e para baixo, e T.J. se inclinou e pressionou com delicadeza a minha coxa. Ele sabia que era melhor não deixar a mão lá por muito tempo.

Alguém havia grudado um grande mapa na parede. Ele mostrava uma vista aérea dos vinte e seis atóis das Maldivas. Uma representante de relações públicas do canal de notícias, designada como moderadora da entrevista, começou a explicar aos repórteres que a ilha onde T.J. e eu tínhamos vivido era inabitada e provavelmente fora substancialmente danificada pelo tsunami. Ela usava um indicador de laser e identificou a ilha de Malé como nosso ponto de partida.

— Esse era o destino deles — disse ela, apontando para outra ilha. — Como o piloto sofreu um ataque cardíaco, o avião caiu em algum lugar no meio do caminho.

A primeira pergunta veio de um repórter em pé na fila de trás. Ele teve que gritar para que pudéssemos ouvi-lo.

— O que passou na cabeça de vocês quando perceberam que o piloto estava tendo um ataque cardíaco?

Eu me inclinei para a frente e falei no microfone.

— Ficamos com medo de que ele morresse e de que não conseguisse pousar o avião.

— Vocês tentaram ajudar o piloto? — perguntou outro repórter.

— Anna tentou — explicou T.J. — Ele nos pediu para colocarmos os coletes salva-vidas, voltarmos para nossos assentos e afivelarmos os cintos. Quando começamos a cair, a Anna abriu o cinto e correu para começar os primeiros socorros.

— Quanto tempo vocês ficaram no mar antes de chegar à ilha?

— Não tenho certeza. O sol se pôs cerca de uma hora depois do acidente e nasceu depois que estávamos em terra.

Respondemos a perguntas durante uma hora. Eles nos perguntaram sobre tudo: desde como nos alimentamos até que tipo de abrigo construímos. Nós falamos sobre a clavícula quebrada de T.J. e a doença que quase o matou. Descrevemos as tempestades e explicamos como os golfinhos salvaram T.J. do tubarão. Falamos do tsunami e do nosso encontro no hospital. Eles pareceram genuinamente admirados com as dificuldades que enfrentamos, e eu relaxei um pouco.

Mas uma repórter na fila da frente, uma mulher de meia-idade com uma expressão carrancuda, perguntou:

— Que tipo de relacionamento físico vocês tiveram na ilha?

— Isso é irrelevante — respondi.

— Você está ciente da idade de consentimento no estado de Illinois? — perguntou ela.

— Claro que sim.

— A idade de consentimento em Illinois é dezessete anos, a não ser que o relacionamento envolva uma pessoa de autoridade, como um professor. Então a idade aumenta para dezoito.

— Nenhuma lei foi quebrada — explicou T.J.

— Às vezes as vítimas são coagidas a mentir — continuou a repórter. —
Principalmente se o abuso ocorre cedo.

— Não houve abuso — respondeu T.J. novamente.

Ela se dirigiu a mim na pergunta seguinte.

— Como você acha que os contribuintes de Chicago vão se sentir ao saberem que estão

pagando o salário de uma professora suspeita de má conduta sexual com um aluno?

— Não houve nenhuma má conduta sexual! — gritou T.J. — Que parte da resposta você não entendeu?

Embora eu soubesse que eles perguntariam sobre nosso relacionamento, nunca tinha considerado a possibilidade de que nos acusariam de mentir sobre isso ou pensar que de alguma maneira eu forçara T.J. a ficar comigo. A semente da dúvida que a repórter plantou certamente se multiplicaria, alimentada por rumores e especulações. Todos os que lessem nossa história questionariam minhas ações e minha integridade. Seria difícil, para dizer o mínimo, encontrar uma escola que desejasse me dar uma oportunidade, o que efetivamente acabaria com a minha carreira como professora.

Quando meu cérebro terminou de processar o questionamento que ela havia feito, mal tive tempo de empurrar minha cadeira para trás e correr para o banheiro feminino. Abri com um golpe a porta de uma cabine e me inclinei sobre o vaso sanitário. Eu não conseguira comer antes da entrevista, mas mesmo assim tive ânsia de vômito. Como meu estômago estava vazio, não saiu nada. Pouco depois alguém abriu a porta.

— Estou bem, T.J. Vou sair em um minuto.

— Sou eu, Anna — disse uma voz feminina.

Saí da cabine. Jane Callahan estava parada lá. Ela abriu os braços para mim e naquele momento ela foi tão como minha própria mãe que eu me joguei neles e irrompi em lágrimas. Quando parei de chorar, Jane me entregou um lenço de papel e disse:

— A mídia trata tudo com sensacionalismo. Acho que uma parte do público vai perceber a situação real.

Enxuguei os olhos.

— Espero que sim.

T.J. e Tom estavam nos esperando quando saímos do banheiro. T.J. me levou para uma cadeira e se sentou ao meu lado.

— Você está bem?

Ele colocou o braço ao meu redor, e repousei a cabeça no seu ombro.

— Melhor agora.

— Tudo vai se resolver, Anna.

— Talvez — falei. *Ou talvez não.*

Na manhã seguinte, li no jornal a cobertura da entrevista coletiva. Não estava tão mal como eu esperava, mas também não estava boa. O artigo não questionava minha competência como professora, mas mencionava o comentário que a repórter havia feito sobre a probabilidade de alguma escola concordar em me contratar. Entreguei o jornal a Sarah quando ela entrou no quarto. Ela leu e fez um ruído de nojo.

— O que você vai fazer? — perguntou Sarah.

— Vou conversar com Ken.

Ken Tomlinson, que trabalhava havia trinta anos no sistema público escolar de Illinois, fora meu diretor por seis anos. Sua dedicação aos alunos e seu apoio aos professores o tornavam um dos homens mais respeitados no distrito. Ele perdia tempo com coisas que não importavam e contava as melhores piadas sujas que eu já ouvira.

Enfiei minha cabeça no seu escritório um pouco depois das sete da manhã, alguns dias depois da coletiva de imprensa. Ele empurrou a cadeira para trás e foi ao meu encontro na porta.

— Garota, você não sabe como estou feliz de ver você. — Ele me abraçou. — Bem-vinda de volta.

— Recebi sua mensagem na secretária eletrônica de Sarah. Obrigada por ligar.

— Queria que soubesse que todos pensamos em você. Imaginei que talvez levasse um tempo antes de você voltar. — Ele se sentou atrás da mesa, e eu me sentei em uma cadeira de frente para ele. — Acho que sei por que você está aqui agora.

— Você recebeu alguma ligação?

— Algumas. Alguns pais queriam saber se você voltaria para a escola. Eu queria dizer a eles o que eu realmente pensava das supostas preocupações que eles tinham, mas não podia.

— Eu sei, Ken.

— Eu adoraria lhe devolver seu emprego, mas contratei outra pessoa dois meses depois que seu avião caiu, quando todos nós perdemos a esperança de você ser encontrada.

— Compreendo. De qualquer modo, ainda não estou pronta para voltar a trabalhar.

— As pessoas querem transformar as coisas em algo diferente do que são. Mantenha-se resguardada por um tempo. Deixe a poeira baixar.

— Eu nunca faria nada para prejudicar um aluno, Ken.

— Sei disso, Anna. Nunca duvidei de você nem por um minuto. — Ele saiu de trás da mesa e acrescentou: — Você é uma boa professora. Não permita que ninguém diga o contrário.

Os corredores ficariam cheios de professores e estudantes em alguns minutos, e eu queria sair discretamente, sem ser notada. Levantei-me e disse:

— Obrigada, Ken. Isso significa muito para mim.

— Volte, Anna. Todos gostaríamos de passar um tempo com você.

— Vou fazer isso.

* * *

Os detalhes da coletiva de imprensa se espalharam como fogo, e não demorou muito para a nossa história atingir audiência mundial. Infelizmente, a maioria das informações estava incorreta, cheia de floreios e bem distante da verdade.

Todos tinham uma opinião sobre as minhas ações, discutiam e debatiam meu relacionamento com T.J. em salas de chat e fóruns virtuais. Furneci material para monólogos de muitos apresentadores de programas noturnos de entrevistas e passei a ser motivo de tantas piadas que parei totalmente de ver televisão, preferindo a solidão e o conforto da música e dos livros de que eu sentia tanta falta na ilha.

T.J. também sofria sua parcela de piadas ridículas. Riam pelo fato de ele não ter terminado o ensino médio, mas diziam que talvez isso não importasse, considerando as outras coisas que ele certamente havia aprendido comigo.

Eu não queria sair em público, preocupada com a maneira como as pessoas iriam me encarar.

— Você sabia que pode comprar quase tudo de que precisa pela internet? — Eu estava sentada no sofá perto de T.J., digitando no notebook da Sarah. — Eles entregam direto na sua porta. Acho que nunca mais vou sair de casa.

— Você não pode se esconder para sempre, Anna — disse T.J.

Digitei “móveis de quarto” na busca do Google e apertei o “enter”.

— Quer apostar?

A insônia começou algumas semanas depois. Primeiro, eu tinha dificuldade de pegar no sono. Com a benção de Sarah, T.J. frequentemente passava a noite lá, e eu ouvia a sua respiração suave, mas não conseguia relaxar. Quando eu conseguia adormecer, acordava às duas ou três da manhã e ficava deitada até o sol nascer. Eu tinha pesadelos frequentes, normalmente me afogando, e acordava ensopada de suor. T.J. disse que muitas vezes eu gritava no meio da noite.

— Talvez você deva voltar ao médico,

Anna. Exausta e em frangalhos, concordei.

— Transtorno agudo de estresse — disse meu médico alguns dias depois. — Na verdade, é muito comum, Anna, principalmente em mulheres. Eventos traumáticos em geral são o gatilho para crises retardadas de insônia e ansiedade.

— Como se trata?

— Geralmente com uma combinação de terapia cognitivo-comportamental e remédios. Alguns pacientes melhoram com uma dose baixa de antidepressivos. Posso prescrever alguma coisa para ajudar você a dormir.

Eu tinha amigos que tomavam antidepressivos e remédios para dormir, e eles reclamavam dos efeitos colaterais.

— Prefiro não tomar nada se puder evitar.

— Você consideraria a hipótese de ir a um terapeuta?

Eu estava pronta para tentar qualquer coisa. Queria de volta minhas noites de sono. — Por que não?

Marquei uma hora com uma terapeuta que encontrei na lista telefônica. Seu consultório ficava em um prédio antigo de tijolinhos com o piso da frente quebrado. Eu me apresentei à recepcionista,

a terapeuta abriu a porta da sala de espera e me chamou cinco minutos depois. Tinha um sorriso caloroso e um aperto de mão firme. Imaginei que ela tivesse quarenta e tantos anos.

— Meu nome é Rosemary Miller.

— Anna Emerson. Prazer.

— Por favor, sente-se.

Ela apontou um sofá e se sentou em uma cadeira de frente para mim, me entregando um cartão de visitas. Ao lado do sofá, uma luminária reluzia intensamente. Perto da janela, havia uma árvore de fícus em um vaso. Em todas as superfícies disponíveis, espalhavam-se caixas de lenços de papel.

— Acompanhei sua história no noticiário. Não estou surpresa de ver você aqui.

— Estou sofrendo de insônia e ansiedade. Meu médico sugeriu que eu tentasse terapia.

— O que você está experimentando é muito comum, dado o trauma que sofreu. Já fez terapia antes?

— Não.

— Gostaria que você me contasse toda a sua história de vida.

— Tudo bem.

Ela ficou falando de uma maneira entediante por quarenta e cinco minutos. Fez perguntas sobre meus pais, Sarah e meu relacionamento com eles. Perguntou sobre minhas relações anteriores com homens, e, quando contei a ela o mínimo sobre John, ela quis saber mais e me pediu para dar detalhes. Eu me remexi desconfortavelmente, imaginando quando íamos chegar à parte em que ela resolvia meu problema de insônia.

— Talvez eu volte à sua história pessoal nas próximas semanas. Agora quero discutir seus hábitos de sono.

Finalmente.

— Não consigo pegar no sono ou continuar dormindo. Tenho pesadelos.

— Sobre o que são os pesadelos?

— Afogamento. Tubarões. Às vezes, o tsunami. Normalmente sonho com algo relacionado à água.

Alguém bateu à porta, e ela olhou o relógio.

— Desculpe-me. Acabou o tempo.

Você deve estar brincando.

— Na próxima semana, podemos começar alguns exercícios cognitivos.

No ritmo em que estávamos indo, talvez eu não tivesse uma boa noite de sono por meses. Ela apertou minha mão e me acompanhou até o saguão. Lá fora, joguei seu cartão de visitas em uma lata de lixo.

T.J. e Sarah estavam sentados na sala de estar quando cheguei em casa. Eu me deixei cair no colo de T.J.

— Como foi? — perguntou T.J.

— Acho que não fui feita para terapia.

— Às vezes leva um tempo até encontrar um bom terapeuta — disse Sarah.

— Não acho que ela seja ruim. Mas tem outra coisa que eu quero tentar. Se não

funcionar, eu volto.

Saí da sala e voltei alguns minutos depois, vestindo calças de corrida, uma camiseta de manga comprida por baixo de um casaco de moletom e uma jaqueta de náilon.

Coloquei um chapéu e me sentei no sofá para amarrar os cadarços dos tênis.

— O que você vai fazer? — perguntou T.J.

— Vou correr.

CAPÍTULO 54

T.J.

Subi as escadas com a última caixa da mudança de Anna para um pequeno apartamento de quarto e sala a quinze minutos de Sarah e David.

— Onde quer que coloque essa aqui? — perguntei enquanto passava pela porta, sacudindo a chuva do cabelo.

— Pode colocar em qualquer lugar.

— Estou tentando encontrar os lençóis — disse Anna. — Entregaram a cama enquanto você estava fora.

Procuramos até encontrar, e eu a ajudei a arrumar a cama. Já volto.

Ela sumiu por alguns segundos; voltou com um pequeno objeto e o colocou na mesa de cabeceira, ligando-o a uma tomada próxima.

— O que é isso? — perguntei, deitando na cama.

Ela apertou um botão, e o som de ondas do mar encheu o quarto, quase abafando o barulho da chuva que batia na janela.

— É uma máquina de sons. Comprei na Bed Bath & Beyond.

Anna se esticou ao meu lado. Beije as costas da mão dela e depois a puxei na minha direção. Ela relaxou, seu corpo se misturando ao meu.

— Estou feliz. Você está feliz, Anna?

— Estou — sussurrou ela.

Eu a envolvi nos braços. Ouvindo a chuva e o quebrar das ondas, eu quase podia fingir que ainda estávamos na ilha e que nada havia mudado.

Ela não me convidou para me mudar para lá; apenas não fui embora. Dormia algumas noites em casa, porque isso deixava meus pais felizes. Além disso, Anna e eu passávamos muito lá para conversar ou jantar. Anna levou Grace e Alexis para fazer compras algumas vezes, o que as deixou bem contentes.

Ela não aceitava que eu ajudasse a pagar o aluguel, então eu pagava todo o restante, meio contra a vontade dela. Meus pais fizeram uma poupança para mim, quando eu ainda era criança. Eu teria acesso a ela quando tivesse dezoito anos, e o dinheiro agora era meu. O saldo da conta daria tranquilamente para cobrir as despesas de moradia, um carro e os custos de uma faculdade. Meus

pais queriam saber — e me perguntavam o tempo todo — quais eram os meus planos, mas eu não tinha certeza do que queria fazer. Anna não dissera nada, nem precisava: ela queria que eu fizesse um supletivo.

As pessoas às vezes nos reconheciam, principalmente quando estávamos juntos, mas pouco a pouco Anna começou a se sentir mais confortável para sair em público. Sempre fazíamos programas ao ar livre, íamos ao parque ou dávamos longas caminhadas, embora a primavera ainda estivesse a semanas de começar. Íamos ao cinema e às vezes saíamos para almoçar ou jantar, mas Anna gostava de comer em casa. Ela cozinhava o que eu quisesse, e aos poucos ganhei peso. Ela também. Quando eu passava as mãos pelo seu corpo, eu não sentia mais ossos. Sentia curvas suaves.

De noite, Anna colocava seus tênis e corria quase até a exaustão. Ela voltava ao apartamento, tirava as roupas suadas e tomava um banho quente e demorado, se juntando a mim depois na cama. Anna tinha energia suficiente apenas para fazer amor e depois desmaiava, dormindo profundamente. De vez em quando ainda tinha pesadelos ou dificuldade para dormir, mas nada comparado ao que acontecia antes.

Eu gostava da nossa rotina. Não tinha vontade de mudá-la.

* * *

— Ben me chamou para passar o fim de semana com ele — comentei com Anna durante o café da manhã, algumas semanas depois.

— Ele está na Universidade de Iowa, não é?

— É.

— Adoro aquele campus. Você vai se divertir muito.

— Vou na sexta. Vou pegar carona com um amigo dele.

— Conheça a universidade, não só os bares. Quem sabe você não pensa em estudar lá depois de fazer a prova do ensino médio?

Eu não disse a Anna que não tinha nenhum interesse em uma universidade que fosse em outro estado, longe dela. Ou nenhum interesse em universidade, na verdade.

* * *

Havia uma pirâmide de latas de cerveja de um metro e oitenta de altura no canto do quarto de Ben. Pisei em caixas de pizza vazias e pilhas de roupas sujas. Cadernos, tênis e garrafas de refrigerantes cobriam cada centímetro do chão.

— Jesus, como você aguenta isso? — perguntei. — E alguém mijou no elevador.

— Provavelmente — respondeu Ben. — Aqui está a sua identidade.

Olhei de soslaio para a carteira de motorista.

- Desde quando eu tenho um metro e setenta e três, vinte e sete anos e sou louro?
- Desde agora. Está pronto para ir ao bar?
- Claro. Onde coloco as minhas coisas?
- Qualquer lugar, cara.

O colega de quarto de Ben fora passar o fim de semana em casa; assim, joguei minha mala na cama dele e segui Ben até a porta.

- Vamos pela escada — falei.

Já havíamos bebido bastante quando deu nove horas. Chequei meu celular, mas não havia mensagens de Anna. Pensei em ligar para ela, mas sabia que Ben ia cair em cima de mim por causa disso; por isso, coloquei meu telefone no bolso de novo.

Ele convidou algumas pessoas para a nossa mesa, para beber uns shots. Ninguém me reconheceu. Eu me misturei na multidão como qualquer outro universitário, exatamente como eu queria. Sentei-me entre duas garotas completamente bêbadas. Uma delas se serviu de uma dose de vodca enquanto a outra fez uma pausa, segurando a garrafa nos lábios. Ela se inclinou na minha direção, os olhos apáticos, e disse:

- Você é muito gostoso.

Em seguida, tomou a dose e vomitou por toda a mesa. Levantei de um salto e empurrei minha cadeira para trás.

Ben fez sinal para que eu o seguisse e saímos do bar. Inspirei profundamente várias vezes o ar frio para afastar o cheiro do nariz.

- Você quer comer alguma coisa? — perguntou ele.
- Sempre.
- Pizza?
- Claro.

— Anna me disse para conhecer o campus. Ela disse que eu devia pensar em vir para cá depois de fazer a prova do ensino médio.

- Cara, isso seria o máximo. Podíamos alugar um canto para morar. Você vem?
- Não.
- Por que não?

- Eu só quero ficar com ela.
- Com Anna?
- Claro, imbecil. Com quem mais?
- O que ela quer?

A garçonete veio à nossa mesa e colocou uma pizza grande de pepperoni e calabresa na nossa frente. Coloquei dois pedaços no prato e disse:

— Não sei direito.

— Você está falando, tipo, em se casar e ter filhos com ela?

— Eu me casaria com ela amanhã. — Mordi um pedaço da pizza. — Talvez pudéssemos esperar um pouco antes de ter um filho.

— Ela esperaria?

— Não sei.

CAPÍTULO 55

Anna

Stefani e eu pedimos uma garrafa de vinho no bar enquanto aguardávamos uma mesa.

— Então T.J. foi visitar o amigo neste fim de semana? — perguntou ela.

— Foi. — Olhei para o relógio: oito horas e três minutos da noite. — Meu palpite é que eles estejam indo a toda velocidade para ficarem doidões neste momento. Pelo menos espero que sim.

— Você não se importa se ele ficar bêbado?

— Você se lembra do que fazíamos na universidade?

— Como é que nunca fomos presas?

— Saias curtas e muita sorte. — Bebi um gole de vinho. — Quero que T.J. tenha essas experiências, para que não fique com a sensação de ter perdido essa época da vida.

— Você está tentando convencer a si mesma ou a mim?

— Não estou tentando convencer ninguém. Só não quero prendê-lo.

— Rob e eu queremos conhecer T.J. Se ele é importante para você, gostaríamos de nos encontrar com ele.

— Obrigada. Isso é muito legal da sua parte, Stef.

O barman colocou mais duas taças de vinho na nossa frente.

— Essas são dos rapazes sentados no canto.

Stefani esperou um minuto e depois pegou a bolsa pendurada nas costas da cadeira. Tirou um espelho e um batom e virou-se de costas.

— E então?

— Eles são bonitos.

— Você é casada!

— Não vou para casa com nenhum deles. Além disso, Rob sabia que eu gostava de flertar quando se casou comigo. — Ela passou o batom e usou um guardanapo para tirar o excesso. — E ninguém me manda uma bebida desde o meio da década de noventa, então, cale a boca.

— Temos que ir até lá e agradecer ou podemos simplesmente ignorar? — perguntei.

— Você não quer falar com eles?

— Não.

— Tarde demais. Lá vêm eles.

Olhei por cima do ombro enquanto eles se aproximavam.

— Oi — saudou um deles.

— Oi, obrigada pelo vinho.

O amigo dele puxou conversa com Stefani. Revirei os olhos quando ela jogou o cabelo e deu uma risadinha.

— Meu nome é Drew.

Ele tinha cabelo castanho e usava terno e gravata. Parecia ter entre trinta e cinco e quarenta anos. Era atraente se você gosta do estilo mauricinho.

Trocamos um aperto de mãos.

— Reconheci você da foto no jornal. Aquela foi uma experiência difícil. Mas você deve estar cansada de falar sobre isso.

— Estou.

— Vocês estão esperando uma mesa? — perguntou ele.

— Estamos. Já deve estar quase pronta.

— Talvez possamos nos juntar a vocês.

— Desculpe-me, mas hoje não. Quero passar um tempo com a minha amiga.

— Claro. Eu entendo. Talvez eu possa pegar seu número de telefone.

— Acho que não.

— Ah, vai — disse ele, sorrindo e fazendo charme. — Sou um cara legal.

— Estou com outra pessoa.

— Nossa, essa foi rápida — Ele me olhou de modo estranho. — Espere, você não quer dizer aquele garoto, não é?

— Ele não é um garoto.

— É, sim.

— Nossa mesa está pronta.

— Obrigada mais uma vez pelo vinho. Com licença.

Peguei minha bolsa e meu casaco, deslizei do banquinho do bar e segui Stefani.

— O que ele disse para você? — perguntou Stefani quando nos sentamos à mesa.

— Você não parecia muito animada com ele.

— Ele descobriu que eu não era solteira. Então chamou T.J. de garoto.

— O ego dele provavelmente estava um pouco ferido.

— T.J. é jovem, Stefani. Quando as pessoas olham para ele, não veem o que eu vejo. Elas veem um garoto.

— E o que você vê?

— Eu só vejo T.J.

Ele voltou para casa no domingo à noite, cansado e de ressaca. Colocou a mala no chão e me puxou para os seus braços. Eu lhe dei um longo beijo.

— Uau! — exclamou ele.

Ele pegou meu rosto e me beijou de volta.

— Senti saudade de você.

— Também senti saudade.

— Como foi?

— O quarto dele no dormitório é um buraco, uma garota quase vomitou em mim, e alguém fez xixi no elevador.

Torci o nariz.

— É mesmo?

— Sinceramente, não fiquei nada impressionado.

— Provavelmente você pensaria diferente se tivesse ido para a universidade direto do colégio.

— Mas não fui, Anna. E ainda estou atrasado.

CAPÍTULO 56

T.J.

— Não tenho que usar uma gravata, tenho?

Eu estava vestido com um par de calças cáqui e uma camisa social branca. O blazer azul-marinho repousava em cima de cama. Íamos encontrar Stefani e o marido, Rob, para jantar, e eu já estava mais arrumado do que queria.

— É melhor usar — explicou Anna, entrando no quarto.

— E eu tenho uma gravata?

— Comprei uma quando Stefani me disse onde eles queriam jantar.

Ela foi até o seu armário e a tirou de lá, colocando-a em volta do colarinho da minha camisa e dando o nó.

— Não me lembro da última vez em que usei gravata — falei, puxando o nó para afrouxar um pouco.

Eu tinha conhecido Stefani e Rob uma semana antes, quando eles tinham nos convidado para ir casa deles. Gostei deles, eram fáceis de conversar. Assim, quando Anna comentou que eles queriam sair para jantar conosco, eu disse que sim, claro.

— Vou estar pronta em um minuto. Só tenho que decidir que roupa usar.

Ela ficou parada na frente do armário de calcinha e sutiã, e então eu me esparramei na cama e aproveitei a visão.

— Pensei que você tivesse dito que calcinhas estilo fio dental fossem desconfortáveis.

— E são. Mas acho que é um mal necessário esta noite. — Anna tirou um vestido do armário.

— Este? — perguntou ela, segurando um vestido preto longo e sem mangas contra o peito.

— É bonito.

— E este?

O outro vestido era azul-escuro, curto, com mangas compridas e bem decotado na frente.

— Esse é sexy.

— Então acho que temos um vencedor — disse ela, colocando o vestido, que ficou justo nela. Depois, calçou um par de saltos altos.

Eu nunca a tinha visto tão arrumada. Normalmente ela usava jeans — a maioria da Levi's — e uma camiseta ou um suéter. Às vezes, usava saias, mas nada como isso. Seus seios estavam maiores agora que ela estava se aproximando do seu peso normal, e o sutiã que ela usava os empinava. O que eu conseguia ver entre o grande decote em V me fazia querer ver mais.

Torcendo o cabelo, ela o prendeu em um nó na nuca e colocou brincos compridos, do tipo que eu usava para pescar na ilha. Ela usava batom vermelho. Fitei sua boca e quis beijá-la.

— Você está incrível. Ela sorriu.

— Você acha?

— Acho.

Ela estava elegante. Linda. Como uma mulher com a cabeça no lugar.

— Vamos — chamou ela.

Eu era uns dez ou vinte anos mais novo do que todos no restaurante. Chegamos um pouco cedo; assim, Anna e eu seguimos Stefani e Rob para o bar pouco iluminado para esperar nossa mesa. Mais de uma cabeça se virou para olhar Anna quando ela passou.

Stefani começou a conversar com um cara. Rob e eu estávamos debatendo sobre atravessar a multidão para pegar bebidas quando uma mulher segurando uma pilha de cardápios se aproximou de nós.

— Sua mesa está pronta — informou ela.

Stefani se virou para o cara com quem ela estava conversando. Ele usava um terno, mas havia afrouxado a gravata e desabotoado os dois botões de cima da camisa. Segurava um copo de alguma coisa que parecia ser uísque. Estava lá sozinho, e imaginei se teria vindo direto do trabalho.

— Por que você não se junta a nós para jantar? — Ouvi Stefani dizer a ele. — Vocês se importam?

— Tudo bem — disse Anna.

Dei de ombros.

Quando nos sentamos, Stefani o apresentou.

— Esse é o Spence. Já trabalhamos juntos.

Ela e Rob se sentaram ao lado dele enquanto eu e Anna nos sentamos de frente para eles. Apertei sua mão, notei seus olhos vermelhos e percebi que estava ligeiramente bêbado.

Rob pediu duas garrafas de vinho, e a garçonete serviu uma taça para cada um, depois de fazer Rob passar por toda aquela bobagem de cheirar a rolha e girar o vinho na taça.

Tomei um gole do meu. Era tinto e tão seco que lutei para não fazer uma careta.

Spence concentrou a atenção em Anna. Ele a observou tomar um gole de vinho. Seus olhos se moveram dos olhos dela para a boca, e depois mais baixo, para o seu peito.

— Você parece familiar — disse ele. Ela fez um gesto negativo com a cabeça.

— Nunca nos encontramos.

Era por isso que Anna detestava conhecer pessoas novas. Elas tentavam reconhecê-la e por fim se lembravam do rosto dela, por causa de toda a cobertura da imprensa. Então as perguntas

começavam, primeiro sobre a ilha e depois sobre nós.

Felizmente, ele estava bêbado o suficiente para não fazer a conexão, e Anna pareceu relaxar. Ele talvez não a tivesse reconhecido, mas também não havia acabado o assunto com ela.

— Talvez tenhamos saído juntos alguma vez.

Anna levantou a taça e tomou outro gole.

— Não.

— Talvez possamos sair juntos, um dia?

— Ei — falei rispidamente. — Estou sentado bem aqui.

Anna colocou a mão na minha perna e a apertou.

— Tudo bem — sussurrou ela.

— Espere. Ela está com você? — perguntou Spence. — Pensei que você fosse o irmão mais novo dela ou algo assim. — Ele começou a rir. — Vocês devem estar brincando. — Ele percebeu tudo quando olhou de mim para Anna. — Agora sei quem são vocês. Vi as fotos no jornal. — Ele bufou. — Bom, isso explica como você conseguiu ficar com ela, mas não por que ela ainda está com você.

Rob olhou para Stefani e depois disse a Spence:

— Ei, vamos parar com isso.

— Sim. Estou com ele.

A maneira como Anna disse, tão confiante, e a forma como olhou para ele, como se fosse um completo idiota, me fez sentir melhor do que as palavras propriamente.

Nossa garçonete apareceu.

— Desculpe-me — disse ela, para mim. — Preciso ver sua identidade. Dei de ombros.

— Ainda não tenho vinte e um anos. Não gostei do vinho mesmo. Pode levar.

Ela sorriu, se desculpou e levou minha taça de vinho. Spence não conseguiu se conter. — Você não tem nem vinte e um anos?

Sua gargalhada mal reprimida quebrou o silêncio na mesa enquanto todo mundo tentava agir como se o que havia acontecido não fosse totalmente humilhante para mim.

Olhamos nossos cardápios. Anna e eu ainda tínhamos dificuldades para escolher o que comer em um restaurante. Eram muitas opções.

— O que você vai pedir? — perguntei a ela.

— Filé. E você? — Ela agarrou minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Não sei. Talvez massa. Você gosta de ravióli, não gosta?

— Gosto.

— Tudo bem. Então vou pedir isso e dividimos.

Stefani tentou manter a conversa. A garçonete voltou e anotou nosso pedido. Spence mirou o peito de Anna e sorriu de modo malicioso, sem nem tentar esconder. Eu sabia o que ele estava

pensando enquanto olhava para ela daquele jeito e precisei me controlar muito para não dar um soco nele.

Quando Spence se levantou para ir ao banheiro, Stefani disse:

— Desculpe-me. Soube que a mulher dele o deixou e achei que convidá-lo para se sentar conosco fosse legal.

— Tudo bem. Só ignore — pediu Anna. — Eu estou ignorando.

Ninguém encheu novamente a taça de Spence, e, quando acabamos de comer, ele parecia um pouco mais sóbrio.

A garçonete ofereceu sobremesa, mas ninguém quis. Ela disse que já voltaria com a conta.

— Stefani e eu vamos ao banheiro — disse Anna. — Esperamos vocês na porta.

Rob e eu tentamos pagar a conta e finalmente concordamos em dividir. Spence jogou um punhado de notas na mesa. Enfiei a carteira no bolso e me levantei.

Rob empurrou a cadeira para trás, se despediu de Spence sem apertar sua mão e me disse que iria para a frente do restaurante.

Spence não se levantou.

— Sinto muito que você não tenha idade suficiente para beber com os adultos — disse ele, sentado de maneira desleixada na cadeira.

— Sinto muito que você não possa tocar na minha namorada gostosa. E eu não gosto de vinho, mesmo.

Ri da expressão dele e me juntei a Anna, Stefani e Rob na porta da frente.

— O que você disse para ele? — perguntou Anna.

— Que foi um prazer nos conhecermos.

— Sinto muito por esta noite — disse Anna quando pegamos o táxi.

— Não foi culpa sua.

Coloquei meu braço em torno dela.

Não poder beber no restaurante não me incomodou, mas a maneira como Spence olhou para Anna, sim. Eu sabia que ela não estava interessada nele, mas eu me preocupava com o próximo. Alguém que não fosse um idiota bêbado. Alguém que tivesse um diploma de faculdade, gostasse de vinho e não se importasse em usar gravata. E eu me perguntava se, algum dia, talvez logo, ela iria se incomodar com o fato de eu não estar interessado em nenhuma dessas coisas.

E quando eu pensava nela com outro cara, não conseguia suportar.

Beijei-a assim que entramos no apartamento e não fiz isso com delicadeza. Segurei seu rosto com firmeza e pressionei meus lábios contra os dela com força. Ela não era de ninguém — eu sabia disso —, mas no momento ela era minha. Quando chegamos ao quarto, tirei o vestido dela. Seu sutiã saiu depois e então empurrei sua calcinha pelos quadris até que caísse no chão. Arranquei minha gravata e tirei o resto das minhas roupas. Deitando-a na cama, enfiei a cabeça no lugar que Spence havia encarado a noite inteira, chupando e deixando uma marca que levaria dias para sair. Eu a toquei e

beije até que ela estivesse pronta, e, assim que entrei dentro dela, fui lento, da maneira como ela gostava. Quando ela gozou, disse o meu nome e eu pensei: *Sou eu que faço isso com ela. Sou eu que faço ela se sentir assim.*

Mais tarde, fui até a cozinha e peguei uma cerveja na geladeira. Levei-a até o quarto e liguei a TV, mantendo o volume baixo. Anna dormia, os lençóis enrolados em volta da cintura. Puxando-os, coloquei delicadamente na altura dos seus ombros com uma das mãos e com a outra abri a cerveja.

CAPÍTULO 57

Anna

Em abril, as chuvas da primavera paralisaram Chicago por dois dias, mantendo-nos dentro de casa.

T.J. ficou assistindo à TV. Eu estava deitada no sofá com meus pés no colo dele, lendo um livro.

— Você quer ir ao cinema? — perguntou ele, desligando a televisão.

— Claro. O que você quer ver?

— Não sei. Vamos entrar no cinema e escolher algum filme.

Coloquei o casaco e saímos do apartamento, enfrentando a chuva forte enquanto T.J. segurava um guarda-chuva acima de nossas cabeças. Ele pegou minha mão. Eu a apertei e sorri quando ele a apertou de volta.

T.J. queria ver *Sin City*. Estávamos na fila para comprar pipoca quando alguém deu um tapinha nas costas dele.

Viramo-nos. Um rapaz alto com um boné estava parado perto de uma garota baixinha usando um casaco de capuz rosa, o cabelo preso em um rabo de cavalo.

T.J. sorriu.

— E aí, Coop? Tudo bem?

— Procurando alguma coisa para fazer até a chuva parar.

— Nem me fale. Esta é Anna — apresentou T.J., colocando um braço por cima dos meus ombros.

— Oi — cumprimentou Coop. — Esta é a minha namorada, Brooke.

— Prazer em conhecê-los — falei.

— Sempre esqueço que você está por aqui — disse T.J.

— Vou ficar preso no ciclo básico da faculdade para sempre se não melhorar minhas notas.

— Vamos sair um dia desses — convidou T.J.

— Meus pais vão sair da cidade no mês que vem. Vou dar uma festa. Vocês podiam ir. Coop sorriu para mim, e tive a sensação de que o convite era sincero.

— É, isso seria legal.

Dei uma espiada em Brooke enquanto T.J. e Coop conversavam. Ela estava me encarando, boquiaberta. Para ela, eu provavelmente parecia uma anciã.

Seu rosto sem rugas e a pele rosada eram radiantes. Ela não tinha ideia, como eu também não tinha quando estava com vinte anos, de como a pele jovem é bonita. Não era sempre que eu usava o boné de T.J. e meus óculos escuros na ilha e pensei nos anos em que o sol me havia castigado.

Meu pesadelo era acordar em uma manhã e descobrir que meu rosto havia se transformado em couro enquanto eu dormia. Eu passava mais tempo do que admitia tentando reverter os danos que o sol da ilha havia infligido à minha pele e abarrotei a bancada do banheiro com todas as hidratantes e cremes que o dermatologista havia recomendado. Minha pele parecia saudável, mas não havia comparação entre uma pessoa com vinte anos e outra com trinta e três. T.J. me achava linda, ele me dissera. Mas e daqui a cinco anos? Dez?

Entramos no cinema e nos acomodamos. T.J. colocou a pipoca entre as pernas e descansou a mão na minha coxa. Eu não conseguia me concentrar. Imagens de T.J. e eu bebendo cerveja de barril em copos de plástico na sala de estar do Coop enquanto todos me olhavam estupefatos enchiam meus pensamentos.

T.J. fizera um grande trabalho se adaptando aos meus amigos. Ele havia suportado o comportamento detestável de Spence, além do fato de não poder tomar o vinho, que na verdade nem queria tomar. Usar gravata não era algo de que ele gostasse, mas fez assim mesmo. Conversou normalmente com Rob e Stefani e pareceu fazer isso sem esforço.

Era mais fácil parecer mais velho se você quisesse, usando boas roupas e imitando o comportamento de pessoas mais velhas. Se eu tentasse me adaptar aos amigos de vinte e poucos anos de T.J., me vestindo e agindo como eles, eu ficaria ridícula.

A chuva havia passado quando saímos do cinema. Seguimos a multidão e começamos a andar. Parei na calçada.

— O que houve? — perguntou T.J.

— Não vou ser assim para sempre.

— O que você quer dizer?

— Sou treze anos mais velha do que você e estou ficando mais velha a cada dia.

Não vou ter sempre essa aparência.

T.J. colocou os braços em volta da minha cintura e me puxou para perto.

— Eu sei, Anna. Mas, se você acha que eu só me importo com a sua aparência, você não me conhece tão bem quanto achei que conhecesse.

* * *

Caminhei sozinha pelo corredor do supermercado Trader Joe's carregando uma cestinha cheia de tudo o que meu olho pudesse ver, o que até então tinham sido duas garrafas de cabernet, massa orgânica, um vidro de molho marinara, alface romana, cenoura e pimentões para uma salada.

T.J. estava cortando o cabelo. Geralmente comprávamos comida juntos, em parte porque ele insistia em pagar e em parte porque ainda ficávamos intimidados por supermercados. Na primeira vez em que fizemos compras, depois de eu me mudar para o apartamento, ficamos parados no meio do mercado, encarando toda aquela comida.

Entrei em outro corredor, peguei uma cerveja para T.J. e depois encontrei os ingredientes para fazer uma torta de chocolate para ele. Eu estava tentando decidir que tipo de pão servir com o jantar quando senti um puxão no meu jeans.

Uma garotinha de cerca de quatro anos estava parada do meu lado, com enormes lágrimas silenciosas correndo pelo rosto.

— Você é uma mamãe? — perguntou ela.

Eu me agachei até meus olhos ficarem na altura dos dela.

— Bem, não. Onde está a sua mamãe?

Ela segurava firme um cobertor rosa surrado.

— Não sei. Não consigo encontrar, e minha mamãe disse que, se um dia eu me perdesse, que era para encontrar outra mamãe, e ela ia me ajudar.

— Não se preocupe. Posso ajudar assim mesmo. Qual é o seu nome?

— Claire.

— Tudo bem, Claire — tranquilizei-a. — Vamos pedir para alguém fazer um anúncio no alto-falante, para que sua mamãe saiba que você está bem.

Ela olhou para mim com lágrimas nadando nos grandes olhos castanhos e deslizou a mãozinha para a minha.

Estávamos andando em direção à frente da loja quando uma mulher virou a esquina correndo e gritando o nome de Claire. Ela segurava uma cestinha. Um bebê dormia em um canguru preso a seu corpo.

— Claire! Ai, meu Deus, encontrei você!

A mulher correu na nossa direção, deixou a cesta cair e puxou Claire desajeitadamente para o colo, tentando não empurrar o bebê. O medo no seu rosto se dissolveu quando ela apertou Claire.

— Obrigada por achar minha filha — disse ela. — Soltei a mão dela por um minuto para pegar uma coisa e, quando olhei para baixo, ela não estava mais lá. Estou tão cansada por causa do bebê que não consigo me mover muito rápido no momento.

Ela tinha mais ou a menos a minha idade, e realmente parecia cansada, com círculos descorados em volta dos olhos. Peguei a cesta dela.

— Você já acabou? Posso carregar isto para você?

— Obrigada. Realmente agradeço. Preciso de mais que duas mãos agora. Você sabe como é. Na verdade, eu não sabia.

Andamos até o caixa e esvaziamos nossas cestas.

— Você mora por aqui? — perguntou ela.

— Moro.

— Tem filhos?

— Não. Ainda não.

— Obrigada por me ajudar.

— De nada. — Eu me abaixei. — Tchau, Claire.

— Tchau.

Quando cheguei em casa, guardei as compras, me sentei no sofá e chorei.

CAPÍTULO 58

T.J.

Anna estava parada no balcão da cozinha fazendo uma torta de chocolate para mim. Beije-i-a e dei-lhe as rosas cor-de-rosa que havia comprado na volta do barbeiro.

— São lindas. Obrigada — agradeceu Anna, sorrindo para mim.

Ela pegou um vaso embaixo da pia e o encheu de água. Ela tinha feito um rabo de cavalo.

Coloquei meus braços em volta dela e beijei sua nuca.

— Precisa de alguma ajuda? — perguntei.

— Não, já está quase pronto.

— Você está bem?

— Sim, estou bem.

Ela não estava bem, e percebi que estivera chorando no minuto em que passei pela porta, porque seus olhos estavam inchados e vermelhos. Mas eu não sabia como ajudar se ela não me falasse o que a incomodava, e parte de mim pensou se não era melhor *não saber*, no caso de ser alguma coisa relacionada a mim.

Ela se virou e deu um sorriso um pouco alegre demais.

— Você quer ir ao parque quando eu terminar isso aqui? — perguntou ela.

Uma mecha de cabelo havia escapado do rabo de cavalo e eu a enfiei atrás da orelha dela.

— Claro. Vou pegar um cobertor para nos sentarmos. Aposto que está uns vinte graus lá fora. — Beije-i a testa dela. — Gosto de ficar ao ar livre com você.

— Também gosto.

Quando chegamos ao parque, estendemos o cobertor e nos sentamos. Anna tirou os sapatos.

— O aniversário de alguém está chegando — falei. — Como você quer comemorar?

— Não sei. Vou ter que pensar no assunto.

— Sei o que vou comprar para você, mas ainda não encontrei. Estou procurando há algum tempo.

— Fiquei curiosa.

— É uma coisa que você disse que queria.

— Além de livros e música?

— É.

Eu já tinha comprado um iPod para ela e feito download de todas as suas músicas preferidas, porque ela gostava de ouvir música enquanto corria. Algumas vezes por semana, ela ia à livraria e

voltava com uma pilha de livros. Ela lia mais rápido do que qualquer outra pessoa que eu conhecia.

— Ainda faltam algumas semanas. Você vai encontrar.

Ela sorriu, me beijou e parecia tão feliz que pensei que talvez tudo estivesse bem, afinal.

CAPÍTULO 59

Anna

Mandei centenas de currículos. Encontrar uma vaga com o ano tão adiantado seria quase impossível, mas eu ainda esperava encontrar alguma coisa no outono, mesmo que fosse como professora substituta.

Sarah tinha me dado metade do dinheiro que havia recebido pela casa dos nossos pais, e eu ainda contava com boa parte da quantia que os Callahan haviam me pagado. O acordo com a empresa aérea iria se acrescentar à minha renda. Talvez eu não tivesse que trabalhar, mas eu queria. Eu sentia falta de ganhar meu dinheiro, mas, mais do que tudo, sentia falta de lecionar.

Sarah e eu nos encontramos para almoçar uma semana antes do meu aniversário. Os brotos das árvores haviam se transformado em folhas verdes, e os canteiros alinhados nas calçadas tinham flores de primavera. Até então, maio estava estranhamente quente. Nós nos sentamos na varanda de um restaurante e pedimos chá gelado.

— O que você vai fazer no seu aniversário? — perguntou Sarah, abrindo o cardápio.

— Não sei. T.J. me perguntou a mesma coisa. Estou feliz de ficar em casa.

Contei a ela como T.J. e eu havíamos comemorado meu último aniversário na ilha. Como ele havia fingido me dar livros e música.

— Dessa vez, ele vai comprar algo que eu disse que queria. Não tenho ideia do que possa ser.

A garçonete encheu mais uma vez nossos copos com chá gelado e anotou nosso pedido.

— Como está a procura por emprego? — perguntou Sarah.

— Nada boa. Ou eles realmente não têm vaga, ou não querem me contratar.

— Tente não desanimar, Anna.

— Se fosse assim tão fácil... — Tomei um gole do chá. — Sabe, quando entrei naquele avião há quase quatro anos, eu tinha um relacionamento que não estava indo a lugar nenhum e uma chance ainda menor de começar uma família, mas pelo menos eu tinha um trabalho que eu adorava.

— Alguém vai contratar você em algum momento.

— É, talvez.

— Isso é tudo que está incomodando você?

— Não. — Contei a ela o que acontecera no Trader Joe's. — Ainda quero as mesmas coisas, Sarah.

— E o que o T.J. quer?

— Não sei bem se ele sabe. Quando saímos de Chicago, ele só queria sair com os amigos e voltar à vida que tinha antes do câncer. Mas seus amigos seguiram em frente sem ele, e acho que ele ainda não descobriu o que fazer em relação a isso. — Conteí a Sarah sobre a poupança de T.J., e ela ergueu a sobrancelha. — Em sua defesa, ele não ficou mimado por causa disso. Mas também não está motivado.

— Entendo o que quer dizer — disse ela.

— Estou esperando de novo, Sarah. Motivos diferentes, homem diferente, mas, quatro anos depois, ainda estou esperando.

CAPÍTULO 60

T.J.

O cachorro deu um salto para dentro do apartamento de Anna e quase a derrubou. Ela se abaixou, e ele lambeu o rosto dela. Deixei a coleira cair na mesa de centro e disse:

— Feliz aniversário! Não conseguiria botar esta coisa em uma caixa nem se tentasse. Ela se levantou e me beijou.

— Eu me esqueci de que tinha contado a você que queria um cachorro.

— Golden retriever. Adulto. De um abrigo. Procurei em todo lugar. Disseram que foi encontrado vagando no acostamento, sem coleira ou identificação. Ele era só pele e ossos.

Quando Anna ouviu isso, ajoelhou-se e abraçou o cachorro, afagando seu pelo macio. Ele a lambeu de novo, abanou o rabo e correu em círculos.

— Ele parece sadio agora.

— Você não vai chamá-lo de Cachorro, não é? — provoquei.

— Não. Seria estupidez. Vou chamar de Bo. Eu já tinha escolhido o nome há muito tempo.

— Ainda bem que é um macho.

— Ele é o presente perfeito, T.J. Obrigada.

— De nada. Fico feliz que tenha gostado.

* * *

Anna ainda não havia encontrado um emprego de professora até meados de junho. Fez uma boa entrevista em uma escola de ensino médio, no subúrbio. Mas, apesar de não parecer ter ficado triste quando descobriu que não conseguiu o emprego, Anna não conseguiu dormir naquela noite, e às três da manhã a encontrei na sala lendo, com a cabeça de Bo no seu colo.

— Venha para a cama.

— Vou em um minuto — disse ela.

Mas, quando acordei pela manhã, o seu lado da cama ainda estava vazio.

Ela preenchia os dias tomando conta de Joe e Chloe, lendo e saindo para longas corridas. Passávamos horas do lado de fora, tanto na sua pequena varanda quanto no parque com Bo. Assistíamos aos Cubs jogando no Wrigley Field e íamos a concertos no parque.

No entanto, ela parecia inquieta, por mais ocupados que nos mantivéssemos. Encarava o vazio algumas vezes, perdida em pensamentos, mas nunca tive coragem de perguntar no que ela estava

pensando.

CAPÍTULO 61

Anna

— Olhe o que chegou pelo correio — falei quando passei pela porta, jogando as chaves na mesa. T.J. estava sentado no sofá vendo TV. Bo dormia ao lado dele.

— O que é?

— É um formulário de inscrição para um preparatório para a prova de ensino médio. Liguei outro dia e pedi informações. Pensei que você podia se inscrever, e eu podia começar a ajudar você a estudar.

— Posso começar no outono.

— Mas eles têm cursos de verão. Se você começasse agora, poderia terminar no final de agosto, e talvez entrar em uma faculdade em setembro. Se eu conseguir encontrar emprego, nós dois estaríamos na escola durante o dia todo.

T.J. desligou a televisão. Eu me sentei ao lado dele, coçando atrás das orelhas de Bo. Ninguém disse nada durante um minuto.

— Pelo menos um de nós pode começar a tocar a vida — falei.

— O que quer dizer com isso?

— Eu *não consigo* encontrar um emprego. Você *pode* ir à escola.

— Não quero ficar preso em algum lugar o dia inteiro.

— Você está em algum lugar, agora.

— Eu só estava esperando você chegar em casa para podermos levar Bo para passear. O que você está tentando dizer, Anna?

Meu coração começou a disparar.

— Não podemos continuar tentando recriar a ilha neste apartamento.

— Este apartamento não tem nada a ver com a ilha, Anna. Temos tudo de que precisamos, aqui.

— Não. Você tem tudo de que precisa. Eu, não.

— Eu amo você, Anna. Quero passar o resto da minha vida ao seu lado.

Suas palavras carregavam um significado não dito. *Vou casar com você. Vamos construir uma família juntos.*

Fiz que não com a cabeça.

— Você não tem como saber, T.J.

— Claro que não — disse ele, sarcasticamente. — Como eu poderia saber o que eu quero? Só tenho vinte anos.

— Nunca tratei você como criança por causa da sua idade. Ele jogou as mãos para cima.

— Acabou de fazer.

— Você tem muitas coisas para terminar. E tantas outras que nem teve chance de começar. Não posso tirar isso de você.

— E se eu não quiser essas coisas, Anna? E se eu quiser você em vez disso?

— Por quanto tempo, T.J.?

— Você está com medo de eu não *ficar*?

— É — sussurrei. — É exatamente disso que tenho medo.

E se T.J. cansasse de brincar de casinha e decidisse que sossegar não era o que ele realmente queria?

— Depois de tudo pelo que passamos juntos, você não confia em mim o suficiente para acreditar que eu vou ficar por aqui? — A mágoa nos seus olhos se transformou em raiva. — Porra, Anna. — Ele andou até a janela e olhou para fora. Então ele se virou para mim e disse: — Por que você não diz o que realmente quer dizer? Que você quer procurar alguém da sua idade?

— O quê?

— Você preferia ter um namorado mais velho. Alguém que as pessoas não tratassem como criança.

— Isso não é verdade, T.J.

— Sempre vai ter um imbecil que pensa que pode paquerar você na minha frente. Eles não me levam a sério. Para eles, você está comigo por passatempo. Não passou pela sua cabeça que talvez eu me preocupe de você me deixar?

Um silêncio carregado de tensão preencheu o apartamento. Os minutos pareceram horas, já que ambos esperávamos o outro dizer que nossos medos eram injustificados, mas ninguém disse.

Pensei que doeria menos se eu arrancasse o Band-Aid rapidamente.

— Você precisa passar um tempo por conta própria, T.J., e saber como é, antes de ter certeza de que quer ficar com alguém.

A expressão no rosto dele era de pura angústia. Ele atravessou a sala e hesitou, parando a apenas alguns passos de mim, olhando dentro dos meus olhos. Então se virou de costas e saiu pela porta, batendo-a atrás de si.

Não dormi naquela noite. Fiquei sentada no sofá no escuro, chorando com o rosto no pelo de Bo. Na manhã seguinte, saí do apartamento cedo, já que havia prometido a Sarah que cuidaria das crianças enquanto ela e David iam tomar o brunch de domingo. Quando voltei, descobri que T.J. havia arrancado o próprio Band-Aid, porque suas coisas não estavam lá, e sua chave do meu apartamento estava na mesa da cozinha.

Doeu para cacete.

CAPÍTULO 62

T.J.

Ben e eu alugamos um apartamento de dois quartos para o verão, no terceiro andar de um prédio antigo a quatro quarteirões de Wrigley Field. Os pais dele haviam se mudado para a Flórida alegando que estavam cansados da neve e do frio. Ben não se importou, já que tanto ele quanto o irmão mais velho estudavam em outros estados, mas ele precisava de algum lugar para morar até que as aulas voltassem no outono.

— Você quer alugar um apartamento comigo, Callahan? — perguntou ele. — Podemos fazer festas sem dar satisfações a ninguém.

— Por que não? — respondi.

Se Anna estava tão determinada de que eu não perdesse nada, dividir um apartamento com meu melhor amigo era provavelmente um passo na direção certa.

Ben estava estudando finanças e contabilidade e, de alguma forma, conseguiu estágio em um banco que ficava no centro da cidade. Ele tinha que usar gravata todos os dias.

Consegui um emprego no ramo de construções, e ia para o subúrbio toda manhã às sete horas, para montar estruturas de casas. Eu pegava uma carona com um cara da equipe. Ele me ensinou tudo que eu precisava saber e me impediu de parecer um completo imbecil. Não era tão diferente de construir a casa da ilha, exceto que eu usava uma pistola de pregos e havia muito mais madeira em volta.

A maioria dos caras não falava muito, e eu não tinha que conversar com ninguém se não estivesse com vontade. Às vezes, o único barulho que ouvia era o som das nossas ferramentas e o rock clássico saindo das caixas de som. Eu nunca usava camisa, e logo estava tão bronzeado quanto na ilha.

De noite, Ben e eu bebíamos cerveja. Eu sentia saudades de Anna e pensava nela constantemente. Sem ela perto de mim, eu dormia muito mal. Ben sabia que era melhor não falar nada, mas parecia preocupado comigo.

Eu também estava preocupado comigo.

CAPÍTULO 63

Anna

A temperatura chegou aos trinta graus às duas da tarde. O calor me atingiu assim que meus pés tocaram a calçada. Mas isso não me incomodou. Eu podia lidar com calor.

Corri durante os meses de junho e julho inteiros — dez, depois treze, depois dezesseis quilômetros por dia, às vezes mais.

Eu não chorava enquanto corria. Eu não pensava e não me questionava. Apenas respirava fundo e colocava um pé na frente do outro.

Tom Callahan me ligou no começo de agosto. Quando o nome apareceu no identificador de chamadas, meu coração disparou, reduzindo a velocidade um segundo depois, no momento em que atendi e percebi que não era T.J.

— A empresa do hidroavião fez o acordo essa manhã. T.J. já assinou os papéis. Assim que você assinar, estará tudo certo.

— Tudo bem. — Peguei uma caneta e anotei o endereço que ele me deu.

— Como você está, Anna?

— Estou bem. Como está T.J.?

— Tentando se manter ocupado.

— Obrigada por me avisar sobre o advogado. Vou assinar os papéis. Houve silêncio no outro lado por um segundo e então falei:

Por favor, dê um oi para Jane e as meninas por mim.

— Pode deixar. Cuide-se, Anna.

Naquela noite, enrolei-me no sofá com Bo para ler um livro. Duas páginas depois, alguém bateu à porta.

Uma excitação esperançosa me inundou, e senti um frio na barriga. Fiquei imaginando o dia inteiro, depois de falar com o pai dele, se T.J. iria fazer contato. Bo ficou louco, latindo e correndo em círculos, como se soubesse que era ele. Corri para a porta e a abri rápido, mas não era T.J. que estava parado lá.

Era John, com uma caixa nas mãos.

Ele tinha uma expressão cautelosa. Seu cabelo louro estava mais curto do que de costume, e havia algumas rugas sob os olhos, mas, se não fosse isso, parecia o mesmo de anos atrás. Bo cutucou suas pernas, farejando e rodeando.

— Sarah me deu seu endereço. Encontrei mais algumas coisas suas e pensei que talvez quisesse de volta. — Ele olhou por cima do meu ombro, tentando ver se eu estava sozinha.

— Entre. Desculpe-me por nunca ter ligado. Foi grosseiro da minha parte.

— Tudo bem. Não se preocupe.

— Você quer beber alguma coisa?

— Claro — aceitou ele.

Entrei na cozinha, abri uma garrafa de vinho e servi a cada um de nós uma taça. Minha escolha de bebida refletiu mais minha repentina necessidade por álcool do que meu desejo de ser hospitaleira.

— Obrigado — disse ele quando lhe entreguei a taça.

— De nada. Sente-se.

— Você sempre quis ter um cachorro.

— O nome dele é Bo.

Ele se sentou na cadeira na frente do sofá. Coloquei minha taça na mesa de centro e comecei a tirar os itens da caixa. Era como ver minhas roupas penduradas no armário do quarto de hóspedes de Sarah. Coisas que eu tinha quase esquecido, mas que reconheci imediatamente assim que as vi de novo.

Tirei o elástico de uma pilha de fotos. A que estava em cima era de mim e John parados na frente da roda-gigante do Navy Pier, abraçados, ele beijando meu rosto. Debrucei-me sobre a mesa de centro e entreguei a foto a ele.

— Olhe como éramos jovens.

— Vinte e dois anos — disse ele.

Havia fotos de férias e outras com nossos amigos. Uma foto da minha mãe e outra de John na frente da árvore de Natal. Uma dele segurando Chloe no colo, no hospital, algumas horas depois de Sarah dar à luz.

Olhar as fotos me lembrou da história que eu vivera com John e de que boa parte daquela história tinha sido boa. Nós havíamos começado com tantas promessas... Mas depois nosso relacionamento se estagnou, arrasado pelo peso de duas pessoas querendo coisas diferentes. Coloquei o elástico novamente nas fotos e as pousei na mesa.

Tirei um par de tênis de corrida velho.

— Esses já rodaram alguns quilômetros.

O item seguinte, um CD de Hootie & the Blowfish, me fez sorrir.

— Você colocava isso para tocar *constantemente* — disse John.

— Não zombe de Hootie.

Havia alguns livros de bolso. Uma escova e um prendedor de cabelo. Um vidro meio vazio do

perfume CK One, meu cheiro durante a maior parte da década de noventa.

Meus dedos roçaram algo perto do fundo da caixa. Uma camisola. Olhei o tecido preto transparente e me recordei de uma lembrança enevoada de John tirando-a de mim no meio da noite, pouco antes de eu sair de Chicago.

— Encontrei quando troquei os lençóis. Nunca lavei — disse ele, suavemente.

Procurando lá dentro uma última vez, encontrei uma caixa forrada de veludo azul. Gelei.

— Abra — pediu John.

Levantei a tampa. O anel de brilhante reluziu. Sem palavras, inspirei profundamente.

— Depois de deixar você no aeroporto, me dirigi até uma joalheria. Eu sabia que, se não me casasse com você, eu ia perdê-la, e eu não queria que isso acontecesse, Anna. Quando Sarah me ligou para dizer que o avião havia caído, segurei o anel e rezei para que encontrassem você. Então ela me ligou e disse que você foi dada como morta. A notícia me arrasou. Mas você está viva, Anna, e eu ainda a amo. Sempre amei e sempre vou amar.

Fechei a tampa com força e arremessei a caixa na direção da cabeça de John. Com reflexos surpreendentemente rápidos, ele aparou o golpe, e a caixa quicou em seus braços e rolou pelo chão de madeira.

— Eu amava você! Esperei oito anos, e você me enrolou até que minha única opção fosse me afastar!

John se levantou da cadeira.

— Nossa, Anna. Pensei que você quisesse o anel.

— Nunca foi uma questão de anel.

Ele atravessou a sala e parou na porta.

— Então é por causa do garoto?

Estremeci à menção de T.J. Levantando-me, me aproximei, peguei o anel no chão e o entreguei ele.

— Não. É porque eu nunca me casaria com um homem que só me pediria em casamento porque achava que tinha de fazer isso.

Na manhã seguinte, fui até o escritório do advogado, assinei os papéis me comprometendo a não processar a empresa do hidroavião e peguei o cheque. Depositei-o no banco a caminho de casa. Sarah ligou para o meu celular uma hora depois.

— Você assinou os papéis?

— Assinei. É muito dinheiro, Sarah.

— Se quer minha opinião, um milhão e meio não é nem perto do suficiente.

CAPÍTULO 64

T.J.

Eu me arrastei pelas escadas às nove e meia de uma noite de sábado e, assim que passei pela porta de casa, descobri que a festa tinha começado sem mim. Havia pelo menos quinze pessoas bebendo cerveja e tomando shots na cozinha e na sala de estar.

Meus colegas de trabalho e eu estávamos correndo para terminar a estrutura de uma casa em Schaumburg, e no último mês trabalhávamos quatorze horas por dia, seis dias por semana, até escurecer. Eu queria que todo mundo no apartamento desaparecesse.

Ben saiu do seu quarto, uma garota atrás dele.

— Ei, cara, tome um banho e volte para cá.

— Talvez. Estou cansado.

— Não seja maricas. Estamos indo para o bar daqui a pouco. Você fica um tempinho com a gente e, se ainda estiver cansado, pode dormir quando dermos o fora.

— Tudo bem.

Tomei um banho, coloquei jeans e camiseta e fiquei descalço. Abri caminho por entre as pessoas que festejavam na minha cozinha, disse oi para quem eu conhecia e imaginei de onde diabo os outros teriam surgido. Peguei uma Coca e uma caixa de pizza da geladeira e me apoiei na bancada comendo as fatias frias.

— Oi, T.J. — cumprimentou-me uma garota, aproximando-se e se debruçando na bancada do meu lado.

— Oi.

— Alex — apresentou-se ela.

— Isso mesmo. Agora eu me lembrei.

Era a garota que tinha se sentado do meu lado na festa do Coop. Aquela com o cabelo louro comprido e muita maquiagem. Continuei comendo minha pizza.

Ela se inclinou para alcançar a geladeira e a abriu. Quando se curvou para pegar uma cerveja, seus peitos quase escaparam da regata.

— Você quer uma? — perguntou ela, segurando uma lata. Tomei o resto da Coca.

— Claro.

Ela pegou outra cerveja e me entregou. Quando acabei de comer, a abri, tomei um longo gole e

coloquei a lata na bancada.

Ben entrou e me entregou um baseado aceso. Eu o peguei e dei uma tragada, segurando a fumaça no fundo dos pulmões. Depois perguntei a Alex:

— Você quer um trago?

Ela confirmou, deu uma longa tragada e me devolveu. Terminamos com ele, passando de um para o outro. Se eu ficasse chapado o suficiente, talvez conseguisse dormir a noite inteira, em vez de acordar de hora em hora.

Alex me entregou outra cerveja. Quando entrei na sala de estar para me sentar no sofá, ela me seguiu. E não saiu mais do meu lado depois disso.

Bebemos cerveja e fumamos baseado até eu não conseguir enxergar mais nada direito. As pessoas saíram para ir ao bar com Ben, e assim só ficamos Alex e eu. Eu ia dizer a ela para ir com os outros porque eu queria dormir, mas, antes de conseguir dizer qualquer coisa, ela se levantou e me puxou para o quarto. Quando colocou a mão entre minhas pernas, parei de pensar com o cérebro e deixei a outra parte do meu corpo assumir o controle.

Acordei na manhã seguinte com a cabeça latejando. Alex estava deitada ao meu lado, nua, o rosto todo borrado da maquiagem.

Afastei as cobertas e fui para a porta, pegando algumas roupas no caminho. Algo grudou na sola do meu pé. Abaixei-me e percebi que havia pisado em uma embalagem de camisinha.

Graças a Deus.

Joguei-a na lata de lixo ao entrar no banheiro. A água quente encheu o quarto com vapor e tomei um banho, lavando todos os vestígios de Alex. Eu me vesti, escovei os dentes, depois fui até a cozinha e bebi três copos de água gelada.

Estava vendo TV quando ela entrou na sala de estar meia hora depois. Ela já havia apanhado a bolsa e o casaco.

— Pegue um táxi — falei, colocando uma nota amassada de dez na sua mão.

— Ligue para mim — disse ela. — Ben tem o meu número.

— Desculpe, mas não vou ligar.

— Bom, pelo menos você é sincero.

— Puta merda, Callahan. Estou com uma ressaca épica. — Ele se espreguiçou e caiu no sofá, do meu lado. — Tem uma garota na minha cama, mas não foi ela que eu trouxe para casa ontem à noite. A garota que eu trouxe era muito mais gata do que essa.

— Acho que é ela mesmo, Ben.

— É, deve ser. Como foi com a não-sei-o-nome? Você se deu bem?

— Sim.

— Callahan está *de volta ao jogo* — disse ele, levantando a mão para bater na minha.

— Não quero voltar ao jogo.

Ben abaixou a mão, uma expressão intrigada no rosto.

— O que foi? Ela não era boa? Achei que fosse gostosa.

— É, e qualquer cara podia ter ficado com ela na noite passada se quisesse.

— Bem, não sei o que dizer, cara. Sei que você está chateado porque as coisas com a Anna não deram certo, mas não sei o que você está procurando.

Eu sei.

* * *

Comecei a estudar para a prova de ensino médio em julho. Toda noite, depois de passar o dia inteiro construindo estruturas, eu ia para casa, tomava banho e me juntava a outras pessoas que tinham abandonado a escola em um espaço comunitário no centro da cidade por duas horas. No final de agosto, me formei e entrei em uma faculdade de ciclo básico para o semestre de outono, largando o emprego na construção quando as aulas começaram. Eu não tinha ideia do que queria estudar e não conseguia me ver desperdiçando os dois anos seguintes dentro de uma sala de aula, mas não sabia o que mais fazer.

Ben voltou para Iowa City, e eu voltei para casa, o que deixou meus pais felizes, principalmente minha mãe. Eu estava tão acostumado a trabalhar o dia inteiro e depois ir para o curso à noite que me sentia inquieto à tarde. A maioria dos meus amigos tinha ido para uma universidade em outros estados ou longe da cidade, o que dificultava uma saída durante a semana.

Em um dia de outubro, voltei para casa, e a temperatura e as folhas caindo me fizeram lembrar de Anna e de como ela gostava do outono. Fiquei imaginando se ela havia encontrado um emprego de professora. Fiquei imaginando se tinha encontrado outra pessoa.

— Oi, mãe — cumprimentei, jogando minha mochila na bancada.

— Como foram as aulas? — perguntou ela.

— Bem. — Eu odiava ser o calouro mais velho em todas as turmas e, na maior parte do tempo, estava entediado. — Tem uma coisa que eu quero fazer — falei, pegando uma Coca na geladeira.

— Você me ajuda?

Ela sorriu e respondeu:

— Claro, T.J.

Como aos dezesseis anos eu tinha ficado doente demais para tirar a carteira de motorista, minha mãe me ensinou a dirigir durante todo o mês seguinte. Ela tinha um Volvo, e, assim que eu chegava em casa das aulas, íamos para os subúrbios à procura de estacionamentos vazios e ruas tranquilas. Dirigíamos por horas. Ela parecia realmente feliz por desfrutar aquele tempo comigo, e eu me sentia um babaca por não passar mais tempo com ela.

Um dia, quando eu estava ao volante, perguntei:

— Você sabia que Anna terminaria comigo?

Minha mãe hesitou por um segundo.

— Sabia.

— Como?

— Porque você nasceu quando eu tinha vinte e cinco anos, T.J., e eu queria muito um bebê. Daí levei mais cinco anos para engravidar de Grace. Fiquei ansiosa, depois preocupada, depois quase desesperada quando não aconteceu logo. Então, dois anos depois de Grace, Alexis chegou, e finalmente senti que a família estava completa. Anna provavelmente está pronta para ter uma família, T.J.

— Eu teria dado uma família a ela.

— Ela talvez tenha pensado que aceitar não seria uma decisão sábia.

— Eu disse que queria passar o resto da vida com ela. Ela me disse que eu tinha coisas para terminar. Coisas que eu ainda deveria viver.

— Ela estava certa. Isso diz muito sobre Anna. Ela não quis privar você de nada.

— Mas a decisão é minha, mãe.

— Mas não afeta apenas você.

Percebi uma coisa repentinamente e encostei o carro, cerrando meus dentes com tanta força que senti dor.

— Então foi por isso que você foi tão tranquila em relação a ela? — Meu rosto queimava. — Vamos todos ser legais com a namorada do T.J. enquanto esperamos que ela dê o fora nele?

Soquei o volante.

Minha mãe se retraiu e depois colocou a mão no meu braço.

— Não. Eu gosto da Anna. E gosto dela ainda mais agora que a conheço melhor. Ela é uma boa garota, T.J. Mas tentei dizer a você que ela estava em um estágio diferente da vida e você não quis ouvir.

Fiquei olhando pela janela até me acalmar; depois, pus o carro em movimento, me afastando do meio-fio.

— Eu ainda amo a Anna.

— Eu sei.

* * *

Consegui minha habilitação e comprei um Chevrolet Tahoe preto.

Certo dia após as aulas, saí para dirigir, primeiro nos subúrbios e depois no interior, ouvindo a

estação de rock clássico.

No final da estrada, passei por uma propriedade com uma placa de vende-se fincada no chão, dirigi até uma pequena casa azul-clara e estacionei. Ninguém atendeu quando chamei à porta, então andei pelo jardim. Tinha um terreno a perder de vista. Peguei o folheto de informações que estava preso na placa. Tinha o telefone do corretor. Eu o dobrei, coloquei no bolso e fui embora.

CAPÍTULO 65

Anna

Eu e Bo caminhávamos pelas ruas da cidade durante horas. Em um dia quente de setembro, a guia dele ficou desafivelada, e passei dez minutos tentando alcançá-lo enquanto ele disparava pela calçada, no meio da multidão. Finalmente, consegui me aproximar o suficiente para agarrar a coleira e, aliviada, preendi a guia de volta. A alguns passos, um garotinho, que se encontrava numa soleira, nos observava. Acima da porta, havia um cartaz escrito ABRIGO DE FAMÍLIAS.

— O cachorro é seu? — perguntou ele.

O garotinho usava camiseta listrada e precisava de um corte de cabelo. O nariz e as bochechas eram cheios de sardas.

Eu me levantei e me aproximei dele com Bo.

— É, sim. O nome dele é Bo. Você gosta de cachorro?

— Gosto. Ainda mais se for amarelo.

— A raça dele é golden retriever. Ele tem cinco anos.

— Eu também tenho cinco anos! — disse o garotinho, o rosto se iluminando.

— Como você se chama?

— Leo.

— Bem, Leo, você pode fazer carinho no Bo se quiser. Mas tem que ser delicado com os animais, está bem?

— Está bem. — Ele acariciou o pelo de Bo com cuidado, me olhando de soslaio para ver se eu reparava como ele estava sendo delicado. — Tenho que ir. Henry disse para eu não me afastar da porta. Obrigado por me deixar fazer carinho no seu cachorro. — Ele deu um abraço em Bo e, antes que eu pudesse me despedir, disparou para dentro. Bo esticou a guia, querendo seguir Leo.

— Venha, Bo — ordenei, puxando-o com firmeza.

Afastamo-nos da porta e caminhamos de volta para casa.

No dia seguinte, retornei ao mesmo lugar, sozinha. Duas mulheres, uma delas com um bebê apoiado nos quadris, se encontravam perto da entrada.

— Ei, branquela, a Bloomie fica *daquele* lado. Ela apontou enquanto a amiga riu.

Eu a ignorei e atravessei a porta. Uma vez lá dentro, examinei todo o cômodo, à procura de Leo. Era segunda-feira, e não havia nenhuma criança à vista. De acordo com a legislação federal, todas as crianças têm garantido o direito à educação, estando elas ou não em uma residência

permanente. Felizmente, os pais do abrigo pareciam fazer valer esse direito.

Um homem se aproximou de mim, enxugando as mãos em um pano de prato. Ele parecia ter uns cinquenta e poucos anos. Usava jeans desbotados, camisa polo comum e tênis.

— Posso ajudar? — perguntou.

— Meu nome é Anna Emerson.

— Henry Elings — apresentou-se ele, apertando a mão que estendi.

— Conheci um garotinho aqui ontem. Ele estava parado na porta e gostou do meu cachorro. — Henry sorriu e esperou pacientemente até eu dizer o que pretendia. — Fiquei pensando se vocês precisavam de voluntários.

— Precisamos de uma porção de coisas aqui. Voluntários definitivamente fazem parte dessas coisas.

Seus olhos eram bondosos, e seu tom de voz, suave, mas ele provavelmente já tinha ouvido esse tipo de afirmação antes, de donas de casa e mulheres participantes de associações voluntárias, indo e vindo intermitentemente de modo que pudessem contar em seus clubes de livros nos subúrbios como elas ajudavam a mudar o mundo.

— As necessidades de nossos residentes são muito básicas — continuou ele. — Comida e abrigo. Desculpe-me falar assim, mas eles nem sempre cheiram muito bem. É que banho acaba não sendo uma prioridade se compararmos com um prato de comida quente e uma cama.

Fiquei pensando se ele tinha reconhecido meu nome ou meu rosto por causa das fotos no jornal. Se reconheceu, não deu sinais.

— Já estive bem suja, e na verdade não me importo com o cheiro de ninguém. Sei o que é ter fome e sede, e sei o que é não ter um abrigo. Tenho tempo de sobra e gostaria de passar parte dele aqui.

Henry sorriu.

— Obrigado. Nós ficaremos felizes.

Passei a chegar ao abrigo por volta das dez horas todos os dias, me juntando aos outros voluntários para preparar e servir o almoço. Henry me incentivou a trazer Bo.

— A maioria das crianças daqui adora animais. São poucos os que já tiveram um bicho de estimação.

As crianças menores, que ainda não frequentavam a escola, passavam horas brincando com Bo. Ele nunca reclamava, nem mesmo quando as crianças acariciavam o seu pelo com um pouco mais de rudeza ou tentavam montar nele como se fosse um pônei. Depois do almoço, eu lia para as crianças. Suas mães esgotadas e estressadas gostavam que eu carregasse seus bebês e filhos pequenos no colo. No final da tarde, as crianças em idade escolar voltavam, e eu as ajudava com o dever de casa, insistindo para que terminassem as tarefas antes de irem brincar com os jogos de tabuleiro que eu comprara.

Leo em geral ficava ao meu lado, ansioso para me contar tudo o que tinha acontecido na escola.

Seu entusiasmo pelo jardim de infância não me surpreendia; a maioria das crianças adorava o ambiente seguro de uma sala de aula; os sem-teto mais ainda. Muitas dessas crianças não possuíam livros ou material de pintura, e elas adoravam aprender canções na aula de música e correr no pátio na hora do recreio.

— Estou aprendendo a ler, tia Anna!

— Estou feliz de ver o seu entusiasmo em aprender a ler, Leo. — Dei-lhe um abraço. — É maravilhoso.

Ele abriu um sorriso tão brilhante que achei que ele fosse explodir, mas logo sua expressão ficou séria.

— Vou aprender direito, tia Anna. E depois vou ensinar para o meu pai.

Dean Lewis, o pai de Leo, tinha vinte e oito anos. Estava desempregado havia quase um ano e era um dos dois pais solteiros que moravam no abrigo. Eu me sentei perto dele depois do jantar. Ele me olhou com cuidado.

Ele me cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Srta. Anna.

— Como está a sua procura por emprego?

— Ainda não encontrei.

— Que tipo de trabalho você fazia antes?

— Era cozinheiro num restaurante. Trabalhei sete anos lá. Comecei lavando pratos e fui subindo.

— E o que aconteceu?

— O dono passou por uma fase ruim. Teve que vender. O novo dono demitiu todo mundo. Observávamos Leo brincar de pega-pega com outras duas crianças.

— Dean?

— O quê?

— Acho que talvez eu possa ajudar você.

Dean sabia ler um pouquinho. Ele havia memorizado palavras comuns — e todo o cardápio do restaurante onde havia trabalhado —, mas lutava para preencher as propostas de admissão de emprego porque não era capaz de decifrar os formulários. Um amigo o havia ajudado a preencher a proposta de admissão para um restaurante italiano, mas ele foi demitido três dias depois porque não conseguia ler os pedidos dos fregueses.

— Você é disléxico? — perguntei.

— O que é isso?

— As letras não parecem estar na ordem certa.

— Não. As letras parecem certas. Eu é que não consigo ler.

— Você terminou o ensino médio?

Ele negou com um aceno de cabeça.

— Não.

— Onde está a mãe de Leo?

— Não faço ideia. Ela tinha vinte anos quando Leo nasceu e, quando o menino fez um ano, disse que não aguentava mais ser mãe. Não que ela alguma vez tivesse se comportado como uma verdadeira mãe. Não tínhamos dinheiro para pagar uma TV a cabo, mas tínhamos uma televisão velha e um aparelho de videocassete, e ela assistia a filmes o dia inteiro. Eu chegava do trabalho e encontrava Leo gritando e chorando, com a fralda toda suja, ou coisa pior. Um dia ela foi embora e nunca mais voltou. Tive que achar uma creche, e na época o que eu ganhava mal dava para viver. Quando perdi o emprego, não demorou para eu atrasar o aluguel. — Dean olhou para os pés. — Leo merece coisa melhor do que isso.

— Acho que Leo tem bastante sorte — falei.

— Como a senhora pode dizer isso?

— Porque pelo menos ele tem um dos pais, que se importa com ele. É mais do que algumas crianças têm.

Nos dois meses seguintes, trabalhei com Dean todos os dias, desde o fim do almoço até a hora em que Leo e as outras crianças chegavam da escola. Usando cartilhas fonéticas, ensinei a ele as várias combinações de letras e em pouco tempo consegui fazê-lo ler para as crianças pequenas. Frequentemente ele ficava frustrado, mas eu o incentivava muito, passando confiança ao fazer elogios sempre que ele dominava uma lição difícil.

Quando eu chegava em casa do abrigo, depois de servir o jantar, saía para correr durante um bom tempo. O mês de setembro deu lugar a outubro, e eu ia me recompondo e seguindo em frente. Certo dia, em novembro, Bo e eu paramos para pegar a correspondência. Apanhei algumas contas, uma revista e foi então que eu vi. Um envelope médio com o nome e o endereço de T.J. escritos à mão no canto superior esquerdo.

Corri para cima e destranquei a porta do meu apartamento, liberando Bo de sua guia. Quando abri e li o que tinha dentro do envelope, desatei a chorar.

* * *

— Abra a droga da porta, Anna. Sei que você está aí dentro — gritou Sarah.

Eu estava deitada no sofá mirando o teto. Nas últimas vinte e quatro horas, as mensagens de voz e de texto de Sarah permaneceram sem resposta; era uma questão de tempo antes que ela aparecesse no meu apartamento.

Abri a porta. Sarah entrou com tudo, mas eu me esquivei dela e voltei para o sofá.

— Bom, pelo menos você está viva — disse ela, de pé ao meu lado. Ela notou minha aparência, os olhos piscando ante a visão dos meus cabelos desgrehados e do meu pijama amarrotado. — Você

está horrível. Tomou um banho hoje? Ou ontem?

— Ah, Sarah, posso ficar sem tomar banho *muito* mais tempo do que isso. Puxei uma manta de lã sobre as pernas, e Bo descansou a cabeça no meu colo.

— Qual foi a última vez que você foi ao abrigo?

— Alguns dias atrás — resmunguei. — Eu disse a Henry que estava doente. Sarah se sentou no sofá.

— Anna, fale comigo. O que aconteceu?

Fui para a cozinha e voltei com um envelope. Entreguei-o a Sarah e disse:

— Recebi essa correspondência um dia desses. É de T.J.

Ela o abriu e puxou um cartão de um banco de esperma. Embaixo do número de telefone, estava escrito: *Já providencie tudo*.

— Não entendi — disse Sarah.

— Vire.

Ela virou o cartão. Na parte de trás, ele tinha rabiscado: *no caso de você nunca encontrar alguém*.

— Ah, Anna! — exclamou Sarah.

Ela me puxou para um abraço e me segurou enquanto eu chorava.

Sarah me convenceu a tomar um banho enquanto se incumbia do jantar. Retornei para a sala com o cabelo molhado penteado para trás, vestindo calças de pijama de flanela e um suéter.

— Não se sente melhor agora? — perguntou Sarah.

— Sinto.

— Pedi comida chinesa — informou ela. — Vai chegar logo, logo.

— Tudo bem. Obrigada.

— Foi uma oferta e tanto, de T.J.

— Foi. — As lágrimas brotaram dos meus olhos novamente e desceram pelo meu rosto. Eu as enxuguei com as costas da mão. — Mas não há possibilidade de eu algum dia segurar nos braços um bebê que tem os olhos dele, ou o sorriso dele, se eu não puder ter T.J. também. — Peguei minha taça e tomei outro gole. — John nunca teria feito uma coisa tão altruísta.

Sarah enxugou uma lágrima que eu deixara passar.

— Isso porque John era um idiota.

— Vou voltar para o abrigo amanhã. Só passei por um momento difícil.

— Tudo bem. Acontece.

— Nunca ameí John da forma como ameí T.J.

— Eu sei.

Arrastei uma árvore de Natal escada acima e a empurrei pela porta do apartamento. Quando acabei de enfeitá-la, a minha primeira árvore de Natal em cinco anos reluzia com luzes piscantes e ornamentos brilhantes. Eu e Bo passamos horas deitados na frente dela, ouvindo músicas natalinas.

Ajudei Henry a enfeitar a árvore do abrigo também. As crianças terminaram o serviço, pendurando os enfeites de flocos de neve que fizemos com cartolina e purpurina.

Dean recebeu um presente de Natal adiantado. Ele havia preenchido uma proposta de emprego de um restaurante próximo e fora contratado havia duas semanas. Ler os pedidos empurrados para ele pelas garçonetes não representava mais nenhum problema, e ele dava conta dos pratos com rapidez, o que logo fez com que ganhasse a reputação de um funcionário que trabalhava com afinco. Ele usou o primeiro salário como depósito para um apartamento mobiliado. Endossei o aluguel, pagando adiantado o valor de um ano. Ele não queria, mas eu o convenci a aceitar, para o bem de Leo.

— Pague no dia que puder, Dean.

— Vou pagar — prometeu ele, me abraçando. — Obrigado, Anna.

Passei a noite de Natal com David, Sarah e as crianças. Observamos Joe e Chloe abrirem os presentes, jogando papel de embrulho para todo lado, e passamos uma hora montando os brinquedos e colocando as pilhas. David jogou tanto video game no PlayStation que comprei para Joe que Sarah ameaçou tirá-lo da tomada.

— Como os videogames transformam homens em meninos?

— Não sei, mas todos os homens adoram, não é?

Chloe dedilhava a guitarra da Barbie bem alto, e, após uma hora ouvindo aquilo, fiz uma anotação mental para me lembrar de não comprar mais instrumentos musicais para ela. Fui até a cozinha, que estava silenciosa, e abri uma garrafa de cabernet.

Sarah se juntou a mim um minuto depois. Abriu o forno e deu uma olhada no peru. Servi-lhe um pouco de vinho e brindamos.

— À sua presença em casa, para celebrarmos juntas — disse Sarah. — Eu me lembro do Natal passado, como foi difícil, sem você, sem mamãe, sem papai. Mesmo que eu estivesse com David e as crianças, eu ainda me sentia um pouco solitária. Então, apenas dois dias depois, você telefonou. Às vezes, ainda custo a acreditar, Anna.

Ela colocou o vinho sobre a bancada e me abraçou. Retribuí o abraço.

— Feliz Natal, Sarah.

— Feliz Natal.

No dia de Natal, fui para o abrigo por volta de meio-dia, levando presentes para as crianças: minigames para os meninos, gloss e bijuterias de brinquedo para as meninas, e bichos de pelúcia e

livros para os menores. Os bebês ganharam mantas macias de lã, fraldas e fórmulas para leite.

Henry se fantasiou de Papai Noel para distribuir os presentes. Prendi chifres de rena na cabeça de Bo e amarrei sinos na coleira. Ele quase não deixou que eu colocasse aqueles enfeites.

Eu estava lendo *Frosty the Snowman* para uma porção de crianças que estavam no meu colo quando Henry se aproximou com um envelope. Quando terminei o livro, falei para as crianças irem brincar.

— Alguém deixou uma doação anônima uns dois dias atrás — disse Henry. Ele abriu o envelope e me mostrou um cheque administrativo com uma quantia significativa. — Fico pensando por que alguém faria isso e não me daria a oportunidade de agradecer — continuou ele.

Dei de ombros e devolvi o cheque.

— Não faço ideia. Talvez a pessoa não queira gerar publicidade em torno da doação. É justamente esse o motivo.

Depois que terminei de ajudar a servir o jantar de Natal, Bo e eu voltamos para casa. Caía uma neve fina, e as ruas estavam vazias. Sem avisar, ele saiu em disparada, arrancando a guia da minha mão. Corri atrás dele, parando de repente alguns segundos depois.

T.J. estava na calçada em frente ao meu apartamento. Quando Bo chegou perto dele, T.J. se inclinou e o afagou atrás das orelhas, enrolando a ponta da guia na mão. Eu me aproximei, recuperando o fôlego, sendo impulsionada por pura saudade.

Ele se levantou e me encontrou no meio do caminho.

— Pensei em você o dia inteiro — disse ele. — Na ilha, prometi que, se você não desistisse, passaríamos este Natal juntos, em Chicago. Sempre vou cumprir as promessas que eu fizer para você, Anna.

Olhei nos olhos dele e caí em prantos. Ele abriu os braços e me envolvi neles, chorando tanto que não conseguia falar.

— Shh, está tudo bem — tranquilizou ele.

Escondi meu rosto no peito dele, sentindo o odor de neve, de lã, dele, enquanto ele me abraçava apertado. Alguns minutos depois, ele colocou a mão embaixo do meu queixo, o levantou e enxugou minhas lágrimas, da mesma forma como já fizera tantas vezes antes.

— Você estava certa. Eu realmente precisava ficar sozinho. Mas algumas das coisas que você queria que eu experimentasse já ficaram para trás, e não posso voltar no tempo. Eu sei o que quero, e é você, Anna. Amo você e sinto muito a sua falta.

— Mas eu não me encaixo no seu mundo.

— Nem eu — disse ele, com a expressão terna, mas decidida. — Então, vamos construir o nosso. Já fizemos isso antes.

Ouvi a voz da minha mãe na cabeça, quase como se ela estivesse de pé ao meu lado, cochichando no meu ouvido. Ela fazia a mesma pergunta que dissera para eu fazer em relação a John.

A sua vida é melhor com ou sem ele, Anna?

Decidi, naquele instante, de pé na calçada, não me preocupar mais com coisas que talvez nunca deem errado.

— Amo você, T.J. Quero você de volta.

Ele me abraçou apertado, e minhas lágrimas jorraram até seu suéter ficar molhado. Levantei a cabeça.

— Devo chorar mais do que qualquer pessoa que você conheça

— falei. Ele afastou o cabelo do meu rosto e sorriu.

— Você também vomita um bocado.

Dei uma risada por entre as lágrimas. Os lábios dele tocaram os meus e ficamos na calçada, nos beijando, cobertos de flocos de neve, enquanto Bo esperava pacientemente ao nosso lado.

Entramos e ficamos conversando durante horas, deitados em um cobertor em frente à árvore de Natal.

— Nunca quis ninguém mais, T.J. Eu só queria o melhor para você.

— *Você é o melhor para mim* — disse ele, aconchegando minha cabeça nos seus braços, as pernas enroscadas nas minhas. — Não vou para lugar nenhum, Anna. Aqui é exatamente o lugar onde quero estar.

CAPÍTULO 66

T.J.

Numa manhã, duas semanas mais tarde, dei uma olhada no relógio. Minhas férias de inverno da escola ainda não tinham terminado, e Anna e eu estávamos tomando café da manhã um pouco tarde.

— Tenho que sair durante algum tempo e depois quero mostrar uma coisa para você — falei.

— A que horas você volta do abrigo?

— Devo voltar lá pelas três horas. O que é? — perguntou ela, abaixando o jornal.

Vesti o casaco e peguei as luvas.

— Você vai ver.

Horas depois, naquela mesma tarde, estacionei na frente do prédio de Anna e abri a porta do carro para ela. Vê-la sentada no banco do carona era algo que eu estava ansioso para que acontecesse.

— Você dirige bem? — perguntou ela quando deslizei para trás do volante. Dei uma risada.

— Sou um excelente motorista.

Nós nos afastamos da cidade, e Anna ficava cada vez mais curiosa. Uma hora e meia depois, eu disse:

— Estamos quase chegando.

Virei à esquerda para sair da autoestrada e dirigi por um caminho de terra. Virei de novo, contente por ter um automóvel com tração nas quatro rodas, porque uma camada de neve de mais de dez centímetros cobria a estrada. Parei em frente a uma pequena casa azul-clara, estacionei na frente da garagem e desliguei o motor.

— Venha — chamei.

— Quem mora aqui?

Não respondi. Quando chegamos à porta, tirei uma chave do bolso e a destranquei.

— A casa é sua?

— Fechei o negócio hoje. — Ela entrou, e eu a segui, acendendo as luzes. — Os antigos donos construíram na década de oitenta. Acho que nunca mudaram nem uma palha — falei, rindo. — Esse tapete azul é um desastre.

Anna visitou todos os cômodos, abrindo os armários e fazendo comentários sobre as coisas de que ela gostava.

— É perfeita, T.J. Ela só precisa de um pouco de modernização.

— Então, espero que você não fique muito desapontada quando eu demolir a casa.

— O quê? E por que você iria demolir esta casa?

— Venha aqui — falei, levando-a para uma janela na cozinha que dava para o quintal.

— O que você vê daqui?

— Um bom terreno — respondeu ela.

— Quando eu fazia longos passeios, passava por este lugar e um dia parei e dei uma olhada. Descobri imediatamente que queria comprar o terreno, ter um pedaço de terra meu. Quero construir uma casa nova aqui, Anna. Para nós. O que você acha?

Ela se virou e sorriu.

— Eu adoraria morar em uma casa construída por você, T.J. Bo também adoraria o espaço. É bonito. Tranquilo.

— É por isso que vamos morar no campo. É quase uma viagem da cidade até aqui, vai ser o nosso abrigo.

— Tudo bem.

Suspirei, aliviado. Peguei sua mão e fiquei imaginando se Anna tinha notado que a minha estava tremendo um pouco. Ela pareceu chocada quando tirei o anel do bolso.

— Quero que você seja minha esposa. Não existe nenhuma outra pessoa com quem eu queira passar o resto da minha vida. Podemos viver aqui, você, eu, nossos filhos e o Bo. Mas agora eu entendo, Anna. Minhas decisões também afetam você. E agora é você que tem uma decisão para tomar. Você quer se casar comigo?

Segurei a respiração, esperando para deslizar a aliança no dedo dela. Anna levantou os olhos azuis, e um sorriso iluminou seu rosto.

Ela disse sim.

CAPÍTULO 67

Anna

Ben e Sarah nos encontraram no fórum do Condado de Cook em março. Uma tempestade de neve da primavera caía sobre Chicago, e T.J. e eu — usando jeans, suéteres e botas — havíamos preferido nos manter aquecidos em vez de nos vestir na moda.

A opção por nos casar diante de um juiz de paz pode não ter sido a escolha mais romântica, mas eu tinha vetado um casamento na igreja. Não conseguia me imaginar desfilando no corredor sem ser nos braços do meu pai. David tinha se oferecido para me levar, mas não seria a mesma coisa. Um casamento em um local diferente, algo mais tropical — uma ilha, talvez —, tampouco era uma opção.

— Sua mãe não vai ficar feliz de não participar do seu casamento — falei.

Jane Callahan aceitara de maneira surpreendente o nosso noivado; talvez ela tivesse pensado que se opor a ele não seria uma boa ideia. Ela já tinha duas filhas, mas fizera um bom trabalho em receber uma terceira de braços abertos. Por isso, eu não gostaria de aborrecê-la.

— Ela tem Alexis e Grace — disse T.J., fazendo com a mão um sinal de que não era algo importante. — Ela pode ir ao casamento delas.

Enquanto esperávamos que chamassem nossos nomes, um homem, provavelmente usando todas as roupas que possuía, as botas pregadas com fita adesiva, circulava entre os casais tentando vender ramos de flores murchas. Muitas pessoas o evitavam, torcendo o nariz para a barba longa e suja e para os cabelos desgrehados. T.J. comprou todas as flores do homem e tirou uma foto minha carregando o buquê.

Quando chegou a nossa vez, Ben e Sarah ficaram ao nosso lado enquanto recitávamos os votos. A cerimônia demorou menos de cinco minutos; assim mesmo, Sarah se derreteu em uma poça de lágrimas. Ben não conseguia falar nada e, segundo T.J., isso não ocorria com muita frequência.

T.J. tirou nossas alianças do bolso dianteiro de sua Levi's. Ele colocou o anel no meu dedo e estendeu a mão esquerda. Sorri quando vi as alianças nos seus devidos lugares.

O juiz disse:

— Pelo poder a mim investido no Condado de Cook, eu declaro Thomas James Callahan e Anna Lynn Emerson legalmente casados. Parabéns.

— Esta é a parte em que eu beijo a noiva? — perguntou T.J.

— Vá em frente — disse o juiz, rabiscando sua assinatura na certidão de casamento.

T.J. se inclinou e me beijou.

— Amo você, Sra. Callahan.

— Também amo você.

T.J. segurava a minha mão quando saímos do fórum. Flocos de neve grandes e preguiçosos caíam do céu quando nós quatro nos amontoamos em um táxi, que nos levaria a um almoço comemorativo no restaurante onde Dean Lewis trabalhava. Depois de dez minutos, pedi ao motorista que fizesse uma parada.

— É coisa rápida. Pode esperar? — Ele concordou, estacionando na frente do salão de manicure.

— Voltamos logo — falei para Ben e Sarah.

— Você quer fazer as unhas agora? — perguntou T.J., saindo do táxi e me seguindo.

— Não — respondi, abrindo a porta do salão. — Mas quero que você conheça uma pessoa. Quando Lucy nos viu, ela correu até nós e me abraçou.

— Como está, querida?

— Ótima, Lucy. E você?

— Ah, bem, bem.

— Lucy, quero que você conheça meu marido.

— Este John? — perguntou ela.

— Não, eu não me casei com John. Eu me casei com T.J.

— Anna casada? — No início, ela parecia confusa, mas depois o rosto dela se iluminou e ela se jogou em cima de T.J. e o abraçou. — Anna casada!

— É — confirmei. — Anna está casada.

CAPÍTULO 68

T.J.

Anna e eu subimos no meu Tahoe três meses depois, em um dia quente de junho. Ela usava óculos escuros e meu boné dos Chicago Cubs. Bo estava sentado no banco de trás, a cabeça apoiada na janela aberta. No rádio, os Eagles cantavam “Take It Easy”, e Anna chutou os sapatos, aumentou o volume e cantou junto enquanto saíamos da cidade.

As fundações da nossa nova casa tinham sido colocadas havia pouco tempo. Eu e Anna deixamos as marcas de nossas mãos no concreto molhado e, com o dedo, Anna tinha escrito nossos nomes e a data. Eu tinha contratado uma equipe e estávamos iniciando a estrutura; a casa já começava a tomar forma. Se tudo corresse conforme o cronograma, poderíamos nos mudar na época do Halloween, em outubro.

Quando chegamos, estacionei e peguei a pistola de pregos da mala. Anna riu e enfiou um chapéu de caubói na minha cabeça. Embora eu devesse usar óculos de proteção, na verdade eu usava óculos escuros de aviador. Caminhamos até uma pilha de madeira cortada e peguei algumas tábuas de tamanho intermediário.

— Que ferramenta bonita e pomposa você arrumou — disse Anna, me provocando.
— Pensei que você quisesse fazer isso à moda antiga. Com um *martelo*.

— Ih, não — falei, rindo e empunhando a pistola de pregos. — Adoro isso aqui.

O que estávamos prestes a fazer tinha sido uma ideia de Anna. Ela queria segurar algumas tábuas para mim, da mesma maneira como tinha segurado quando construí nossa casa na ilha.

— Faça a minha vontade, por favor — pedira ela. — Pelos velhos tempos. Como se eu alguma vez negasse alguma coisa para ela.

— Pronta? — perguntei, posicionando as tábuas no lugar.

— Mande ver, T.J.

Mirei e apertei o
gatilho. Bam.

E P ÍLOGO

Anna

Quatro anos depois

casa é uma construção no estilo americano, verde-acinzentada com detalhes em cor creme, cercada por árvores. A garagem de três carros acomoda o Tahoe de T.J., sua picape de trabalho e meu Nissan Pathfinder branco, quase impossível de manter limpo quando você mora depois de uma estrada de terra.

Há um gabinete com portas duplas perto da cozinha, que é enorme, e uma das paredes não passa de uma estante de livros que vai do chão ao teto. Frequentemente me encontram ali, enrolada em uma cadeira supermacia, meus pés sobre um pufe.

Há duas varandas, uma na frente e outra atrás. A de trás tem uma tela de proteção, e T.J. e eu passamos boa parte do tempo ali, sem nos preocuparmos com os insetos, principalmente os mosquitos. Bo tem o quintal à disposição e, quando não está caçando coelhos, ele se satisfaz em cochilar aos nossos pés.

Nossa casa de quatro quartos tem todos os confortos modernos que se pode imaginar. Contudo, não temos lareiras. Nem uma grelha.

Nesta noite, a casa está cheia. Todo mundo compareceu para celebrar meu trigésimo oitavo aniversário. Todos são bem-vindos aqui a qualquer hora do dia ou da noite.

Na cozinha, minha sogra e minha irmã estão sentadas trocando receitas e bebericando vinho. Ninguém vai me deixar cozinhar no dia do meu aniversário; por isso, Tom vai trazer o jantar da cidade. Ele está prestes a chegar; assim, não há muito que fazer, a não ser relaxar.

As irmãs de T.J., Alexis e Grace, agora com dezessete e dezenove anos, estão na varanda da frente com Joe e Chloe. Joe, de treze anos, gostaria que houvesse pelo menos um rapaz por perto, mas ele tem uma queda tão grande por Alexis que na verdade não se importa de ficar conversando com as meninas.

Apanho duas cervejas na geladeira e me dirijo até a sala de estar. T.J. está se espreguiçando no sofá, assistindo a um programa de TV. Eu me inclino e lhe dou um beijo; depois abro a cerveja e coloco em uma mesa perto dele.

— Como está a aniversariante?

Ele fala baixinho porque nossa filha está dormindo sobre o seu peito, com o polegar na boca. Nós dois sabemos que, se Josephine Jane “Josie” Callahan acordar antes de ter dormido o suficiente, vai ser o inferno na terra.

— Posso colocar Josie no berço —
sussurro. Ele nega com a cabeça.

— Está bem assim.

Aquela menininha faz o que quiser do pai.

Passo a segunda cerveja para Ben. Ele está sentado na cadeira ao lado do sofá, parecendo notavelmente confortável com Thomas James Callahan III dormindo no seu colo. É de surpreender, porque, quando Ben foi ao hospital, depois que tivemos os gêmeos, ele me contou que nunca tinha segurado um bebê antes.

— Como você vai chamar o menino? — perguntou Ben, depois que T.J. fez com que o amigo se acomodasse em uma cadeira e cuidadosamente lhe deu o filho para segurar.

— Com dois T.J.s, vou ficar confuso.

— Vamos chamar de Mick — respondeu T.J.

— Você vai dar ao seu filho o apelido do Mick Jagger? Genial!

T.J. e eu demos uma risada.

— É outro Mick — disse T.J.

Nós não tentamos ter um bebê imediatamente. Eu estava decidida a não apressar as coisas. E se no final ficasse claro que tínhamos esperado tempo demais, bem, há uma porção de maneiras de se formar uma família. Basicamente, levamos seis meses tentando, além de termos feito um tratamento para fertilidade, mas a concepção aconteceu mesmo no consultório do médico, como sempre saberíamos que iria acontecer, usando o esperma armazenado por T.J. quando ele tinha quinze anos.

Gosto de pensar que nada acontece por acaso, e acredito que os gêmeos tenham chegado exatamente quando estávamos prontos.

— Ter dois ao mesmo tempo vai ser muito difícil — todo mundo tinha dito, mas T.J. e eu sabíamos o que era difícil e sermos abençoados com dois bebês saudáveis estava longe disso.

Mas não estou dizendo que seja fácil, também. Temos os nossos dias.

Os gêmeos já têm quase onze meses, e o dito popular é verdadeiro: o tempo realmente voa quando se tem filhos. Parece que foi ontem que eu estava andando desajeitada com a mão espalmada no meu ventre, imaginando quanto tempo eu ainda passaria carregando os bebês. E agora aqui estão eles, engatinhando para todo lado, prestes a darem os primeiros passos.

Deixo T.J. e Ben e volto para a cozinha. David se junta a Jane e Sarah e me dá um beijo no rosto.

— Feliz aniversário — diz ele, me entregando um buquê de flores.

Corto as hastes embaixo da torneira, arrumo as flores em um vaso e as coloco no balcão perto das rosas cor-de-rosa que eu havia recebido de T.J. pela manhã.

— Vinho? — pergunto para ele.

— Vou pegar. Você pode se sentar e relaxar.

Stefani também está aqui. Rob e as crianças estão com gastroenterite, e ela teve que vir sozinha,

sem querer arriscar passar a doença para alguém. Em momentos como este, quando todas as pessoas que amo e que são importantes para mim estão sob o mesmo teto, eu me sinto completa. Apenas gostaria que meus pais também estivessem aqui. Para conhecerem meu marido. Para segurarem os netos.

Eu ainda estava indo ao abrigo três vezes por semana até muito recentemente, mas a viagem até a cidade afinal ficou inviável. Jane ficava com as crianças nos dias em que eu era voluntária, mas já era hora de fazer algo diferente. Criei uma fundação de caridade para auxiliar as famílias sem-teto e a administro do escritório de nossa casa, com os gêmeos brincando aos meus pés. Fazer isso me deixa feliz. O abrigo de Henry ganha uma generosa doação todos os anos, e assim será para sempre.

Também coloquei um anúncio na escola local e peguei alguns alunos para aulas particulares. Eles vêm à nossa casa à noite, nos sentamos à mesa da cozinha fazendo todas as tarefas, uma a uma. Às vezes sinto falta de estar diante de uma turma, mas, por enquanto, o que eu tenho me basta.

T.J. administra uma pequena firma de construção. Ele constrói casas, uma ou duas por ano, trabalhando com os homens que ele contrata. Depois de concluir o primeiro semestre da faculdade, nunca mais voltou aos estudos, mas não me importo. Não se trata de uma decisão minha. Estar ao ar livre é o que faz T.J. feliz.

Ele também doa tempo, assim como dinheiro, para a Habitat Para a Humanidade. Dean Lewis também é voluntário lá; a sexta casa que ele ajudou a construir foi a própria. Ele se casou com Julie, uma moça que conheceu no restaurante, e Leo adora ser o irmão mais velho da neném a quem seus pais deram o nome de Annie.

Alguns meses atrás, levei o almoço para T.J. no canteiro de obras. Observá-lo trabalhar naquilo que ele adora também me deixa feliz. Um subempreiteiro recém-contratado, que era o responsável pela parte de encanamento, assoviou e gritou “Ei, gata!” quando me viu passar, sem saber quem eu era. T.J. imediatamente colocou-o em seu devido lugar. Sei que eu deveria ficar ofendida e considerar o assovio como uma afronta às mulheres e essa coisa toda. Mas, na verdade, não me incomodou, não.

T.J. e eu descobrimos algo interessante uns dois anos atrás. Um policial de Malé nos telefonou querendo fazer algumas perguntas, esperando encerrar o caso de uma pessoa desaparecida. A família de um homem que havia desaparecido em maio de 1999 recentemente descobrira um diário entre os seus pertences. No diário, Owen Sparks, um milionário da área de informática, da Califórnia, escreveu, nos mínimos detalhes, um plano de trocar o estilo de vida tenso e estressante por uma vida de paz e solidão em uma ilha das Maldivas. Eles seguiram as pistas até Malé, mas não conseguiram mais nada ao chegarem lá. O policial queria saber mais sobre o esqueleto que T.J. e eu havíamos descoberto. Não há como saber ao certo se era Sparks, mas parece provável. Fico imaginando se Owen teria conseguido sobreviver se ele tivesse alguém em quem se apoiar, da forma como T.J. e eu tivemos um ao outro. Nunca saberemos.

Carrego uma jarra de limonada para a varanda da frente e encho os copos de todos, inalando o

cheiro das flores da primavera e de grama recém-aparada. Tom aparece na entrada. Decidimos que um banquete do Perry's Deli seria perfeito para esta noite quente de maio, e David vai ao encontro de Tom para ajudá-lo a trazer tudo para dentro. Stefani e eu nos sentamos na bancada central da cozinha, e eu estava prestes a chamar todo mundo para comer quando Ben veio me procurar, carregando Mick à frente. É difícil deixar de notar o cheiro de fralda suja.

— Acho que saiu alguma coisa do bumbum de Mick — diz Ben.

— As fraldas e os lencinhos estão perto do trocador no quarto das crianças. Não se esqueça de passar bastante creme contra assaduras, porque Mick está um pouquinho assado.

Ben fica paralisado, imaginando como se safar daquilo, quando T.J., que observava a cena toda, começa a rir.

— Cara, ela está sacaneando você, relaxa.

— Desculpe-me, Ben, mas é que é tão fácil!

— Josie também está com a fralda suja. Posso trocar os dois.

— Você é um bom homem — digo.

E ele é.

Ben entrega o bebê ao pai.

— Covardão — diz T.J. ao sair da sala, com os braços cheios, carregando os filhos.

Sorrio porque sei que T.J. está zombando, mas também porque sei que ele está feliz em ter o melhor amigo participando de nossas vidas. Aos vinte e quatro anos, Ben poderia facilmente estar em algum bar, em vez de estar aqui, carregando um bebê. Ele está namorando sério uma garota chamada Stacy, e T.J. diz que ela é responsável por transformar Ben em um adulto maduro. Mas ainda falta um bocado para ele chegar lá.

Todos fazem o prato e encontram um lugar para se sentar. Alguns escolheram os degraus da entrada, outros, a varanda com tela, e outros, como T.J. e eu, ficamos na cozinha.

Colocamos os gêmeos nas cadeiras altas e lhes damos pequenas porções de pão e frios. Ponho uma colherada de salada de batata na boca de cada um deles, mordisco um sanduíche e tomo goles do meu chá gelado. T.J. está sentado ao meu lado, apanhando o copo de canudinho que Josie insiste em jogar no chão, só para ver se o pai vai apanhar. Coisa que ele sempre faz.

Quando todos terminam de comer, cantam “Parabéns” para mim. Sopro todas as trinta e oito velas que Chloe insistiu em colocar no bolo. É um inferno, mas não posso fazer nada a não ser rir. A partir de agora até 20 de setembro, quando T.J. vai completar vinte e cinco anos, sou quatorze anos mais velha do que ele, não treze. Tampouco posso fazer algo a esse respeito.

Todos brindam em minha homenagem. Estou tão feliz que sinto vontade de chorar.

Mais tarde, depois que todos se foram e já colocamos os gêmeos para dormir, T.J. se junta a

mim na varanda de trás. Ele traz dois copos de água com gelo e me passa um.

— Obrigada.

A sensação incrível que é ter água gelada em um copo não diminuiu para nenhum de nós. Tomo um grande gole e coloco o copo em cima da mesa ao meu lado.

Ele se senta no pequeno sofá de vime e me puxa para o seu colo.

— Talvez você não possa mais fazer isso em breve — digo, beijando o pescoço dele, o que faço por dois motivos: ele gosta, e é uma forma de eu verificar se apareceu algum inchaço. Graças a Deus, nunca encontrei nenhum.

— É claro que vou poder — diz ele, rindo e esfregando minha barriga.

Decidimos tentar ter mais um filho. Aconteceu logo no primeiro mês, o que foi uma surpresa. Agora, vamos ter só um bebê, e não sabemos se vai ser um menino ou uma menina. Não nos importamos com o sexo, contanto que o bebê seja saudável. O parto vai ser daqui a quatro meses; assim, os gêmeos vão ter apenas quinze meses quando o bebê nascer, mas isso só significa que às vezes conseguimos o que desejamos.

Frequentemente penso na ilha. Quando as crianças forem mais velhas, teremos uma história e tanto para contar.

Editaremos algumas partes, é claro.

Diremos a eles que esta casa, e o terreno que a circunda, é a nossa ilha.

E que T.J. e eu finalmente estamos em casa.



CARTA DA AUTORA

Queridos leitores,

Escrever *Na ilha* foi uma das tarefas mais recompensadoras que tive a felicidade de experimentar. Não foi um trabalho fácil, e às vezes eu ficava pensando se algum dia conseguiria atingir meu objetivo. *Na ilha* foi quase todo escrito entre as cinco e meia e as sete da manhã, hora que desligava o laptop e me preparava para ir ao trabalho. Mas escrever este livro me trouxe tanta alegria que nunca apertei o botão de soneca do meu despertador nos dezoito meses que levei trabalhando nele. Eu me sinto feliz quando vejo as palavras fluindo e meus dedos as digitando o mais rápido possível.

Completar meu primeiro romance, porém, teve um gosto acridoce. Só o fato de concluí-lo me fez eliminar um grande item da lista de coisas a fazer antes de morrer. Mas não tive sucesso em encontrar uma maneira de levar a história de Anna e T.J. aos leitores pelos meios tradicionais. Decepcionada, mas não intimidada, optei pela autopublicação; e fico feliz em saber que os escritores têm hoje mais opções para inserir sua obra no mercado. Se não fosse por esses canais alternativos, meu romance de estreia poderia ter ficado no disco rígido para sempre.

Na ilha é verdadeiramente um livro divulgado pelo boca a boca, e sou eternamente grata aos leitores em todo o mundo que abraçaram a história. Nenhum plano de marketing é capaz de ultrapassar o poder de um grande número de pessoas que se conecta com uma história e depois a recomenda para outras pessoas. O resultado de minha empreitada de autopublicação foi um sonho transformado em realidade: a MGM tem a preferência para adquirir os direitos de filmagem de *Na ilha*, e a Plume, um selo da Penguin, publicou uma nova edição do romance, que está disponível em todos os lugares onde se vendem livros.

Gostaria de agradecer aos leitores que me escreveram para contar que *Na ilha* os fez rir e chorar. Seus comentários maravilhosos também me fizeram rir e chorar, e nada disso teria sido possível sem seu apoio entusiasmado. Minha gratidão é eterna.

Adoro ouvir vocês, e vocês podem me encontrar no Twitter (@tgarvisgraves) e no Facebook (facebook.com/tgarvisgraves).

Meus melhores cumprimentos,

Tracey

AGRADE CIME NTOS

Sem a contribuição, o auxílio e o apoio das pessoas mencionadas abaixo, *Na ilha* ainda seria um arquivo ocupando espaço em meu disco rígido. Palavras não podem expressar minha gratidão sincera por ter pessoas tão maravilhosas e entusiasmadas em minha vida.

Tenho uma imensa dívida de gratidão com a escritora Meira Pentermann. Ela acreditou em mim muito antes de eu mesma fazê-lo, e sua orientação valiosa ajudou a tornar *Na ilha* o livro que é. Ela é uma parceira crítica definitiva, uma leitora-beta, uma ciberirmã.

Minha irmã gêmea, Trish, que sempre será a primeira pessoa a quem vou mostrar meus textos.

Meu marido, David, porque seu incentivo significa mais para mim do que ele jamais poderia imaginar.

Meus filhos, Matthew e Lauren. Obrigada por serem pacientes quando mamãe passava todo aquele tempo com o laptop. Amo vocês dois.

Elisa Abner-Taschwer, por ser a melhor publicitária *de facto* e a líder de torcida versátil que qualquer escritor pode sonhar em ter.

Eu gostaria de agradecer especialmente a todos os leitores-beta, assim como aqueles que receberam as primeiras cópias de *Na ilha*. Vocês me fizeram sorrir com suas palavras gentis e me passaram uma confiança maior do que podem imaginar: Penne Heede Pojar, Beth Knipper, Elisa Abner-Taschwer, Lisa Green, Brooke Achenbach, Julie Gieseman, Trish Garvis, Trish Kallemeyer, Noelle Zmolek, Stacy Alvarez, Stefani Blubaugh, Mindy Farrington, Taylor Kalandar, David Green, Tami Cavanaugh, Amy Gulbranson, Stefanie Martin, Shellie Mollenhauer, Christy Cornwell, Missy Pomerantz e Jill LaBarre.

Também tive muita sorte de trabalhar com pessoas, cujo talento colaborou para assegurar que *Na ilha* fosse o livro que eu desejava. Estou ansiosa para voltar a trabalhar com elas:

Alison Dasho, Editora.

Anne Victory, da Victory Editing, Revisora.

SOBRE A AUTORA

© Ryan Towe



TRACEY GARVIS GRAVES mora no Iowa com o marido e os dois filhos. *Na ilha*, seu primeiro romance, tornou-se o best-seller do *New York Times*, teve os direitos de publicação vendidos para mais de 20 países e será adaptado para o cinema.